

CAROLINA DRUMOND PORTO CARREIRO CALDAS

**SENTIDOS E SIGNIFICADOS DA PARTICIPAÇÃO EM PROJETOS SOCIAIS
DE LAZER PARA A JUVENTUDE DO AGLOMERADO DA SERRA: trajetórias
e expectativas**

Belo Horizonte

Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da UFMG

2017

CAROLINA DRUMOND PORTO CARREIRO CALDAS

**SENTIDOS E SIGNIFICADOS DA PARTICIPAÇÃO EM PROJETOS SOCIAIS
DE LAZER PARA A JUVENTUDE DO AGLOMERADO DA SERRA: trajetórias
e expectativas**

Dissertação de Mestrado em Estudos do Lazer apresentada ao Programa Interdisciplinar de Pós-Graduação da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Estudos do Lazer.

Orientador: Prof. Dr. Luciano Pereira da Silva

Belo Horizonte

Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer

2017

Ficha catalográfica



Universidade Federal de Minas Gerais

Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional

Dissertação de Mestrado intitulada “*Sentidos e significados da participação em projetos sociais de lazer para a juventude do aglomerado da Serra: trajetórias e expectativas*”, de autoria de Carolina Drummond Porto Carreiro Caldas, aprovada pela banca examinadora constituída pelos seguintes professores:

Prof. Dr. Luciano Pereira da Silva - Orientador
Universidade Federal de Minas Gerais

Prof. Dr. Luís Eduardo Cunha Thomassim
Universidade Federal do Paraná - Setor Litoral

Prof. Dr. José Alfredo Oliveira Debortoli
Universidade Federal de Minas Gerais

Belo Horizonte, 20 de Julho de 2017.

À Deus, por me guiar; Aos meus Pais, ao meu Irmão e ao meu
Noivo por se apropriarem com tanto carinho de meus *sonhos*.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Deus por me guiar ao longo destes 25 anos de vida, permitindo que eu percorra caminhos em busca do conhecimento. Agradeço à Ele por me direcionar em cada passo desta trajetória acadêmica e presentear-me com este trabalho, o qual, de certo, garantiu-me aprendizados.

Aos meus pais, que acompanharam, de longe, minhas incursões de campo e nunca deixaram de apoiar meus sonhos e utopias. Na verdade, agradeço-os por sonharem junto comigo dia após dia e valorizarem este trabalho ao ponto de transcreverem entrevistas.

Ao meu irmão, pela força na rotina, por vezes, exaustiva, e por ser o companheiro de todos os dias.

À vovó, vovô e Tio Marlon, por abrirem as portas da “Lapinha”, com amor imedido, quando havia demanda por inspiração e descanso.

Ao Gustavo, meu noivo, que não regulou esforços para me ajudar e ser o assistente desta pesquisa. Entre visitas de campo noturnas e longas entrevistas, teve significativa participação nas discussões travadas, ajudando-me a refletir, repensar, questionar e observar. E mais, pelo amor demonstrado diariamente em meio a ausências e impaciências.

Ao CSABES, por me lembrar, semanalmente, que acima de todos os desafios e problemas, existem planos maiores.

Aos amigos e amigas, pela paciência e compreensão para com as diversas ausências em momentos importantes.

Ao meu orientador, Luciano, por nestes dois anos abraçar e conduzir as minhas idéias, incentivando-me nas reuniões de orientação e compreendendo os meus limites e potencialidades. Muito obrigada!

Ao Zé Alfredo, pela inspiração enquanto professor e pelo apoio com indicação de textos e livros.

Ao Silvio, eterno professor/tutor/orientador, pelo incentivo de sempre em meus percursos acadêmico-profissionais.

E por último, mas não menos importante: aos 14 jovens entrevistados, aos líderes de projetos e instituições que conheci nas visitas de campo e ao Aglomerado da Serra, por me permitir construir, desconstruir e reconstruir significados sobre a vida e a sociedade.

RESUMO

O presente estudo objetivou identificar os sentidos e significados da participação em projetos sociais de lazer por jovens do Aglomerado da Serra, localizado na cidade de Belo Horizonte-MG. Para tal, buscou conhecer a localidade e os projetos sociais de lazer existentes; as trajetórias de jovens participantes e identificar as expectativas que estes têm em relação aos projetos. Por meio de pesquisa de campo, foram realizadas entrevistas semiestruturadas individuais com 14 jovens, distribuídos em 06 projetos. Em seguida, foi realizada uma entrevista coletiva, denominada “roda de conversa”, onde foi possível discutir e refletir sobre temas emergentes nas entrevistas. Os discursos proferidos foram interpretados como narrativas e, portanto, histórias de vida. A metodologia de análise baseou-se na “análise do discurso”, pois valorizou os processos verbais e buscou encontrar nas palavras sentidos e significados. Dessa maneira, os jovens protagonizaram as reflexões, que foram descortinadas em três temas: Desigualdade Social e Lazer; Aglomerado da Serra: vantagens e desvantagens; Projetos sociais: trajetórias e expectativas. Estes, foram explorados ao longo dos três capítulos da dissertação e, de forma geral, evidenciaram que os jovens significam o mundo em que vivem e são atores sociais de direitos que reconhecem o lazer como um direito fundamental. Enquanto cidadãos, os jovens percebem o preconceito para com a favela e seus moradores, a desigualdade de acesso aos direitos e, especificamente, ao lazer e a existência de projetos sociais voltados para as juventudes como uma forma de ocupar o tempo livre com algo “bom”. Para além desta subjetivação, os jovens perceberam os projetos como possibilidades: *de aprendizagem, de diversão, de proteção, de acesso a bens culturais, de construção de novos laços de amizade, de realizar exercícios físicos e de inserção profissional*. Espera-se que este trabalho seja estimulativo para com um caminhar progressivo em direção à construção de um “mundo comum” de “reciprocidades” e “cidadanias ativas”.

Palavras chave: Projetos sociais. Lazer. Juventudes. Favela.

ABSTRACT

The present study aimed to investigate the meanings of the participation in social leisure projects of teenagers from Agglomerado da Serra, located at Belo Horizonte, MG. For that, we studied the area and the social leisure projects present; the trajectories of young participants and identify their expectations concerning the projects. Through field research, individual semi structured interviews were conducted with 14 teenagers, engaged in 6 projects. Then, we conducted a collective interview, called "talk circle", that made it possible to discuss and think about emerging topics during the interviews. The speeches were interpreted as a narrative and, therefore, as life stories. The analysis was interpreted as "speech analysis", since it valued the verbal processes and tried to find meanings in the words. With this, the teenagers actively reflected about three main topics: social inequality and leisure; Agglomerado da Serra: advantages and disadvantages; Social projects: trajectories and expectations. Those topics were developed throughout the three chapters of the dissertation and, in general, they have shown that young people mean the world where they live and they are social actors that recognize leisure as a fundamental right. As citizens, they perceive the prejudice against favelas and its inhabitants, inequality of access to human rights, specifically, to leisure and existence of social projects directed to the youth as a way to use their free time with something considered "good". In addition to this subjectivation, the teenagers perceived the projects as possibilities: *of learning, having fun, as protection, access to culture, fostering friendship, performing physical exercise and professional opportunities*. We hope that this study will stimulate a progressive path towards building a "common world" of "reciprocities" and "active citizenship".

Keywords: Social projects. Leisure. Youth. Favela.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CEMIG - Companhia de Energia Elétrica de Minas Gerais

CFC - Colônia de Férias no Campus

CIM - Centro de Integração Martinho

COEP - Conselho de Ética em Pesquisa

CRAS - Centro de Referência da Assistência Social

CREAR - Centro de Referência de Áreas de Risco

ECA - Estatuto da Criança e do Adolescente

ECE - Espaço Criança Esperança

EEFFTO - Escola de Educação Física Fisioterapia e Terapia Ocupacional

GEDU - Grupo Experimental de Danças Urbanas

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IPEA - Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada

LGBT - Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais, Transgêneros

ME - Ministério do Esporte

ONG - Organização não Governamental

ONU - Organização das Nações Unidas

PBH - Prefeitura de Belo Horizonte

PEC - Proposta de Emenda Constitucional

PELC - Programa Esporte e Lazer para a Cidade

PET - Programa de Educação Tutorial

PGE - Plano Global Específico

PST - Programa Segundo Tempo

PUC - Pontifícia Universidade Católica

SPM - Secretaria Especial de Políticas Públicas para as Mulheres

TCC - Trabalho de Conclusão de Curso

UFMG - Universidade Federal de Minas Gerais

UNIFEM - Fundo de Desenvolvimento das Nações Unidas para a Mulher

URBEL - Companhia Urbanizadora de Belo Horizonte

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Avenida Jefferson Coelho da Silva.....	57
Figura 2 - Imagem da tela do computador ao realizar a pesquisa.....	58
Figura 3 - Divisão do Aglomerado da Serra com os bairros nobres da região...	61
Figura 4 - Rua Nossa Senhora de Fátima.....	65
Figura 5 - IDH do Bairro Serra e do Aglomerado da Serra.....	68
Figura 6 - Vila Cafezal - Ruas com nomes relacionados à música.....	69
Figura 7 – Rua da Água e Praça do Cardoso.....	70
Figura 8 – Vista da Praça de Esportes da Vila Cafezal.....	77
Figura 9 - Centro Cultural Vila Fátima.....	77
Figura 10 - Projeto Itamar deTaeKwondo.....	77
Figura 11 - Campo Bola de Ouro.....	78
Figura 12 - Praça de Esportes do Cafezal, ao lado do Centro de Saúde.....	98
Figura 13 - Guia de Equipamentos Sociais e Rede de Apoio à Comunidade..	98
Figura 14 - Entrada Principal do ECE – BH.....	107
Figura 15 - Entrada dos Participantes do ECE - BH.....	107
Figura 16 - Quadra Coberta do ECE - BH.....	108
Figura 17 - Dicionário de Gírias da Serra.....	115
Figura 18 - Vista do Aglomerado - Foto produzida por jovens do ProJovem.	117
Figura 19 - Vista panorâmica do Aglomerado	117
Figura 20 - Painel divulgação oficina Breaking da Quebrada.....	120
Figura 21 - Aula de Passinho.....	138
Figura 22 - Cartaz pregado ao lado do Centro de Saúde Cafezal.....	145
Figura 23 - Projeto Itamar.....	146
Figura 24 - Biblioteca Comunitária do Projeto Itamar.....	146
Figura 25 - Reportagem sobre o Projeto Itamar.....	147
Figura 26 - Adesivo e cartão de divulgação do Projeto Educando pela Arte..	157
Figura 27 - Aulas do Projeto Educando pela Arte.....	160
Figura 28 - Grande número de alunos dedica-se à arte marcial chinesa.....	161
Figura 29 - Confraternização Mensal do Projeto Educando pela Arte.....	161
Mapa 1 - Vilas do Aglomerado da Serra.....	63
Mapa 2 - Localização das Regiões no interior das Vilas do Aglomerado.....	67

Quadro 1 - Projetos Escolhidos e Jovens Entrevistados.....	24
Quadro 2 - Oficinas do Programa Fica Vivo	123

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - População por Vila da Serra e por faixa etária.....	66
Tabela 2 - Percentual de população por raça por Vila da Serra.....	67

SUMÁRIO

O INÍCIO DO CAMINHO.....	16
PASSOS MAIS FIRMES: rumo aos objetivos.....	20
1 DESIGUALDADE SOCIAL, DIREITOS SOCIAIS E POLÍTICAS SOCIAIS:	
todos os jovens têm direito ao lazer?.....	28
1.1 Refletindo sobre a Desigualdade Social.....	28
1.2 O direito a ter direitos em uma sociedade desigual.....	31
1.3 O direito social ao lazer em diálogo com a juventude do Aglomerado da Serra.....	37
1.4 Os jovens como sujeitos e atores sociais de direitos.....	46
1.5 Estado, Políticas Sociais e Políticas de Esporte e Lazer.....	49
2 AGLOMERANDO DADOS DA SERRA: Jovem, para você, como é morar aqui?.....	55
2.1 Morar aqui é bom porque... ..	79
2.2 Às vezes é ruim porque... ..	82
3 PROJETOS SOCIAIS DE LAZER DA SERRA: Jovens, quais são suas trajetórias e expectativas?.....	97
3.1 Projeto de Investimento Privado: Espaço Criança Esperança de Belo Horizonte.....	101
3.1.1 Gabriela.....	109
3.1.2 Lucas.....	111
3.2 Projetos e Equipamentos Públicos.....	114
3.2.1 Coletivo ProJovem Adolescente Vila Fátima - CRAS Vila Fátima.....	114
3.2.1.1 Gustavo.....	118
3.2.2 Breaking da Quebrada - Centro Cultural Vila Fátima.....	120
3.2.2.1 Mateus.....	126
3.2.2.2 José.....	132
3.2.2.3 Jonas.....	134
3.2.2.4 Vívian.....	136
3.2.3 Identidade.....	137
3.2.3.1 Guilherme.....	139
3.2.3.2 Mariana.....	143

3.3 O voluntariado na Serra: Projeto Itamar e Projeto Educando pela Arte.....	145
3.3.1 <i>Projeto Itamar</i>	145
3.3.1.1 <i>Ana</i>	153
3.3.1.2 <i>Renato</i>	155
3.3.2 <i>Educando pela Arte - Vítor Team</i>	156
3.3.2.1 <i>Miguel</i>	163
3.3.2.2 <i>Camila</i>	165
3.3.2.3 <i>Catarina</i>	169
CONSIDERAÇÕES FINAIS	172
REFERÊNCIAS	178
APÊNDICES	186

O INÍCIO DO CAMINHO...

Esse estudo é fruto de um percurso pessoal, acadêmico e profissional que fez despertar meu interesse pela área do lazer e sua relação com a educação física, principalmente no que diz respeito às políticas sociais, ou seja, às estratégias de garantia dos diferentes direitos aos cidadãos: o direito ao brincar, ao esporte, à educação, à utilização e manutenção de espaços e equipamentos específicos para o esporte e lazer, à qualidade de vida, à saúde, à cultura, enfim, o direito ao bem-estar social.

Os percursos que trilhamos ao longo da vida nos levam a determinadas reflexões e nos influenciam nas futuras tomadas de decisões. Apesar de ser natural de Minas Gerais, morei no estado da Bahia, no período de 01 (um) a 15 (quinze) anos de idade, em um pequeno distrito chamado “Itabatã”, pertencente ao município de “Mucuri”. Minha infância e adolescência nesta cidade e, especificamente, no bairro em que morei, foram repletas de oportunidades educacionais e culturais. A rua representou o espaço mais utilizado em meu dia a dia para a vivência de jogos e brincadeiras e, por se tratar de uma pequena cidade e de um bairro seguro, não havia preocupações maiores em sua utilização. Além disso, a escola e o clube do bairro eram espaços disponíveis para a vivência de diferentes manifestações culturais. Posso dizer que trilhei os primeiros anos de minha vida acessando com facilidade alguns direitos sociais, como o esporte e o lazer.

Particpei de diferentes equipes esportivas (futsal, natação, handebol, vôlei e *taekwondo*) e fiz diversas viagens com as mesmas pela região do extremo sul da Bahia. Nestas equipes e viagens, pude conhecer pessoas que não tinham as mesmas oportunidades que eu. Este fato sempre me intrigou e me estimulou a gostar do esporte de forma especial. Mudei-me para Belo Horizonte com 15 (quinze) anos de idade para investir em meus estudos e tive a oportunidade de conhecer com maior profundidade a área de conhecimento “Educação Física”. Aos 17 (dezessete) anos de idade, ingressei no curso de “Educação Física” na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

O meu percurso acadêmico e profissional, desde 2009 (ano em que ingressei na universidade), é diversificado e, ao mesmo tempo, homogêneo. Apesar de ter participado de diferentes projetos acadêmicos e estágios profissionais na área, o que me despertou maior interesse está relacionado especialmente com o ser humano e sua capacidade de contribuir com o mundo em que vive, através de seu papel enquanto sujeito transformador. No 3º período do curso, ingressei como bolsista no Programa de Educação Tutorial (PET) –

Educação Física e Lazer¹ da UFMG e, neste espaço de formação, tive a oportunidade de aprofundar os meus estudos no campo do lazer. Além disso, participei ativamente da elaboração, execução e avaliação de um dos projetos mais impactantes em minha formação: a Colônia de Férias no Campus da UFMG (CFC)².

Como fruto do meu envolvimento com o PET e com a CFC, desenvolvi como Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) uma pesquisa de campo em uma localidade de baixa renda da cidade de Belo Horizonte, a Vila Sumaré³. Nesta pesquisa, busquei identificar quais espaços da comunidade eram utilizados pelas crianças para as suas vivências de lazer. Através das entrevistas e visitas de campo com os líderes comunitários, pude conhecer um projeto social desenvolvido pela Associação de Moradores: uma escolinha de futebol. Sem recursos e sem apoio de instituições públicas ou privadas, os líderes comunitários desenvolviam o projeto e envolviam a comunidade nas atividades realizadas. A partir deste trabalho, senti-me motivada a compreender a existência e permanência de projetos sociais em comunidades de baixa renda e a importância de discutir e analisar os mesmos por diferentes âmbitos.

Alguns questionamentos visitaram-me com frequência: Por que, comumente, projetos sociais em comunidades de baixa renda adotam como eixos temáticos o esporte e o lazer? Os projetos fazem, realmente, diferença na vida das crianças, adolescentes e jovens destas comunidades? Como será que os projetos são vistos e apropriados pelas mesmas? Quais são os significados da participação nestes projetos para o público-alvo? Estes questionamentos serviram de mola propulsora e me incentivaram a buscar textos, pesquisas e trabalhos que tratam do assunto para então realizar uma proposta de pesquisa para o mestrado em estudos do lazer.

¹De acordo com o site <http://portal.mec.gov.br/pet>, visitado em 01 de maio de 2017, o PET é desenvolvido por grupos de estudantes, com tutoria de um docente, organizados a partir de formações em nível de graduação nas Instituições de Ensino Superior do País orientados pelo princípio da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão e da educação tutorial. O PET Educação Física e Lazer, especificamente, é temático e tem como foco os estudos do lazer. O grupo pertence à Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da UFMG, é composto por estudantes do curso de Educação Física, modalidades Licenciatura ou Bacharelado e existe desde o ano de 2003.

² A Colônia de Férias no Campus (CFC) da UFMG é um projeto de extensão criado e realizado pelo PET – Educação Física e Lazer. A CFC foi criada para filhos de servidores, alunos e professores da UFMG e, em edições mais recentes, se estendeu para comunidades de vulnerabilidade social e pessoas com deficiência. As atividades são gratuitas e contam com planejamento, execução e avaliação de um grupo interdisciplinar de alunos e professores da UFMG.

³ A Vila Sumaré localiza-se em proximidade com o Shopping Del Rey, a UFMG, a empresa Coca-Cola e o Anel Rodoviário. A comunidade fica em frente à Avenida Presidente Carlos Luz. Possui uma média de 3000 habitantes, de acordo com senso do IBGE do ano de 2010. Os dados do IBGE podem ser acessados no site <http://www.censo2010.ibge.gov.br/agsn/>.

Os primeiros textos e estudos consultados contribuíram com o pontapé inicial da atual pesquisa. Dentre eles, destaco alguns trabalhos: a tese de doutorado de Alba Zaluar (1994), intitulada “Cidadãos não vão ao paraíso”, publicada em livro, à qual me permitiu confrontar diferentes visões acerca do esporte como tema de projetos sociais para jovens pobres; o artigo escrito por Marco Paulo Stigger e Luis Eduardo Thomassim (2013), intitulado “Entre o “serve” e “significa”: uma análise sobre expectativas atribuídas ao esporte em projetos sociais”, que me impulsionou a, esforçadamente, desconstruir visões homogeneizantes de que o esporte é positivo e potencial para a transformação de vidas; o texto escrito por Vitor Melo (2009), intitulado “Lazer como ferramenta de ação social: ponderações”, o qual me instigou a olhar de forma especial e crítica para os “projetos sociais” propostos e propagados na contemporaneidade; e a dissertação de mestrado de Marcelo Paula de Melo (2005), publicada em livro, intitulada “Esporte e Juventude Pobre: políticas públicas de lazer na Vila Olímpica da Maré”, à qual me levou a questionar mais profundamente o papel do Estado e da sociedade civil na garantia dos direitos sociais ao lazer e esporte⁴.

A proposta inicial, formulada para o mestrado, baseou-se em conhecer e compreender os significados de um projeto social específico – o Espaço Criança Esperança de Belo Horizonte (ECE-BH) - para seu público-alvo jovem, no que diz respeito à relação do jovem com os projetos esportivos. O projeto foi escolhido por ser amplamente divulgado pela mídia (mais especificamente pela Rede Globo), pelo fato de eu conhecer algumas pessoas que já haviam trabalhado no mesmo, por saber que este projeto tinha parcerias com a Prefeitura de Belo Horizonte (PBH) e com a Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas) e, finalmente, por ter lido que o ECE-BH tinha oficinas esportivas voltadas para as diferentes manifestações do esporte: educacional, de participação e de rendimento.

Impulsionada pela pesquisa de Zaluar (1994), na qual ela buscou compreender, em determinado momento, os significados do esporte – eleito como prática de resgate da cidadania de projetos sociais – para jovens participantes, vislumbrei a possibilidade de descobrir diferentes relações que os jovens do ECE-BH estabelecem com os projetos esportivos, tendo em vista seus diferentes objetivos (educação, lazer e rendimento).

Este era meu objetivo inicial e para alcançá-lo eu pretendia conversar com gestores, professores e jovens participantes, como também analisar documentos do projeto. Lembro-me de que na entrevista do mestrado fui questionada em relação à possibilidade de a pesquisa de campo efetivamente acontecer, tendo em vista que eu faria uma análise de um projeto

⁴ Além dos textos e autores citados, muitas outras foram as contribuições teóricas que me impulsionaram para o presente estudo. No entanto, optei por destacar os textos que me marcaram de forma mais especial.

específico e, para tal, necessitaria de amplo acesso a documentos e dados relacionados ao ECE-BH. Respondi à pergunta como quem acreditava que seria possível a realização da pesquisa, no entanto, saí da entrevista refletindo sobre as limitações que eu poderia encontrar no caminho.

O projeto de mestrado foi aprovado e ingressei no Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer da UFMG. No 1º semestre, na disciplina “Seminário de Dissertação”, fui a primeira aluna a apresentar o projeto para a turma e o objetivo da disciplina era discutir coletivamente o mesmo e contribuir com sugestões e apontamentos teóricos para enriquecimento da proposta. Reuni-me pela primeira vez com o meu orientador e alguns pontos foram apresentados como possibilidades de reflexão. Uma das questões que me foi apresentada dizia respeito à possibilidade de investigar o público-alvo de projetos esportivos da comunidade em questão e não apenas de um projeto (como o ECE-BH). Esta questão ficou em minha cabeça e, por isso, decidi realizar uma visita ao ECE-BH para “sentir” e buscar uma definição para o projeto.

Realizei a visita, iniciei a tentativa de contato com o coordenador do ECE-BH e, por falha de comunicação, não foi possível estabelecer diálogo com o mesmo imediatamente. Quando retornei à procura do coordenador, uma funcionária me entregou uma Guia de Equipamentos Sociais e Redes de apoio à comunidade do Aglomerado da Serra⁵ e, observando a Guia e a quantidade considerável de projetos listados na mesma, vislumbrei uma nova possibilidade de pesquisa: conhecer alguns projetos sociais de lazer para jovens e estabelecer um diálogo com alguns jovens participantes. Dessa maneira, não seria necessário aprofundar a pesquisa no projeto social, mas sim no jovem participante. Mais importante do que os objetivos do projeto seria o discurso dos jovens sobre os mesmos, o qual poderia extrapolar a sua relação com o projeto e dialogar com a sua vida, suas trajetórias e suas expectativas. Neste momento, o foco em projetos sociais esportivos foi ampliado para o foco em projetos sociais de lazer, que poderiam abranger o esporte, como também outras práticas culturais.

Fomos então para um segundo encontro orientanda-orientador e, em meio a uma desorientação, nos orientamos: traçamos os objetivos e estabelecemos uma possibilidade metodológica para buscar atingi-los: a história de vida. Este momento foi empolgante, pois já

⁵ O Aglomerado da Serra é o campo de pesquisa deste estudo e mais à frente será apresentado com maior profundidade. A Guia de Equipamentos Sociais e Rede de apoio à comunidade do Aglomerado da Serra foi fundamental para as escolhas realizadas em relação aos projetos visitados e para a decisão e delimitação da pesquisa de campo. Ao longo do trabalho, alguns dados referentes à mesma serão utilizados e a mesma será denominada “Guia”.

comecei a imaginar a minha inserção no campo de pesquisa que, agora, ganhara uma nova face, pois conhecer os projetos sociais exigiria que eu conhecesse o campo de pesquisa (o Aglomerado da Serra) e conhecer a história de vida dos jovens exigiria uma inserção densa nos projetos. Além disso, neste momento, eu não conseguia prever exatamente o rumo que a pesquisa tomaria: Será que conseguirei conhecer todos os projetos sociais de lazer para jovens do Aglomerado da Serra? Como escolherei os projetos? Como escolherei os jovens? Será que conseguirei diálogo próximo com os mesmos?

Dois anos de mestrado passam rápido. Quando consegui finalizar o projeto de pesquisa, realizar as primeiras visitas de aproximação ao campo e delimitar as perguntas que seriam direcionadas aos jovens, já estávamos iniciando o segundo ano do mestrado. E mais, quando efetivamente iniciei contato com os jovens do Aglomerado da Serra, comecei a me envolver com o processo de ocupação estudantil na UFMG⁶, participando na organização de movimentos de luta e resistência e dormindo na universidade. Nos dois meses de ocupação (novembro e dezembro), fui a campo de pesquisa apenas duas vezes. Foram meses marcantes em minha formação cidadã e acredito que a experiência na ocupação contribuiu, de alguma forma, com as discussões teóricas do presente trabalho. No entanto, devido ao meu envolvimento na ocupação, diminuí consideravelmente as possibilidades de inserção no campo de pesquisa e isso impactou no rumo que o trabalho de campo tomou.

Até o momento expus que o projeto de pesquisa tinha como intuito dialogar com jovens moradores do Aglomerado da Serra, participantes de projetos sociais de lazer de sua comunidade, a fim de conhecer as suas histórias de vida e possíveis relações com os projetos. Foi com esta idéia e este pensamento que fui me inserindo no campo. No entanto, após algumas inserções e experiências de campo, a pesquisa tomou determinado rumo e foi se consolidando de tal maneira que se tornou possível fazer uma delimitação metodológica para a mesma. Compreender a metodologia eleita para esta pesquisa é fundamental para compreender os limites e possibilidades deste estudo. Então vamos lá!

⁶ Participei especificamente da Ocupação da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional (EEFFTO) da UFMG, que teve início por meio de votação em assembleia, no dia 01 de novembro de 2017 e se encerrou dia 17 de dezembro do mesmo ano.

PASSOS MAIS FIRMES: rumo aos objetivos

Uma pesquisa é sempre, de alguma forma, um relato de longa viagem empreendida por um sujeito cujo olhar vasculha lugares muitas vezes já visitados. Nada de absolutamente original, portanto, mas um modo diferente de olhar e pensar determinada realidade a partir de uma experiência e de uma apropriação do conhecimento que são, aí sim, bastante pessoais (DUARTE, 2002, p. 140).

O propósito do presente trabalho é trazer novos-velhos elementos de reflexão, a partir da imersão de uma pesquisadora em um campo de pesquisa e do seu contato com os sujeitos do estudo. Para tal, a investigação qualitativa realizou-se por meio de pesquisa de campo. O campo de pesquisa foi o Aglomerado da Serra e os protagonistas foram jovens participantes de projetos sociais de lazer de sua comunidade. A pesquisa de campo teve início em julho de 2016 e encerrou-se em março de 2017; foram contabilizadas, por meio de registro em caderno de campo, 30 visitas ao Aglomerado da Serra.

O termo qualitativo implica uma partilha densa com pessoas, fatos e locais que constituem objetos de pesquisa, para extrair desse convívio os significados visíveis e latentes que somente são perceptíveis a uma atenção sensível e, após esse tirocínio, o autor interpreta e traduz em um texto, zelosamente escrito, com perspicácia e competência científicas, os significados patentes ou ocultos do seu objeto de pesquisa (CHIZZOTTI, 2003, p.221).

Antes de iniciar a pesquisa de campo no Aglomerado da Serra, tive contato com quatro trabalhos acadêmicos já realizados neste espaço (ALMEIDA, 2006; COSTA, 2011; MELO, 2009 e SILVA, 2012). Tais trabalhos apresentavam características em comum com a minha proposta: pesquisa de campo, com caráter de investigação social e contato com sujeitos da localidade. Estas leituras foram importantes, pois de alguma forma me aproximei do campo da pesquisa antes de efetivamente entrar em contato com o mesmo.

De forma mais especial, Silva (2012)⁷ e Almeida (2006) dialogaram com a temática deste estudo: o lazer. O primeiro com um estudo voltado para o lazer das crianças do Aglomerado da Serra e o segundo, ainda mais próximo do intuito deste trabalho, com uma pesquisa sobre a relação de jovens do Aglomerado da Serra com as ações artístico-culturais das quais participam. Ambos os trabalhos contribuíram significativamente com os primeiros passos direcionados ao campo de pesquisa.

As primeiras visitas de campo, que aconteceram nos meses de Julho, Agosto e Setembro de 2016, tiveram como finalidade conhecer o Aglomerado da Serra, visitar diferentes projetos sociais identificados na Guia ou indicados por algum morador da

⁷ A dissertação de mestrado de Silva (2012) foi defendida no mesmo Programa de Pós-Graduação deste trabalho: O Programa de Pós-Graduação em Estudos Interdisciplinares do Lazer, da UFMG.

comunidade e conversar com professores, coordenadores e gestores dos projetos, a fim de compreender a dinâmica dos mesmos e as possibilidades que eu teria enquanto pesquisadora: se seria possível realizar as entrevistas no local do projeto; como eu poderia abordar os jovens; quais jovens iam com maior frequência às atividades e aulas e/ou participavam a mais tempo do projeto, entre outras questões.

Este período caracterizou-se como essencial para que eu pudesse estabelecer alguns vínculos com os sujeitos do Aglomerado da Serra e me tornar mais conhecida nos espaços visitados. Dessa forma, em setembro de 2016, iniciei a realização das entrevistas com os jovens participantes. Essa etapa foi finalizada em fevereiro de 2017, ressaltando que nos meses de Novembro e Dezembro⁸ não realizei nenhuma entrevista.

Foram entrevistados individualmente 14 jovens, sendo 08 homens e 06 mulheres, distribuídos em 06 (seis) projetos sociais de lazer. A escolha dos jovens ocorreu de maneira diversificada, devido à dinâmica de cada projeto e ao rumo das visitas de campo. Em alguns projetos, os professores sugeriram os jovens; em outros, os jovens demonstraram interesse; houve, ainda, situações em que abordei jovens que me chamaram atenção e outras em que os jovens que tinham disponibilidade no momento foram entrevistados.

Após a realização das 14 entrevistas individuais e da transcrição⁹ de todas elas, foi realizada 01 (uma) entrevista coletiva, denominada “Roda de conversa”, com o intuito de promover uma discussão acerca de temas específicos que se destacaram nos discursos anteriores dos jovens.

As entrevistas individuais foram gravadas e a entrevista coletiva – roda de conversa - foi filmada e gravada. Na roda de conversa, a filmagem foi importante para contribuir com a posterior transcrição (quando apenas pelo áudio não foi possível identificar o sujeito que estava falando). A média de duração das entrevistas individuais foi de 30 minutos, sendo que algumas duraram menos de 30 minutos e outras mais de 50 minutos. A roda de conversa teve duração de 1 hora e 40 minutos.

A entrevista individual semiestruturada¹⁰ contou com um roteiro prévio de perguntas. Este tipo de entrevista possibilita que o entrevistado ou a entrevistada tenha espaço para falar

⁸ Em Novembro e Dezembro participei do processo de ocupação estudantil da UFMG, como já exposto anteriormente.

⁹As transcrições das entrevistas foram realizadas por mim e com a ajuda de meus pais, Geraldo e Ádila. O fato de ter transcrito as entrevistas colaborou com a posterior análise, pois além de tê-las realizado, foi possível refletir sobre os discursos ao longo das transcrições. À medida que algumas partes das falas chamavam a minha atenção, eu realizava anotações e isso contribuiu com a posterior organização dos dados.

¹⁰ Em anexo ao final do trabalho.

livremente e o pesquisador ou a pesquisadora elabore, ao longo da entrevista, as intervenções que julgar necessárias, como a inserção de questões não previstas inicialmente (GOMES; AMARAL, 2005). Nesta entrevista, cada jovem pôde falar sobre a sua vida, sua relação com o Aglomerado da Serra, com o lazer e o esporte, com os projetos sociais de lazer e sobre suas expectativas e sonhos.

Da mesma maneira, a entrevista coletiva – roda de conversa - contou com um roteiro¹¹ totalmente flexível, com alguns pontos de discussão; afinal, o objetivo foi justamente promover um diálogo entre os jovens e mediá-lo a partir de questões e reflexões emergentes. Os jovens tiveram, portanto, a oportunidade de compartilhar e confrontar as suas percepções e subjetividades, reconhecendo-se como parte de um coletivo (jovens moradores da Serra e participantes de algum projeto social de lazer) e como sujeitos em sua individualidade. Vivenciaram uma situação de confronto e diálogo entre opiniões/sensações diferentes ou semelhantes, mas, acima de tudo, um momento propício para perceber o outro e se perceber juntamente com os outros.

A roda de conversa deste estudo foi inspirada em uma metodologia específica, que foi publicada em livro intitulado “Subjetividade e cidadania: um estudo com crianças e jovens em três cidades brasileiras”, organizado por Castro (2001). A metodologia foi fruto de um projeto, denominado “Oficinas da cidade”, onde crianças e jovens foram reunidos em pequenos grupos para discutir e debater as suas cidades e os limites e possibilidades percebidas pelos mesmos em relação à sua cidadania. As oficinas contavam com a mediação de assistentes de pesquisa e objetivavam possibilitar um espaço ação-reflexão para as crianças e jovens participantes. Foram realizados três módulos de oficina – *cidade real*, *cidade ideal* e *cidade possível* - e cada módulo contou com a média de 03 (três) encontros, que duravam cerca de 1 hora e 30 minutos.

Movida por esta metodologia, inicialmente o meu intuito era realizar 02 (duas) rodas de conversa com os jovens, divididos em 02 (dois) grupos. Porém, por limites de tempo e de disponibilidade, consegui realizar apenas 01 (uma) roda de conversa, que foi fundamental para as reflexões do presente trabalho. Na roda, contei com a colaboração de um assistente de pesquisa, que contribuiu com a mediação do diálogo e também com a posterior reflexão sobre os discursos proferidos.

Todos os 14 jovens foram convidados para participar da roda de conversa. Houve uma primeira tentativa de reuni-los, em um sábado, mas apenas 01 (uma) jovem compareceu.

¹¹ Em anexo ao final do trabalho.

Assim, conversei com o Itamar, líder comunitário da Vila Cafezal, responsável pelo projeto Itamar de Taekwondo, e ele cedeu o espaço e horário de sua aula do projeto para a realização da roda de conversa. Com isso, foi possível reunir metade dos jovens entrevistados individualmente. Da outra metade, 03 (três) jovens confirmaram presença e não compareceram e os demais não retornaram as mensagens e ligações.

A seguir, apresento a tabela 1, que traz os nomes dos projetos sociais de lazer escolhidos e dos jovens que participam, atualmente, de cada projeto e foram entrevistados. Ressalto que os nomes atribuídos aos jovens nesse trabalho são fictícios, a fim de resguardar o anonimato garantido por meio do Termo de Assentimento ou do Termo de Consentimento Livre Esclarecido¹², assinado pelos mesmos. Além disso, após o nome do jovem, a idade é apresentada entre parênteses, com o intuito de facilitar a compreensão do leitor, que terá a oportunidade de associar os discursos proferidos por cada jovem à idade dos mesmos, tendo em vista que a idade relaciona-se, de alguma forma, com as experiências de vida dos sujeitos. As idades dos jovens entrevistados variaram entre 14 e 27 anos.

QUADRO 1 - Projetos escolhidos e jovens entrevistados

Projetos Sociais de Lazer	Jovens entrevistados em cada Projeto
Projeto Itamar de Taekwondo	Ana (14) <u>Renato (16)</u>
Projeto Educando pela Arte – Team Vitor – Sanda Wushu	<u>Camila (18)</u> <u>Catarina (23)</u> <u>Miguel (17)</u> <u>Guilherme (24)</u>
ProJovem – CRAS Vila Fátima	Gustavo (17)
Projeto Identidade – Fica Vivo	<u>Guilherme (24)</u> <u>Lucas (14)</u> <u>Mariana (17)</u>
Espaço Criança Esperança de BH	Gabriela (14) <u>Lucas (14)</u> <u>Mariana (17)</u>
Oficina Breaking da Quebrada – Fica Vivo	Jonas (19) José (27) Mateus (23) Vivian (19)

Legenda: Em itálico, jovens que participam de dois projetos; em sublinhados, participantes da roda de conversa.
Fonte: Elaborado pela autora.

¹² Os jovens com 18 anos ou mais assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido; os jovens menores de 18 anos assinaram o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido e os pais/responsáveis pelos jovens menores de 18 anos assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Os três Termos foram aprovados pelo Conselho de Ética em Pesquisa (COEP) da UFMG, CAAE 606182167.0000.5149 e estão disponíveis no final do trabalho.

De fato, essa pesquisa dialoga com as ciências humanas e sociais, pois se preocupa em compreender a significação de símbolos sociais construídos e tenta se aproximar, o máximo possível, do mundo interior, suas representações e das intencionalidades dos atores/sujeitos/seres humanos (GOMES; AMARAL, 2005). Para conseguir me relacionar com os jovens da pesquisa, foi necessário estabelecer um contato com os mesmos. Sendo assim, acompanhei os projetos sociais de lazer dos mesmos para conseguir alcançá-los.

Nos momentos de acompanhamento dos projetos, através da observação participante e das intervenções, interagi com o contexto analisado. Gomes e Amaral (2005) exemplificam algumas formas de interação possíveis, como as conversas com as pessoas, a participação em brincadeiras e a contribuição para a realização de alguma atividade. Nesta pesquisa, a maior interação se deu a partir de conversas com as pessoas (professores, jovens participantes e pessoas que assistiam aos projetos), mas houve alguns momentos em que participei das atividades propostas pelos projetos.

As transcrições das entrevistas individuais foram realizadas antes da entrevista coletiva, pois a última foi pensada baseando-se justamente nos discursos identificados na primeira. Dessa maneira, as reflexões sobre os discursos dos jovens tiveram início nos primeiros momentos de contato com os mesmos, mesmo que a organização mais precisa desta reflexão tenha se dado, efetivamente, após a finalização da pesquisa de campo.

A este momento de organização e apreciação profunda das idéias e dos discursos proferidos pelos jovens entrevistados denomina-se análise de dados. Sendo assim, de fevereiro de 2017 a abril de 2017, utilizando como recurso o Software QSR NVivo 11 Pro¹³, organizei os discursos e os dividi em 03 (três) grandes temas, a saber: 1. Desigualdade Social e Lazer; 2. Aglomerado da Serra: vantagens e desvantagens; 3. Projetos Sociais, sonhos e expectativas. Após leituras e releituras dos discursos elencados para cada tema, diferentes reflexões foram realizadas, as quais guiaram as discussões presentes neste estudo.

Para analisar os dados, já divididos em temas e subtemas, baseei-me na teoria de Mikhail Bakhtin, que propõe como metodologia a “análise do discurso”. Esta teoria pressupõe que a linguagem tem papel decisivo na constituição do sujeito, ou seja, na constituição da identidade. Para o pensador russo, a palavra é dialógica e, desta forma, é determinada tanto pelo emissor como pelo ouvinte. Assim, a língua é espaço de conflitos e disputas, entre o

¹³ Uma das possibilidades que o *software* apresenta é a criação de Códigos ou Categorias a partir dos dados armazenados (textos, imagens, vídeos, etc). Estas categorias são denominadas, em português, de Nós. No caso deste trabalho, os Nós foram os grandes temas já apresentados. Um estudo realizado por Guizzo, Krzimirski e Oliveira (2003, p. 57) comprova que o software em questão "representa significativo avanço tecnológico na organização de dados de pesquisas qualitativas".

sujeito e a sociedade; é uma atividade social e, para fins de análise, não importaria o enunciado, que seria o produto, mas sim a enunciação, ou seja, o processo verbal (BAKHTIN, 2006).

Os discursos proferidos pelos jovens durante as entrevistas foram interpretados como narrativas orais, ou seja, histórias de vida.

Na história de vida, diferente do depoimento, quem decide o que deve ou não ser contado é o ator, a partir da narrativa da sua vida, não exercendo papel importante a cronologia dos acontecimentos e sim o percurso vivido pelo mesmo. Ainda que o pesquisador dirija a conversa, de forma sutil, é o informante que determina o 'dizível' da sua história, subjetividade e os percursos da sua vida (SOUZA, E., 2006, p. 29).

Tendo em vista que as narrativas orais dos jovens são dotadas de significados relacionados à vida, pois se tratam de histórias de vida, os jovens representam os protagonistas das discussões supracitadas no presente trabalho. Obviamente, os discursos eleitos para serem reproduzidos ao longo dos capítulos que se seguem relacionam-se com as experiências da pesquisadora em questão. Durante as entrevistas, alguns discursos me tocaram de forma mais especial; assim como nas transcrições, desenvolvi reflexões; além disso, meu percurso pessoal, acadêmico-profissional e de "campo" parcializa os debates teóricos travados, à medida que dialoga com autores e autoras específicos. Portanto, este trabalho não é neutro, assim como o ser humano, em sua inserção histórico-cultural, não o é.

No 1º capítulo, os discursos elencados dentro do grande tema "Desigualdade social e lazer" foram utilizados para dialogar com a literatura acadêmica e com as minhas interpretações. Sendo assim, o capítulo propõe uma discussão sobre a desigualdade social brasileira, os direitos sociais, os jovens como sujeitos de direitos, o lazer como um direito social e as políticas sociais de esporte e lazer como possíveis caminhos para o alcance da efetivação da lei.

No 2º capítulo, apresento o Aglomerado da Serra e suas especificidades como um espaço sociocultural, a partir da pesquisa de campo e dos discursos dos atores sociais juvenis. Com a contribuição de alguns autores e autoras, apresento uma reflexão sobre as favelas brasileiras, o Aglomerado da Serra como uma favela belorizontina, suas peculiaridades e os sentimentos que cerceiam os jovens enquanto pertencentes ao espaço.

No 3º e último capítulo, direciono-me mais diretamente às perguntas de partida do estudo e apresento os sentidos e significados que os jovens entrevistados expressaram (e que eu fui capaz de perceber) em relação aos projetos sociais de lazer que participam e/ou que existem em sua comunidade. Para tal, faço uma breve apresentação dos projetos sociais de

lazer e dos jovens focalizados na pesquisa de campo, como também exponho discursos dos jovens sobre os projetos sociais.

Espera-se, dessa maneira, alcançar o objetivo geral de identificar sentidos e significados atribuídos à participação em projetos sociais de lazer por jovens do Aglomerado da Serra e os objetivos específicos de conhecer o Aglomerado da Serra e projetos sociais de lazer existentes na localidade; conhecer as trajetórias de jovens participantes dos projetos sociais de lazer do Aglomerado da Serra e identificar as expectativas que jovens participantes de projetos sociais de lazer do Aglomerado da Serra têm em relação aos últimos.

1 DESIGUALDADE SOCIAL, DIREITOS SOCIAIS E POLÍTICAS SOCIAIS: todos os jovens têm direito ao lazer?

Um capítulo que se inicia com uma pergunta pode parecer estranho, pelo menos a princípio, mas quando o desconforto é seguido pelo desejo de compreensão - situação que se relaciona diretamente ao ideal democrático de uma sociedade – o que começou estranho pode tornar-se cada vez mais compreensível. E aqui mesmo já começo a contextualizar a questão titular do presente capítulo: é uma pergunta que resume algumas perguntas presentes nas entrevistas individuais e na entrevista coletiva que foram realizadas com jovens participantes da pesquisa de campo. A decisão de iniciar os capítulos com perguntas está em congruência com o fato de que algumas delas, após a análise dos discursos dos entrevistados, foram protagonistas no que diz respeito ao desenvolvimento de reflexões para o presente estudo. Ou melhor, as respostas que os jovens entrevistados construíram a partir das perguntas protagonizaram as reflexões.

Todos os jovens têm direito ao lazer? A partir deste questionamento é possível, de imediato, pensar em temas como a sociedade de direitos, a construção e reconstrução dos direitos sociais, o lazer como direito social na Constituição brasileira, os jovens como cidadãos de direitos reconhecidos perante documentos legais, os jovens como cidadãos ativos no que diz respeito ao direito social lazer, entre outras possibilidades. O que esse capítulo se propõe a fazer é debater a pergunta a partir dos discursos dos jovens entrevistados, da imersão no campo específico de pesquisa e do diálogo com a literatura acadêmica.

1.1 Refletindo sobre a Desigualdade Social

Camila (18 anos), aluna do projeto “Educando pela arte”, e Mariana (17 anos), aluna do Espaço Criança Esperança e do projeto Identidade, afirmam, baseadas em suas experiências:

Camila (18 anos): Tem gente que é rico e estuda no Estadual Central¹⁴ para ter uma cota na universidade, entendeu. Não que eu ache que eles não possam, claro que

¹⁴ A Escola Estadual Governador Milton Campos, conhecida popularmente como “Estadual Central”, está localizada no Bairro de Lourdes, bairro nobre de Belo Horizonte. Ela foi projetada pelo arquiteto Oscar Niemeyer e apresenta um histórico que a afirma como uma instituição pública de qualidade. Sendo assim, em Belo Horizonte, é considerada uma das melhores escolas estaduais de ensino (LISBOA; GOUVEA, 2016).

eles podem, é público e é para qualquer pessoa, mas eles têm uma vida diferente da gente. Você vê isso¹⁵.

Mariana (17 anos): *Eu acho que o Brasil, em si, é um País muito desigual. Algumas pessoas têm condições de fazer coisas bem além, que a gente não tem. Que eu, como estudo em escola particular tenho muito amigo rico, que eu vejo que, tipo...ah!... vai no cinema toda hora, vai no clube, vai num sei onde, num sei onde, tipo assim, eles fazem coisa que eu não posso, não posso pensar em fazer porque eu não tenho condições. Então eu acho que, tipo, não são todas as pessoas que têm condições de fazer as coisas. A gente tenta fazer o máximo possível, dependemos de nossos pais também, então, depende das coisas que eles podem nos dar... Então há um limite... eu acho!*

Camila e Mariana apontam em seu discurso, a partir de suas experiências de vida enquanto estudantes, uma situação comum na sociedade brasileira, a desigualdade social, na qual uns têm mais condições financeiras do que outros e, por consequência, acessos diferenciados aos direitos sociais. Ambas as jovens têm contato, cotidianamente, com pessoas que apresentam condição socioeconômica superior e, com isso, referem-se às mesmas como pessoas que têm “condições de fazer coisas diferentes”, que podem “comprar” o lazer e reconhecem um “limite” entre o que podem e o que não podem fazer a partir de sua realidade socioeconômica.

Um contraste interessante entre Camila e Mariana é que a primeira é estudante de uma escola pública que recebe, mesmo em pequena quantidade, alunos que apresentam boa ou excelente condição socioeconômica; e Mariana, ao contrário, é estudante de uma escola privada que recebe, também em pequena quantidade, alunos que apresentam baixa condição socioeconômica. Sendo assim, as duas estudantes falam de lugares diferentes, a partir de um coletivo diferente (espaço público e espaço privado) e articulam pensamentos correspondentes.

Como afirmam Campos *et al.* (2004, p. 27)

O contexto configurado pelo crescimento econômico brasileiro tem sido definido pela má distribuição de renda e pela desigualdade social, gerando diversos tipos de exclusão social. Nesse processo, vemos desenhar-se no Brasil um mapa cheio de “ilhas de inclusão rodeadas pelo mar revolto da exclusão social”.

Sabe-se que vivemos em um mundo desigual e que o Brasil apresenta uma estrutura social e econômica que divide a população. “Transformada em paisagem, a pobreza é trivializada e banalizada, dado com o qual se convive – com um certo desconforto, é verdade – mas que não interpela responsabilidades individuais e coletivas” (TELLES, 2006, p.11). A desigualdade social e a consequente pobreza brasileira estão no centro de inquietações e

¹⁵ As falas dos sujeitos da pesquisa serão apresentadas em fonte 10, itálico e espaço simples, diferenciado-as das citações diretas longas.

perplexidades que perpassam, há décadas, o cenário de modernização e globalização desenhado pelo país.

A história do Brasil é marcada, desde seu início civilizatório, pela desigualdade de poder. É importante reconhecer que a sociedade brasileira carrega “o peso da tradição de um país com passado escravagista e que fez sua entrada na modernidade capitalista no interior de uma concepção patriarcal de mando e autoridade” (TELLES, 2006, p. 88). Ou seja, a desigualdade social, a pobreza latente que se intensifica à medida que o acúmulo de capital aumenta, as injustiças que compõem o cenário urbano e suburbano estão relacionadas com a história do país, com um passado que insiste, permanentemente, em se fazer presente nas relações sociais cotidianas.

Um conceito desenvolvido pela filósofa política Hannah Arendt¹⁶, a partir de seus estudos sobre o autoritarismo expressado pelo nazismo, fascismo, racismo, escravidão, é o da “banalidade do mal”, que corresponde à trivialização de situações devido à incapacidade de discernimento e julgamento do ser humano. A desigualdade social é cotidianamente trivializada em um mundo que se estrutura na frágil fronteira entre a civilização e a barbárie (ARENDR, 2000).

Fugindo do pessimismo e do resmungo, a aproximação à esperança de um mundo melhor, de um Brasil melhor, de uma sociedade mais justa e igualitária, é o que motiva esta investigação social e este estudo acadêmico. De forma mais específica, a esperança está na cidadania como fio condutor dos direitos humanos e da vivência plena da dignidade humana. Vera Telles (2006, p. 9), ao explicar a motivação para seus estudos na ciência política, afirma que “a inquietação com o tema cidadania e pobreza diz respeito às possibilidades da cidadania se enraizar nas práticas sociais, como parâmetro a reger as relações sociais, como regra de civilidade e medida das reciprocidades que se esperam na vida em sociedade”.

É nesse sentido que a reflexão sobre os marcos legais constituídos ao longo da história da humanidade e, nesse caso, do Brasil, faz-se relevante, pois estes documentos representam a materialização de lutas, diálogos e tentativas de modificar o *status* de estratificação da sociedade. “Ter direitos significa, portanto, no dizer de Hannah Arendt, pertencer a uma comunidade política na qual as ações e opiniões de cada um encontram lugar na condução dos negócios humanos” (TELLES, 2006, pp.60-61).

¹⁶ Hannah Arendt, filósofa e pensadora política, nasceu na Alemanha em 1906. De origem judaica, foi uma das mais importantes filósofas do século XX. Seu pensamento filosófico sobre a política, o totalitarismo, a responsabilidade, a verdade, o mal e o estar e compartilhar o mundo continua a dialogar com as questões contemporâneas (ARENDR, 1983).

Para Arendt (1973, p. 243), “a igualdade, em contraste com tudo o que se relaciona com a mera existência, não nos é dada, mas resulta da organização humana, porquanto é orientada pelo princípio da justiça”. Ou seja, os seres humanos não nascem iguais, eles se tornam iguais como membros de um grupo, através da decisão de se garantirem direitos reciprocamente iguais (ARENDR, 1973). Esta reflexão ajuda-nos a pensar sobre como os direitos são apropriados pela sociedade e sobre como a sua concretização está relacionada com esta apropriação. "Nossa vida política baseia-se na suposição de que podemos produzir igualdade através da organização, porque o homem pode agir sobre o mundo comum e mudá-lo e construí-lo juntamente com os seus iguais, e somente com os seus iguais" (ARENDR, 1973, p. 244).

Para o homem produzir um “mundo comum”, ele precisa se enxergar neste mundo e enxergar o outro neste mesmo mundo. Se considerarmos que parece haver, no mundo e no Brasil, um horizonte simbólico (TELLES, 2006) que vem projetando a pobreza como uma espécie de paisagem que, mesmo incomodando a todos (de diferentes formas – porque é injusto ou porque é feio), é estruturada por fora das relações sociais, pode-se inferir que o desafio está justamente em incluir a pobreza na trama de relações sociais e na construção de “reciprocidades” (TELLES, 2006) das quais depende a vida em sociedade. Portanto, é necessário incluir a pobreza no “mundo comum” das decisões, ações e opiniões e não deixá-la à margem deste mundo. Nessa perspectiva, Gabriela (14 anos), aluna do Espaço Criança Esperança, é enfática ao responder:

Têm ué, todas as pessoas têm os mesmos direitos (...) Porque todos são seres humanos, ninguém é melhor que ninguém, ninguém é mais importante que ninguém.

1.2 O direito a ter direitos em uma sociedade desigual

O raciocínio até o momento desenvolvido objetiva trazer à tona um debate atual acerca dos direitos humanos e, mais especificamente, dos direitos sociais. Direitos estes que formam a base para a vivência da cidadania e que permitem que os seres humanos sejam cidadãos ou, pelo menos, caminhem nesse sentido. Norberto Bobbio (1990), em seu livro “A era dos direitos”, apresenta reflexões que, particularmente, me serviram para pensar e repensar a sociedade mundial e brasileira de direitos da atualidade.

Segundo Bobbio (1990), o problema do fundamento dos direitos humanos teve sua solução na Declaração dos Direitos Humanos, aprovada pela Assembleia Geral das

Nações Unidas, em 10 de dezembro de 1948. Esse momento representou um consenso geral acerca da validade dos direitos humanos e o documento caracterizou-se como “prova de um sistema de valores humanamente fundado” (Bobbio, 1990, p.17). No entanto, para este mesmo autor, “a liberdade e a igualdade dos homens não são um dado de fato, mas um ideal a perseguir; não são uma existência, mas um valor; não são um ser, mas um dever ser” (p.17).

Nesse sentido, a era dos direitos representa um significativo avanço para o mundo, pois é fruto da fundamentação de uma construção pautada pelo consenso geral da população. Obviamente, a fundamentação não é acompanhada pela efetivação dos direitos, pois a efetivação dos direitos está relacionada com a capacidade de cada Estado proteger os direitos fundamentados. Da mesma forma, cada direito proclamado, fundamentado e efetivado dialoga com a sociedade, pois

Os direitos do homem, por mais fundamentais que sejam, são direitos históricos, ou seja, nascidos em certas circunstâncias, caracterizadas por lutas em defesa de novas liberdades contra velhos poderes, e nascidos de modo gradual, não todos de uma vez e nem de uma vez por todas (BOBBIO, 1990, p.9).

Pensar os direitos como construções históricas permite o diálogo com o “mundo comum” e com a capacidade dos seres humanos de pensar as necessidades de quem faz parte do mundo não apenas pela sua experiência de vida “privada”, mas pela sua experiência de vida em um “espaço público”. A Declaração Universal dos Direitos Humanos é resultado de um “espaço público” construído a partir da união de diferentes experiências “privadas”. Cada país que assinou a Declaração tem uma experiência. Alguns países já efetivam os direitos proclamados e outros estão no caminho ou longe de alcançar a efetivação.

O Brasil, especificamente, construiu ao longo dos anos alguns documentos legais que estabelecem os direitos do cidadão brasileiro. O mais importante documento legal brasileiro é a Constituição Federal de 1988, que se legitimou a partir de um processo de luta e de busca pela democratização do acesso aos bens culturais, políticos, sociais e econômicos do país. A carta magna¹⁷ brasileira representa um avanço no que diz respeito à democracia e à busca pela igualdade social. Nas palavras de Telles (2006, p.82), “a nova Constituição, aprovada em 1988, expressou a aspiração por uma sociedade democrática e mais igualitária”.

A palavra “aspiração” se esbarra, constantemente, com a palavra “efetivação” ou com a palavra “garantia”. Aspira-se a um Brasil mais igualitário, aspira-se a um Estado brasileiro que seja capaz de “garantir” os direitos sociais a todos os cidadãos, aspira-se a um “efetivo”

¹⁷ De acordo com o Dicionário Aurélio *online*, a palavra “magna” é sinônima de “grande”, “importante”, “magnífica”. Disponível em: <https://dicionarioaurelio.com/magna>.

sistema político-democrático que promova a inclusão social. De fato, a “aspiração” representa a mola propulsora para a busca pela garantia e efetivação dos direitos sociais. No entanto, existe um problema fundamental, segundo Bobbio (1990), em relação aos direitos: o problema não está tanto em justificá-los, mas em protegê-los, efetivá-los, garanti-los; o problema não é tanto de ordem filosófica, mas sim de ordem política.

A Constituição Brasileira de 1988, em congruência com a Declaração Universal de Direitos Humanos, define os direitos sociais de todos os cidadãos brasileiros, sem distinção de raça, cor, gênero e classe. Dentre os direitos sociais estão a educação, a saúde, o trabalho, o transporte, a moradia, a previdência social, o lazer, a proteção à maternidade e à infância e a assistência aos desamparados. Estes direitos sociais são considerados direitos fundamentais dos brasileiros e das brasileiras e, desde a sua presença na Constituição, vem fazendo parte dos discursos políticos e das agendas estatais. Enfim, lembrando a colocação de Bobbio (1990) no que diz respeito ao caráter essencialmente político do direito e da sua relação com a democracia e com a paz, encontramos-nos em um caminho progressivo (com o otimismo do pensamento) em direção à proteção destes direitos.

As cartas de direitos (...) são expressões de boas intenções, ou, quando muito, diretivas gerais de ação orientadas para um futuro indeterminado e incerto, sem nenhuma garantia de realização além da boa vontade dos Estados, e sem outra base de sustentação além da pressão da opinião pública. (BOBBIO, 1990, p.37).

No entanto, bastam rápidas localizações contextuais da política brasileira para concluir que a democracia do papel passa por momentos frágeis no que diz respeito a sua transformação em ações políticas democráticas. Isso acontece porque a efetivação e garantia de direitos estão relacionadas com o Estado democrático de direito que se consolida na sociedade. E pensar o Estado democrático de direito brasileiro é pensar o quanto a democracia brasileira é recente e no quão frágil esta democracia se apresenta¹⁸.

Miguel, de 17 anos, um dos jovens entrevistados, posicionou-se diante da Reforma do Ensino Médio, proposta pelo atual governo brasileiro, durante a entrevista coletiva, quando se discutiam possibilidades de amenizar o impacto da violência e do tráfico de drogas na vida

¹⁸ Não poderia deixar de ser registrado que esta pesquisa de campo se instaura no final do ano de 2016 e início do ano de 2017, período marcado por intensas manifestações sociais contra os acontecimentos políticos brasileiros, a saber: a indignação de parcela da população brasileira com o *impeachment* (considerado por essa parcela um golpe de estado) da presidenta Dilma Rousseff, materializada através de ocupações estudantis, greves gerais, atos públicos, dentre outras formas de luta. E ainda mais, a indignação diante das propostas de governo do Presidente atual, Michel Temer, tais como: Propostas de Emendas Constitucionais e Reformas da Previdência e do Ensino Médio – às quais enfraquecem a idéia da extensão dos direitos a toda a população.

dos jovens moradores das favelas. A sua fala se deu após as falas de outros dois jovens, Mariana (17 anos) e Guilherme (24 anos):

Mariana (17 anos): *Eu acho que as escolas deveriam ter aulas extracurriculares, porque, por exemplo, tem sei lá, você estuda só de manhã e a tarde você fizesse alguma coisa extracurricular, quando você formasse você já teria alguma coisa para você fazer na sua vida, você não ia estar à mercê só da faculdade.*

Guilherme (24 anos): *Tipo, de manhã estuda, à tarde você faz um curso profissionalizante...*

Miguel (18 anos): *A gente não tá...eu, pelo menos, não tô aprovando essa Reforma do Ensino Médio não. É uma bosta para todo mundo. Porque todo mundo sabe que quem vai estar lá é a massa que vai trabalhar de terceirizado para todo mundo e todo mundo sabe disso, só que fica na testa e ninguém consegue ler.*

O posicionamento político de Miguel é fruto de seu envolvimento com discussões travadas no contexto atual de debates sobre as propostas governamentais no que diz respeito ao direito social educação. A escola em que ele estuda é a mesma de Camila, de 18 anos, a “Escola Estadual Central”, que se apresenta como uma instituição educacional historicamente engajada em debates e lutas políticas. A sua fala, particularmente, me alimentou esperanças no que tange às possíveis transformações da sociedade por meio de espaços democráticos, como os espaços constituídos em sua escola e a própria entrevista coletiva elegida como instrumento de coleta de dados deste estudo.

Caso levemos em consideração, como aponta Menicucci (2006), que o desenvolvimento da cidadania social está em situação de dependência com a constituição de um sentimento de identidade e de obrigação comum, em um caráter de coletividade, e também está diretamente ligado à importância do Estado e à elaboração de sistemas de proteção social que têm como referência o estado de bem-estar dos cidadãos, a fala de Miguel avança em contextualidade, pois representa o reconhecimento de um *status* de cidadão social que pode e deve reivindicar, questionar, debater. Isso se torna mais evidente quando, ainda durante a entrevista coletiva, foram apresentadas aos jovens as suas próprias opiniões expressadas nas entrevistas individuais sobre a desigualdade no acesso ao lazer e eles tiveram a oportunidade de dialogar sobre o tema. Durante o diálogo, Miguel (17 anos) apresentou a seguinte colocação:

*Sobre as duas palavras que você falou: **condição financeira e oportunidade, eu acho que essa coisa tá muito ligada uma na outra. Se eu tenho um pai, vamos supor que é dono da Cemig, por exemplo, eu vou ter muito mais oportunidade e condição financeira do que ele (apontou para um jovem que estava ao lado). Meu pai vai arrumar qualquer coisa para mim, com certeza, com o nome que ele tem entendeu. Já que isso...o máximo que dá é sua mãe ser faxineira, ser empregada dele, e ele te dá uma ajuda...que quase sempre é incerto ainda. Então eu acho que essa questão de oportunidade está ligada demais à condição financeira.***

A fala de Miguel se relaciona com o tema da cidadania e dos direitos sociais, à medida que ele, enquanto jovem de baixa renda, morador de uma favela, reconhece que a condição financeira, em uma sociedade desigual e capitalista, está ligada às oportunidades surgidas ao longo de sua vida¹⁹. Quando ele exemplifica a sua opinião através de um “pai dono da CEMIG”, ou seja, rico, com excelente condição financeira, e uma “mãe faxineira”, empregada do dono da CEMIG, pobre, ele ilustra a desigualdade através de sua experiência de vida. Mesmo que a sua mãe não seja a faxineira neste exemplo, ela representa as mães de jovens que ele conhece, jovens que vivem em sua comunidade.

Diante disso, é oportuno dizer que a cidadania se expressa de diferentes maneiras na sociedade. Diferentes autores e autoras, interessados em discutir a sociedade sob o ponto de vista da ciência política, buscaram traçar percursos e características para a cidadania brasileira: Cidadania “ativa”²⁰ (BENEVIDES, 1994); “regulada”²¹ (SANTOS, 1987); inexistente²² (TELLES, 1992) ou inativa²³ (CARVALHO, 1996).

Este fato é interessante, pois permite o reconhecimento de que a cidadania não é linear, nem homogênea, muito menos estática. Torna-se possível pensar que a cidadania é uma construção e reconstrução permanente do exercício de ser cidadão em uma sociedade que, permanentemente, se transforma e se movimenta.

¹⁹ “O exercício da cidadania é amplamente dificultado pela formação social capitalista, radicalizada no atual contexto do neoliberalismo. Na medida em que os chamados direitos civis são constantemente subjugados, sendo a possibilidade de ir e vir algo que não existe em muitos bairros pobres do Brasil, bem como a liberdade de expressão, sem falar no direito à propriedade, inexistente para um universo significativo da população, destituído das condições objetivas de realizar tal direito” (MELO, 2004, p.110).

²⁰ Benevides (1994) distingue a cidadania passiva – que é outorgada pelo Estado, com a idéia moral do favor e da tutela – da cidadania ativa, que, diferentemente, institui o cidadão como portador de direitos e deveres e como, essencialmente, criador de direitos capaz de abrir novos espaços de participação política. Ela considera que a garantia dos direitos sociais está diretamente relacionada com a garantia dos direitos políticos, que devem ser ampliados por novos canais de participação, e não apenas com o direito ao voto.

²¹ Santos (1987) desenvolve o conceito de cidadania regulada quando destaca o Estado como o verdadeiro controlador dos direitos, a partir de uma reflexão sobre os direitos trabalhistas para aqueles que possuem a Carteira de Trabalho Assinada; a cidadania, nesse caso, está condicionada, regulada pelo Estado.

²² Telles (1992) chama atenção para o fato de que vivemos em uma sociedade desigual, na qual as reciprocidades inexistem e a cidadania não é exercida por grande parte da população.

²³ Carvalho (1996) dialoga com as definições de cidadanias adotadas por Turner (1990) – cidadania de baixo para cima e de cima para baixo - e por Almond e Verba (1965) – paroquial, súdita e participativa - para pensar os tipos e percursos da cidadania e conclui que, no Brasil, a cidadania em sua maior parte se deu de cima para baixo e o cidadão brasileiro caracteriza-se como um súdito quase paroquial. Para ele, o súdito seria um cidadão inativo e o paroquial um não-cidadão.

É o caso do Brasil. Quantos jovens, a partir do processo de ocupação estudantil de 2015 e 2016²⁴, possivelmente ampliaram as suas experiências “cidadãs” lendo leis, regulamentações, propostas de emendas constitucionais; e/ou reunindo-se em um “espaço comum” para dialogar, debater e discutir; e/ou ainda assistindo ao jornal televisivo com um olhar mais interrogatório e crítico? É possível que a partir do envolvimento no processo de mobilização política, alguns jovens alteraram o seu *status* de cidadãos “inativos” ou “pouco ativos” para cidadãos “ativos” ou “mais ativos”.

Nesse ponto, pensando na especificidade dessa pesquisa, um grande passo reconhecido pela história da democracia brasileira, além da promulgação da Constituição de 1988, foi a homologação, após anos de debates, fóruns e lutas sociais, do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), em 29 de Junho de 1990. Benedito Santos (2011, p.408), afirma que “o ECA é a expressão jurídica de um projeto político de construção de cultura de cidadania para e com crianças e adolescentes”. Além disso, é válido destacar que o Estatuto da Criança e do Adolescente exerceu força instituinte em âmbito internacional, particularmente na América Latina, a qual teve, pelo menos, 15 diplomas legais nele inspirados. (SANTOS, B., 2011). O artigo 227 da Constituição Federal de 1988, após alteração reivindicada pela Proposta de Emenda Constitucional (PEC) da Juventude, afirma em sua redação que

É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar **à criança, ao adolescente e ao jovem**, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão (DA JUVENTUDE, 2016, grifo meu)

Além disso, no âmbito legal da infância e juventude, o artigo 4º do Estatuto da Criança e do Adolescente estabelece como

[...] dever da família, da comunidade, da sociedade em geral e Poder Público assegurar com absoluta prioridade, a efetivação dos direitos referentes à vida, à saúde, à alimentação, à educação, **ao esporte, ao lazer**, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária (Estatuto da Criança e do Adolescente. (BRASIL, 1990, grifo meu).

²⁴ O movimento de ocupação estudantil se iniciou em Novembro de 2015, em São Paulo, como forma de resistência à aprovação, sem diálogo com a comunidade escolar, de uma proposta de Reorganização Escolar que previa o fechamento de dezenas de escolas e a unificação de ciclos de ensino (DE SORDI e MORAIS, 2016). Em pouco tempo, centenas de escolas brasileiras iniciaram o processo de ocupação contra medidas municipais, estaduais e federais relacionadas à educação. Dada a conjuntura política do momento, o processo de ocupação secundarista influenciou as ocupações universitárias e as reivindicações se estenderam para além do direito social à educação, tendo seu ápice no 2º semestre de 2016.

De fato, as bases legais citadas acima representam conquistas significativas no delineamento das políticas brasileiras. Os jovens são tidos como seres humanos de direitos e o Estado e a sociedade devem garantir que os mesmos tenham todos estes direitos resguardados. No entanto, “um sujeito de direitos só o é na medida em que sua ação é *a priori* considerada válida e, manifestação singular do seu ser” (CASTRO, M., 2001, p. 29). A adolescência e a juventude são, muitas vezes, rotuladas como fases de transição para o mundo adulto e o adolescente é considerado como um vir a ser que precisa ser controlado e tutelado pelo Estado e pelos adultos (CASTRO, M.; RIBEIRO, 2011, p. 253).

1.3 O direito social ao lazer em diálogo com a juventude do Aglomerado da Serra

Quando questionados a respeito do direito social ao lazer, durante a entrevista individual e coletiva, os jovens, sem exceção, quase instintivamente (ou realmente instintivamente), reconheceram o lazer como um direito de todos os seres humanos. Esse reconhecimento se deu de diferentes maneiras, o que pode levar a interpretações distintas. Mateus (23 anos), jovem oficinairo do “Breaking da Quebrada”, atrelou o lazer à oportunidade de ser feliz e exemplificou situações que podem ser vivenciadas no âmbito da tristeza (drogas e tráfico) e no âmbito da alegria (conversar com o outro, brincar):

*Mateus (23 anos): É porque, se você for ver, **todas as pessoas têm direito de ser feliz né. Independente da situação.** Se você for ver, até uma pessoa que é ruim, ela tem um momento dela de lazer, ela tem um momento de felicidade. Então isso é uma coisa que não se pode negar para ninguém. Às vezes, você pode trazer, em um momento de lazer, uma mudança de vida. Igual os meninos mesmo (alunos de Mateus)... Às vezes a gente conversa e eles estão no momento de lazer. E às vezes desperta neles a vontade de mudar. Às vezes está na droga, no tráfico. Aí vem na oficina, começa a conversar com o outro, está brincando, pá, vai ali. **Então basicamente ele sai da tristeza e vem para o lado da alegria.***

Miguel (17 anos), aluno do projeto “Educando pela arte”, apresentou uma concepção que dialoga com Mateus, pois relaciona o lazer com o bem estar das pessoas, utilizando as palavras “psicológico” e “mentalmente”. No entanto, ele acrescenta uma nova compreensão ao se referir à “educação física” e à dicotomia “corpo-mente”.

Pesquisadora: Você acha que todas as pessoas têm direito ao lazer?
*Miguel (17 anos): Claro, todas as pessoas. Porque como eu falei, igual à **educação física** quando você faz não está ligado somente ao seu **corpo** ao seu **bem estar** não, está ligado **mentalmente**, no seu **psicológico**. Então eu acho que todos têm direito ao lazer sim.*

Antes de iniciar a entrevista com Miguel, ele me perguntou sobre minha formação

acadêmica e respondi que sou formada em Educação Física. Além disso, ele participa de um projeto de arte marcial chinesa, que se configura como uma forma de exercício físico (e a entrevista aconteceu no espaço da aula). Portanto, a sua resposta pode estar relacionada com a tentativa de atrelar a pergunta da entrevista à sua realidade (a arte marcial chinesa como uma vivência de lazer) e à minha realidade (uma pesquisadora que tem relação com a Educação Física). Mas não somente a isso. A sua resposta também pode estar atrelada a uma visão particular, influenciada por uma visão mais ampla da sociedade, de que o direito ao lazer significa o direito à qualidade de vida, que, por conseguinte, significa o direito à prática de exercícios físicos e, finalmente, significa o direito à saúde, ao esporte, dentre outras possibilidades.

Lucas (14 anos), aluno do ECE-BH e do projeto Identidade, relacionou o direito ao lazer diretamente com as práticas de lazer que, em sua fala, aparecem como algo pessoal, que as pessoas escolhem e fazem. Segundo ele, algumas pessoas preferem “jogar bola” e outras preferem “sair, divertir”.

Pesquisadora: Por que você acha que todo mundo tem direito?

*Lucas (14 anos): Porque cada um faz...todo mundo pratica o lazer, mas, tipo assim, tem gente que gosta de **jogar bola**, tem outros que gostam mais de **sair, divertir**.*

Indiretamente, ele está se referindo ao que Mateus e Miguel apresentaram: as pessoas buscam o que as fazem bem, o que as fazem felizes e todas as pessoas têm direito à felicidade. E para complementar, Renato (16 anos), aluno do projeto Itamar da modalidade *Taekwondo*, em harmonia com as falas de Mateus, Miguel e Lucas, defende o direito ao lazer para todas as pessoas, considerando diferentes coletivos sociais: deficientes, idosos, crianças e jovens.

Pesquisadora: Você acha que todas as pessoas têm direito ao lazer?

Renato (16 anos): Tem.

Pesquisadora: Por quê?

*Renato (16 anos): Porque não tem idade né! Independente se tem **deficiência**, se for **idoso, crianças, jovens...** todos... não tem idade não, né”.*

A divisão em coletivos sociais (crianças, jovens, idosos, deficientes) que Renato apresenta é uma construção social e compõe o universo dos direitos cidadãos.

Um olhar para os documentos legais brasileiros ilustra esta construção, fruto de lutas e reivindicações voltadas para as especificidades de cada coletividade. Como exemplos de

documentos que tratam com especificidade destes coletivos, tem-se os Estatutos²⁵: da criança e do adolescente; da juventude; do idoso e do deficiente.

Por último, Guilherme (24 anos) e Camila (18 anos) respondem de uma forma diferente e apresentaram, respectivamente, uma relação entre lazer e criança/sorriso e entre lazer e trabalho/consumo, o que se relaciona com os discursos dos demais jovens e evidencia que o lazer é um direito que dialoga com diferentes esferas da vida social.

Pesquisadora: Você acredita que todas as pessoas têm direito ao lazer?

Guilherme (24 anos): Não, não, tem não. To brincando, tem sim. Risos. Todas as pessoas têm direito ao lazer, todo mundo tem direito né. Vamos pôr...o lazer...quando eu penso assim eu penso em criança. Porque é o tempo que a gente brincava...chegava em casa todo sujo, todo lá...aí a mãe: vai para o banheiro. Você brincava, usava a imaginação, sorria, um verdadeiro sorriso. Tem gente que sorri, mas lá dentro...e o lazer é onde você se solta, esquece mesmo e todas as pessoas deveriam ter. Todas as pessoas têm esse direito de ter o lazer, só que não usufrui”.

Camila (18 anos): Claro gente. A gente trabalha demais. Nossa, o brasileiro trabalha quase 48 horas direto. A gente mais trabalha, mais dá lucro para o governo do que a gente...sabe, por exemplo, a gente fez uma pesquisa na sociologia do que você faz com o dinheiro e o que sobra para lazer. Eu praticamente...sobra para lazer nada, eu quase...assim, a gente tira uns 10 reais aqui, junta ali...então se você for realmente olhar o que você tira para fazer um lazer é uns 50 reais no máximo, sendo que o que você paga de imposto é quase o seu salário inteiro. Então assim, a gente merece sim, até porque quem mantém o país, quem mantém a riqueza dele é a gente, mas a gente não tem, mas a gente merece”.

As relações que os jovens estabelecem com o direito social lazer, identificadas a partir de suas falas e expressões, possibilitam um diálogo com a literatura acadêmica, que vem tratando a temática ao longo dos anos. O lazer é um direito social e, como já apresentado acima, está garantido na Constituição. No entanto, diferentemente de outros direitos, como educação, saúde e trabalho, no documento legal não há “definição de princípios, diretrizes, objetivos e regras institucionais que devam orientar a concretização do lazer na vida da população brasileira” (MENICUCCI, 2006, p. 136). De certa maneira, a inserção do lazer na Constituição deve ser compreendida de forma peculiar, tendo em vista que os escritos constitucionais são frutos de mobilizações populares, ao mesmo tempo em que podem ter surgido de decisões não populares. Segundo Flávia Santos (2014, p.1323), “a inclusão do lazer no artigo que define os direitos sociais foi obra dos constituintes, foram eles os responsáveis por isso”. Para esta autora, não houve mobilizações populares significativas em torno do lazer. Por essa razão é possível afirmar que o direito social lazer foi incluído na

²⁵ Os Estatutos apresentam-se como decretos, na forma de Lei, decretados e sancionados pelo(a) Presidente(a) da República. No Brasil, o Estatuto do Idoso foi decretado pela Lei 10741 de 1º de outubro de 2003; o Estatuto da Criança e do Adolescente pela Lei 8069 de 13 de julho de 1990; o Estatuto da Juventude pela Lei 12852 de 5 de agosto de 2013 e o Estatuto da Pessoa com Deficiência pela Lei 13146 de 6 de julho de 2015. Todos os Estatutos podem ser acessados pelo site do Senado Federal: <http://www12.senado.leg.br/hpsenado>.

Constituição por uma decisão dos constituintes, baseada em suas visões e reflexões sobre a importância deste direito.

Pensar o lazer na sociedade contemporânea urbana em diálogo com os discursos das pessoas que protagonizam a sua vivência implica pensar em uma necessidade humana que está atrelada aos tempos e espaços sociais da vida cotidiana. É o tempo de descanso, de brincar, de sorrir, de tentar ser feliz, de sair e ir para festas, de conversar com as pessoas, de realizar exercícios físicos e praticar esportes, de dançar, de estar com a família, de comer, de ir ao teatro, cinema, de viajar, de visitar equipamentos específicos da cidade (museus, parques, praças, shoppings etc), dentre outras possibilidades.

Essas possibilidades se estabelecem no cotidiano das pessoas a partir de experiências socioculturais específicas, mas na sociedade capitalista e globalizada, dialogam quase ou na mesma proporção com a indústria cultural. O coletivo de jovens desta pesquisa, moradores do Aglomerado da Serra, relaciona-se com a indústria cultural de uma forma, enquanto outros coletivos de jovens de Belo Horizonte, moradores de bairros de classe média ou classe média alta, relacionam-se de outra. Ou seja, existem diferenças nas formas de se relacionar com a indústria cultural, pois a mesma, sendo uma “indústria”, impõe limites econômicos para a sua fruição, apesar de influenciar escolhas e decisões na vida dos jovens.

Segundo Vaz (2006, p.25), “o conceito indústria cultural procura compreender as condições de produção e reprodução social em uma de suas faces mais importantes, relacionadas à mercadorização da cultura, sua banalização e reificação”. Nessa linha, é compreensível averiguar a relação que jovens, de diferentes espaços socioculturais, de diferentes condições econômicas, estabelecem com as mesmas “culturas”, produzidas pelas mídias massificadoras. No entanto, é necessário ponderar que existem diferenças e particularidades na produção cultural dos coletivos juvenis, pois a cultura é também produzida por meio de resistências e lutas. Gomes e Pinto (2009) pontuam que existe, no mundo globalizado, um jogo da semelhança e da diferença, o qual põe em evidência as contradições entre o global e o local. Para ilustrar essa teorização, uma das jovens entrevistadas contribui a partir de seu discurso:

*(Camila, 18 anos): É...tipo assim, quando eu estudava no Arnaldo (escola particular) uma coisa que eu acho muito bacana é que o pessoal sempre me respeitou, nunca teve nada disso sabe, porque lá o pessoal é rico mas não é tão rico sabe, risos. Mas era meio estranho...porque eu sempre almoçava lá, porque eles davam almoço para gente, e **direto as meninas queriam que eu almoçasse com elas no Subway...e elas falavam assim: “Vamos almoçar no Subway, vamos almoçar no Subway?”**. E eu falava: “Não tem como almoçar no Subway, é 20 reais, não dá”. Ai as meninas eu acho que com o tempo elas foram deixando para lá, porque tipo assim eu sempre falava: “Não, não, pode deixar”. Então...risos.*

*Uma colega minha falar para mim que pagou 5 mil em um cachorro?! Então assim...falar que tem...tantas coisas. Não que me incomode, porque não faz diferença para mim ter ou não ter, para os meus amigos ter ou não ter, porque eu acho que a gente é tão feliz quanto eles. **Só que o nosso lazer é diferente, porque o nosso lazer a gente constrói, eles compram. Então tem essa diferença.***

Para suas colegas, almoçar no *Subway* não era um problema e, em alguns casos, não conseguiam compreender o motivo de Camila recusar o convite e almoçar sempre na escola (o almoço que recebia gratuitamente). Essa situação revela, ao mesmo tempo, diferenças e semelhanças existentes entre a relação de diferentes jovens com a indústria cultural. Camila conhece o *Subway* e pela sua fala já usufruiu desse espaço em alguns momentos, mas estabelece relações diferenciadas com o mesmo quando comparado às suas colegas, devido às condições econômicas que influenciam seus hábitos e costumes. Por isso, ao falar sobre o seu lazer (e incluir em sua fala os colegas moradores do Aglomerado da Serra), Camila evidencia uma forma de resistência cotidiana, que é a construção das práticas de lazer e não a sua “compra”.

Mascarenhas (2004, p.79) contribui de forma incisiva com o debate acerca do lazer mercadoria, da sociedade de consumo cada vez mais evidente na sociedade capitalista neoliberal, ao utilizar o termo “mercolazer” como expressão da realidade:

Os bens e serviços de lazer tornam-se acessíveis apenas para uma minoria, apresentando-se como um tipo muito específico de propriedade. Somente de posse deste “direito”, adquirido numa relação de compra e venda efetuada no mercado, nem sempre de modo direto, que o cidadão-consumidor, como “proprietário”, pode valer-se do direito ao mesmo consumo, usufruindo, desfrutando, fruindo ou gozando de um determinado complexo de experiências lúdicas proporcionadas por aquilo que doravante convencionaremos chamar por “mercolazer”, forma contemporânea e tendencial de manifestação do lazer como mercadoria.

Durante a entrevista coletiva, os jovens estabeleceram um diálogo descontraído que evidenciou algumas vivências de lazer específicas de sua comunidade. Algumas delas também foram mencionadas nas entrevistas individuais, mas outras apareceram apenas na entrevista coletiva, como a “resenha” e o “churrasco na laje”.

Guilherme (24 anos): *Alguma coisa de lazer que a gente tem é aquela academia da terceira idade.*

Camila (18 anos): *Não...é...na entrevista com ela, ela tinha perguntado qual é o lazer que eu tinha e ela perguntou os lazers da gente no geral assim e eu falei que o lazer da gente que a gente tem, a gente constrói, que é **um churrasco na laje, você jogar bola...***

Lucas (14 anos): ***Você ir numa resenha...risos.***

Camila (18 anos): *Eu particularmente não conheço nenhum ponto, tipo assim, noh...nós vamos lá na Serra porque vai ter tal coisa, pá. Não tem...tudo que a gente tem de lazer, que a gente curte, é porque a gente faz sabe...junto, vai lá e cria alguma coisa...*

Guilherme (24 anos): *Subir no pé de manga, roubar a manga dos outros, risos.*

Miguel (17 anos): *Isso é um lazer, não deixa de ser um lazer! Mas não é um lazer que o governo está te proporcionando.*

Camila (18 anos): *Que é constituído na lei não é esse...*

Lucas (14 anos): *Quem nunca...quem não gosta de ir numa resenha?*

Guilherme (24 anos): *Cala a boca menino.*

Todos: *Risos.*

Lucas (14 anos): *Não, mas é sério...quem nunca gosta de ir numa resenha? Isso é um lazer.*

Miguel (17 anos): *Não, é da hora.*

Lucas (14 anos): *É da hora sim...*

Guilherme (24 anos): *Eu não gosto não...*

Mariana (17 anos): *É porque aqui tem pessoas de diferentes idades, todo mundo com 17, você tem 24...Você já está em uma mente que a gente não tem.*

Lucas (14 anos): *Igual a minha mãe fica falando assim que nós vamos para a resenha só para beber...*

Guilherme (24 anos): *Verdade...*

Lucas (14 anos): *Minha mãe sabe que eu bebo, minha mãe não fala nada. Minha mãe é muito liberal, tipo assim.*

Mariana (17 anos): *A gente só bebe um pouco.*

Ir à “resenha”, “beber”, fazer um “churrasco na laje”, “subir no pé de manga e roubar a manga dos outros”, “jogar bola” foram algumas possibilidades apresentadas pelos jovens a partir de suas experiências. Estes lazeres foram reconhecidos pelos mesmos como construções próprias e não como o lazer constituído em lei ou o lazer proporcionado pelo governo. A sensação/opinião/impressão de que os lazeres que não dependem de um equipamento específico ou de uma ação empreendida pelo governo (quadras, centros de cultura, projetos, ruas de lazer, apresentações artísticas, organização de eventos, entre outros) ou que não dialogam com o mercado de consumo na mesma proporção que o mundo “de fora” dialoga (cinema, shoppings, clubes, festas em salões, etc) existe e foi expressa durante as entrevistas, com destaque às falas apresentadas anteriormente.

Magnani (2015) faz uma comparação interessante entre o que acontece com o conceito de lazer e o que já aconteceu (ou vem acontecendo) com o conceito de cultura, que passou a ser vista pela ótica mercadológica do consumo e do lucro. O autor, entretanto, não perde de

vista que ambos os conceitos são e serão permanentemente discutidos e debatidos. Como um antropólogo que se dedica aos estudos da cidade, Magnani (2015) pontua que o lazer, ao ser observado e analisado a partir de múltiplas práticas e tomado como objeto de estudo em distintos contextos, adquire significados variados, “alguns dos quais bem distantes dos debates desenvolvidos em instituições de pesquisa” (p. 8). À exemplo dessa afirmação, podemos considerar as percepções das pessoas de que o lazer é estritamente consumo e a consequente apropriação de nichos de mercado (imobiliário, entretenimento) em seu discurso e veiculação. Um dos jovens entrevistados faz um comentário quando ele compara o lazer de jovens de sua comunidade com o lazer de jovens que moram em bairros nobres da cidade, dizendo:

Miguel (17 anos): *Até os apartamentos, os prédios têm sua área de lazer própria.*

Destarte, as percepções dos cidadãos em relação ao lazer não são homogêneas, até porque as suas experiências socioculturais são diversificadas. E ainda, os sentidos que os sujeitos atribuem aos seus tempos e espaços sociais estão relacionados com a sua vida e com as aprendizagens sociais que perpassam o seu cotidiano. Nas entrevistas individuais, diferentes vivências de lazer foram destacadas pelos jovens:

Lucas (14 anos): *Em lazer? Assim, **brincar, divertir, sair, comunicar.***

Lucas: *Têm praças, esporte, tipo assim, tem o CRAS que fica aberto, **tem as ruas, tem...***

Lucas (14 anos): ***Ando de bicicleta, converso, tomo sorvete...***

Renato (16 anos): ***Eu fico no computador mesmo. Computador, Taekwondo...mais nada!***

José (27 anos): *Meu tempo de lazer.....**dançar! Amo dançar; dançar é tudo.***

Jonas (19 anos): *Eu costumo ir, vamos supor, para um parque ecológico, igual eu gosto muito de ficar em contato com floresta, essas coisas, aí eu costumo relaxar, tipo chegar em um lugar assim mais tranquilo, deitar, **ficar pensando na vida.***

Gustavo (17 anos): ***Tem os projetos, você pode sair andando, ficar nas praças...ou jogar bola nas quadras, nos campos ou ficar pegando manga no pé.***

Gustavo (17 anos): *Eu arrumo a casa, fico **assistindo televisão**, desço no prédio, fico lá um pouco, aí eu desço para casa de um colega meu, **nóis joga vídeo game e desce para cá.***

Mariana (17 anos): ***Eu gosto de ver série, muita série!... Eu gosto de sair com os amigos, quanto mais sair, para mim melhor. A gente, nem que seja ir tomar um sorveteinho perto de casa, ou ir na casa de um amigo que mora perto, assim a gente sempre, a gente combina...vão lá hoje lá em casa, vão? Leva pipoca, leva não sei o***

quê, todo mundo junta uma coisinha, vai, vai fica vendo filme, conversando... eu gosto de fazer estas coisas...

Mariana (17 anos): *Aqui tem as pracinhas, eu gosto de ir nas pracinhas. Tem sorveteria, é... xovê que mais...tem os centros culturais, que as vezes tem evento e tal... é ... prá quem gosta de baile Funk, **tem baile Funk**, eu não gosto! Prá quem gosta...*

Gabriela (14 anos): *Nossa senhora, geralmente **eu fico mexendo no whats né.***

Dentre as vivências de lazer compartilhadas pelos jovens, algumas se destacam por representarem experiências típicas do espaço sociocultural em que vivem, como o “baile *funk*” e “as conversas nas ruas”; outras por expressarem a globalização, como “mexer no *whats*”, “ver série”, “jogar *vídeo game*”, “assistir televisão”, “mexer no computador”; outras por dialogarem com o fato de o lazer ser considerado um tempo de “descansar”, “ficar tranquilo”, “pensar na vida”, “divertir” e, ainda, por representarem anseios e desejos pessoais, relacionados com a vida e sonhos de cada um, como o “dançar” e o “lutar *Taekwondo*”. A diversidade de respostas para uma abordagem composta por perguntas semelhantes permite afirmar que o lazer é um conceito em permanente construção e reconstrução e que a sua compreensão assume diferentes lugares.

Mais do que isso, a partir dos discursos proferidos pelos jovens e do diálogo com a literatura acadêmica²⁶, é possível inferir que o lazer representa para os jovens um tempo-espaço social de possibilidades. Como já afirmou Pinto (2004), em seu estudo sobre os significados e sentidos do lazer para juventudes de Belo Horizonte, ele se constitui numa “oportunidade”: de ser feliz; de resistência e luta; de educação; de aprendizagem; de reflexão; de diversão; de socialização; de construção e reconstrução da identidade.

Nesse aspecto, ao pensar nos equipamentos existentes na comunidade em que vivem - os projetos sociais públicos e privados voltados para os jovens e as praças e parques localizados em proximidade com a comunidade - cabe refletir que, na maioria das vezes, é nesses espaços que acontecem as vivências de lazer. Dessa maneira, as vivências de lazer dos jovens representam uma das (senão a principal) forma deles se apropriarem da comunidade/região em que vivem. E esse fato é relevante e fundamental para pensar as políticas de lazer direcionadas para jovens do Aglomerado da Serra.

Como uma oportunidade, o lazer pode ser vivenciado em distintos tempos/espacos, tais como: nas ruas, em casa, na escola, nos parques e praças, nos projetos sociais, nos equipamentos públicos e privados etc. O lazer pode, então, ser vivenciado em contraposição

²⁶ Gomes e Pinto (2009), Pinto (2004), Gomes (2014), Marinho e Pimentel (2010), Pimentel (2010), Dumazedier (1973), Marcellino (2010).

com o trabalho, com a escola, com afazeres domésticos, familiares e pessoais; como pode estar imbricado nestes tempos.

Pesquisadora: *No seu tempo de lazer o que costuma fazer?*

Catarina (23 anos): *Eu faço de tudo um pouco e tiro um tempo para brincar com meus sobrinhos. Jogar vídeo game e futebol com eles.*

Pesquisadora: *E este de tudo um pouco?*

Catarina (23 anos): *O meu negócio mesmo é arrumar casa, fazer comida infelizmente... Risos... Só este negócio mesmo.*

Para Catarina, jovem participante do projeto “Educando pela arte” e faxineira, arrumar a casa e fazer comida, mesmo representando um afazer doméstico, insere-se em seu tempo de lazer. Pensar o tempo, nesse sentido, influenciada por uma reflexão de Pinto (2004), permite pensar em um tempo que é humano e que não se esgota com um cronômetro, calendário ou com uma departamentalização de ocupações. É um tempo-espaço humano e, portanto, sociocultural, que dialoga com outros tempos-espaços humanos socioculturais. Não é mera ocupação, não é mera contraposição de outro tempo (não-trabalho, não-afazeres domésticos, não-ócio), não é mero momento lúdico dentre momentos não-lúdicos.

Nesse estudo, o lazer é concebido “enquanto uma produção cultural humana, que constitui relações dialógicas com a educação, com o trabalho, com a política, com a economia, com a linguagem e com a arte, entre outras dimensões da vida social, sendo parte integrante e constitutiva de cada coletividade” (GOMES, 2014, p.12). Assim, o lazer pode e deve dialogar com o trabalho – como expressado no discurso de alguns jovens entrevistados – mas não somente com ele.

Mais ainda, o lazer é atravessado por contradições e tensões; é tempo/espaço de manifestação do tradicional e da novidade, de conformismo e de resistência (GOMES, 2014). Pode significar mera reprodução de uma ordem social, como também produção do novo (GOMES; FARIA, 2005). Por fim, o lazer pode ser compreendido

[...] como uma necessidade humana e como dimensão da cultura caracterizada pela vivência lúdica de manifestações culturais no tempo/espaço social. Desse ponto de vista, o lazer constitui-se na articulação de três elementos fundamentais: a ludicidade, as manifestações culturais e o tempo/espaço social (GOMES, 2014, p.13).

Ao resgatar os discursos dos jovens até o momento apresentados, é possível vislumbrar a materialização deste conceito, à medida que os jovens cidadãos, moradores do Aglomerado da Serra, destacaram diferentes manifestações culturais em diferentes tempos/espaços sociais. Como exemplo, para alguns jovens, evidentemente o tempo/espaço do projeto social que participam representam uma possibilidade de lazer; neste tempo/espaço

social eles vivenciam manifestações culturais específicas. A ludicidade se expressa na relação que eles estabelecem com a manifestação cultural e com o tempo/espaço social. Como afirma Gomes (2014, p.13):

A palavra “ludicidade”, geralmente, é associada à infância e tratada como sinônimo de determinadas manifestações da cultura, principalmente de jogo. **Essa interpretação pode ser ampliada a partir da compreensão de ludicidade como inerente à condição humana, pois as práticas culturais não são lúdicas por si mesmas: elas são construídas na interação do sujeito com a experiência vivida** (Grifo da autora).

Sendo assim, a ludicidade, como uma dimensão da vida humana, representa justamente a humana capacidade de atribuir significado às coisas (DEBORTOLI, 2002). Por essa razão, não basta pensar a manifestação cultural e o tempo/espaço social sem refletir sobre o significado da vivência/fruição para o sujeito. Nesse estudo, o lazer é considerado tempo/espaço social humano fundamental e os jovens são considerados sujeitos ativos no que diz respeito à vivência do lazer; sujeitos que expressam sentimentos, opiniões e são capazes de refletir e pensar sobre a sociedade, sua comunidade e sua vida.

1.4 Os jovens como sujeitos e atores sociais de direitos

Seguindo essa linha de pensamento e impulsionada pelas reflexões de Debortoli (2002), a compreensão de que cada ser humano, cada cidadão, cada brasileiro e cada brasileira é um sujeito pleno, de direitos, de desejos, de necessidades, de particularidades, de expressões culturais contribui para o entendimento de que os jovens são atores sociais que necessitam de maior valorização e reconhecimento enquanto potenciais construtores e construtoras da sociedade.

Mas no cotidiano, nos diferentes espaços da cidade, o jovem tem sido considerado um sujeito? O jovem tem sido levado a sério? *“Eu vejo na TV o que eles falam sobre jovem não é sério, o jovem no Brasil nunca é levado a sério”*.²⁷ Em concordância com o trecho de música destacado, o jovem brasileiro e a jovem brasileira não têm sido levados a sério; não têm sido considerados – pelas principais instituições responsáveis pela educação e formação dos mesmos (família, escola, políticas públicas) - efetivamente, como sujeitos de direito. Muitos passos já foram (e estão sendo) dados em direção à mudança, a começar pelos estatutos legais voltados à criança, adolescente e jovem e pela atuação de organizações diversas que lutam pela participação sociocultural da juventude na construção da sociedade (grupos políticos,

²⁷ Trecho da música “Não é sério” de Charlie Brown Jr.

comunitários, acadêmicos, profissionais, etc). No entanto, a visão homogeneizante da juventude insiste em ser propagada e reproduzida tanto pelos meios de comunicação de massa como pelas atitudes cotidianas identificadas nas relações entre as pessoas.

Dayrell e Carrano (2003) destacam que o conceito de juventude não pode ser enquadrado em esquemas que tendem à homogeneização, pois a “pluralidade e circunstâncias que caracterizam a vida juvenil exigem que os estudos incorporem o sentido da diversidade e das múltiplas possibilidades do sentido de ser jovem” (p.1). Os autores chamam atenção para o fato de a nossa sociedade se espelhar, quase sempre, em jovens de classe média e alta, reforçando estereótipos nas relações entre as classes sociais. Por essa razão, é possível afirmar que jovens pobres, moradores das periferias urbanas e, mais ainda, jovens pobres, negros e moradores das periferias urbanas, protagonistas deste estudo, são, na maioria das vezes e pela maioria das pessoas, tratados com inferioridade, desprezo e desrespeito. Como expressão desta afirmação, destaco um discurso de um dos jovens entrevistados:

*Guilherme (24 anos): Porque desde quando eu era pequeno né, antigamente você não conseguia trabalho. Se você falasse que mora no Aglomerado da Serra você não conseguia trabalho lá embaixo não. Aí hoje não tem tanto, mas tem. **Por exemplo, ser negro também né, isso também. Por exemplo, você vai descer lá para baixo, as pessoas já te olham estranho...polícia toda hora pára você injustamente (...)** É mais o preconceito. Você fala que mora no aglomerado e as pessoas tomam distância. Eu cheguei em uma festa lá no bairro, lá perto da Pampulha²⁸, aí tava todo mundo dançando aí uma pessoa chegou “noh, você dança bem”, aí eu falei “não, dou aula”. Aí ele perguntou onde eu morava, aí quando eu falei onde eu morava a pessoa se distanciou. Eu falei “oh”. **Porque, tipo, tem aquele negócio, vai me roubar, vai fazer alguma coisa, todo mundo que mora na favela é...eles têm para eles que é criminoso.***

A sociedade brasileira vem criando, por meio das mídias e de um consenso limitador – sustentado por um modelo de sociedade que valoriza o capital mais que o social - uma visão de que o jovem representa a preparação para um adulto (bem-sucedido ou não); a escolha de um caminho e, portanto, o resultado de um investimento de fora para dentro. Como nos alerta Debortoli (2002, p. 40), “é fundamental abirmos mão de uma imagem da juventude, como se esta estivesse encarregada de realizar os sonhos frustrados do adulto. O adulto precisa ajudar os jovens a viverem sua própria vida”.

Pais (2005) alerta que não é possível, para o jovem, reivindicar a sua cidadania quando o acesso à autonomia é negado. Por mais que o jovem dependa de socializações de diferentes

²⁸ “Pampulha” é uma região de Belo Horizonte onde estão localizados pontos turísticos muito conhecidos da cidade, como o Estádio de Futebol Governador Magalhães Pinto (Mineirão), a Lagoa da Pampulha e o Zoológico. No contexto da fala de Guilherme, ele se refere à Pampulha como uma região nobre de Belo Horizonte, diferente da região em que ele vive (Aglomerado da Serra).

naturezas, o que ele mais demanda é o direito à autonomia. Tradicionalmente, os estudos sobre a juventude carregam uma visão de jovem dependente e com pouca ou nenhuma autonomia em relação à sua vida.

A educação e a construção da identidade do jovem passa, necessariamente, pela construção de uma nova ética, que se expressa pela vivência imediata da cidadania, realização e expressão de uma participação digna na sociedade. Para isso, não há outro caminho senão a recuperação do afeto, da sensibilidade, da arte e da beleza na relação entre os jovens, os pais, os educadores e os grupos de identificação” (DEBORTOLI, 2002, p. 40).

Em 1997, duas décadas atrás, a socióloga Helena Abramo escreveu que “a juventude tem estado presente, tanto na opinião pública como no pensamento acadêmico, como uma categoria propícia para simbolizar os dilemas da contemporaneidade” (ABRAMO, 1997, p. 29). Assim, a juventude aparece como um retrato projetivo da sociedade e, por conta disso, configura-se como uma fase de condensação de angústias, medos e esperanças em relação às tendências sociais do presente e os rumos que as mesmas conferem ao futuro (ABRAMO, 1997). Mesmo após duas décadas, a afirmação da autora faz-se legítima, pois os jovens continuam sendo considerados a geração do futuro, ao passo em que são interpretados como “problemas” da sociedade que precisam ser remediados pelos adultos.

Em consonância com o pensamento desenvolvido por Peralva (1997) e Dayrell e Carrano (2003), enxergo na juventude uma característica universal relacionada às transformações do indivíduo – desenvolvimento físico e mudanças psicológicas - numa determinada faixa etária que, de acordo com a maioria dos estudos e documentos, varia entre 15 e 24 anos de idade, ao mesmo tempo em que enxergo uma maneira peculiar de cada sociedade - em específico tempo histórico, em seu interior e a partir de determinado grupo social – compreender e experienciar esse momento da vida. Esta variedade perceptível nas sociedades “se concretiza nas condições sociais (classes sociais), culturais (etnias, identidades religiosas, valores), de gênero e também das regiões geográficas, dentre outros aspectos” (DAYRELL; CARRANO, 2003, p. 3). Dessa forma, melhor do que pronunciar a juventude como uma fase cronológica da vida torna-se fundamental reconhecer as juventudes – com destaque para a pluralidade - em suas distintas e variadas potencialidades humanas.

Nesta pesquisa e em seus diferentes momentos – leituras, vivência do campo de pesquisa e diálogos – o conceito de juventude foi e vem sendo apropriado como algo mutável, relativo, subjetivo e sociocultural. Isto permitiu que o diálogo com os jovens se potencializasse, na medida em que as expectativas basearam-se no fato de conversar com sujeitos sociais (atores sociais) que têm o que dizer, o que expressar, o que questionar e o que

sentir. Ao considerá-los atores sociais, houve sensibilização para com a interpretação de cada palavra, frase e expressão fruída durante as vivências de campo; e mais, houve a tentativa de reconhecer cada jovem em sua singularidade e pluralidade.

1.5 Estado, Políticas Sociais e Políticas de Esporte e Lazer

Até o momento, o que se objetivou trazer à tona foi um debate acerca da desigualdade social brasileira e dos direitos sociais garantidos legalmente para todos os cidadãos do país, em especial para a (s) juventude (s). De forma ainda mais específica, o lazer foi apresentado como direito social e os discursos dos jovens evidenciaram a sua relevância na vida dos mesmos. A partir disso, torna-se necessário refletir sobre os caminhos que o Estado e a sociedade civil têm trilhado ao longo dos anos para a garantia do direito social ao lazer.

Avançando em direção à efetivação do garantido em lei, é de fundamental importância a reflexão sobre o papel do Estado na sociedade de direitos. Nesse caso, é sabido que o Estado tem o papel de garantir, através das políticas sociais, intervenções governamentais que busquem efetivar os proclamados direitos sociais. Segundo Menicucci (2006, p.139), “dada a sua natureza, diferentemente dos direitos civis e políticos, a viabilização dos direitos sociais se faz pela intervenção ativa do Estado de forma positiva, ou seja, por meio de políticas sociais”.

Ou seja, se o Estado não construir uma agenda política de debates em torno da temática, tomar decisões políticas pautadas na garantia dos direitos sociais e efetivamente intervir na realidade, estará descumprindo o seu papel. E mais, o Estado deve dialogar com a sociedade civil durante os processos políticos e não entregar para a mesma as responsabilidades sociais. Afinal, “a política, de um determinado ponto de vista, consiste justamente na atividade pela qual essa mesma sociedade reflexiona e questiona a validade de suas instituições, junto com as suas normas e comportamentos” (ABAD, 2003, p.14). Sendo assim, para a formulação, implementação e avaliação de políticas sociais efetivas faz-se proporcionalmente importante o diálogo estabelecido entre Estado e sociedade civil, fato que se relaciona com a possibilidade de se exercer a cidadania social.

A cidadania social foi afirmada no século XX como o direito de todos os cidadãos se beneficiarem da herança econômica, social e cultural da humanidade, tendo acesso a padrões mínimos de bem-estar e configurando-se como base fundamental para o exercício pleno dos direitos civis e políticos alcançados em séculos anteriores. De maneira ideal, as políticas sociais têm como responsabilidade básica a construção da cidadania social. Para caminhar no

sentido de construir a cidadania social, as políticas sociais devem proporcionar, em uma sociedade de distribuição desigual da riqueza, as condições mínimas para que a igualdade de direitos reconhecida legalmente torne-se efetiva (ABAD, 2003).

No entanto, cada Estado, a partir de sua base política, assume um Governo. Ou seja, existe uma diferença entre Estado e Governo. De acordo com Holfing (2001), o Estado caracteriza-se como o conjunto de instituições permanentes que possibilitam a ação do Governo; e Governo é o conjunto de programas e projetos que parcela da sociedade (políticos, técnicos, organismos da sociedade civil e outros) propõe para a sociedade como um todo, de acordo com uma orientação política determinada e que assume e desempenha as funções de Estado por um determinado período.

A partir desse ponto de vista, as políticas públicas são compreendidas como o “Estado em ação”, ou seja, é o movimento do “Estado implantando um projeto de Governo, através de programas, de ações voltadas para setores específicos da sociedade (HOLFING, 2001, p. 31). Mais ainda, Holfing (2001) afirma sua concepção de políticas sociais a partir de uma reflexão sobre o direito social à educação, que pode se estender para os demais direitos sociais proclamados na Constituição brasileira, inclusive o lazer, compreendendo-as como formas de interferência do Estado, que podem assumir diferentes “feições” em diferentes sociedades e em diferentes concepções de Estado. Ainda segundo a autora,

As políticas públicas são compreendidas como as de *responsabilidade* do Estado - quanto à implementação e manutenção a partir de um processo de tomada de decisões que envolve órgãos públicos e diferentes organismos e agentes da sociedade relacionados à política implementada. Neste sentido, políticas públicas não podem ser reduzidas a políticas estatais. E políticas sociais se referem a ações que determinam o padrão de proteção social implementado pelo Estado, voltadas, em princípio, para a redistribuição dos benefícios sociais visando a diminuição das desigualdades estruturais produzidas pelo desenvolvimento socioeconômico” (HOLFING, 2001, p. 31).

O que se espera do atual Estado brasileiro é a efetivação do Estado de direito, dentro de um sistema democrático de participação popular. No entanto, esta efetivação está relacionada com as tomadas de decisões, em diferentes níveis, do Governo. O cenário brasileiro evidencia períodos em que houve maior “onda do social”. Melo (2009) destaca a atuação dos últimos governos brasileiros, com a entrada, em 2003, do Presidente Luís Inácio Lula da Silva (Lula) que, assumindo um discurso contundentemente atrelado à necessidade de uma atuação mais agressiva e direta no âmbito social, investiu em políticas sociais.

Este governo criou o Ministério do Esporte (ME) em 2003, o qual surgiu com a missão de “formular e implementar políticas públicas inclusivas e de afirmação do esporte e do lazer

como direitos sociais dos cidadãos, colaborando para o desenvolvimento nacional e humano (BRASIL, 2003, p. 1). Resgatando a reflexão sobre o lazer em nossa Carta Magna, vale reiterar que o artigo 217º define como dever do Estado fomentar práticas desportivas formais e não-formais e complementa que o Poder Público incentivará o lazer como forma de promoção social. Ou seja, no próprio documento legal dos direitos dos cidadãos brasileiros, há uma ligação entre lazer e esporte. E é importante refletir sobre a maneira como o lazer foi inserido no artigo supracitado, de forma utilitarista (MARCELLINO, 2008), não muito diferente de sua concepção geral da época, propagada até os dias atuais.

Se pensarmos na história das políticas de lazer do Brasil, não é difícil identificar forte ligação entre as práticas recreativas e os esportes e exercícios físicos.

Em nosso país, as relações do esporte e do lazer com o Estado vêm sendo desenhadas nas grandes cidades desde as primeiras décadas do século XX. Tais processos aconteceram em várias cidades brasileiras de forma simultânea ou em diferentes tempos históricos. Mesmo com variações de ritmos e especificidades, esses setores chegaram ao século XXI como práticas culturais legitimadas pela sociedade, pelo Estado e também pelo mercado (LINHALES *et al.*, 2008, p. 15).

Como exemplos históricos de iniciativas públicas voltadas para o lazer e ligadas às práticas esportivas, têm-se as experiências pioneiras das cidades de Porto Alegre e São Paulo, respectivamente conduzidas por Federico Gaelzer e Nicanor Miranda, que contavam com a organização de parques públicos, assim como a posterior organização do Serviço de Recreação Operária do Ministério do Trabalho, na cidade do Rio de Janeiro (na época Distrito Federal)²⁹. Destaca-se também, a partir da década de 1970, o grande crescimento de iniciativas voltadas para o esporte, como a campanha “Mexa-se” e “Esporte para Todos” (MELO, 2009).

O percurso histórico do qual o lazer faz parte diz muito a respeito de sua interpretação contemporânea nas agendas políticas. O seu atrelamento ao esporte enquanto ferramenta de inclusão social e de resgate da cidadania é perceptível e continuado e a quantidade de projetos sociais neste âmbito é considerável. Segundo Victor Melo (2009, p. 24), “chegando até os dias de hoje, basta um rápido olhar para percebermos o flagrante crescimento dos chamados “projetos sociais”, muitos dos quais elegem as práticas esportivas e/ou artísticas como suas principais ferramentas de intervenção”.

²⁹ Sobre a temática, ver Tese de Doutorado da Christianne Luce Gomes (2003), que busca apresentar os significados de recreação e lazer no Brasil a partir das experiências institucionais, tendo como marcos históricos a criação do “Serviço de Recreação pública” em 1926 e a extinção do “Serviço de Recreação Operária” em 1964.

Sobre este fato, nota-se que, apesar das primeiras iniciativas sobre as políticas esportivas terem se baseado no princípio do direito universal ao esporte, não houve materialização da teoria nos ordenamentos legais e nos financiamentos de propostas (MATIAS *et al.*, 2015).

O que se observou foi o estreitamento e consolidação dos laços entre o Governo Federal, as entidades esportivas e o setor privado, que se deu por meio da sanção do Estatuto de Defesa do Torcedor (Lei nº. 10.671/2003), da criação do programa Bolsa Atleta (Lei nº. 10.891/2004), da criação da Timemania (Lei nº. 11.345/2006) e com a Lei de Incentivo ao Esporte (LIE) (Lei nº. 11.438/2006), e se acentuou com a entrada do Brasil no circuito de megaeventos esportivos (MATIAS *et al.*, 2015, p.100)

Sem deixar de reconhecer as políticas esportivas de participação, planejadas e implementadas pela Secretaria Nacional de Esporte, Lazer e Inclusão Social, tais como o Programa Esporte e Lazer na Cidade (PELC) e o Programa Segundo Tempo (PST), observa-se que há uma supervalorização orçamentária relacionada aos grandes eventos esportivos. Além disso, o discurso sobre o esporte e o lazer como direitos sociais deve ser problematizado em nossa sociedade. Como bem afirmaram Flausino e Mascarenhas (2012, p. 16), “toda política possui o seu discurso de afirmação e legitimação, que em sua grande maioria são mistificados. Sendo assim, não seria diferente com o esporte e o lazer”.

Ambos os direitos são vistos como “salvadores da pátria”, propagados na mídia brasileira e pelos próprios gestores sociais como “super-poderes mágicos” capazes de tirar as crianças da rua, das drogas e da violência. O discurso oficial vigente sobre o esporte e o lazer é um ato de promessa mistificadora que garante que os mesmos são direitos sociais “mágicos” e que deverão ser propagados e universalizados (FLAUSINO; MASCARENHAS, 2012).

Um olhar crítico para estes projetos sociais e uma reflexão acerca das suas reais significações na vida dos indivíduos são ações válidas e importantes para uma compreensão política da nossa sociedade, afinal, “o crescimento do número desses projetos obviamente pode trazer ganhos para o conjunto geral da população, mas também pode servir de nuvem para esconder as verdadeiras intencionalidades e/ou deficiências de certas propostas” (MELO, 2009, p. 26). Dessa forma, não se trata apenas de enxergar estes projetos como promessas falsas acompanhadas de discursos vazios, mas trata-se também de reconhecê-los como possíveis alternativas da sociedade brasileira que, de certa maneira, podem contribuir para avanços em conquistas sociais.

Caso os projetos sociais sejam considerados propostas de intervenção na sociedade, ações que buscam contribuir com a garantia dos direitos sociais, configurando-se como políticas sociais, pode-se dizer que estas políticas partem de distintas instituições, públicas ou

privadas. Apesar das amplas discussões a respeito das políticas públicas e sociais, opto por concordar com o ponto de vista de Gomes, Pinheiro e Lacerda (2010), de que o Estado deve cumprir a sua responsabilidade no processo político de garantia dos direitos sociais, mas a sociedade “pode e deve comprometer-se com a gestão de políticas públicas democráticas e participativas, pautadas na construção de um mundo mais justo, digno, inclusivo e sustentável” (p. 59). Segundo estes autores, políticas públicas que se comprometem com a concretização de direitos sociais, apresentam o caráter de políticas sociais.

Ao mesmo tempo, é possível identificar, como nos aponta Linhales *et al.* (2008), que há considerável incremento da presença do setor privado na implementação e sustentação de ações sociais, fato este que permite a interpretação de que o Estado não tem sido capaz de gerir suas responsabilidades sociais e, muitas vezes, transfere-as para os setores privados. O surgimento e crescimento do terceiro setor como possibilidade de exercer ações voltadas para o cumprimento da chamada “missão social” (MELO, 2005) é, no mínimo, curioso e torna-se importante compreendê-lo e refletir sobre os projetos sociais contemporâneos.

Segundo Correia (2008), o terceiro setor surge no processo de reconstrução neoliberal do Estado e abre um campo “de ações assistencialistas que objetivam eliminar ou diminuir os desequilíbrios sociais e econômicos, oferecendo diversos serviços compensatórios às comunidades vulneráveis ou carentes” (p. 92). Para este autor, é neste contexto que a educação física, o esporte e o lazer são incorporados como ferramentas ideais para atender às demandas do terceiro setor.

De acordo com Fernandes (1997), nos Estados Unidos, para explicar o terceiro setor costuma ser usada, paralelamente a outras expressões, duas denominações: “organizações sem fins lucrativos” e “organizações voluntárias”. Já na Inglaterra, mais tradicionalista, denominam-se como ações do terceiro setor as “caridades”, “filantropias” e o “mecenato”. Na Europa Continental, a expressão predominante é “organizações não-governamentais” (ONGs) e sua origem está relacionada com a nomenclatura do sistema de representações das Nações Unidas, que chamou assim “às organizações internacionais que, embora não representassem governos, pareciam significativas o bastante para justificar uma presença formal na ONU” (FERNANDES, 1997, p. 26).

Pensando especificamente no Brasil, podemos dizer que o termo ONG está associado a um tipo de organização que surgiu a partir dos anos 70, em um período autoritário, numa época de crescimento dos embates ideológicos. Estas ONGs se aproximavam do discurso e da agenda das esquerdas. Na América Latina e, particularmente no Brasil, surge também outra

denominação para as organizações do terceiro setor, como sendo organizações da sociedade civil (FERNANDES, 1997).

Com base em estudos recentes, pode-se dizer que o número de projetos sociais de esporte e lazer no Brasil vem aumentando. Segundo Hirama e Montagner (2012), o Brasil vive um fenômeno de crescimento acentuado no número de ONGs e o ritmo de crescimento vem aumentando a cada década. “Dos anos 70 aos 80 foi de 88%, dos anos 80 aos 90 foi de 124%, e de 1996 a 2002 o crescimento foi de 157%” (p. 150).

Em mais recente pesquisa realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2010)³⁰, até o ano de 2010 o número total de fundações privadas e associações sem fins lucrativos no Brasil era de 290.700, sendo 36.921 da área de “cultura e recreação” e, destas, 24.926 específicas para “esportes e recreação”. Sendo assim, de todas as organizações, 8,6% dedicavam-se ao esporte e lazer.

Essas reflexões objetivam contribuir para o olhar crítico sobre o Estado, o Governo e a sociedade civil. O Estado democrático de direito brasileiro tem obrigações para com os cidadãos, tem obrigações para com as juventudes. As políticas sociais voltadas para os jovens devem ser encaradas como fundamentais, tendo em vista o potencial de participação social e cultural dos mesmos na construção e reconstrução da sociedade. Além disso, os jovens marginalizados na sociedade, moradores das localidades de baixa renda das cidades, público de projetos sociais de esporte e lazer que objetivam resgatar sua cidadania e retirá-los da situação de risco social, têm histórias, trajetórias, expectativas, opiniões, sonhos e, principalmente, a necessidade de serem valorizados e interpretados como sujeitos sociais.

³⁰ Disponível em: <www.ibge.gov.br> . Acesso em: 25 mar. 2015.

2 AGLOMERANDO DADOS DA SERRA: Jovem, para você, como é morar aqui?

Esse capítulo tem por objetivo refletir sobre o Aglomerado da Serra, a partir da imersão no campo de pesquisa e, principalmente, do diálogo estabelecido com jovens da localidade. No início, há uma tentativa de apresentar, brevemente, a história do Aglomerado da Serra em diálogo com o percurso da formação de favelas no Brasil e em Belo Horizonte, seguida pelo desejo de expor e refletir questões positivas e negativas apontadas pelos jovens em relação ao espaço em que vivem e moram. Para tal, optou-se por iniciar com o trecho de uma música:

Ta rolando, ta rolando, ta rolando
 Ó o galo doido hein
 Todo dia ele faz tudo sempre igual
 Vai para boca às 6 horas da manhã
 Antes tem que rolar um natural
 Misturado com babado de hortelã
 7 em ponto o plantão ele tem que pegar
 Nessa vida ele não pode dar o migué
 Ta rolando, ta rolando, ta rolando
 Ó o galo doido hein (Kdu dos Anjos)”

A letra da música acima foi produzida por um jovem morador do Aglomerado da Serra. Conhecido como “Kdu dos Anjos”, este jovem é compositor e cantor e criador e condutor de um projeto denominado “Lá da Favelinha”, na vila Cafezal, próxima à Vila São Lucas. Tanto o projeto “Lá da Favelinha”, quanto o cantor e compositor da música apresentada, não foram, respectivamente, visitado e entrevistado na pesquisa de campo. No entanto, o projeto de “Kdu dos Anjos” apareceu consideravelmente nas entrevistas e conversas realizadas durante as visitas de campo, como também se destacou a partir de pesquisas virtuais sobre o Aglomerado da Serra³¹.

O motivo de escolher a música para iniciar esse capítulo está na letra da mesma e no que ela representou a partir das visitas de campo. No primeiro dia de visita de campo, ainda

³¹ As pesquisas virtuais foram realizadas, principalmente, em três sites: *Google, YouTube e Facebook*. Para a realização da pesquisa, diferentes títulos foram levantados, como: Aglomerado da Serra; Serra; Favela Serra; Projetos sociais Aglomerado da Serra; Esporte na Serra; Lazer na Serra; Cultura na Serra; dentre outros.

em Julho de 2016, decidi ir sozinha, de carro, até o Espaço Criança Esperança de Belo Horizonte (ECE-BH), o qual eu já conhecia e sabia a localização. Agendei a visita ao ECE-BH por meio de um conhecido, que é professor da modalidade esportiva futsal no projeto e morador do Aglomerado da Serra. Chegando lá, conheci o espaço e conversei com o professor sobre a pesquisa de campo e sobre a minha inserção como pesquisadora. Em seguida, ele prontamente se ofereceu para me apresentar o Aglomerado da Serra, as diferentes vilas e os diferentes projetos (que ele tinha conhecimento). De carro, fomos percorrendo as ruas, entre descidas e subidas, e conversando sobre os espaços da comunidade.

Confesso que à medida que eu dirigia, a adrenalina aumentava, pois eu não sabia o que estava a me esperar. Não sabia se teria um morro muito grande para subir de carro, ou se alguns moradores e moradoras me estranhariam ou mesmo se em algum momento seríamos abordados. Tive a sensação de ser uma “intrusa”, “invasora”, que nem sequer pediu licença para poluir a comunidade com a fumaça do carro. Contudo, logo fui percebendo que o Aglomerado da Serra é uma localidade com alta circulação de pessoas e de carros e, além disso, é grande em extensão territorial. Possui comércio e instituições educacionais, culturais e de saúde, como escolas, creches, projetos e programas sociais. Sendo assim, a entrada e saída de veículos automotores fazem parte do cotidiano da comunidade. Isso foi me deixando mais à vontade e mais sensível à observação enquanto pesquisadora.

Ao passar por uma das avenidas do Aglomerado, a Avenida do Cardoso, que é a continuação da Avenida Mem de Sá e, atualmente, tem o nome de Avenida Jefferson Coelho da Silva (em homenagem a um jovem de 17 anos que morreu durante operação policial³²), o professor que me acompanhava pediu que eu escutasse o “Ta rolando” e seguisse reto, como se não tivesse escutado, pois era normal. Ele contou isso rindo e disse que se eu olhasse muito, eles iam achar que eu estava interessada em comprar a mercadoria, por isso era melhor olhar para frente e seguir adiante. Quando ele acabou de falar, escutei várias vezes seguidas o tal “Ta rolando”. Inevitavelmente, olhei para saber de onde vinham as vozes e enxerguei cerca 06 (seis) jovens, no alto do morro, preparados para descer caso eu fizesse algum sinal de que estava interessada. Nesse primeiro dia de visita de campo, essa cena foi a mais marcante, mas nos 29 dias seguintes essa cena tornou-se comum e quando ela, por algum motivo, não

³² Nas conversas com os jovens e com moradores da Serra, a Avenida é conhecida como “Avenida do Cardoso”. No entanto, ao realizar pesquisas na internet, descobri que a Avenida do Cardoso possui outro nome: Avenida “Jefferson Coelho da Silva”. A notícia sobre a mudança do nome da Avenida foi encontrada no *site* <http://www.otempo.com.br/cidades/avenida-do-aglomerado-da-serra-ter%C3%A1-nome-de-adolescente-assassinado-por-policiais-1.442449>, Acesso em: 06 jun. 2017.

acontecía, eu me indagava e queria entender o motivo: “Será que o “galo doido”³³ apareceu aí hoje”?

Figura 1 - Avenida Jefferson Coelho da Silva



Fonte: Foto da autora

As favelas, vilas e aglomerados das cidades têm sido focos de diferentes pesquisas e alguns estudos acadêmicos incorrem no erro de reforçar um imaginário social propagado em nosso cotidiano de que estes espaços são “carentes”, “vulneráveis” e “de risco social”, quando não reconhecem o seu potencial transformador e político.

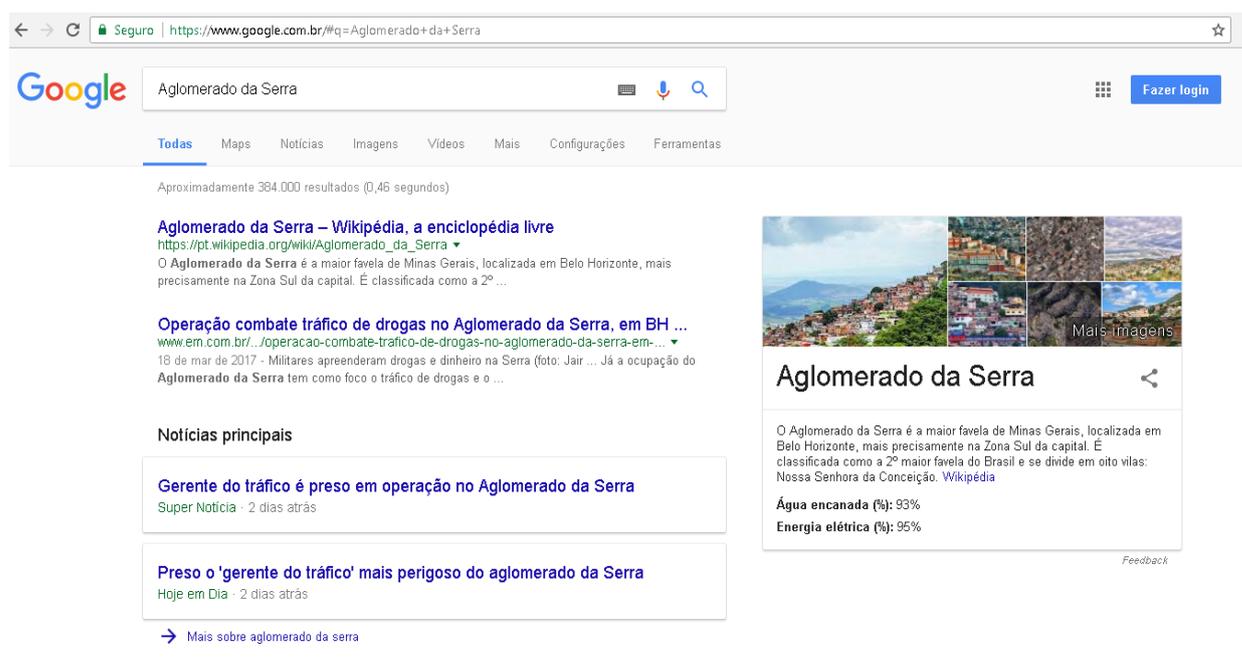
Ao se realizar uma pesquisa rápida na internet sobre o Aglomerado da Serra, por meio do *site* de buscas *Google*,³⁴ as primeiras notícias destacadas estão relacionadas com operações policiais, tráfico de drogas e violência. Obviamente, as notícias articuladas na internet estão relacionadas com noticiários televisivos e jornais impressos, o que, muitas vezes, não reflete a realidade dos acontecimentos. Mas é importante ter em vista que a visão dos noticiários diz muito a respeito da visão das pessoas, pois muitas vezes elas recebem as informações sem um

³³ “Galo doido” é um código usado, principalmente pelos traficantes do Aglomerado da Serra, para se retratar à Polícia. Isso foi descoberto a partir de conversas com moradores, como também por meio de vídeos assistidos no *YouTube* e de reportagens sobre episódios de tráfico de drogas dentro da comunidade. O código se confirmou quando assisti ao clipe da música “Ta rolando”, disponível no *site* <https://www.youtube.com/watch?v=-ynxGw8DN0A> (visitado no dia 01 de maio de 2017).

³⁴ *Google* é uma empresa multinacional americana de serviços *online* e *software*. O *Google* hospeda e desenvolve uma série de serviços e produtos baseados na *internet* e muito do seu lucro é gerado pela publicidade do *AdWords*. A empresa foi fundada por Larry Page e Sergey Brin. Surgiu no ano de 1998, como uma empresa privada, e com a missão de organizar a informação mundial e torná-la universalmente acessível e útil” – informações retiradas do *site* <https://www.significados.com.br/google/> acessado em 27 de maio de 2017.

olhar crítico e questionador. Sendo assim, de forma geral, o Aglomerado da Serra é considerado, pelo senso comum e pelas grandes mídias, uma das principais favelas de BH e, por consequência, um local perigoso, com alto grau de violência e tráfico de drogas.

Figura 2 - Imagem da tela do computador ao realizar a pesquisa "Aglomerado da Serra"



Fonte: <http://www.google.com.br/>

Da mesma maneira, os moradores destes espaços também são vistos como pessoas “carentes” e “vulneráveis”. Os jovens destas comunidades são, muitas vezes, considerados “perdidos” diante das atrocidades propagadas diariamente na mídia brasileira sobre o tráfico de drogas e a violência suburbana. Muitos preconceitos cerceiam o nosso cotidiano no que diz respeito às periferias urbanas e suas populações.

Afirmo isto baseada em Zaluar e Alvito (2006), autores que reconhecem a precariedade urbana como um resultado da pobreza de seus habitantes e do descaso do poder público, fatos que fizeram surgir imagens que transformaram as favelas “em lugares de carência, da falta, do vazio a ser preenchido pelos sentimentos humanitários, do perigo a ser erradicado pelas estratégias políticas que fizeram do favelado um bode expiatório dos problemas da cidade” (p. 27).

Não se trata aqui de negar o risco a que esses jovens se expõem diariamente em suas comunidades. Em estudo de Castro *et al.* (2005), no qual 1900 jovens de 14 a 24 anos de idade, de 19 comunidades pobres do Rio de Janeiro, foram ouvidos e buscou-se compreender

suas opiniões, frustrações, medos e expectativas, identificou-se que a droga, a violência e o tráfico são os problemas a que os jovens se referem com maior frequência. Além disso, o estudo concluiu que estes jovens apresentam um cotidiano empobrecido no que diz respeito às oportunidades de cultura e lazer.

No entanto, estes mesmos jovens que vivem em situações de vulnerabilidade social e que, muitas vezes, são marginalizados pela sociedade, possuem expectativas e atribuem significados e sentidos próprios para a sua participação na sociedade. Sentidos e significados que estão relacionados, segundo Debortoli (2006), com a linguagem, que é fruto das ricas experiências humanas.

Quando chegamos ao mundo, o encontramos repleto de sentidos e significados, de conceitos e valores. O que não significa que as coisas devam permanecer eternamente do mesmo jeito. Nós participamos da construção e reconstrução dos sentidos, nós participamos da construção e reconstrução da história, nós participamos da construção e reconstrução do mundo. (DEBORTOLI, 2006, p.74).

Baseado nas colocações de Debortoli (2006), torna-se possível dizer que os jovens, de diferentes contextos socioculturais, são seres que significam o mundo em que vivem a partir das suas experiências de vida. Cada jovem, neste sentido, é único. Portanto, os modos de produção da linguagem e dos sentidos e significados são múltiplos (DEBORTOLI, 2006).

Foram 30 visitas de campo e incontáveis visitas virtuais ao Aglomerado da Serra. No entanto, afirmo que não conheço com profundidade e detalhes a localidade. Para isso, seria necessário mais tempo, mais visitas, mais conversas, mais pesquisas a partir de documentos e dados históricos. Em paralelo, afirmo também que, ao longo das visitas de campo, por meio dos diálogos estabelecidos com jovens e moradores e do olhar cada vez mais atento à detalhes, foi possível “sentir”, pelo menos um pouco, o Aglomerado da Serra, que agora, ao longo do texto, em alguns momentos abreviarei para “Serra”, sentindo-me a vontade para fazer esta abreviação, tendo em vista que os jovens que conheci a fazem. Eles reconhecem que moram no Aglomerado da Serra ou na Favela da Serra mas, quando estão conversando entre eles, usam a abreviação Serra ou os nomes das vilas, ruas, becos e regiões que pertencem ao Aglomerado.

Moro na Serra e tenho 14 anos.

Tenho 23 anos, nasci aqui no Aglomerado da Serra mesmo, na parte onde eu tenho a oficina né, que é aqui na Fazendinha.

Tenho 23 anos moro no Bairro Serra, perto da rua da água, no Beco Bambuí.

Moro no Aglomerado da Serra, na Rua Sacramento e tenho 17 anos.

Eu tenho 14 anos, eu moro aqui no Aglomerado da Serra.

Tenho 24 anos e moro aqui no bairro Serra.

Tenho 17 anos, moro no Aglomerado da Serra, na Henrique Passini.

Minha idade é 14 anos, e eu moro aqui na Serra mesmo.

Moro no São Lucas, mais para baixo aqui.

Moro na Vila Cafezal.

Moro na Nossa Senhora de Fátima.

Moro aqui no Novo São Lucas”.

Nas falas apresentadas percebe-se que a utilização apenas da palavra “Serra” ou do nome próprio da vila ou região da comunidade, como “Fazendinha”, “Nossa Senhora de Fátima”, “Cafezal” e “Novo São Lucas”, são mais utilizadas pelos jovens do que “Aglomerado da Serra”. A palavra “favela” foi pouco utilizada pelos jovens entrevistados; quando eles queriam se referir à sua comunidade, utilizavam muito o termo “aqui dentro” ou “aqui em cima” em contraposição com “lá fora” e “lá embaixo”. Na entrevista coletiva, na troca de diálogos entre eles, o termo “favela” apareceu mais, pois eles foram instigados a refletir sobre o mesmo.

De qualquer maneira, a Serra que esse trabalho reconhece é uma localidade urbana pobre, que faz divisa com bairros nobres, na região Centro-Sul de Belo Horizonte. Não se limita a uma periferia urbana que se encontra às margens, pois também é protagonista e também é centro; sua interpretação depende do olhar que se estende à mesma. O Aglomerado da Serra é, portanto, uma favela, com características urbanísticas básicas de grande parte das favelas brasileiras: infraestrutura física precária; alta concentração populacional; presença de becos e vielas etc. Além disso, é importante destacar que a Serra é o maior Aglomerado de Vilas de Belo Horizonte e de Minas Gerais.

Figura 3 - Divisão do Aglomerado da Serra com os bairros nobres da Região Centro Sul³⁵



Fonte: Site Pietro BH, disponível em: <http://www.skyscrapercity.com/showthread.php?t=1385258>

Neste momento, enxergo como oportuna uma reflexão acerca de como, à medida que eu realizava as pesquisas de campo, ampliei a minha compreensão sobre uma favela e pude, aos poucos, modificar o meu comportamento dentro deste específico espaço. Do primeiro ao último dia de visita de campo, foi simples notar a diferença potencial entre o meu comportamento, as minhas atitudes e as minhas ações. No lugar do medo, da insegurança e de um olhar de “diferença” (eles são diferentes de mim; eu sou diferente deles), instaurou-se um olhar de admiração, respeito e reciprocidade. Mais especificamente, uma vontade de retornar, sempre que possível, àquele espaço, àquela localidade.

E mais, a partir das conversas estabelecidas com pessoas que, por algum motivo, sabiam da minha inserção no campo de pesquisa, percebi o quanto Zaluar (1985, p.12) teve razão quando refletiu sobre o olhar do outro para com a favela, no contexto de sua pesquisa antropológica na comunidade Cidade de Deus, no Rio de Janeiro:

As favelas subindo pelos morros em ruelas tortuosas incomodavam nossas vistas e atrapalhavam os negócios da construção civil. Nem a polícia, dizia-se, conseguia chegar por lá. Removeram-nas para bem longe da nossa delicada visão. Mesmo as que ficaram mais perto, como Cidade de Deus, que somos obrigados a cruzar a

³⁵ Imagem encontrada a partir da busca do site do Google. Disponível em: <http://www.skyscrapercity.com/showthread.php?t=1385258>

caminho de bairros ricos da zona de Jacarepaguá, são apenas atravessadas por uma estrada principal. **O seu interior não é alcançado pelos nossos olhos sensíveis. Desconhecemos o que lá se passa, embora nossa fértil imaginação o faça, desde logo, um antro de banditismo, violência, sujeira, imoralidade, promiscuidade, etc.** Duplamente excluídos por serem “outros” e por serem “incultos” e “perigosos”, os pobres urbanos vivem, neste olhar etnocêntrico e homogeneizador, o avesso da civilização” (Grifo meu).

Próximos ao Aglomerado da Serra encontram-se tantos endereços e locais já anteriormente visitados por mim: Parque das Mangabeiras, Hospital Life Center, casas de amigos, Boulevard Shopping, Praça Afonso Arinos, entre outros. Para chegar a esses locais, passei por alguma rua ou avenida que também corta o Aglomerado, mas nunca havia percebido a sua existência; porque as favelas vão sendo organizadas de tal maneira que “não incomodem” os “verdadeiros” moradores das cidades.

Ao questionar os jovens sobre a Serra, travou-se um debate interessante entre eles e diferentes nomes de áreas e regiões apareceram. Em um primeiro momento, perguntei se eles conheciam todo o Aglomerado da Serra e as respostas caminharam no sentido de que eles não conhecem tudo; os jovens mais caseiros conhecem basicamente onde moram; os jovens que andam com maior frequência na comunidade conhecem mais ou menos ou metade; apenas um jovem afirmou conhecer a Serra inteira. Em um segundo momento, questionei sobre as vilas da Serra e a partir deste questionamento surgiram diferentes áreas e regiões peculiarmente relacionadas com o cotidiano da comunidade e com acontecimentos e apropriações dos moradores e moradoras, tais como:

Pesquisadora: *Quais são as vilas do Aglomerado da Serra?*

Todos: *Fátima, Cafezal, Fazendinha, pedacinho do São Lucas ali, oh, o Pau Comeu, risos.*

Pesquisadora: *Onde que é o Pau Comeu?*

Guilherme (24 anos): *É o PC, que tem a **Del Rey** e o Pau Comeu, lá para baixo, **perto da antena.***

Pesquisadora: *Por que é Pau Comeu, você sabe?*

Guilherme (24 anos): *Ah, porque o pau comeu (sinal de revolver) demais...era muito “coisa”. Tem a Del Rey, tem a **Caixa d’água**, tem a **antiga “chaleira”.***

Lucas (14 anos): ***Chácara.***

Mariana (17 anos): ***Pocinho, Sacramento...***

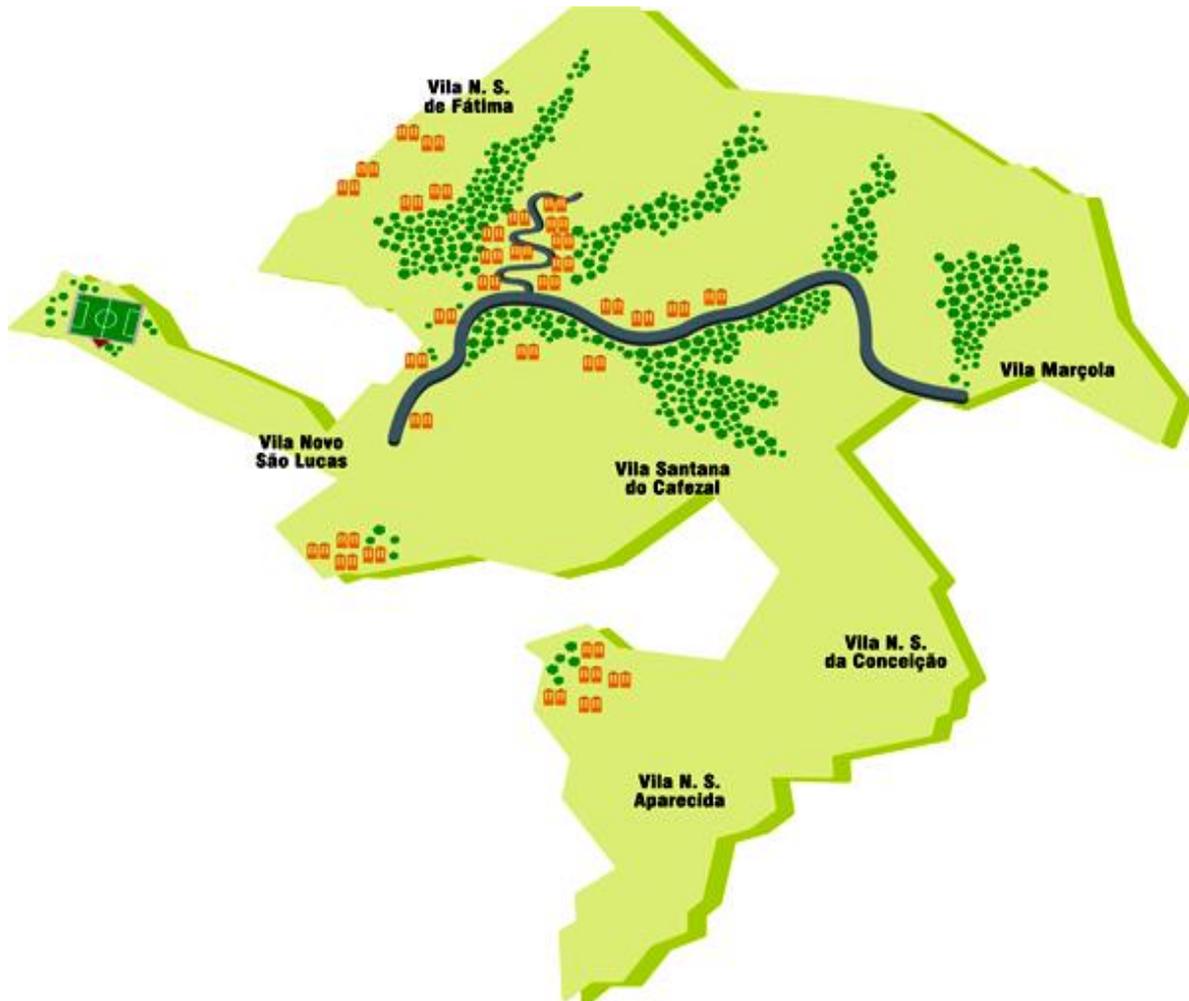
Guilherme (24 anos): *Chaleira, Zé ruela. Lá em cima na **Arara**, agora.*

Lucas (14 anos): *E tem a Chácara também que é lá embaixo.*

Os nomes destacados em negrito no diálogo estabelecido por alguns jovens durante a entrevista coletiva revelam apropriações da comunidade, às quais é possível conhecer a partir do diálogo com os moradores da mesma. Por vários momentos, os jovens discutiram os nomes e os porquês dos nomes, muitas vezes não chegando a uma única conclusão. Mas algo que chamou a minha atenção foi o fato de os documentos da Prefeitura de Belo Horizonte (PBH) e os mapas de trabalhos acadêmicos, institutos de pesquisa demográfica, dentre outros

textos, denominarem a Serra como um “aglomerado de vilas e favelas”, um aglomerado subnormal³⁶, uma Zeis-1(Zona Especial de Interesse Social)³⁷, enquanto os jovens discursam sobre a Serra como um espaço para além dessa divisão em vilas; para uma delimitação da própria comunidade. Como exemplo disso, apresento abaixo um mapa retirado de um documento da PBH e posteriormente um trecho do diálogo dos jovens.

MAPA 1- Vilas do Aglomerado da Serra



Fonte: Portal BH Trans³⁸

³⁶ Segundo o IBGE (2010), aglomerado subnormal “é o conjunto constituído por 51 ou mais unidades habitacionais caracterizadas por ausência de título de propriedade e pelo menos uma das características abaixo: irregularidade das vias de circulação e do tamanho e forma dos lotes e/ou; carência de serviços públicos essenciais (como coleta de lixo, rede de esgoto, rede de água, energia elétrica e iluminação pública).

³⁷De acordo com informações divulgadas em *site* da Urbel, a Zeis-1 corresponde às vilas e favelas, enquanto a Zeis-3 se refere aos conjuntos habitacionais populares implantados pelo poder público. O programa é desenvolvido pela Diretoria de Regularização e Controle Urbano da Urbel.

³⁸Mapa retirado do *site* <<https://bhtrans.pbh.gov.br/portal/page/portal/portalpublico/Temas/Noticias/Vila%20Viva%20Serra>>, acesso em: 01 maio 2016.

Pesquisadora: *Então são 6 vilas ou são mais de 6?*
 Camila (18 anos): *Não, são muito mais.*
 Miguel (17 anos): *Elas não se ditam vilas.*
 Guilherme (24 anos): *Vilas...*
 Miguel (17 anos): *Vilas não.*
 Pesquisadora: *Áreas...*
 Camila (18 anos): *São áreas...*
 Mariana (17 anos): *Existem as vilas e essas vilas são divididas em mais coisas, entendeu.*
 Guilherme (24 anos): *É tipo o Brasil...*
 Entrevistadora: *Dividido em Estados e Municípios...risos.*
 Camila (18 anos): *É...mas os municípios aqui a gente que da o nome, risos.*

O mapa 1 evidencia a existência de 06 (seis) vilas no Aglomerado da Serra, já os jovens evidenciam a existência de mais vilas e de subdivisões destas. Em nosso diálogo, as subdivisões das vilas foram denominadas “áreas” ou “coisas”, fato que expressa que a atual categorização do espaço da Serra em vilas não é suficiente. Ademais, das vilas reconhecidas pela PBH os jovens não se lembraram ou comentaram sobre a vila Nossa Senhora da Aparecida, a Vila Nossa Senhora da Conceição e a Vila Marçola; as mais citadas foram a Cafezal, Novo São Lucas e Nossa Senhora de Fátima. Três vilas/áreas não reconhecidas no mapa acima foram citadas mais de uma vez pelos jovens: Fazendinha, Chácara e Del Rey. Além disso, os jovens discutiram sobre o fato de a vila Chácara ter sido tomada pelos “caras” (possivelmente os traficantes) e ter trocado de nome.

Entrevistadora: *Mas a Chácara não é na Del Rey?*
 Guilherme (24 anos): *Não, agora é outro nome...chama Baixada não sei o que...*
 Lucas (14 anos): *É, Baixada.*
 Guilherme (24 anos): *Porque os caras lá da Del Rey tomou a Chácara e trocou o nome.*
 Lucas (14 anos): *E agora eles querem tomar a Sacramento.*
 Guilherme (24 anos): *Ixe...vai dar uma confusão...risos.*

Segundo dados retirados do *site* da PBH³⁹, o Aglomerado da Serra está localizado na região Centro Sul de BH, na encosta da Serra do Curral, fazendo limite com os terrenos da Fundação Benjamin Guimarães (Hospital da Baleia) e com os bairros Paraíso, Santa Efigênia, São Lucas e Serra. Neste momento, cabe destacar a existência do bairro Serra, o qual é diferenciado do Aglomerado da Serra. A parte nobre da Serra é tratada como “Bairro Serra” e a parte pobre da mesma é tratada como “Aglomerado da Serra” ou “Favela da Serra”. Da mesma forma, existe a “Vila Novo São Lucas” e, em contraposição, o “Bairro São Lucas”. Um dos jovens, Guilherme (24 anos), deixou isso claro durante o diálogo quando afirmou: *“Novo São Lucas, só trocou o nome lá também, mas é favela do mesmo jeito”*.

³⁹Disponível em: < <http://portalpbh.pbh.gov.br> >. Acessado em 25 de abril de 2016.

Ainda baseado em dados publicados pela PBH, disponíveis no *site* da mesma, evidencia-se que o bairro Serra tem este nome devido ao antigo córrego da Serra, que nos primórdios da capital (cidade planejada e inaugurada em 1897), cortava toda a cidade.

Famílias de alto poder aquisitivo, residindo em imensas chácaras. Assim era o bairro Serra quando de sua origem. Segundo o arquiteto Manoel Teixeira, do Instituto dos Arquitetos do Brasil, seção Minas Gerais, **foi na década de 20 que o bairro Serra, localizado na região Centro - Sul, começou a se (trans)formar, com a ocupação da Favela da Serra.** Na década de 50 acontecia o primeiro processo de verticalização, embora com edifícios de baixa estatura. As ruas arborizadas e a exuberante paisagem da Serra do Curral são horizontes compartilhados por ricos e pobres no bairro Serra” (Grifo meu).⁴⁰

FIGURA 4 - Rua Nossa Senhora de Fátima, dá acesso ao Centro Cultural Vila Fátima



Fonte: Site do Google Maps⁴¹

As vilas estão localizadas em terreno de acentuada declividade e a região é cortada por nascentes e córregos em encostas íngremes, com algumas áreas apresentando risco geológico em grau alto e muito alto. Segundo dados do censo de 2010 do IBGE, são reconhecidos como aglomerados subnormais 07 vilas do Aglomerado da Serra. A partir de uma pesquisa realizada

⁴⁰ Disponível em: <https://portalpbh.pbh.gov.br/pbh/ecp/comunidade.do?evento=portlet&pIdPlc=ecpTaxonomiaMenuPortal&app=historia&lang=pt_BR&pg=5780&tax=14365> . Acesso em: 27 maio 2017.

⁴¹ <http://goo.gl/maps/6UPmvy8bohB2> acesso em: 27 maio 2017.

no *site* do IBGE, foi possível realizar um levantamento aproximado da população, estimada em 38.490⁴² moradores. A estimativa foi realizada somando-se a população total de cada vila.

Tabela 1 - População por vila da Serra e por faixa etária (a partir de 10 anos e até 29 anos)

Vilas da Serra	Pop. Total	Pop. por faixa etária
Marçola	6547	10 a 14 anos: 335M/351H 15 a 19 anos: 331M/341H 20 a 24 anos: 335M/307H 25 a 29 anos: 309M/310H
Novo São Lucas	3677	10 a 14 anos: 188M/208H 15 a 19 anos: 241M/178H 20 a 24 anos: 210M/214H 25 a 29 anos: 225M/222H
Nossa Senhora de Fátima	9640	10 a 14 anos: 582M/567H 15 a 19 anos: 539M/570H 20 a 24 anos: 506M/517H 25 a 29 anos: 441M/419H
Nossa Senhora da Conceição	6225	10 a 14 anos: 319M/290H 15 a 19 anos: 306M/272H 20 a 24 anos: 291M/270H 25 a 29 anos: 283M/269H
Nossa Senhora da Aparecida	4341	10 a 14 anos: 197M/203H 15 a 19 anos: 203M/200H 20 a 24 anos: 209M/217H 25 a 29 anos: 233M/223H
Fazendinha	3712	10 a 14 anos: 215M/188H 15 a 19 anos: 180M/174H 20 a 24 anos: 229M/187H 25 a 29 anos: 204M/173H
Santana do Cafezal	4348	10 a 14 anos: 213M/221H 15 a 19 anos: 214M/193H 20 a 24 anos: 215M/230H 25 a 29 anos: 209M/193H

Fonte: Tabela elaborada pela autora, baseado em IBGE (2010)

⁴² Pesquisa do IBGE divulgada em 2000 evidenciou uma população estimada em 46.000. Algumas notícias veiculadas na internet e alguns trabalhos acadêmicos, como o de Gláucia Gomes (2009), afirmam que a localidade já passou de 60.000 habitantes e que, segundo as associações de moradores, já chega em 100.000. No entanto, optei por utilizar a população estimada no último censo realizado (2010), ciente de que o mesmo não representa a totalidade de moradores da localidade, mas que apresenta os dados mais atuais divulgados.

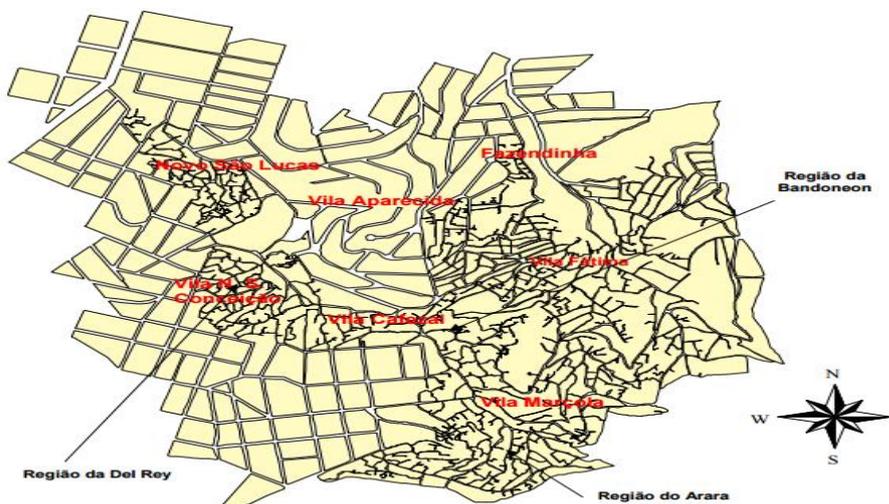
Tabela 2 - Percentual de população por raça por Vila da Serra

Vilas da Serra	Pardos	Brancos	Pretos	Amarelos	Indígenas
Marçola	54,3%	22,7%	21,3%	1%	0,6%
Novo São Lucas	57,6%	24,1%	16,8%	1,3%	0,2%
Fátima	58,6%	19,7%	19,8%	1,7%	0,2%
Conceição	52,5%	23,2%	21,4%	1,6%	1,2%
Aparecida	54,4%	21,9%	22,8%	0,3%	0,6%
Cafezal	60,6%	21,3%	15,9%	1,9%	0,3%

Fonte: Tabela elaborada pela autora, baseado em IBGE (2010)

Ainda segundo censo de 2010 do IBGE, pelo menos 307 mil pessoas viviam em 169 áreas irregulares como favelas, invasões e vilas em Belo Horizonte, o que equivale a 13% da população. No contexto nacional, 6% da população, que representava 11,4 milhões dos 190 milhões de habitantes, moravam em 6.329 favelas. O maior contingente está na Região Sudeste, com 5,9 milhões de pessoas.

A dissertação de mestrado de Almeida (2006)⁴³ apresentou um interessante mapa de vilas da Serra, o qual dialoga um pouco mais com o cotidiano do espaço.

MAPA 2 - Localização das Regiões no interior das vilas do Aglomerado

Fonte: Almeida (2006, p.37).

⁴³ Em pesquisa de campo realizada no Aglomerado da Serra, Almeida (2006) buscou refletir sobre a participação de jovens em ações artístico-culturais e a formação de identidades. O autor selecionou alguns grupos artístico-culturais específicos e colheu depoimentos de diferentes sujeitos. A leitura de seu trabalho foi importante para a realização da presente pesquisa.

No mapa 2, a vila Fazendinha é acrescida e as regiões Del Rey, Arara e Bandoneon são destacadas. Após contato com o gráfico, pude compreender melhor as falas dos jovens. Em alguns momentos, eles identificam que moram na “Del Rey” e na “Chácara”.

O Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) do Aglomerado da Serra é consideravelmente inferior ao do bairro Serra. A imagem abaixo evidencia em amarelo uma rua que separa um espaço de IDH 0,665 de um outro espaço de IDH 0,939, ambos espaços com o nome “Serra”.

FIGURA 5 - IDH do Bairro Serra e do Aglomerado da Serra



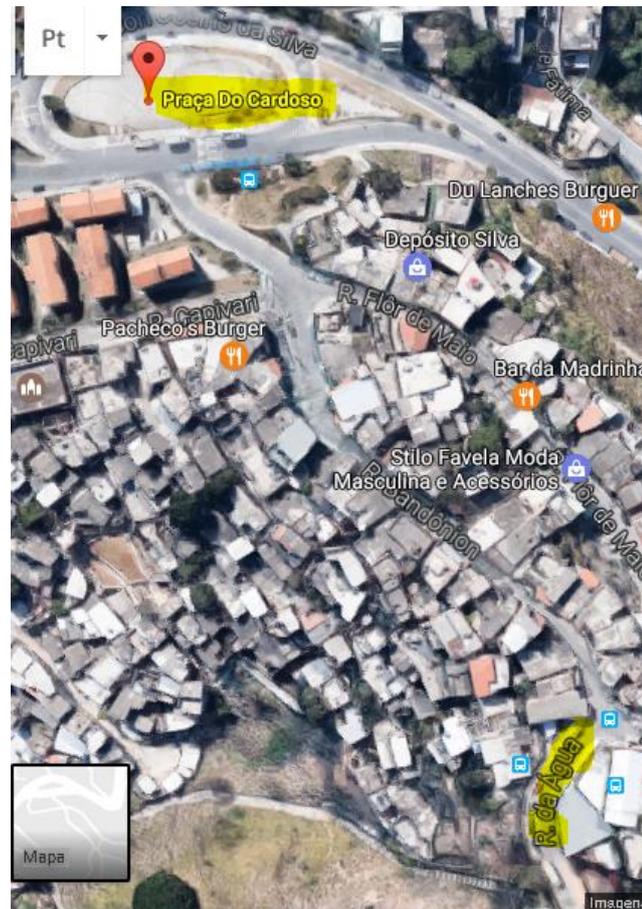
Fonte: Fragmento de vídeo produzido pela Revista Transite⁴⁴ da UFMG.

A formação de favelas em Belo Horizonte se deu antes mesmo da cidade planejada ser inaugurada, pois os primeiros moradores das favelas foram os trabalhadores que vieram, em sua maioria, do interior de Minas Gerais, para a realização das obras da futura metrópole (GUIMARÃES, 2000). Estes trabalhadores, inicialmente, constituíram seus lugares de moradias em espaços insalubres e destituídos de materialidades, mas ao mesmo tempo em espaços centrais, próximos aos locais de trabalho. Estas ocupações, na época, eram vistas como ocupações toleráveis e até mesmo incentivadas, pois o Estado e os empreendedores privados precisavam dos trabalhadores para a execução das obras (GOMES, G., 2009).

De acordo com estudo de Gláucia Gomes (2009), o Aglomerado da Serra surgiu na década de 1920, constituindo-se por moradores impedidos de permanecerem dentro do centro planejado de Belo Horizonte. A maioria destes moradores eram trabalhadores da construção

⁴⁴ <http://transite.fafich.ufmg.br/idh-bairros-de-belo-horizonte/>. Acesso em: 27 maio 2017.

FIGURA 7 - Rua da Água e Praça do Cardoso



Fonte: Google Maps⁴⁶

Guilherme (24 anos): *É Segunda Água porque onde é o final do ônibus 9031 também tem uma mina. Terceira Água porque trocando assim...*

Miguel (17 anos): *Tinha mais mina, risos.*

Guilherme (24 anos): *É...Tinha uma mina...E a Fazendinha onde que é o Posto de Saúde tinha um cara que tinha uma casa parecendo casa de fazenda e ele criava boi...*

Mariana (17 anos): *E o Pocinho porque tinha um....poço...risos...*

Guilherme (24 anos): *Tinha um poço de água lá...risos.*

Mariana (17 anos): *Que agora virou um matagal que tem tudo...*

Guilherme (24 anos): *Tem bode, tem cabrito...risos.*

Lucas (14 anos): *Tem tudo!*

Mariana (17 anos): *Tem tudo que você imagina...*

Renato (16 anos): *É o Zoológico da Serra...*

⁴⁶ Disponível em: <<https://goo.gl/maps/9ztpvuU7t9n>> Acesso em 27 de maio de 2017.

Ao pesquisar dados disponíveis no *site* da PBH, coletados pela Companhia Urbanizadora de Belo Horizonte (URBEL), que conduz o Programa Vila Viva, criado com o intuito de melhorar a qualidade de vida dos moradores das vilas e favelas da cidade, foi possível identificar que o Aglomerado da Serra, desde 2000, conta com o Plano Global Específico – PGE, que delimitou os problemas encontrados no local e norteou a elaboração do projeto de obras a serem realizadas.

Segundo Pereira, Afonso e Magalhães (2007, p.3)

O Programa Vila Viva de intervenção estrutural em assentamentos precários é uma ação integrada de urbanização, desenvolvimento social e de regularização dos assentamentos existentes. Ele possibilita aos gestores públicos e à comunidade reforço e consolidação de uma política de inclusão social, sempre em ação coordenada com outros programas.

Sendo assim, desde 2005, foram construídos inúmeros apartamentos, algumas avenidas, barragens de contenção para controlar a vazão das águas de chuva e evitar enchentes, reassentamento de famílias que moravam em situações subumanas e de risco e urbanização de becos. Destacam-se duas obras entregues à comunidade: a Avenida do Cardoso, que tem 16 metros de largura e 1660 metros de extensão e corta o Aglomerado, ligando a Avenida Mem de Sá, em Santa Efigênia, à Rua Caraça, no Bairro Serra e, por consequência, a construção de um viaduto dentro do Aglomerado, obra pioneira no Brasil.

Segundo dados disponíveis pela URBEL, em Julho de 2009, foram finalizadas 528 unidades habitacionais, além da urbanização da Rua da Amizade e a construção da Praça da Bandoneon, que possui uma área de lazer com quadra de esportes, três duchas, equipamento lúdico, espaço para eventos e Academia da Cidade. Outras obras estão previstas no Plano Global Específico e o Aglomerado da Serra conta com atuação direta do Programa Vila Viva. A respeito desta praça, os jovens a mencionaram nas entrevistas como “Praça do Cardoso” – nome utilizado pela comunidade - por estar localizada na Avenida do Cardoso.

Todas estas “conquistas” do Aglomerado da Serra devem ser interpretadas criticamente. Em estudo realizado por Fernandes e Pereira (2010), sobre a legalização das favelas de Belo Horizonte, os autores chamam atenção para o fato de que há um direcionamento das políticas habitacionais municipais para áreas de interesse imobiliário, onde se encontram os bairros mais valorizados da cidade. Neste caso, vale lembrar que o Aglomerado da Serra encontra-se em uma das regiões mais nobres da cidade (centro-sul) e é cercado por bairros de classe com alta renda.

Mais do que isso, Fernandes e Pereira (2010) revelam os problemas que cerceiam as políticas habitacionais de Belo Horizonte, no que diz respeito às vilas e favelas. Os autores questionam a forma como o direito à moradia, previsto no artigo 6º da Constituição de 1988, tem sido apropriado pelos programas e projetos urbanísticos da cidade. A maior crítica é feita em relação ao Programa Vila Viva, o qual, segundo anexo disponível no trabalho dos autores - manifesto contra o programa supracitado feito por vários órgãos comunitários - evidencia que estas comunidades, muitas vezes, não estão satisfeitas com as ações urbanizadoras do programa.

A escolha das vilas que serão atingidas pelas obras é a maior prova de que o Programa Vila-Viva não é motivado por nobres valores dos gestores públicos, preocupados com a qualidade de vida das pessoas que se aglomeram nas favelas. As intervenções estão orientadas pelos interesses do capital imobiliário, pois apenas as vilas mais valorizadas da cidade, bem servidas de equipamentos sociais e com excelente localização, como o Aglomerado da Serra, o Morro das Pedras e a Pedreira Prado Lopes, serão afetadas.

A mega-intervenção geralmente inclui a construção de uma grande avenida que divide a vila atingida ao meio, acelerando direta e indiretamente o processo de expulsão das famílias pobres das áreas afetadas [...] Assim, é modificado não apenas o sistema viário das vilas afetadas, mas a própria dinâmica social e a vida da comunidade. **Mais apropriado seria nomear o programa de Vila-Morta.** (MANIFESTO CONTRA O PROGRAMA VILA VIVA, ANEXO, FERNANDES; PEREIRA, 2010, pp.196-197).

Durante a pesquisa de campo, fui ao espaço do Programa Vila Viva, localizado na vila Fazendinha, no intuito de tentar um diálogo com algum funcionário sobre as propostas da PBH para a comunidade; os objetivos do programa; as obras desenvolvidas em prol das políticas sociais etc. No entanto, nas duas vezes em que fui ao local encontrei apenas um funcionário, o qual tinha poucas informações para contribuir com o trabalho. As informações que me foram passadas não se diferenciaram daquelas que já havia encontrado na internet. A impressão que tive, e reitero que é uma impressão pessoal, é que não havia algo sendo desenvolvido naquele momento, fato que me levou a questionar o papel social atual do programa na comunidade.

Além do que já foi exposto em diálogo com autores, com os jovens e com mapas e dados encontrados na internet, o diário de campo produzido ao longo das visitas me permite realizar algumas afirmações: o Aglomerado da Serra é um espaço movimentado, de manhã até a noite. Em todas as visitas que realizei, muitas pessoas caminhavam nas ruas, ou ficavam em frente às suas casas e pontos comerciais conversando; o movimento de carros e, principalmente, de motos, é considerável; o ônibus da comunidade, conhecido como amarelinho, circula durante todo o dia. Os equipamentos de lazer são apropriados pelos

moradores, mas as formas de apropriação são variadas para cada equipamento e para cada horário do dia; a Praça do Cardoso, por exemplo, está sempre ocupada, com destaque ao ponto de venda de drogas – que não impede a utilização por crianças e adolescentes para a realização de brincadeiras e, geralmente, do futebol.

Como equipamentos públicos de lazer apropriados pelos moradores e identificados na pesquisa de campo têm-se: a Praça do Cardoso; o campo do Najar; o campo Bola de Ouro; os Centros Culturais Vila Fátima e Vila Marçola; a Quadra de Esportes coberta, localizada ao lado do Centro Cultural Vila Fátima; o Parque das Mangabeiras (que tem uma entrada próxima ao Centro Cultural Vila Marçola); uma quadra descoberta, localizada ao lado do CRAS Vila Fátima; a Praça de Esportes da Vila Cafezal e o denominado Complexo Esportivo do Aglomerado da Serra, localizado na Vila Fazendinha, que conta com o Estádio Mário Ferreira Guimarães (Baleião)⁴⁷, uma quadra poliesportiva descoberta, vestiários e banheiros e a sede do Programa Vila Vila (responsável pela urbanização da Serra).

Ao longo da pesquisa de campo, visitei grande parte dos espaços citados acima, no entanto, nem sempre consegui tirar Fotos. Na verdade, em muitos momentos, senti que Fotografar aqueles espaços, principalmente quando eu estava sozinha, poderia ser invasivo e desrespeitoso. Sendo assim, busquei Fotografá-los nos momentos em que senti à vontade para fazê-lo e, por isso, não consegui registrar para além do texto todos os equipamentos anteriormente listados.

Ao questionar os jovens sobre os espaços de lazer que eles utilizam na Serra, diferentes foram as suas respostas:

Ana (14 anos): *Eu vou na Bandeirantes⁴⁸, na Mangabeiras⁴⁹, no Parque Municipal⁵⁰...só!*

⁴⁷ O “Baleião” é um campo de futebol utilizado para campeonatos e torneios oficiais. Foi cogitado como campo de treinamento na Copa das Confederações, mas não chegou a ser selecionado. Quando visitei o espaço, perguntei ao porteiro se a comunidade do Aglomerado da Serra pode utilizar o campo e ele disse que é muito raro – porque o campo é tratado para ser utilizado por equipes profissionais - e que normalmente os jovens descem e utilizam a quadra (uma quadra que tem dentro do Complexo). Esta quadra também é utilizada para alguns projetos, como o Programa Escola Integrada (PBH) e o Programa Fica Vivo (Governo do Estado de MG). Nas duas vezes que fui ao espaço, estava acontecendo oficina de Jogos e brincadeiras com alunos do Programa Escola Integrada (crianças).

⁴⁸ Quando ela disse “Bandeirantes”, ela estava se referindo à praça localizada na Avenida Bandeirantes, conhecida como “Praça do Papa”. A Praça do Papa localiza-se no bairro Mangabeiras, bairro nobre de BH. Fica próxima ao Parque Mangabeiras e ao Aglomerado da Serra.

⁴⁹ O Parque das Mangabeiras é um parque público amplo, com trilhas, equipamentos esportivos e culturais e grande área verde. O Parque é consideravelmente apropriado pelos belorizontinos e apresenta-se como opção de lazer para os moradores do Aglomerado da Serra, pois se localiza em proximidade com parte da comunidade, especificamente a Vila Marçola.

Pesquisadora: *Você passeia bastante! Você acha que poderia ter então mais opções de lazer aqui?*

Ana (14 anos): *Acho, porque também tem criança que não pode brincar em casa porque pai e mãe briga, aí, ela fica vendo a situação, **ela não tem lugar importante pra sair**, pra se divertir, aí eu acho que deveria ter.*

Pesquisadora: *O que você acha que poderia ter para estas crianças?*

Ana (14 anos): ***Poderia ter uma pracinha onde que as crianças poderiam brincar, é...se divertir. As coisas que ela não faz em casa poderia fazer na rua, mas que a rua também pudesse dar respeito pra elas.***

Jonas (19 anos): *Não. Não tem. Eu costumo ir, vamos supor assim, geralmente eu vou com amigo, é ir no Parque Ecológico da Pampulha⁵¹, no Parque Mangabeiras, quando eu não vou nesses, eu vou mais no centro, na Praça da Liberdade⁵², entendeu, esses lugares mais calmos.*

Vivian (19 anos): *Gosto de levar meu menino para sair. Eu levo ele no Parque Mangabeiras, no Municipal, levo ele na Praça do BG⁵³, vou tomar um sorvete com ele, gosto de levar ele para sair.*

O discurso de Ana me chamou atenção por evidenciar que a mesma não reconhece os espaços disponíveis em sua localidade como lugares “importantes” para sair. Os lugares “importantes” que ela destaca são parques e praças mais conhecidos em BH, nos quais acontecem atividades culturais, promovidas ou não por órgãos públicos. Porém, logo em seguida, ela sugere que no Aglomerado da Serra “poderia ter uma pracinha” para as crianças brincarem e fazerem as “coisas que não faz em casa”. Ou seja, Ana pode até ter conhecimento das praças da Serra – e mais, freqüentá-las vez ou outra – mas explicita, por meio de sua fala, que estes espaços não são seguros e neles as crianças não são “respeitadas”.

Mateus (23 anos): *Eu costumo dar um rolezinho na praça, mas não sou muito de sair não.*

Pesquisadora: *Na praça aqui mesmo?*

Mateus (23 anos): *Aqui dentro mesmo, na Cardoso, Cafezal. Às vezes desço para o centro.*

Mateus (23 anos): ***Mas aqui não tem muito lazer não, porque você chega em uma quadra e só vê os muleques falando maldade, chega na outra, a mesma coisa, consumismo e essas coisas. E se você ver lazer, lazer mesmo, não tem. Tem disfarçadamente, né? Eles chegam ali, põe uma praça ali, e falam: tomam o lazer aí. Mas não tem tipo assim uma atividade diversificada, que você chega em uma praça porque vai ter tal coisa.***

⁵⁰ O Parque Municipal é um dos principais parques de Belo Horizonte e se localiza no centro da cidade. Uma de suas entradas é na Avenida dos Andradas. A Avenida dos Andradas é uma das avenidas de acesso ao Aglomerado da Serra e isso pode significar uma vantagem para acessar o mesmo.

⁵¹ O Parque Ecológico da Pampulha é um dos parques mais conhecidos de BH, por se localizar em uma região nobre valorizada: a orla da Lagoa. A distância entre o Aglomerado da Serra e este parque é grande.

⁵² A Praça da Liberdade localiza-se em uma região nobre de BH, a Savassi. Possui um complexo cultural ao seu redor, com museus, teatros e a biblioteca central. A distância entre o Aglomerado da Serra e esta é considerável.

⁵³ Praça Floriano Peixoto, localizada no bairro Santa Efigênia, em frente ao Hospital da Unimed e em proximidade com o Shopping Boulevard.

Catarina (23 anos): *Tem o parque (Mangabeiras), parque Municipal e tem a pracinha (do Cardoso), então acho que tem.*

Pesquisadora: *Você acha que poderia ter mais opções além das que você falou?*

Catarina (23 anos): *Poderia ter outros espaços, tipo de dança, porque os jovens gostam disso, gosta de dança, de skate, estes negócios. Seria interessante se tivesse isso.*

Já Mateus, apresenta uma reivindicação relacionada aos espaços de lazer construídos pelo poder público. Quando ele diz que “eles chegam ali, põe uma praça e falam: tomam o lazer aí”, ele está reivindicando um direito que extrapola a oferta do espaço físico. Afinal, de acordo com ele, os espaços físicos das praças da Serra têm “muleques falando maldade”, tem “consumismo” (de drogas) e não tem “atividade diversificada”. Este pensamento dialoga com o exposto por Catarina, quando ela destaca que seria interessante a oferta de outros espaços com dança e skate, por exemplo. Ou seja, o espaço para além do espaço físico.

Miguel (17 anos): *Espaço de lazer em si, eles não são bem estruturados. É... tipo...tem estas praças daqui de cima...bem...os **meninos jogam bola, mas ela não é muito bem estruturada para eles jogarem bola**, bem, como a gente vê em outros bairros que é tudo gramado, aí eles jogam assim mesmo na terra...eles gostam, né.*

Pesquisadora: *Esta praça que você fala é qual?*

Miguel (17 anos): *Do cafezal, isso. **Eu não frequento muito não.***

Pesquisadora: *Tem outros espaços além desta praça?*

Miguel (17 anos): *Tem a Cardoso, o campo do Najar, Bola de Ouro, lá em baixo também. Desde a época do meu pai é lá na terceira ala.*

Pesquisadora: *Você acha que sua comunidade poderia ter outras opções de lazer? O que você acha que poderia ter para melhorar o lazer dos jovens?*

Miguel (17 anos): *A **infraestrutura, né, todo apoio que a gente não tem, apoio até de um colete, qualquer coisa que fosse agregar melhor aos projetos e as instituições que fazem.***

Camila (18 anos): *Moro aqui, mas não conheço a Serra toda, a Serra é muito grande, né. **Até onde eu sei tem mais coisa para futebol mesmo, mais campos de futebol**, mas eu não sei te falar, por exemplo, se tem um clube, por exemplo, não tem. Não tem assim.*

José (27 anos): *Tem espaço. Tem a Praça do Cardoso, tem o CRAS, tem. **Eles construíram muito praças aqui, só que os moradores daqui tão sendo muito arrogantes e tão destruindo a praça para fazer garagem.** O Governo já custa a fazer alguma coisa para gente, custa! Nó...é uma luta para eles fazerem alguma coisa aqui. Os próprio morador está destruindo para fazer garagem. Aí eles jogam a garagem no meio da rua e fala "meu irmão é isso, meu irmão é aquilo", aí a gente acaba não falando nada. Se você chamar a polícia e falar com a polícia, não pode. É perigoso pra gente. Aí acaba fica nessa. A favela vira um chiqueiro.*

Guilherme (24 anos): ***Alguma coisa de lazer que a gente tem é aquela academia da terceira idade.***

As falas expostas me instigaram a realizar duas reflexões relacionadas aos espaços e equipamentos de lazer reconhecidos pelos jovens entrevistados. A primeira diz respeito à visão dos jovens de que os espaços não são bem cuidados tanto pelo poder público quanto pelos próprios moradores. Miguel direciona a sua reivindicação mais para o poder público, ao

afirmar que “eles não têm apoio” e José apresenta a sua indignação em relação aos moradores, que são “arrogantes” e usam o espaço para fazer garagens. E a segunda, está relacionada às colocações de Guilherme e Camila, o primeiro permite o entendimento de sua insatisfação em relação aos equipamentos de lazer, evidenciando que “alguma coisa” que eles (jovens) têm são as academias da “terceira idade” e a segunda, destaca que tem mais espaços para o futebol e que ela desconhece outros espaços, demonstrando que ela não se apropria significativamente dos equipamentos de lazer da Serra.

Pesquisadora: *Você frequenta esses espaços, as praças?*

Lucas (14 anos): *Sim.*

Pesquisadora: *E quando você frequenta o que você faz lá?*

Lucas (14 anos): *Ando de bicicleta, converso, tomo sorvete...*

Gustavo (17 anos): *Os CRAS, Centros Culturais, os campos, as quadras e as praças...*

Pesquisadora: *Quais que você frequenta mais?*

Gustavo (17 anos): *Aqui (Centro Cultural Vila Fátima); aquela quadrinha verde; lá perto de casa onde é que tem um pé de manga; a escola e a Praça da Cardoso mesmo, passo lá.*

Pesquisadora: *Você passa lá...mas o que você faz geralmente na praça?*

Gustavo (17 anos): *Ah, eu fico lá jogando bola também...*

Mariana (17 anos): *Aqui tem as pracinhas, eu gosto de ir nas pracinhas. Tem sorveteria, é... xovê que mais...tem os centros culturais, que as vezes tem evento e tal... é ... pra quem gosta de baile Funk, tem baile Funk, eu não gosto!*

Pesquisadora: *Você frequenta estes lugares que você falou?*

Mariana (17 anos): *Frequento!*

Pesquisadora: *Centros Culturais...*

Mariana (17 anos): *Já! Já!... Fui em vários por aqui.*

Pesquisadora: *As praças...tem o costume de ir mais em qual?*

Mariana (17 anos): *Eu vou na Cardoso, e nesta aqui, do Cafezal, e tem uma lá perto da minha casa.*

Gabriela (14 anos): *Oh, tem a pracinha ali do cafezal, onde tem uma pista de skate, tem aqueles negócios de fazer exercício, academia ao ar livre. Tem uma assim tipo do lado da minha escola que é academia ao ar livre também. Tem a pracinha do Cardoso ali e acho que só.*

Por fim, nos discursos destacados acima é possível identificar que alguns jovens conhecem e, em alguns casos, apropriam-se dos equipamentos da Serra, reconhecendo-os como espaços para a vivência do lazer. Lucas e Gustavo, por exemplo, respectivamente, vão à Praça do Cardoso andar de bicicleta e “jogar bola” na quadra.

FIGURA 8 – Vista da Praça de Esportes da Vila Santana do Cafezal



Fonte: Acervo pessoal, Foto tirada pela autora

FIGURA 9 – Centro Cultural Vila Fátima



Fonte: Acervo pessoal, Foto tirada pela autora

FIGURA 10 - Projeto Itamar de Taekwondo



Fonte: Acervo pessoal, Foto tirada pela autora

FIGURA 11 - Campo Bola de Ouro

Fonte: Imagem retirada do site do Projeto Compaixão⁵⁴

FIGURA 12 - Praça de Esportes do Cafezal, ao lado do Centro de Saúde

Fonte: Imagem retirada do *site* do Observatório da Serra⁵⁵

Com o intuito de compreender o que significa para o jovem morar no Aglomerado da Serra, questionei-os, em um primeiro momento na entrevista individual e, posteriormente, na entrevista coletiva, sobre as possíveis vantagens e desvantagens de morarem lá. As respostas

⁵⁴ Imagem disponível no *site*: <<http://www.compaixao.org.br>>, visitado em 18 de Junho de 2017. O Projeto Compaixão está inserido no Aglomerado da Serra e, segundo informações disponíveis no site, tem como missão “alcançar crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade, possibilitar o acesso à educação de qualidade, boa alimentação, amparo e auxílio, além de suprir as necessidades básicas em situações que o Estado, através das políticas públicas, ainda não conseguiu atender”.

⁵⁵ Imagem disponível no *site*: <<http://www.observatoriodaserra.com.br>>, acessado em 18 de Junho de 2017. O Observatório da Serra caracteriza-se como um portal “voltado para o jornalismo hiperlocal, fundado no interesse público. Empenha-se em levar aos leitores um texto simples e direto, mas que não abre mão da seriedade na apuração. O portal acredita e aposta na geração colaborativa de conteúdo”. As últimas notícias identificadas no portal datam do ano de 2015, o que me levou a concluir que o portal, atualmente, não está em uso.

me chamaram atenção e serviram de ponto de partida para uma reflexão acerca de como os jovens enxergam a sua comunidade e a relação da mesma com suas vidas.

2.1. Morar aqui é bom porque...

Sobre as vantagens e/ou pontos bons/positivos de morar/viver no Aglomerado da Serra, destacaram-se a segurança dentro da comunidade, o respeito, o convívio próximo entre moradores, a liberdade de expressão, a localização, o comércio e os projetos que atendem à comunidade.

Por meio das visitas de campo, não foi difícil perceber que o cotidiano do Aglomerado da Serra é peculiar. Enquanto pesquisadora, eu já havia tido a experiência de realizar uma pesquisa de campo em uma vila de Belo Horizonte, a Vila Sumaré. No entanto, a Sumaré é menor e eu a conheci caminhando, juntamente com um líder comunitário. Em duas (02) horas, conseguimos conhecer toda a área da vila, passando por diferentes ruelas e becos. Neste caso, percebi que o movimento de pessoas nas ruas era comum: vizinhos conversando, crianças e adolescentes brincando, crianças e jovens em movimento nas bocas de fumo; mas pouco ou quase nenhum movimento de carro e moto dentro da comunidade. A Vila Sumaré possui poucas ruas largas, o que impede a circulação grande de veículos automotores. Além disso, seu movimento comercial é pequeno quando comparado ao do Aglomerado da Serra: poucos supermercados e padarias, por exemplo. Posso dizer que a experiência de conhecer a Sumaré contribuiu com o meu “olhar” para com a Serra.

A partir de minhas observações e interpretações, enxergo como pontos positivos a acessibilidade ao centro da cidade, através do transporte público (ônibus); a possibilidade de circulação de veículos automotores; o acesso a equipamentos socioculturais básicos dentro da comunidade (centros de saúde, centros culturais, centros de referência e assistência social, espaços de lazer, comércio, escolas e creches, etc) e em proximidade com a mesma (por estar localizada na região centro-sul); além da existência de um convívio próximo entre os moradores, apesar da urbanização das vilas e da construção dos “predinhos”: apartamentos construídos pelo Programa Vila Vila.

Mesmo não realizando uma análise profunda sobre os equipamentos socioculturais existentes na Serra, posso afirmar que eles existem e são utilizados pela comunidade. Da mesma forma, mesmo que o objetivo na pesquisa de campo não tenha sido observar com detalhes as interações e socializações das pessoas no cotidiano, percebi que existe diferença nas relações de vizinhança “dentro” e “fora” da Serra. Esta comparação não é difícil. Para

chegar ao Aglomerado da Serra, saindo da minha casa, tenho que passar por diferentes ruas, avenidas e bairros, a começar pelo meu próprio bairro.

Moro no bairro Silveira, um bairro de classe média da região Nordeste de BH. Ao retirar o carro da garagem, costumo ver algumas pessoas dentro do prédio (destaco que moro em um prédio com 10 blocos e cada bloco possui, em média, 06 apartamentos): nosso contato costuma ser um “bom dia/boa tarde/boa noite, tudo bem?”, mesmo que nunca tenhamos nos visto ou saibamos os nomes uns dos outros. Ao sair de dentro do prédio com o carro e passar por algumas ruas antes de chegar à grande avenida movimentada de acesso ao centro – a Avenida Cristiano Machado – não cumprimento mais ninguém, pois, em geral, desconheço as pessoas que circulam; mesmo que eu as conheça, normalmente não nos percebemos, pois estamos dentro dos carros, quase sempre com pressa e não é comum parar no meio da rua para iniciar uma conversa. A velocidade do carro nestas ruas normalmente não é menor que 40 km/hora; na Avenida Cristiano Machado e Andradas (que percorro para chegar ao Aglomerado) a velocidade costuma ser de 60 km/hora.

A partir do momento que saio da Avenida Andradas e entro na Rua Juramento, que é acesso para o Aglomerado da Serra, o ritmo é outro. A velocidade do carro já diminui para acompanhar o ritmo dos outros veículos automotores, os quais circulam mais lentamente, em geral, devido ao movimento das pessoas nas ruas. Começo a conseguir, mesmo dirigindo, observar onde estou e quem está onde estou. Percebo grupos de pessoas entrando e saindo dos supermercados, tomando sorvete nas sorveterias, conversando nas portas de casa. Também percebo pessoas andando sozinhas, em passos rápidos, como quem não vê a hora de chegar em casa ou como quem acelera os passos para chegar em algum lugar. Mas o ritmo continua sendo outro, pois escuto mais barulhos de pessoas: falando, rindo, gritando, brincando. De fato, a interação entre os moradores é maior quando comparado, por exemplo, ao meu bairro, pois a apropriação dos espaços de vizinhança é mais intensa.

Segundo Gehl (2015), para viver a riqueza dos detalhes urbanos e obter experiências sensoriais de qualidade com o espaço e com os outros, é necessário que os deslocamentos urbanos sejam realizados de forma lenta. O autor defende que para convidar as pessoas à caminhar, pedalar e permanecer na cidade é preciso adotar uma “arquitetura de 5km/h”, uma vez que tal qualificação das experiências na cidade são incompatíveis com a velocidade/escala dos carros. Vale lembrar, neste momento, o quanto, em alguns casos, a urbanização da Serra é questionada pelos moradores, que percebem a alteração no ritmo da localidade e, por consequência, nas interações entre as pessoas.

Mateus (23 anos): *A vantagem é a liberdade né...assim, igual eu falo procê, aqui dentro. **Liberdade de expressão, de convívio com o outro sabe, sem preconceito.***

Guilherme (24 anos): *A vantagem é que aqui **as pessoas são mais juntas**, as pessoas...não é importante sexo, cor, a galera trata a outra bem, com respeito. E a vantagem de morar aqui é isso, ser bem acolhido, tudo que você precisa as pessoas acolhem, te ajudam, colocam você para cima.*

Mariana (17 anos): *A vantagem assim, tipo, acho que aqui todo mundo se conhece, eu moro um pouco mais para baixo, **onde moro é só bairro mesmo, lá eu não conheço meus vizinhos, vizinho nenhum se conhece, não tem inspiração. Aqui todo mundo se conhece, você vai à casa de todo mundo, acho que é a vantagem de morar aqui, sabe?***

Camila (18 anos): *As pessoas têm uma visão muito ruim de favela e não é assim. **Favela tem muita união, tem muito sabe, se eu precisar de um açúcar literalmente eu vou conseguir. E lá (onde ela morava anteriormente), por mais que era um bairro nobre, era tudo muito bom, eu não sentia, não gostava nem um pouco.***

Catarina (23 anos): *Pra mim tem todas as vantagens, desvantagens mesmo acho que não tem nenhuma, tirando que tem traficantes nas ruas, apesar de que eles não incomodam ninguém, é muito tranquilo. **Que eu gosto porque todo mundo onde eu moro ali por mais que seja traficante ou não se você precisa de ajuda eles ajudam. Eu vejo uma grande vantagem nisso.***

Miguel (17 anos): *A principal vantagem é a segurança, não que, não a segurança do governo, nada não, tipo, quem mora aqui, tipo, uns respeitam uns aos outros, entende? **Aí não tem assalto na sua casa, se sente tranquilo e a maioria das pessoas se conhece muito. Meu pai mesmo conhece a metade (risos) do Aglomerado.***

Em congruência com o que expressei anteriormente, as jovens Mariana e Camila expressam o seu sentimento em relação à vizinhança de um bairro e de uma favela. Na favela tem “união”, “as pessoas são mais juntas”, há “liberdade de expressão e de convívio com o outro”, tem “inspiração”. No bairro, onde Mariana mora hoje e onde Camila já morou, é diferente, “não tem inspiração”.

Os quatro jovens expressaram sentirem-se bem dentro da Serra, sentirem-se parte da localidade, sentirem-se acolhidos, em convívio com o outro, sentirem-se aceitos como são. Além disso, quando Camila diz que “se ela precisar de um açúcar literalmente vai conseguir”, é possível perceber que ela se sente bem em solicitar/pedir o açúcar de uma forma que ela não se sentia anteriormente, quando morou, por algum tempo, em um prédio em Contagem.

Duas falas que me chamaram atenção foram as de Catarina e Miguel. Primeiramente, Catarina reconhece um problema da comunidade relacionado aos traficantes, mas ela demonstra que as relações estabelecidas pelos moradores são maiores do que os problemas relacionados ao tráfico. E Miguel destaca a “segurança” dentro da Serra como uma construção da própria comunidade e não como uma garantia do Estado. Quando ele diz “*não a segurança do governo, nada não, tipo, quem mora aqui, tipo, uns respeitam uns aos outros, entende?*”,

está se referindo ao fato de as pessoas que moram na Serra se conhecerem e estabelecerem relações a ponto de se respeitarem e sentirem-se seguras umas com as outras.

Além deste sentimento de pertencimento à comunidade expressado pelos jovens, a localização e o acesso à equipamentos socioculturais, como o ECE-BH, hospitais e os projetos sociais, foram destacados pelos jovens como algo positivo.

Ana (14 anos): *É que eu moro perto e meu trabalho é perto!*

Lucas (14 anos): *Eu acho que aqui no Aglomerado da Serra tem muitas coisas boas, aqui não é só troca de tiro, não é só drogas, não são só isso, têm coisas boas e têm coisas ruins também. As coisas boas são os projetos que têm aqui para alcançar as crianças para não entrar nessa vida.*

Renato (16 anos): *Aqui a vantagem é que é um lugar comercial, né! Muita gente!*

Jonas (19 anos): *Mas em questão de morar é tranquilo, em questão assim, tem o centro perto, tem...vamos supor, comércio perto. Isso tem uma vantagem.*

Gustavo (17 anos): *Bom...ce pode fazer um “bucado” de projeto aqui...*

Gabriela (14 anos): *Ah, as vantagens é que eu posso vim no Criança Esperança e fazer as atividades tudo.*

Vivian (19 anos): *É tudo bom, tudo perto. Hospitais são todos perto.*

O acesso ao comércio e aos equipamentos socioculturais configura-se como uma conquista para as favelas brasileiras. À medida que seus moradores conseguem alcançar estes espaços, como produtores e consumidores, eles se sentem mais integrados à sociedade. A urbanização da Serra possibilitou a ampliação do acesso da comunidade ao centro da cidade, às linhas de transporte coletivo e, por consequência, a trabalhos, comércio, equipamentos socioculturais etc. No caso específico dos jovens entrevistados nesta pesquisa, todos conhecem Belo Horizonte para além do Aglomerado da Serra, em menor ou maior intensidade, conhecem outros bairros, parques e praças públicos, outras escolas, comércios, entre outros.

2.2. Às vezes é ruim porque...

No que diz respeito às desvantagens e/ou pontos ruins/negativos de morar/viver no Aglomerado da Serra, destacaram-se o preconceito sofrido por morar na favela, o tráfico de drogas/criminalidade/violência que existe dentro da comunidade, o policiamento e a forma de abordagem da polícia com os moradores e a falta de infraestrutura física/equipamentos socioculturais, resultado de pouco investimento do poder público.

À respeito do preconceito percebido e expressado por alguns jovens durante seus discursos, inicio a reflexão utilizando as primeiras falas que caminharam no sentido de revelar o sentimento de discriminação que perpassa o cotidiano da parcela juvenil do Aglomerado da Serra.

Guilherme (24 anos): *E a desvantagem de morar aqui é só o preconceito mesmo.*

Gabriela (14 anos): *A desvantagem é porque o mundo lá fora vê a Serra de um jeito diferente, vê a gente de um modo agressivo, fala que todo mundo aqui na Serra é favelado, essas coisas.*

Gustavo (17 anos): *A desvantagem é que por causa de você morar aqui em cima não arruma emprego lá fora. É que a gente mora tipo aqui onde é que tem criminalidade, essas coisas...*

Mateus (23 anos): *Mas a desvantagem é o preconceito, que sempre ocorre, né.*

Guilherme (24 anos): *É mais o preconceito. **Você fala que mora no aglomerado e as pessoas tomam distância***

José (27 anos): ***O que deve melhorar aqui? O valor. Nós aqui não temos valor. Nós temos que ser mais valorizados. A gente desce lá para baixo e os outros olham para gente com preconceito. Só porque tem tatuagem, só porque tem o cabelo pintado, só porque, às vezes, tem um risquinho na sobrancelha...é ladrão. A gente tem que ser mais valorizado. Lá embaixo a gente é ladrão, drogado, bandido, a gente lá é sem valor nenhum. A gente é valorizado aqui dentro, por nós mesmos, somos amigos, conversamos, um dá conselho para o outro. Lá embaixo, igual, às vezes você vai em uma loja comprar alguma coisa, nó, tem homem seguindo você o tempo todo.***

O preconceito com a favela e com os moradores da mesma é real. O preconceito com os jovens moradores de favelas é real. Não é difícil chegar a essa conclusão, pois ela se baseia em situações cotidianas vivenciadas por esses jovens. Novaes (2003) discute a inclusão e a exclusão social da juventude e apresenta o preconceito como uma barreira significativa para a conquista de espaço; a autora afirma que as diferenças de origem social e a situação de classe não podem esgotar o assunto e dá-lo por encerrado. Além do preconceito e discriminação de classe, existem outros recortes possíveis.

Gênero e raça são outros dois recortes que interferem nas trajetórias dos jovens. As moças pobres se “beneficiam” do crescimento do emprego doméstico, mas moças de classes sociais diferentes ganham menos que os rapazes quando ocupam os mesmos postos de trabalho. Mas se a “boa aparência”, exigida para certos postos de trabalho, exclui os jovens e as jovens mais pobres, esse “requisito” atinge particularmente jovens negros e negras. **Enfim, ser pobre, mulher e negra ou pobre, homem e branco faz diferença** (NOVAES, 2003, p.122, grifo meu).

Dentre as jovens entrevistadas, duas trabalham como empregadas domésticas: Catarina (23 anos) e Vivian (19 anos). A primeira é branca e a segunda é negra, mas ambas têm o

mesmo endereço. Segundo Novaes (2003, p.122), “ao preconceito e discriminação de classe, gênero e cor, adiciona-se o preconceito e ‘a discriminação por endereço’”. Neste sentido, o endereço não representa apenas um indicador de subalternidade econômica, mas para a peculiaridade da favela e dos aglomerados, representa uma área urbana estigmatizada como lugar de violência e corrupção de traficantes e polícia (NOVAES, 2003).

Sendo assim, baseio-me nos cinco recortes de preconceito e discriminação apontados por Novaes (2003) para legitimar os discursos dos jovens entrevistados que, em muitos momentos, expressam sentimentos de quem, cotidianamente, sofre preconceitos e discriminações: por ser pobre (classe), por ser preto ou preta (cor), por ser mulher (gênero), por ser morador e moradora do Aglomerado da Serra (endereço) e, por último, por ser público-alvo de projetos sociais. Este último critério de diferenciação será tratado com maior profundidade no próximo capítulo.

Durante a entrevista coletiva, algumas situações de discriminação e preconceito foram compartilhadas pelos jovens. O interessante foi observar o diálogo entre eles e reconhecer o momento da conversa como uma possibilidade de reflexão e questionamento para os mesmos. À medida que eles se identificavam (ou não) com a fala do outro, sentiam-se mais confortáveis para falar e contar alguma situação vivenciada.

Pesquisadora: *Quando perguntam para vocês onde moram, vocês falam que moram no Aglomerado da Serra, na Serra...como vocês falam?*

Guilherme (24 anos): *Depende, se eu tiver no táxi eu falo: mano eu moro aqui...sabe ali no Funcionários⁵⁶...vai entrando, vai subindo...*

Todos: *Risos.*

Guilherme (24 anos): *Aí ele: Não sei o que, mas...Aí eu falo: não, pode ir que eu te indico onde eu moro.*

Miguel (17 anos): *Mas essa hora que ele falou de taxista é algo muito preconceituoso mesmo. Muito mesmo.*

Mariana (17 anos): ***Se você fala assim...se ele te perguntar onde você mora e você falar Cardoso, ele não te leva. E você fala assim...vai subindo, vai subindo...aí ele já tá aqui.***

Lucas (14 anos): *Tem uns taxistas que têm medo, mas têm outros que é de boa. Depois de 00h não sobe.*

Guilherme (24 anos): *Só sobem os que vão para o baile, para o baile ou buscar droga.*

Camila (18 anos): *Outro dia eles me deixaram na metade do caminho.*

Lucas (14 anos): *Mas eu xingo, outro dia eu xinguei o homem do táxi, sabe por quê, porque a gente está pagando e eles têm que fazer o que nós queremos e não o que eles querem não. Ou então eu não vou pagar, simples assim. Minha mãe me xingou.*

Todos: *Risos.*

Camila (18 anos): ***Questão normal eu gosto de falar Serra, porque se eu falar São Lucas aí pergunta: ah onde é São Lucas...aí eu falo Serra. Agora essa questão de***

⁵⁶ De acordo com documento “Histórias de bairros”, produzido pelo Arquivo Público da Cidade de Belo Horizonte (2008), o bairro Funcionários é um dos primeiros bairros de Belo Horizonte, formado no centro planejado da cidade para os funcionários públicos que migraram de Ouro Preto (antiga capital de MG) para Belo Horizonte: a nova capital construída em 1897. Sendo assim, é um bairro nobre desde sua fundação até os dias de hoje e localiza-se na regional Centro-Sul, em proximidade com o Aglomerado da Serra.

taxista, eu falo São Lucas e o cara me leva, mas mal sabe eles que dá na mesma, tá lá dentro da (favela)...mesma coisa.

Lucas (14 anos): *Esses romanos...*

Guilherme (24 anos): *Ah, teve uma vez que eu cheguei de Ipatinga, era 4 horas da manhã, aí o cara já pegou minha mala...ó o táxi, ó o taxi, para onde você vai...aí eu: Serra; aí ele já largou minha mala...aí eu Oh Mano...*

Todos: *Risos.*

Miguel (17 anos): *Eu estava na porta do Shopping, estava eu e um amigo meu, a gente estava normal, vestido normal...aí a gente desceu assim e fomos pegar um táxi para subir...eu entrei dentro do carro, botei o cinto, bonito, aí ele perguntou: para onde vocês estão indo; aí eu falei: Serra; aí ele: Nossa cara, a gasolina acabou.*

Todos: *Risos.*

Miguel (17 anos): *Nossa, mas eu xinguei. Esse dia eu quase chutei a porta dele.*

Renato (16 anos): *Comigo aconteceu parecido. Eu cheguei entrar no táxi, coloquei o cinto, ele ligou o táxi: para onde você tá indo?; aí eu: to indo para Serra. Aí ele olhou assim para trás e falou: eu vou pedir um uber para você, para você ir tranquilo, porque essa hora a gente não tá...eram 5 horas da manhã porque eu estava voltando do serviço...você vai subir de uber e ele vai te levar com segurança, você vai ter direito a balinha dentro do uber. Aí eu falei: Não, beleza. Eu vou esperar aqui sentado dentro do táxi, não vou sair enquanto o uber não chegar. Aí ele falou: então tá.*

Pesquisadora: *E ele pediu o uber?*

Renato (16 anos): *Pediu, Uber Black ainda.*

Lucas (14 anos): *Mas você que pagou né...*

Renato (16 anos): *Eu que paguei.*

O diálogo apresentado se refere a um momento da entrevista coletiva em que os jovens relatam episódios de preconceito e discriminação com taxistas. É interessante notar que todos os jovens que se expressaram em relação aos taxistas reconheceram o preconceito pelo endereço; ou seja, todos eles reconheceram que as pessoas têm medo e receio de entrarem no Aglomerado da Serra.

No entanto, ressalto uma observação interessante, relacionada aos discursos que foram grifados: as jovens mulheres (Mariana e Camila) relatam que quando entram no táxi não falam palavras que permitem a compreensão pelo taxista de que elas estão indo para o Aglomerado da Serra, elas vão guiando o mesmo até que ele chegue ao endereço. É uma estratégia delas, tendo em vista que reconhecem que se falarem Aglomerado da Serra, Novo São Lucas ou Cardoso existe a possibilidade de recusarem a viagem. Já os jovens homens (Lucas, Guilherme, Miguel e Renato – todos negros), mesmo falando para o taxista que estão indo para a “Serra” (lembrando que existe o bairro Serra, considerado nobre, e o Aglomerado da Serra, considerado pobre), rapidamente reconhecem a reação dos taxistas de não querer levá-los.

A fim de explicitar o que percebi, repito a fala de Miguel (17 anos):

Eu estava na porta do Shopping, estava eu e um amigo meu, a gente estava normal, vestido normal...aí a gente desceu assim e fomos pegar um táxi para subir...eu entrei dentro do carro, botei o cinto, bonito, aí ele perguntou: para onde vocês estão indo; aí eu falei: Serra; aí ele: Nossa cara, a gasolina acabou.

Miguel e seu amigo que, segundo ele, estavam vestidos “normais”, poderiam estar indo para diferentes espaços da Serra e não necessariamente para o Aglomerado. No entanto, o taxista imediatamente interpretou que eles estavam indo para o lado “perigoso” da Serra. Neste sentido, enxergo uma discriminação de classe e cor; pois mesmo saindo do Shopping, com roupas “normais” (segundo o padrão estabelecido pela sociedade de consumo), os dois foram interpretados como “perigosos” pelo taxista. As jovens mulheres, em contrapartida, reconhecem que é possível conduzir o taxista, evidenciando que o receio/medo de um taxista com um jovem homem negro é mais comum do que com uma jovem mulher negra, por um histórico de envolvimento maior de jovens homens do que de jovens mulheres com o tráfico, crime e violência.

Pesquisadora: *Todo mundo sente que é visto diferente quando está fora da Serra?*

Camila (18 anos), Catarina (23 anos), Mariana (17 anos) e Lucas (14 anos): *Não...*

Guilherme (24 anos): *É porque vocês não são preto né, vocês não são preto...*

Lucas (14 anos): *Não...para mim não.*

Camila (18 anos): *Eu acho que quando o menino, quando a pessoa é negra, é pior né...eu acho que sente mais.*

Miguel (17 anos): *O jeito que você está vestido...*

Guilherme (24 anos): *Eu falo com você que quando eu vou fazer exercício, porque de manhã eu saio para correr, toda segunda, quarta e sexta eu vou correr na Bandeirantes⁵⁷ (...) Teve uma vez que eu me surpreendi...porque eu precisei estar com tênis de marca, uma roupa de marca, um moletom de marca, blusa e com uns negócios e perguntaram se eu era personal training. Agora eu estava correndo a semana toda, a mesma pessoa me viu lá, as outras pessoas viam chegando perto e começavam arredar vei...eu fico: “Oh mano, poxa cara, só porque eu sou preto?”. Por exemplo, eu fui com o cabelo trançado, eles chegavam perto de mim e talz...agora eu fui com o cabelo assim mano (Black Power) eles só olham assim e viram...*

Pesquisadora: *O fato de ser negro...*

Miguel (17 anos): *O fato de ser negro, o jeito que você está vestido, o jeito que você se comunica, isso tudo está ligado.*

Guilherme (24 anos): *Ó...kit para ser parado pela polícia: blusa de time, calça tadel...*

De acordo com a 3ª edição do documento “Retrato das desigualdades”, fruto da parceria entre o Fundo de Desenvolvimento das Nações Unidas para a Mulher (UNIFEM), o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) e a Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres (SPM), produzido em 2009, ao se tomar o conjunto de domicílios em assentamentos subnormais – moradias precárias como as existentes nas favelas - identificou-se a seguinte distribuição: 40,1% destes são chefiados por homens negros, 26% por mulheres negras, 21,3% por homens brancos e 11,7% por mulheres brancas. Sendo assim, mais de 50% das moradias das favelas eram chefiadas por homens e mulheres negras.

⁵⁷Bandeirantes é uma Avenida de Belo Horizonte, localizada em região nobre de classe alta.

Segundo o mesmo documento, o aumento da expectativa de vida tem se dado de forma desigual entre os diferentes grupos sociais. Os altos índices de mortalidade de homens, de uma forma geral e, em particular, de jovens homens negros – como resultado da violência urbana e do acesso reduzido a procedimentos médicos básicos - refletem em sua expectativa de vida. De acordo com informações de 2007, coletadas e divulgadas no documento, 20% da população branca situava-se abaixo da linha de pobreza, enquanto 41,7% da população negra encontrava-se na mesma situação.

Segundo os autores deste documento, a predominância do legado cultural escravocrata e patriarcal é profunda e, persistentemente, homens e mulheres, brancos e negros são tratados de forma desigual. “Apesar da igualdade formal, presente na letra da lei e de importância inquestionável, é na vivência cotidiana que a ideologia que reforça iniquidades de gênero e raça é mais explicitamente percebida” (2009, p.11). No caso dos discursos dos jovens entrevistados neste trabalho, observa-se a forte presença do racismo no cotidiano dos mesmos.

Outro ponto ressaltado pelos jovens durante a conversa sobre o preconceito diz respeito à maneira de se vestir; em alguns momentos, eles sentem que são julgados pela roupa e acessórios que estão usando. O que percebi é que alguns jovens sentem-se discriminados tanto pela cor da pele quanto pela roupa que estão vestindo.

Lucas (14 anos): *Mas os meninos também...eles querem colocar uma blusa que tem um desenho do curinga assim, todo assim ó...Ou senão sabe o que eles fazem? Vocês já viram uma blusa da freira que ela fica assim ó (braços cruzados com arma). Ó as blusas que eles querem colocar...a freira com arma....ahhh...*

Camila (18 anos): *Mas isso é preconceito, cara...*

Lucas (14 anos): *Eu não digo para você que não é preconceito, mas as pessoas também têm que ter noção pô...*

Guilherme (24 anos): *Noção não...É livre arbítrio...*

Lucas (14 anos): *Ou, mas tipo assim, eu acho que as pessoas, a polícia aqui no aglomerado, a polícia já fala que a gente é usuário, ainda as pessoas colocam a roupa, é pior.*

Lucas (14 anos) é negro, mas durante o diálogo não reconheceu sofrer preconceito e criticou algumas roupas que jovens da Serra usam, indicando que as mesmas são agressivas e que chamam atenção da polícia. Não posso afirmar que Lucas se sente ou não discriminado pela sua cor ou forma de se vestir, mas afirmo que enquanto os jovens negros relatavam situações de preconceito, ele mostrou-se atento e pareceu compreender o que falavam. Além disso, a indignação de Lucas em relação às roupas utilizadas por alguns jovens tem relação com a sua experiência de vida, pois ele convive cotidianamente com jovens traficantes em sua família e, possivelmente, estes jovens usam as roupas que ele criticou em sua fala. Ainda,

quando ele diz “a polícia já fala que a gente é usuário” pode-se inferir que ele vivencia ou já vivenciou situações de discriminação.

Guilherme (24 anos) evidenciou em sua fala a relação do preconceito pela cor e pela roupa/acessórios utilizados. Ele contou que houve um período em que trabalhava em um emprego bom e recebia um salário excelente. Neste período, foi ao shopping comprar algumas roupas e acessórios e percebeu algumas coisas. Renato (16 anos), em seguida, compartilhou o mesmo sentimento:

Guilherme (24 anos): E o fácil acesso que eu tive às coisas. Eu percebi que as pessoas têm muito preconceito também pela cor e pelo jeito que você veste, né. Falei, pô mano, se eu fosse branco e tivesse de chinelinho de dedo, eles iam me dar a loja inteira e não iam nem estranhar.

*Renato (16 anos): Essa questão da loja que o Guilherme falou acontece muito comigo. Uma vez eu estava voltando do serviço, isso era o que...umas duas horas da tarde, e passei nas Lojas Americanas, era páscoa...vou lá na Lojas Americanas comprar um chocolate né, bacana...eu estava com uma toquinha, estava muito frio, eu estava com uma toquinha, né (...) Eu estava com uma Jaqueta, uma calça e um tênis e uma mochila, eu entrei igual estudante né (...) **Aí o segurança...na hora que eu passei do lado do segurança assim, aí ele olhou, pegou o radinho dele e falou assim oh...aí eu estava subindo a escada e ele falou assim, eu escutei: “O neguinho de toca está subindo”. Aí eu parei assim...vou falar alguma coisa com ele...olhei para o lado para ver se não tinha mais alguém de toca, né...não tem ninguém...Pô...***

Estes jovens percebem e sentem discriminações diversificadas: por morarem na favela, por serem negros, por usarem roupas e acessórios que se identificam e se relacionam com a sua história/cultura, por terem uma condição socioeconômica inferior. Camila (18 anos) fez uma comparação entre o que acontece com a forma de se vestir dos homens e a consequente abordagem policial e a forma de se vestir das mulheres e a consequente abordagem desrespeitosa dos homens em relação às mesmas. Dessa forma, ela aproveitou a situação para ressaltar que as mulheres também sofrem preconceitos pela forma de se vestirem e, mesmo não sendo abordadas como “perigosas” e “violentas”, são vítimas de desrespeitos.

Camila (18 anos): A mesma coisa que acontece com a mulher...”ah, a mulher tem que ter noção, tem que usar uma saia dessa”. A mulher tem que ser respeitada, independentemente, uai!

Lucas (14 anos): Se o homem fica com 5 mulheres, ele é o rei delas que fica com 5 e se uma mulher também ficar com 10 ela é a piranha da história, isso eu também não concordo.

Camila (18 anos): Mesma coisa com a roupa, os caras não têm que deduzir, que destratar...eu sei que pode ter uma idéia formada, beleza, eu entendo, porque também tem um certo preconceito na minha mente...com cor não, mas com um menino, por exemplo, quando eu estou andando no centro da cidade e o menino está vestido desse jeito, com essas características, de boné, com a blusa tal tal e vir para o meu lado todo louco...Provavelmente eu vou achar que ele vai me assaltar...mas assim, a gente não pode generalizar também e todo mundo que a gente vê assim a gente vai falar...os caras têm que respeitar, entendeu.

No final da discussão sobre o preconceito, alguns jovens apresentaram alguns discursos que evidenciaram a sua visão crítica a respeito da discriminação e do preconceito que a sociedade vem alimentando:

Miguel (17 anos): *Eu acho que essa questão de roupa está ligada também a uma estrutura, é uma coisa...quando você nasce, você já vai nascer, seu pai já vai comprar as roupas e assim por diante, entendeu. A maioria dos jovens gosta...eu gosto muito de blusa de time...muitas vezes eu estou parecendo um marginalzinho mesmo, mas é uma coisa que você ganha.*

Camila (18 anos): *É cultura...*

Mariana (17 anos): *É cultura...*

Pesquisadora: *Catarina, você já passou alguma situação de preconceito?*

Catarina (23 anos): *Não...(com vergonha)*

Camila (17 anos): *(Passou a mão no cabelo dela) Ah, mas olha as características...*

Pesquisadora: *Loira do olho verde, risos.*

Pesquisadora: *Se mais alguém quiser falar mais alguma coisa para fechar.*

Miguel (17 anos): *Não, eu queria...não botar mais um assunto...mas a gente falou de homem e mulher, mas a gente também não esquece que tem LGBTs aqui que são muito pior, que é bem pior ainda de homem e mulher...*

Camila (18 anos): *O preconceito é maior ainda...*

Miguel (17 anos): *O preconceito é muito pior...*

Camila (18 anos): *Porque aí aumenta ser preto, favelado e LGBT.*

Miguel (17 anos): *Aí já era, aí você não consegue emprego, não consegue nada mesmo não.*

Os discursos acima reiteram que os jovens sofrem preconceitos pela cor da pele e acrescentam algo que se relaciona diretamente com o endereço e a classe, ou seja, a cultura. Como os próprios jovens mencionaram, existe uma maneira de se “vestir” que está relacionada com a formação cultural dos mesmos: blusa de time, toquinha, calça tadel, entre outros. Para os jovens, a vestimenta geral (roupas, acessórios, cabelo, etc) representa uma forma de comunicação e de representação cultural. Sendo assim, eles não podem ser julgados como “criminosos”, “perigosos” e “traficantes” pelo que vestem.

Além disso, Miguel lembrou que além do preconceito que homens e mulheres sofrem, ainda existe o preconceito sofrido por Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros (LGBTs) moradores das favelas e negros/negras. E Camila ressaltou que o preconceito aumenta à medida que o ser humano apresenta mais características interpretadas pela sociedade como “inferiores”: “por que aí aumenta ser preto, favelado e LGBT”.

De acordo com estudos históricos sobre as favelas brasileiras, a década de 1980 marcou a favela como local de atividade subterrânea de tráfico, principalmente da droga cocaína. Antes disso, a favela estava começando a se legitimar como um complexo coesivo, forte em diferentes níveis, como família, associação voluntária e vizinhança. Na década de 70, inúmeros sociólogos realizaram trabalhos nas favelas brasileiras, buscando comprovar o

sentimento de pertencimento dos moradores e as relações de amizade e cooperação entre os mesmos. Nesse sentido, a dicotomização favela-asfalto, periferia-centro, pobreza-riqueza começava a ganhar novas interpretações e as possibilidades de dissolver algumas barreiras duais construídas ao longo do século aumentavam (ZALUAR; ALVITO, 2006). No entanto, o tráfico de drogas, nestes últimos anos, tem se multiplicado no contexto das favelas, pois o mesmo se apresenta como possibilidade de trabalho para crianças e jovens desprotegidos pelo poder público (NAIFF; NAIFF, 2006) e a concepção da favela como o espaço do tráfico, propagada pela grande mídia, dualiza cada vez mais as fronteiras entre a favela e a cidade.

Em estudo realizado por Naiff e Naiff (2006), foram entrevistados 152 estudantes de uma Faculdade, da cidade de São Gonçalo - RJ, de ambos os sexos, que relataram já terem sido vítimas de alguma violência e são considerados moradores de classe média baixa, que vivem em proximidade com as favelas. O objetivo foi identificar elementos que compoariam as representações sociais que os entrevistados tinham em relação à violência, ao morador da favela e à própria favela em si. Como uma das conclusões do trabalho, tem-se que a relação entre favela, tráfico de drogas e violência compõe o pensamento atual dos entrevistados. Ou seja, para a maioria deles a favela é um espaço de tráfico e violência e morar perto da favela ou ser morador da favela configura-se como uma situação de risco. Dentre as cognições negativas identificadas sobre a favela, destacaram-se: local sujo, triste, miserável, perigoso, sem saneamento básico, moradia de bandidos ou desempregados.

A fim de ilustrar os sentimentos de parte dos jovens moradores da favela sobre a abordagem policial e a visão homogênea de que jovens das favelas são usuários de drogas, vejo como oportuno apresentar as falas de Guilherme, Camila e Mariana:

Guilherme (24 anos): *Enquanto os moradores não se...se juntarem e fazer...acho que se os bandidos saírem entra a polícia com a milícia...igual no Rio. Se os bandidos saírem entra a milícia, porque os bandidos é o que...por exemplo, eles têm os negócios...os policiais sabem onde é o ponto...todo mundo já sabe, os policiais já estão ligados...então eles passam, pegam o dinheirinho deles, faz vista grossa e vai embora. Eles vem, pegam e vão embora...igual Vida dos Insetos, eles vem, comem e vão embora. Aí depois eles fazem o que...por exemplo, se os bandidos saem..."acabamos com os bandidos"; **aí vem os policiais fazerem igual fazem no Rio, cobrar por proteção, se não der eles vão dar tiro e falar que tem drogas. Quantas vezes...um colega meu, meu sobrinho, já rodou, porque eles falaram que ele estava com droga, velho. Eu estava voltando da casa do meu colega lá na Rua da Água, passando assim de mochila voltando do treino, todo suado, aí o policial: Levanta a camisa. Aí eu levantei a camisa, normal: O que tem na bolsa? Aí eu: Tem roupa de treino. Aí o policial me apontou duas armas, com os olhos vermelhos, fedendo à maconha, e eu: Hum...ta bom, é hoje que eu tomo um sacode, eu olhei para o meu colega e ele só balançou a mão. **Porque na verdade eu acho que os verdadeiros bandidos não são bandidos, são polícias.*****

Camila (18 anos): *E sobre o que o Guilherme falou sobre os verdadeiros traficantes e tal...é...a mídia faz uma posição do traficante favelado, mas a gente*

*sabe que traficante verdadeiro é o que está de helicóptero, quem mora no Mangabeiras, quem mora no Sion*⁵⁸*...e eu cheguei a falar também na entrevista para você que, por exemplo, eu estudo hoje em escola pública e não tem a percentagem de pessoas que fumavam maconha na minha escola particular, na minha sala.*

Mariana (17 anos): *Porque se for olhar os verdadeiros compradores nem são da favela, porque olhando...eles nem têm condição de comprar. Quem mais compra, é quem é rico. Eu tenho muito amigo, quando eu estudava em escola particular, que comprava, que vinha aqui na Serra, perguntava para mim se eu conhecia gente que vendia...*

Compreender o atual contexto do tráfico de drogas nas favelas brasileiras não é simples, pois o tráfico de drogas não se dá pontualmente, em uma única localidade; configura-se como uma rede de relações ilícitas para se alcançar, cada vez mais, poder econômico. Alvito (2006), baseando-se em estudo antropológico na favela de Acari, no Rio de Janeiro, apresenta o tráfico internacional de drogas como uma estrutura supralocal - algo que vem de fora da localidade, mas que tem influência sobre a mesma – que exerce poder e controle sobre a vida das favelas.

Tanto policiais quanto moradores de favelas são capazes de apontar um momento, situado por volta de meados da década de 80, em que a dinâmica do tráfico de drogas modificou-se, assumindo, da noite para o dia, as proporções de um comércio milionário, cujo controle, sem dúvida, é supralocal e até mesmo supranacional, embora a ponta mais visível (e a única a ser, de uma forma ou de outra, reprimida) esteja localizada – dentre outros sítios – nas favelas cariocas (ALVITO, 2006, p. 190).

Ao pensar no tráfico de drogas como um comércio milionário que vai além da “ponta mais visível”, combatida diariamente pela polícia e evidenciada pelos jornais – a favela – cabe pontuar que a venda de maconha, desde a década de 50, já fazia parte do cotidiano das favelas e as “bocas de fumo” não são novidades da década de 80. Estudos comprovam que a explosão do tráfico de cocaína foi resultado de uma política antidrogas reacionária do governo norte-americano. Os exportadores latino-americanos de maconha voltaram o seu negócio para a exportação de cocaína, que é uma mercadoria mais fácil de transportar, já que ocupa menos espaço e pode ser misturada quimicamente de diferentes formas (BOURGOIS, 1996, pp.74-75 *apud* ALVITO, 2006, p.191).

Durante a realização da entrevista coletiva, alguns jovens entrevistados expressaram opiniões sobre o tráfico de drogas e as possíveis soluções para o combate ao mesmo. O investimento em educação, a mudança na forma de abordagem da polícia e a legalização das drogas foram apontadas como possibilidades.

⁵⁸ Mangabeiras e Sion são bairros nobres da cidade de Belo Horizonte.

Miguel (17 anos): *Eu acho que o tráfico de drogas nunca vai acabar se tiver viciado para comprar, se tiver viciado para comprar sempre vai continuar, entendeu. Claro que poderia ter uma redução muito maior se tivesse uma infraestrutura sobre a educação, porque eu acho que a educação é o que vai mover tudo isso...do cara escolher fazer uma faculdade de engenharia ou ele vai vender a droga ali e saber que o futuro dele é incerto, entendeu. Então eu acho que a educação está muito ligada a isso.*

Mariana (17 anos): *Eu acho que tudo se baseia no Governo. Se o Governo desse uma educação qualificada para todo mundo, não teria isso. Porque se eu tivesse...tipo, eu estudo em escola particular, agora não porque eu mudei, mas eu estudava, eu tenho amigos que não estudam. Eu vou ter muito mais oportunidades do que as pessoas que estudam em escola pública, porque agora que eu estou em escola pública, o que eu aprendo eu aprendi na 1ª série, tipo quando eu tinha 9 anos de idade, o que eu aprendo agora. E tipo...eu vou ter muito mais oportunidade do que essa pessoa. E aí vem tudo...essa pessoa não tem oportunidade já é negra, já é da favela, já é tudo...o que ela tem para fazer? Nada, vai entrar no tráfico. E aí eu acho que tudo se baseia na educação.*

Camila (18 anos): *Eu também concordo com essa questão da educação, e aí em questão do que o Miguel falou também de viciado, eu acho uma situação meio complicada, principalmente nessa questão de legalização, embora eu ache que a legalização diminuiria bastante a criminalidade, eu acho que talvez acabar, exterminar, digamos assim, é meio que um sonho, mas diminuir tem...diminuir eu acho que tem como a gente ter um controle, tem como entrar em um nível de controle.*

Miguel (17 anos): *Sobre a legalização eu acho que seria um ponto de redução sim. Porque reduziria a quantidade do tráfico assim e também gerava imposto para o Governo e tudo isso. E fora que a droga que vende aqui ela é totalmente, totalmente bosta; é uma merda mesmo. Então fora do país, no caso tem vários países que são legalizados, que elas são 100% perfeitas mesmo...então o cara pode fumar tranqüilo que ele sabe o que ele está recebendo. Já aqui não...se você comprar aqui uma cocaína, por exemplo, não vai vir a cocaína igual da Colômbia...nunca, nunca que vai vir. Tipo 1 kg lá...fica aqui...vai virar 100 kg aqui...1 kg de cocaína da Colômbia que vem para cá, entendeu... que eles vão pôr remédio, vão pôr até xixi do gato deles...*

De acordo com Zaluar (2006), esta organização transnacional do tráfico de drogas e, conseqüentemente, do crime, afetou e vem afetando as regiões metropolitanas e, de modo especial, as favelas. A formação de quadrilhas de traficantes de drogas aumentou a criminalidade violenta⁵⁹, acompanhada pelo poder militar do crime organizado. A partir do momento em que os jovens traficantes, moradores das favelas, portam armas de fogo (armamentos militares conseguidos por meios ilícitos), a possibilidade de crimes violentos potencializa-se. O crime violento, portanto, é um fenômeno mundial e não apenas brasileiro. Por conta disso, existe uma “cultura do medo” fluida – contagiosa e instável – que assola a população em uma proporção descabida.

⁵⁹Zaluar (2006, p. 228) pontua que “a definição de crime violento não é uniforme em todas as estatísticas disponíveis no Brasil. A definição jurídica inclui homicídios e tentativas de homicídios, assaltos, latrocínios, lesões corporais dolosas, estupros e tentativas de estupros. Os dados oficiais da polícia às vezes também incluem homicídios culposos, às vezes consideram apenas os homicídios dolosos”.

Na “comunidade local”, os grupos do tráfico ou as “quadrilhas”, como são chamados pelos moradores da vizinhança, começaram a se interessar pelas eleições das associações de moradores, apresentando candidatos ligados a eles. Muitos jovens moradores do local acabaram identificando-se com eles, apoiando-os explicitamente em virtude do processo de marginalização dos jovens pobres, inclusive as medidas repressoras e arbitrárias tomadas pelos policiais nas últimas décadas contra todos aqueles que correspondiam aos estereótipos policiais do criminoso (ZALUAR, 2006, p. 212).

O tráfico de drogas ilegais efetivamente intensifica a criminalidade e a violência. À medida que os anos passam e o narcotráfico cresce e se instala nas favelas, há aumento considerável do homicídio entre homens jovens envolvidos na criminalidade; principalmente homens jovens pobres, ou seja, moradores das favelas. Os crimes aumentaram e não convém colocar a mídia apenas como veiculadora preconceituosa. Sendo assim, “não se pode afirmar que o medo seja apenas uma criação do imaginário ou até mesmo da recepção passiva de mensagens da mídia” (ZALUAR, 2006, p. 213). A propagação da “cultura do medo” é uma consequência da onda de crimes violentos, registrada cotidianamente e divulgada pelas diferentes mídias.

Como consequência deste medo, as associações de moradores das favelas vêm perdendo espaço político para os traficantes que, apesar de serem reconhecidos como criminosos, apresentam-se, para os moradores, como possíveis protetores e mediadores, tendo em vista as abordagens policiais históricas nas favelas.

Pesquisadora: Agora pensando no Aglomerado da Serra, o que você acha que pode melhorar para a vida dos jovens?

Gabriela (14 anos): Ah...não sei não. Sei lá. Podia ter menos violência, essas coisas.

Entrevistadora: Como você acha que essa violência pode diminuir?

Gabriela (14 anos): Não tenho noção. Porque é tão constante, vem tipo do nada, então eu não tenho muita noção de como seria se diminuísse.

Pesquisadora: Você tem medo dessa violência aqui ou não?

Gabriela (14 anos): Não, porque tipo, apesar de tudo não é tão violento assim. Porque é como se os traficantes protegessem a gente, porque eles não saem matando assim do nada sabe, aí tipo, igual aqui mesmo se vier um estuprador essas coisas, eles não deixam. Aí eu acho que apesar de ser mal, de ser uma coisa do mal, é como se fosse uma proteção pra gente.

José (27 anos): Ah, vantagem de morar aqui são entre aspas a segurança, que a gente...é..., aqui dentro não tem roubo, aqui dentro não tem estupro, aqui dentro não tem covardia, entendeu...

Camila (18 anos): Eu também citei essa parte da segurança, só que eu acho que eu expliquei meio de forma errada, porque a segurança que se da aqui não é necessariamente porque o patrão dos caras da boca, eles estão protegendo os moradores. E é isso que se cria na cabeça de muita gente, porque eles não protegem a gente, porque a partir do momento que a gente infringir alguma coisa em relação a eles, eles vão fazer o que eles quiserem. A questão é que eles não querem polícia aqui para o comércio deles.

Uma reflexão interessante sobre a violência à qual os jovens se referem está presente

em estudo de Leeds (2006) quando a autora afirma que “os favelados, em particular, se vêem entre dois fogos: a violência ilegal dos traficantes e a violência oficial das forças policiais” (p. 235). Para a autora, as favelas são vítimas de uma violência estrutural-institucional, resultado de uma violência empregada pelo Estado.

O modo pelo qual o Estado reage ao tráfico de drogas nas favelas constitui um exemplo atual (numa série de paralelos históricos) de repressão do “comportamento aberrante” da classe inferior e, logo, de repressão de segmentos expressivos de toda uma classe. Mais importante, a onipresença do tráfico de drogas ameaça o frágil processo de criação, em nível local, de estruturas democráticas capazes de fortalecer e mobilizar politicamente as comunidades de baixa renda” (LEEDS, 2006, p. 235).

Ao longo da pesquisa de campo, estabeleci um diálogo próximo com um dos líderes comunitários da Vila Cafezal, responsável por um dos projetos sociais objetos deste estudo. Ele me afirmou, em diferentes momentos, que há anos não se tem uma associação de moradores forte, capaz de representar efetivamente a Vila Cafezal e que ele desconhece alguma associação que esteja em situação ativa junto aos órgãos públicos. Este líder utiliza o antigo espaço da associação para a realização do seu projeto social, além de promover atividades esporádicas de lazer para a comunidade. Durante as conversas com o mesmo, ficou evidente a sua insatisfação com o apoio do poder público junto à comunidade.

Com o enfraquecimento das organizações comunitárias, como associações de moradores, responsáveis pelo diálogo com o poder público para a busca da garantia de direitos sociais, cria-se na favela uma imagem dos líderes do tráfico como líderes do espaço, capazes de realizar negociações que outros líderes não conseguem. Apesar de os traficantes das favelas representarem, no âmbito supranacional do narcotráfico, distribuidores⁶⁰ de classe baixa, no contexto em que agem, a sua representatividade é grande.

Uma queixa amarga dos pequenos traficantes é que esses “tubarões” anônimos raramente são tocados, enquanto os distribuidores de classe baixa são violentamente perseguidos. Dentro da estrutura de classes do narcotráfico, esses distribuidores constituem o segmento vulnerável e explorado. **Mas, dentro da estrutura social das favelas, eles são ou reverenciados ou relutantemente respeitados e temidos. Sua presença jamais é neutra**” (LEEDS, 2006, p. 240).

Como exemplos de distribuidores do Aglomerado da Serra, têm-se os primos de um dos jovens entrevistados:

Lucas (14 anos): *Tipo assim, eu tenho 5 primos que são bandidos. Os 5 foram porque foram em idéia de amigo, foi entrando, envolvendo e minhas tias falando, falando...até que um dia virou e chega lá em casa acha que é o dono da casa. Eu brigo com eles todo dia.*

⁶⁰ O termo “distribuidores” é utilizado por Leeds (2006) para se referir aos “traficantes” de drogas ilegais.

Todos: Risos

Lucas (14 anos): *Sério, eu sou muito folgada gente. Porque eles chegam lá em casa...eles moram todos no terreiro...eles chegam lá em casa achando que eles, tipo assim, que eles são os donos da casa, você tá vendo televisão eles já chegam tirando, e eu já briguei na mão de um voar no outro por causa disso. Porque eles acham...igual eu falo com a minha tia.. não é só porque ele é bandido que ele pode fazer o que ele quer na favela. Igual tem bandido que acha que porque é bandido que fica andando sem capacete, com arma. Isso para mim é tudo idiotice. Igual eu falo com meu primo: você tinha que morrer e ficar na cadeia, porque na cadeia pelo menos você está lá, podia surgir uma guerra e você morrer sabe porque...porque, tipo assim, eu brigo com eles, são muito folgados. Bandido acha que é dono da Serra, mas não é. Brigo, minha mãe chinga, meu pai chinga, porque minha mãe fala: eles têm mão pesada, eles vão te matar um dia e eu não vou estar perto. Mas eu brigo todo dia. Bandido para mim é uma raça muito folgada.*

E como exemplos das violências percebidas no Aglomerado da Serra pelos jovens há uma série de depoimentos:

Camila (18 anos): *A desvantagem daqui é que por mais que você vê muita coisa boa, você vê também coisa muito ruim, como por exemplo o final do ano passado, dia 31, na virada do ano, eu tive que passar pelo fato de ver meu amigo em um dia e no dia seguinte saber que ele foi morto espancado. Então tem essa parte ruim de você ver seus amigos passando por essas coisas desnecessárias, num meio que tem tanta gente boa.*

Ana (14 anos): *uma desvantagem é que tem muita boca de fumo, pessoas fumando drogas na frente da gente, não respeita... crianças na rua.. Ah!... isto é ruim!*

Lucas (14 anos): *as coisas ruins são essas trocas de tiro, essas mac...(maconha) tipo, incentivando você.*

Renato (16 anos): *Ah!...perigo de bala perdida no meio da guerra, cê tá passando, aí vem traficante, né?Bate em você, ou até a polícia mesmo, bate em você!*

Jonas (19 anos): *A desvantagem são essas duas coisas, questão de guerra, conflito e...o que acontece...qualquer coisa que acontecer aqui cai culpa no morador que tá aqui dentro, nem sempre todo mundo tá fazendo isso que geralmente falam na televisão, entendeu. Nem sempre é todo mundo.*

Mariana (17 anos): *A desvantagem é a questão do tráfico, essas coisas.*

Finalmente, é possível identificar que os jovens entrevistados do Aglomerado da Serra percebem o tráfico de drogas como um “problema”, que causa medo, insegurança e violência na localidade em que vivem; não só devido aos traficantes, como também devido à abordagem policial repressiva e preconceituosa. Ao mesmo tempo, estes jovens compreendem que o Aglomerado da Serra não se resume ao tráfico e à violência, pois eles se sentem seguros e reconhecem possibilidades de ser feliz.

Sem o intuito de apresentar finalizações às reflexões teórico-práticas sobre as favelas brasileiras e as relações que os jovens estabelecem com a sua localidade, penso que as discussões até aqui apresentadas são importantes para o caminhar compreensivo acerca destes

jovens como público-alvo de projetos sociais. Talvez, agora, seja possível aproximarmos um pouco mais dos sentidos e significados percebidos por jovens do Aglomerado da Serra para a sua participação em projetos sociais de lazer.

3 PROJETOS SOCIAIS DE LAZER DA SERRA: Jovens, quais são suas trajetórias e expectativas?

Nos capítulos anteriores, todos os jovens entrevistados foram citados em algum momento (uns mais vezes do que outros), no entanto ainda não os apresentei. Decidi apresentá-los no último capítulo, juntamente com os projetos sociais de lazer que eles fazem parte. A apresentação dos jovens e dos projetos será breve e tem o objetivo de aproximar o leitor do tempo-espaço observado – projetos sociais de lazer - e dos atores sociais – jovens – focalizados neste tempo-espaço.

Para apresentar os jovens, introduzirei como conheci o projeto que eles participam e em seguida como eles vieram a fazer parte da pesquisa com as suas narrativas orais. Notavelmente, será possível identificar que com alguns jovens e projetos houve maior proximidade e, por isso, as apresentações podem ser mais extensas.

Além disso, buscarei neste capítulo apresentar os sentidos e significados que permearam os discursos dos jovens no que diz respeito à sua participação em projetos sociais de lazer e/ou a sua visão do “para quê” participar ou “qual a importância” disso em sua vida e na vida de outros jovens de sua localidade. Compreendo que os capítulos anteriores foram/são importantes para chegar até aqui, pois a partir deles foi possível alinhar pensamentos e reflexões. No mais, reitero que este estudo representa um trabalho reflexivo resultante de uma pesquisa de campo, também sentida e significada pela pesquisadora através dos contatos físico-teóricos vivenciados.

Projetos sociais de lazer. Venho utilizando este termo ao longo do trabalho e não busquei justificá-lo em nenhum momento. Tentarei, ao menos, explicitar as razões de assim denominar os espaços socioculturais que frequentei na Serra, de forma que esta compreensão não se caracterize como primordial para este trabalho, mas como contributiva e reflexiva.

Em alguns textos lidos em artigos acadêmicos e/ou em notícias encontradas na internet e, até mesmo, em um dos diálogos que tive com um dos jovens entrevistados, a frase “aglomerado de projetos”, ao se referir ao Aglomerado da Serra, apareceu. Antes disso, eu já ouvira falar sobre o projeto Criança Esperança, por conhecer professores que já trabalharam no mesmo, e sobre a Jocum (Jovens com uma Missão), espaço que conheci quando me voluntariei (à convite de uma amiga que estava envolvida no mesmo) para ser animadora sociocultural em um sábado de lazer.

Segundo Stoppa e Marcellino (2006, p.34), devido à deficiência das políticas sociais, que contribuem pouco com a inserção das pessoas na sociedade de forma participativa, é

possível verificar nas localidades de baixa renda das grandes cidades o aumento da movimentação das comunidades. Para os autores, “a área cultural é o instrumento escolhido como caminho para a tentativa de minimizar a questão, gerando a formação de grupos de hip-hop e de funk, grupos ligados à área esportiva, teatral, entre outras manifestações”, relacionadas com o tempo-espaço lazer.

Quando me deparei com a Guia de Equipamentos Sociais e Rede de Apoio à Comunidade do Aglomerado da Serra⁶¹, constatei que o número de equipamentos, programas, instituições e grupos de cunho social é significativo. A Guia se apresentou como um documento, literalmente, guiador da pesquisa realizada. As instituições que colaboraram com a confecção do documento foram: ECE-BH, Programa Fica Vivo- Serra, Núcleo de Prevenção à Criminalidade-Serra, Centro Cultural Vila Fátima, equipes do Programa Esporte Esperança da Secretaria Municipal de Esporte e Lazer (SMEL) e equipes do CRAS Vila Fátima e Marçola.

A decisão de elaborar a Guia foi fruto de um encontro realizado em 2013 na Serra: o 1º Seminário Nós e a Rede. As instituições locais participantes do encontro decidiram reeditar o catálogo da rede de instituições do Aglomerado da Serra produzido pelo ECE-BH em 2009. Dessa maneira, conclui-se que já existia um documento antes, mas que o mesmo foi atualizado e hoje representa o documento utilizado e divulgado pelas instituições. Como exemplo disso, tanto no ECE-BH quanto em outras instituições que visitei, como os CRAS, Centros Culturais, Jocum e Projeto Providência, a Guia me foi apresentada.

FIGURA 13 - Guia de Equipamentos Sociais e Rede de Apoio à Comunidade



Fonte: Foto da autora

⁶¹Retratei-me à Guia no início do trabalho, ao contar a minha primeira inserção na Pesquisa de Campo, no ECE-BH, onde tive o primeiro contato com o documento.

A Guia é dividida da seguinte maneira: Rede socioassistencial, que se divide em Equipamento público e ONGs; Rede educacional, que se divide em escolas públicas e creches conveniadas; Rede de saúde; Rede de esportes, que se divide em Equipamento público e ONGs; Rede cultural, que se divide em Equipamento Público e Manifestações Culturais e Rede comunitária. Dentro de cada divisão, são listados equipamentos, grupos e instituições e, em alguns casos, um resumo das atividades desenvolvidas pelos mesmos.

Nas Redes de saúde, educacional e comunitária, estão listados, respectivamente, os centros de saúde, as escolas estaduais, municipais, UMEIs (Unidades Municipais de Educação Infantil) e creches conveniadas e as associações e conselho comunitário que atendem ao Aglomerado da Serra. De acordo com o documento, constituem a Rede Educacional 06 escolas estaduais, 06 escolas municipais, 05 UMEIs e 12 creches conveniadas; a Rede de saúde possui 05 centros de saúde e a Rede comunitária 01 conselho comunitário, 01 associação de moradores e 01 associação comunitária. De todos os estabelecimentos e instituições listados, apenas um foi visitado ao longo da pesquisa – a creche Quita Tolentino - por ser o espaço onde acontece uma das oficinas do Programa Fica Vivo, denominada “Identidade”.

Na Rede socioassistencial são listados os equipamentos públicos voltados para a assistência social, que totalizam 06: BH Cidadania/ CRAS Vila Fátima; BH Cidadania/ CRAS Vila Marçola; Centro de Prevenção à criminalidade Serra – Programa Fica Vivo e Programa Mediação de Conflitos; Centro de Referência de áreas de risco (CREAR); Copasa e Equipe de proteção social básica da regional centro-sul. Dos equipamentos públicos listados, tive acesso aos dois CRAS e ao Núcleo do Programa Fica Vivo.

Além dos equipamentos públicos, são listadas 14 ONGs voltadas para assistência social: Associação brasileira comunitária para prevenção do abuso de drogas (ABRAÇO), Centro cultural e educativo da Serra (ACES), Artesanato solidário no aglomerado da Serra (ASAS), Casa de Maria, Casa de Isaacar, Centro comunitário Nossa Senhora de Lourdes/ Associação Pré-UFMG, Centro de integração Martinho (CIM), Espaço Criança Esperança, JOCUM, Projeto Rizoma, Ong Laço, Polos Serra da UFMG, Projeto Compaixão e Projeto Providência. Destas ONGs, tive acesso a três (ECE-BH, JOCUM e Providência).

Na Rede de esportes, são listados 02 equipamentos públicos e 02 ONGs, sendo respectivamente: Baleião – complexo esportivo Mário Ferreira e Quadra comunitária São Miguel Arcanjo (ao lado do Centro Cultural Vila Fátima) e Centro de Esportes e Cultura do

Aglomerado da Serra (CECAS) e Projeto Itamar. Desta rede, tive acesso ao Projeto Itamar, apesar de conhecer os outros equipamentos.

Por fim, na Rede cultural são listados 02 equipamentos públicos – Centro Cultural Vila Fátima e Centro Cultural Vila Marçola - e 18 manifestações culturais, as quais incluem grupos de música, dança, teatro, capoeira, entre outros. Dentre as manifestações, destaco o Centro Cultural Lá da Favelinha e o Movimento Soul, que dialogaram indiretamente com a atual pesquisa. Os Centros Culturais foram os espaços mais visitados durante a pesquisa, por receberem 02 oficinas acompanhadas ao longo da mesma.

O acesso à Guia afirmou o meu olhar para o Aglomerado da Serra enquanto um espaço focalizado no âmbito das políticas sociais de Belo Horizonte. Mais do que isso, enquanto um espaço que vem produzindo, por meio de seus próprios moradores e/ou articulações com instituições públicas e privadas, ações culturais diversificadas. Guilherme (24 anos) apresentou uma fala interessante quando dialogávamos na entrevista sobre o direito social ao lazer:

Pesquisadora: Você acha que os jovens que moram em BH, em diferentes bairros, têm as mesmas oportunidades de lazer?

*Guilherme (24 anos): Não, nem todos. Nem todos. É... Às vezes é por causa disso também, porque...aqui tem vários aglomerados. Eu já passei em vários. **Por exemplo, no Estoril...é...tem pouca. Tem uma colega minha que mora lá que queria fazer aula aqui porque lá não tem nada. Aí eu falei assim: você tem certeza? Aí ela: “tem 19 anos que eu moro aqui e eu não vejo projeto aqui e as pessoas que vem para cá fazem meia boca, não querem fazer”. É...por exemplo, no Palmital, tem o Black A, que agora tá na França disputando em um evento que todos os dançarinos de Hiphop e danças urbanas gostaria de participar e o cara saiu do Palmital, passou na seletiva e agora vai disputar na França, ele já está lá, chegou lá ontem e agora vai batalhar.***

A resposta de Guilherme revelou sua visão acerca da desigualdade de distribuição de projetos nos aglomerados de BH. Neste caso, ele cita dois outros aglomerados, que compreendi serem localidades como o aglomerado que ele vive. Ele destacou o fato de uma amiga do “Estoril” querer ir para a “Serra” participar de um projeto por não encontrar algum em sua comunidade e outro fato de um jovem, com o nome artístico “Black A”, do “Palmital”, hoje viver como dançarino, viajando pelo mundo, provavelmente a partir de uma aprendizagem desenvolvida em seu aglomerado. Ou seja, Guilherme evidencia sua crença nos projetos existentes como possibilidades positivas na vida das pessoas e reconhece que no Aglomerado da Serra existem projetos sociais de lazer de qualidade, que não sejam “meia boca”.

Já José (27 anos) chamou atenção para o fato de que já têm muitos projetos na Serra e que estes projetos precisam ser igualados para atingir mais jovens.

Pesquisadora: *Você acha que deveriam ter mais projetos sociais aqui?*
 José (27 anos): *Não...de projeto social acho que já tem muito. Só falta eles valorizarem o projeto que tem, em vez de fazer mais. Só isso que precisa ter....projeto aqui é o que mais tem. E igualar todos. Não deixar um melhor que o outro.*

A Guia que tive acesso foi importante, mas à medida que conversei com os jovens, pude identificar e descobrir outros projetos.

Tendo em vista que o Aglomerado da Serra recebe projetos sociais diversos, advindos de diferentes instituições (públicas e privadas), apresentarei a seguir os projetos sociais visitados neste estudo e os jovens entrevistados em cada um deles. Iniciarei a apresentação com um projeto de investimento privado e os 02 (dois) jovens entrevistados no mesmo (Lucas e Gabriela); em seguida, apresentarei os projetos de iniciativa governamental e os 07 (sete) jovens entrevistados (Gustavo, Mariana, Guilherme, Mateus, José, Jonas e Vivian); finalmente, apresentarei os projetos sociais liderados por membros da localidade - os quais não contam com apoio do setor público nem privado - e os 05 (cinco) jovens entrevistados (Ana, Renato, Miguel, Catarina e Camila).

A apresentação dos projetos levará em consideração textos encontrados na internet, conversas com os responsáveis (coordenadores e professores) e com os participantes entrevistados (jovens). A apresentação dos jovens levará em consideração os discursos dos próprios jovens sobre suas trajetórias e expectativas.

Por fim, as expressões e opiniões dos jovens sobre os projetos que participam e sobre outros projetos, que não participam e/ou já participaram, em diálogo com seus sonhos e expectativas, serão focalizadas neste capítulo com o intuito de revelar possíveis sentidos e significados atribuídos à participação em projetos sociais de lazer.

3.1 Projeto de Investimento Privado: Espaço Criança Esperança de Belo Horizonte

O primeiro projeto social que tive acesso na Serra foi o Espaço Criança Esperança de BH (ECE-BH). De acordo com dados encontrados no site do projeto⁶², o ECE-BH é um projeto de ação social voltado para crianças, adolescentes, suas famílias e para a comunidade do Aglomerado da Serra.

Realizado pela Rede Globo em parceria com a Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura (UNESCO), têm como parceiros locais a PUC-MG e a PBH. Atua na comunidade desde 2003 (ano de sua inauguração) e, de acordo com dados atualizados

⁶² <http://criancaesperanca.globo.com/platb/ecebh/quem-somos/> acessado em 15 de Junho de 2017.

em 2012, atende a aproximadamente 1.000 (mil) crianças e adolescentes e realiza cerca de 10.598 (dez mil quinhentos e noventa e oito) atendimentos mensais em 23 opções de oficinas temáticas, esportivas, culturais e educacionais. As atividades e oficinas que acontecem no ECE-BH estão listadas no *site* da seguinte maneira:

- **Esporte:** Esporte Educacional (Quadra), Atividades Aquáticas, Jogos e Brincadeiras, Judô, Futsal de Rendimento, Basquete de Rendimento, Natação de Rendimento, Vôlei de Rendimento, Ginástica de Rendimento.
- **Cultura:** Desenho e Grafite, Arte Educação, Arte e Miçanga, Hip Hop, Ballet, Ballet Brasil, Informática, Percussão, Novas Mídias, Teatro e Circo.
- **Educação:** Para Casa Divertido, Oficina de Idéias, Oficina de Meio Ambiente, Batata Quente, Acompanhamento Pedagógico, Educação de Jovens e Adultos, Inglês, Atividades e cursos relacionados ao Mundo do Trabalho.
- **Atenção Psicossocial:** Grêmio, Papo Reto, Bonde Cultural, Boca Livre, Encontro com as Famílias, Subindo a Serra, Acompanhamento Integral.
- **Gestão Noturna:** Empréstimo da estrutura física no período da noite e finais de semana para grupos culturais, esportivos e religiosos do Aglomerado da Serra.

Ainda segundo dados do *site*, o projeto tem como principal objetivo contribuir para a formação humana de seus educandos, promovendo a inclusão social, o protagonismo juvenil e, principalmente, uma educação conscientizadora. O trabalho realizado busca o desenvolvimento humano nas dimensões escolares, familiares, comunitárias e da saúde, além da educação para o mundo do trabalho e do lazer.

Em artigo acadêmico, Zingoni e Alves (2004) relatam e discutem uma experiência de formação sociocultural em lazer proporcionada pelo ECE-BH aos agentes culturais da comunidade e, para isso, dissertam sobre a história e objetivos do mesmo. Além das parcerias já mencionadas anteriormente, as autoras afirmam que algumas organizações da sociedade civil da Serra são tidas como parceiras: Creche Quita Tolentino, Projeto Providência, Associação Beneficente Martim Lutero, Associação Beneficente da Serra, Conselho de Pais Criança Feliz, Associação Vila Marçola, grupos culturais e outras associações comunitárias.

As autoras apresentam “dois fatores fundamentais” que levaram o ECE-BH a se instaurar no Aglomerado da Serra: “a ausência de uma rede de proteção social para as crianças e adolescentes e o alto índice de vulnerabilidade social da comunidade” (p.108). Para justificá-los, alguns dados do IBGE do ano de 2000 são destacados, como o número de adolescentes de 12 a 18 anos incompletos do Aglomerado da Serra (6327), o rendimento mensal da comunidade de R\$292,00, em contraposição com o de BH (R\$1224,00) e o número médio de anos de estudo dos responsáveis pelos domicílios que era de 4,1 anos (sendo que em BH era de 8 anos).

Ainda, as autoras destacam que o público direto do projeto é adolescente, entre 12 e 18 anos, que participam de oficinas de arte/cultura, esporte/lazer, multimídia e temáticas,

atendendo um total de 1500 jovens, 200 famílias, 80 educadores da comunidade (através de capacitações), articulação com grupos culturais (400 jovens utilizam o espaço para eventos, cursos e lazer) e articulação com lideranças da comunidade envolvendo 50 jovens.

O ECE tem como fim a intervenção direta com a comunidade em busca da efetiva inclusão social de crianças e adolescentes. Estas ações acontecem dentro das linhas de ações e assessorias orientadas pelo Projeto Pedagógico Criança Esperança, denominadas: **linha de intervenção, linha de articulação e linha de capacitação, além das assessorias de informação e comunicação, monitoramento e avaliação**” (ZINGONI e ALVES, 2004, p.109, grifo meu).

O intuito de apresentar estes dados não caminha no sentido de realizar uma avaliação sobre o projeto em questão, mas de evidenciar que o mesmo preocupa-se (ou já preocupou-se) em registrar, regularmente, dados oficiais sobre o alcance dos projetos e os números de adolescentes e jovens participantes, bem como de membros da comunidade que são capacitados para atuar junto à mesma.

Para isso, existem as assessorias de informação, comunicação, monitoramento e avaliação. Em meus contatos com o projeto, devido à grande preocupação em alcançar os jovens, limitei-me a dialogar com professores e jovens e, vez ou outra, com o coordenador do núcleo de esporte. Sendo assim, não tive acesso a dados mais recentes e as informações sobre documentos oficiais do projeto foram encontradas no site (aparentemente desatualizado) e/ou em trabalhos acadêmicos que datam de 2004 a 2008.

Mais três trabalhos acadêmicos contribuíram com a minha compreensão acerca do ECE-BH: a dissertação de mestrado de Couto (2005) em Gestão de Políticas Sociais, no qual ele faz um estudo de caso sobre dois projetos sociais, sendo um deles o ECE-BH; o artigo acadêmico escrito por Almeida e Coelho (2007) que analisa o alinhamento da imagem desejada pelo grupo gestor do projeto com a imagem percebida por diferentes públicos de relacionamento do mesmo; e o artigo acadêmico escrito por Gualberto e Silva (2008) que disserta sobre a animação sociocultural no ECE-BH.

O acesso aos trabalhos citados foi importante para que eu compreendesse que as informações acerca do projeto não se alteraram de um trabalho para o outro e basearam-se, de forma geral, na proposta pedagógica do Espaço Criança Esperança de BH do ano de 2003. Todos os trabalhos, aparentemente, utilizaram a proposta pedagógica do projeto como base para explicar o mesmo. O que não posso afirmar é se a proposta de 2003 sofreu alguma alteração ao longo dos anos. Destarte, afirmo que as iniciativas de estudos acadêmicos e de relatos de experiências do ECE-BH adensaram-se de 2004 a 2007 e que não tive acesso, através das buscas realizadas pela internet, a novos estudos e artigos sobre o projeto.

Couto (2005, pp. 65-66) apresenta um resumo da história do Projeto Espaço Criança Esperança, baseado em documento pedagógico de 2003:

O Projeto Espaço Criança Esperança surgiu em 1999 com o objetivo de garantir qualidade de vida e os direitos das crianças e adolescentes. O UNICEF e a Rede Globo de Televisão desde 1986 vêm realizando campanhas anuais denominadas Campanha Criança Esperança. Em 1999, O UNICEF (a partir de 2005, passa para a UNESCO) e a Rede Globo de Televisão começaram a desenvolver a idéia de criar um espaço que provocasse impacto na vida de crianças e adolescentes de comunidades marcadas pela pobreza e pela violência. Inicialmente, foram lançados dois projetos: um na cidade de São Paulo e outro no Rio de Janeiro. Esses projetos foram ampliados para outras regiões do país, chegando a Belo Horizonte em novembro de 2002, em uma parceria com a PUC Minas.

Almeida e Coelho (2007) realizaram uma pesquisa quantitativa, por meio da aplicação de questionários, com 1233 pessoas, a fim de identificar os graus de alinhamento entre a imagem desejada pelo grupo gestor do ECE-BE e a imagem percebida pelos públicos de relacionamento. Basicamente, o intuito foi identificar como as pessoas enxergam o ECE-BH a partir de diferentes características - “atributos” - que se relacionam com os objetivos do projeto: Participativo; Inclusivo; Transparente; Educativo; Empregabilidade; Transformador; Inovador; Promotor da cultura; Promotor do esporte e Lúdico.

Os públicos de relacionamento entrevistados foram: 70 funcionários do projeto, 258 educandos matriculados de 07 a 18 anos de idade, 101 participantes de grupos culturais que são beneficiados pelo ECE-BH, 226 participantes de grupos esportivos beneficiados pelo ECE-BH⁶³, 38 alunos do Centro de Educação de Jovens e Adultos (CEJA), 201 familiares dos educandos e 339 pessoas da comunidade do Aglomerado da Serra.

Os autores destacaram o grande desalinhamento em relação ao atributo “Transparência”, em especial em relação ao público de relacionamento identificado como Comunidade do Aglomerado da Serra, o que pode indicar aos gestores e parceiros do ECE-BH a necessidade de se aumentar “o esforço na prestação de contas, seja via campanha de comunicação institucional veiculada em TV, rádio, mídia impressa e eletrônica, como também nos instrumentos de comunicação organizacional do ECE-BH” (p.11).

No que diz respeito às imagens com menor alinhamento em relação à imagem desejada pelos gestores, os Funcionários do ECE-BH, os alunos do CEJA e a Comunidade do Aglomerado da Serra têm as imagens organizacionais percebidas com menor alinhamento. Nesse sentido, os próprios autores apresentam como possibilidade de alinhamento das

⁶³ Não consegui compreender exatamente quem são os grupos culturais e esportivos beneficiados pelo ECE-BH, pois eles não foram citados no trabalho. No entanto, acredito que os mesmos são grupos que utilizam o espaço no período noturno ou em outros momentos para a realização de atividades; que conseguem algum tipo de apoio do ECE-BH para realização de suas oficinas e propostas, dentre outras possibilidades.

imagens o aumento da participação deste público em instâncias de decisão do ECE-BH, o que pode proporcionar mais transparência aos processos e co-responsabilização dos públicos interessados na gestão dos recursos e em seus resultados.

Outro ponto interessante observado pelos autores é que as imagens percebidas que mais se aproximam das imagens desejadas pelo grupo gestor foram identificadas pelos Educandos do ECE-BH, Familiares de Educandos e Participantes de grupos culturais e esportivos beneficiados. Apesar do estudo realizado não objetivar reflexões mais profundas em torno dos “porquês” das imagens percebidas, percebe-se que o público receptor das ações diretas do ECE-BH apresenta percepções positivas sobre o ECE-BH, às quais podem estar relacionadas com o fato de os mesmos não quererem/desejarem perder os benefícios de sua participação ou mesmo pelo fato de se sentirem privilegiados por terem acesso ao mesmo.

Na entrevista individual, questionei os jovens sobre quais projetos sociais do Aglomerado da Serra eles conhecem ou já ouviram falar e a maioria lembrou-se do ECE-BH. Alguns discursos sobre o ECE-BH evidenciaram frustração diante de um projeto que poderia ser mais do que é.

*Mateus (23 anos): Por exemplo: você vai fazer um curso em **um Criança Esperança da vida**, você vai fazer um curso, às vezes tem um menino ali que a mãe não dá muita atenção para ele, a gente não sabe o que acontece, você chega lá e pede mais de 500 mil documentos. E, as vezes, pelo fato de o menino não ter, ninguém de lá disponibiliza de ir na casa do menino ou tentar pegar um contato do menino...entendeu? Então tem muito essa acepção... Uma coisa que era para a comunidade acaba que vira mais para o asfalto.*

Quando Mateus usa a expressão “um Criança Esperança da vida”, percebe-se que ele está destacando o Espaço Criança Esperança como um projeto importante, significativo, como uma oportunidade única. E é nesta mesma linha de raciocínio que ele procede com uma crítica em relação ao projeto, pois sugere que o ECE-BH realiza “acepção” de público quando limita a participação de crianças e adolescentes que não cumprem pré-requisitos documentais.

Mateus destaca ainda a contradição comunidade-asfalto, evidenciando que existem diferenças entre as condições de vida de quem é do morro e quem é do asfalto. Tendo em vista que o ECE-BH atende apenas moradores do Aglomerado da Serra, pode-se dizer que na própria localidade existem diferenciações entre quem está “mais dentro do morro” e quem já está “mais perto do bairro”.

*José (27 anos): (...)...só esse do Criança Esperança que eu queria participar por causa das ilusões que a gente vê na televisão né, das viagens que eles fazem, que eles fazem isso, fazem aquilo, **tive muita vontade de participar do Criança Esperança**, quando eu fui ver que aquilo era, desculpa a palavra, uma merda, que*

é só ilusão, é só pagação, eles não arrecadam dinheiro para jovem nada, que é para o BBB deles lá, só isso, só desse que eu queria participar.

José (27 anos): (...) **Criança Esperança, querendo ou não, é o melhor de todos. Mas é muita burocracia para você fazer um projeto ali. Em vez de fazer todos iguais. Acho que tiraria muitos jovens dessa rua.**

Quando perguntei a José se tinha algum projeto na Serra do qual ele já teve vontade de participar e desistiu por algum motivo, ele citou o ECE-BH. Ao mesmo tempo em que ele reconhece que o projeto é “o melhor de todos”, ele afirma que o mesmo é uma “ilusão”, “pagação”, indicando que o dinheiro arrecadado na verdade não vai para as ações sociais. O jovem destaca, ainda, a “burocracia” para participar do mesmo. Mais à frente, ele relata ter tentado inscrever sua filha na aula de ballet e não ter conseguido, mostrando insatisfação em relação ao projeto.

José (27 anos): *Que nem o Criança Esperança...nô! Para mim eu não chamo de projeto nunca na minha vida, aquilo lá não é projeto, eu já tentei entrar lá, é uma burocracia para você fazer qualquer coisa lá, uma natação...uma aula de dança...tentei pôr minha filha no ballet lá, você tem que ver, a burocracia que é...para os povo fazer projeto lá. Aí chega na televisão e fala aquele tanto de coisa, mó mentiraiada.*

Outra jovem que afirmou conhecer o ECE-BH e apresentou colocações em relação ao mesmo foi Camila. Quando questionei quais projetos sociais da Serra ela conhece, ela respondeu:

Camila (18 anos): *Ah, o Criança Esperança. Mas eu não vejo o Criança Esperança como projeto, embora ele ajude uma pequena parcela, mas...Porque, por exemplo, eu que moro um pouquinho mais longe, eu moro na (favela) da Serra, São Lucas já é considerado Serra, mas moro um pouquinho longe...eu não posso participar do Criança Esperança. Tipo assim...é uma coisa tão nada haver. Eles atendem pouco. Um ballet mal feito, porque por pessoas de qualquer jeito...tem coisa boa? Tem muita coisa boa. Mas assim...eu, particularmente, não posso falar que todo mundo aproveita. Conheço, a Taís⁶⁴, ela participa de lá. O pai dela também. O pai dela joga bola lá, ela acho que faz Ballet, alguma coisa assim. Mas assim eu não...eu não acho pela dimensão sabe...se você for olhar é o maior projeto conhecido que tem aqui da Serra é o Criança Esperança e o que ele ajuda? Nada realmente. Pelo tanto de dinheiro que ele tem, entendeu. Então...é isso.*

Quando Camila diz que não vê o ECE-BH como projeto por ele “ajudar” apenas uma pequena parcela, indiretamente ela está expressando uma visão sobre projetos sociais, de que os mesmos “ajudam” as pessoas e, por isso, devem atender e incluir todos que precisam e não apenas alguns. Ela faz uma crítica em relação ao Ballet do ECE-BH, afirmando que é um “Ballet mal feito”, à qual interpreto como uma inconformação diante de alguma situação. Camila faz aulas de Ballet na casa de sua professora, que mora no bairro Mangabeiras e, possivelmente a sua afirmação tem relação com este fato.

⁶⁴ Nome fictício.

Em sintonia com os discursos anteriores de José, Camila reconhece o ECE-BH como um projeto potencial para a Serra, por ser “o maior projeto conhecido” e “pelo tanto de dinheiro” que possui, mas afirma que o Criança Esperança não ajuda em “nada realmente”.

Retornando à inserção de campo, recordo-me do primeiro dia em que visitei o ECE-BH. Eu havia tido conhecimento que o mesmo fora reformado e a nova sede inaugurada há pouco tempo, em Agosto de 2015. Soube da inauguração através de notícia veiculada por jornal televisivo⁶⁵. Fui ao projeto sem aviso prévio e me identifiquei na portaria como estudante que gostaria de conversar com o coordenador. O coordenador não estava presente e fui encaminhada para conversar com uma das professoras das oficinas de esporte. Nesta primeira conversa, consegui informações sobre funcionamento e horários das oficinas esportivas.

FIGURA 14 - Entrada principal do ECE-BH



Fonte: Foto retirada do *site* oficial do Projeto

FIGURA 15 - A Entrada dos participantes do ECE-BH



Fonte: Foto retirada do *site* oficial do Projeto

⁶⁵ Notícia disponível em: <<http://redeglobo.globo.com/globominas/noticia/2015/08/espaco-crianca-esperanca-de-belo-horizonte-e-inaugurado.html>>

FIGURA 16 - Quadra Coberta do ECE-BH

Fonte: Acervo Pessoal. Foto tirada pela autora

Com estas informações, acompanhei algumas aulas das oficinas de esporte (nos dias em que acompanhei o esporte praticado foi o futebol) e a natação. Além disso, conversei com o coordenador do núcleo de esportes, o qual me indicou alguns jovens que participam há mais tempo e que já tiveram diferentes experiências no projeto (viagens, campeonatos, apresentações, etc). No dia em que fui realizar as entrevistas no espaço, o coordenador me indicou dois jovens que estavam presentes no momento: Gabriela e Lucas, ambos com 14 anos de idade. Os jovens aceitaram participar da entrevista, que foram realizadas em uma das salas do espaço.

3.1.1 Gabriela

A jovem Gabriela tem 14 anos de idade, nasceu em Betim-MG e se mudou para o Aglomerado da Serra aproximadamente aos 03 (três) anos. Desde que se mudou mora na mesma casa, na Rua Sacramento. Sempre morou com os pais e tem irmãos apenas por parte de pai, os quais não moram com ela. Está cursando o 9º ano do Ensino Fundamental na Escola Estadual Mendes Júnior, localizada em proximidade com sua casa. Quando questionada sobre sua família, Gabriela afirmou que seus familiares são unidos e estão sempre realizando festas e comemorações, pois moram próximos uns aos outros. Segundo a jovem, *todo fim de semana tem algum aniversário para ir*⁶⁶.

⁶⁶ Em alguns momentos, as falas dos jovens aparecerão em tamanho 12 e itálico.

Participa do ECE-BH desde aproximadamente 09 (nove) anos de idade e realiza um curso de informática no centro da cidade, na Cedaspy⁶⁷. Antigamente, ela realizava aulas de informática em um CRAS, mas aparentemente (através de sua fala) o mesmo não existe mais. No ECE-BH, as oficinas que participa são de Natação, Ballet e Hip Hop e prefere as aulas de dança, pois, segundo ela, ama dançar. Quando questionada em relação aos seus sonhos, a jovem respondeu que pretende crescer, se formar, fazer faculdade, *ter um futuro melhor e crescer na vida*.

Gabriela não pôde participar da roda de conversa pelo fato de ter sido realizada no período noturno. Sua mãe não autorizou seu deslocamento para o espaço. No entanto, na entrevista individual alguns discursos de Gabriela possibilitam reflexões acerca de sua visão sobre o ECE-BH, sua inserção neste espaço e sobre a importância dos projetos para a vida dos jovens.

A jovem relatou que ingressou no ECE-BH por meio do porteiro da instituição, que conseguiu uma vaga para ela. Segundo ela, *ele conseguiu arrumar Hip Hop, Ballet e Natação. Aí foi a partir dele*. Desde que entrou, nunca mais quis sair, pois gosta muito de participar. Ao questionar o porquê de ela gostar muito, a jovem respondeu:

Ah, porque, sei lá, tipo, como não tem nada, muita coisa para fazer, aí aqui me distrai. Eu ainda gosto muito de dança, sabe. Já é meu convívio, já é parte de mim.

Destaca-se em sua fala o projeto como uma “distração”, que pode ser interpretada como a ocupação de um tempo “com nada para fazer” para um tempo “com algo que ela gosta muito”: a dança. A partir disso, a dança foi se tornando “parte” dela. Tanto é que quando pedi que ela pensasse em um motivo que a faz participar do ECE-BH, rapidamente ela afirmou: *Ah, dança, eu amo muito dançar sabe. Nossa senhora! Me contagiou!* Sendo assim, para Gabriela, o ECE-BH possibilitou/possibilita o acesso a uma prática cultural que tem significados em sua vida.

Esta interpretação de Gabriela do projeto enquanto uma ocupação de tempo ficou mais clara quando ela discursou sobre a importância de os jovens da Serra participarem dos projetos existentes.

Porque tipo, eles ocupam o tempo livre com uma coisa realmente boa, não tipo fazendo coisa errada, essas coisas, porque os jovens de hoje estão afundando muito, estão fazendo muita coisa errada muito cedo.

⁶⁷ O Cedaspy é um centro de formação de jovens para o mercado profissional e oferece diferentes cursos. Existem mais de 45 unidades pelo Brasil afora. O Cedaspy que Gabriela freqüente localiza-se na Rua Tamoios, 606. Pelas informações encontradas no site <http://www.cedaspy.com.br/o-cedaspy/> os cursos são pagos.

Ao mesmo tempo, ela reconheceu que poderiam ter mais opções de atividades para os jovens da Serra, como outros esportes e espaços de reabilitação.

*Porque tipo, aqui no Criança Esperança mesmo, aqui agora eles vão começar com aula de **Basquete**, mas eles também estão tentando fazer aula de **Vôlei**, essas coisas, sabe, aí eu acho que deveria ter...*

*Eu acho que podia ter tipo, porque muitos jovens agora entram nas drogas, essas coisas, sabe. **Podia ter tipo espaço de reabilitação, espaço para pessoas alcoólicas, que usam drogas, seria bom. Ainda mais aqui que costuma muito ter.***

A partir de duas perguntas realizadas sobre possíveis mudanças em sua vida devido à participação no projeto e sobre um momento marcante vivenciado no mesmo, a visão do projeto como a ocupação de um tempo livre com algo bom ampliou-se, pois para Gabriela desde que começou a participar do ECE-BH *mudou muita coisa*.

Mudou minha rotina, aqui também você pode fazer muitos amigos que você nunca viu aqui, por exemplo. Aí eu acho que isso é muito legal.

Além disso, a participação em apresentações artísticas e, especialmente a apresentação realizada no Sesc Paladium⁶⁸, configura-se como uma experiência de Gabriela que, de alguma forma, passou e deixou marcas subjetivas que sou incapaz de definir. Neste sentido, dialogo com Bondía (2002, pp. 25-26), que nos diz que “é experiência aquilo que “nos passa”, ou que nos toca, ou que nos acontece, e ao nos passar nos forma e nos transforma”. Para Gabriela o que passou e a tocou:

*Foram as duas últimas apresentações da gente no Sesc Paladium, nossa senhora, **foi um momento muito especial** para gente. Noh, a gente tava pisando em um palco de verdade e era diferente, aí eu acho que essa é uma **das melhores coisas que aconteceu comigo.***

3.1.2 Lucas

O jovem Lucas tem 14 anos de idade, nasceu em Belo Horizonte e sempre morou no Aglomerado da Serra, na “caixa d’água” (que fica perto da região Del Rey). Sempre morou com os pais e com os irmãos. Tem 05 (cinco) irmãos e é caçula. Atualmente reside com os pais e 03 (três) dos seus irmãos. Está cursando o 9º ano do Ensino Fundamental na Escola

⁶⁸ O Sesc Paladium é um espaço cultural que recebe apresentações, eventos, congressos, dentre outras manifestações artísticas e configura-se como um dos centros culturais melhor equipados do país. Equipado com tecnologia de som, imagem, tratamento acústico e iluminação, distribuídos em 10.806m² de área construída incluindo dois teatros, cinema, galeria de arte, espaço multiuso, mezanino e café. O prédio está localizado em um ponto histórico no Centro de Belo Horizonte, onde funcionou o antigo Cine Palladium, entre a Rua Rio de Janeiro e a Avenida Augusto de Lima.

Estadual Mendes Júnior (é da sala de Gabriela) e tem vontade de fazer faculdade de Engenharia Civil.

Participa do ECE-BH desde 06 (seis) anos de idade e do projeto Identidade há alguns meses. Além destes, já participou do projeto Compaixão⁶⁹. Quando questionado em relação aos seus sonhos, Lucas respondeu que pretende terminar de estudar e fazer faculdade e depois sair do Brasil e morar em outro país, como a Suíça, que ele já visitou em uma apresentação de dança que foi realizar com o ECE-BH em 2011.

Além da entrevista individual, Lucas também participou da Roda de Conversa. O nosso contato se deu por aplicativo de mensagens do celular – *Whatsapp* – e precisei buscá-lo na escola, pois sua mãe não autorizou que ele fosse andando sozinho à noite. Na conversa coletiva, o jovem se destacou por descontrair o ambiente com comentários engraçados e por ser sincero em suas falas. Além disso, foi participativo durante o diálogo.

Lucas explicou que começou a participar do ECE-BH por influência de seu primo, que já estava participando. No Projeto Identidade aconteceu a mesma coisa. O mesmo primo começou a participar, chamou-o e hoje os dois participam juntos. Para Lucas, os projetos sociais existentes na Serra representam momentos de comunicação, distração, brincadeiras e de sair de casa.

Eu acho que é um momento para gente comunicar, para gente distrair mais. A gente vir cá mais para brincar, para gente distrair um pouco, para sair de dentro de casa...

De certa forma, o discurso de Lucas dialoga com o de Gabriela, pois ambos enxergam o projeto como uma ocupação do tempo fora de casa, vivenciando algo diferente, tendo a oportunidade de estar em contato com outras pessoas, brincar e comunicar. Além disso, quando questionado acerca da importância deste tempo em projetos para os jovens da Serra, ele disse que *a importância é porque como eles são jovens eles estão conhecendo as coisas primeiro, eles verem, experimentar, tentar conhecer melhor.*

Ou seja, nos projetos eles têm a oportunidade de ver, experimentar e conhecer as coisas. No entanto, Lucas afirma que poucos jovens participam dos projetos existentes e faz alguns comentários sobre o assunto:

⁶⁹ O Projeto Compaixão é uma Organização Não Governamental (ONG) e desenvolve atividades diversificadas com crianças e adolescentes. Segundo Lucas, o projeto localiza-se próximo à Escola Estadual José Mendes Junior, ele participou por 03 anos e descreveu a rotina do projeto da seguinte maneira: *Tem na segunda-feira...é...na segunda-feira não tem...na terça tem escola, ajudar no para-casa, na quarta-feira é filme e praça, que nós ía para a praça, na quinta-feira era lá no projeto que a gente fazia brincadeira, qualquer coisa, e na sexta-feira era natação na Jocum, que é lá no cafezal.*

Assim, eu acho que poderia ter mais...os projetos ir tentar alcançar mais os jovens, tentar influenciar os jovens vir para o projeto, fazer as atividades (...) Tentando realizar mais coisas igual, lazer na rua, fazer alguma atividade dentro do espaço para tentar aproximar mais.

Por causa que eles, tipo assim, eles acham que aqui (ECE-BH) é só para criança, que aqui é mais família, que aqui não tem, que aqui as coisas não são da forma que eles querem.

Tipo mais...as meninas gostam mais de queimada, de vôlei, e não tem.

Tanto nas conversas com Lucas quanto no diálogo na roda de conversa, ficou evidente que Lucas é um jovem conhecido no Aglomerado da Serra, pois, segundo Guilherme (24 anos), *o moleque roda a Serra inteira*. Quando perguntei à Lucas se ele conhece o Aglomerado da Serra inteiro, ele afirmou que sim, pois anda muito de bicicleta e adora ir nas “resenhas”. Sendo assim, as suas colocações em relação à participação dos jovens nos projetos sociais dialogam com as experiências que ele tem em sua localidade.

O destaque que ele conferiu às “meninas” possibilitou-me fazer uma reflexão a partir de minhas visitas de campo. No ECE-BH, acompanhei algumas aulas da oficina de Esporte e o esporte vivenciado foi o Futebol. Em um dos acompanhamentos, conversei com 03 (três) jovens “meninas” que não estavam jogando por não estarem com roupa apropriada – não é permitido participar com calça jeans – e elas comentaram que gostam mais da oficina de Natação, pois no Esporte é quase sempre o Futebol e tem muitos meninos.

Além disso, em alguns discursos dos jovens entrevistados ficou evidente a existência de projetos esportivos de Futebol na Serra e a participação nestes é majoritariamente de jovens “meninos”, além do que em todos os projetos visitados por mim o número de “meninas” foi inferior ao número de “meninos”. Como afirmaram Castro e Souza (2011), a partir de pesquisa realizada no âmbito de um projeto social esportivo, os esportes, de forma geral e o futebol, particularmente, tem sido elegido como estratégia privilegiada no alcance de crianças e jovens.

Lucas ainda chamou atenção para dois problemas que estão relacionados com a baixa adesão dos jovens aos projetos sociais: o fato de eles (os jovens) se sentirem distantes do projeto, por acharem que é “família” ou é de “criança” e, ao mesmo tempo, o fato de os projetos não buscarem alcançar, efetivamente, os jovens. Pode-se dizer, a partir do discurso de Lucas, que existe uma barreira entre alguns jovens e os projetos sociais da Serra.

Quando perguntei à Lucas se ele acredita que algo no ECE-BH pode ser diferente e se ele teria alguma sugestão para o projeto, ele apresentou o seguinte discurso:

Tipo assim, é...porque tem gente que não tem nada para comer dentro de casa e vem aqui para o projeto para caçar. Igual...aqui no Criança Esperança não dá lanche, mas tem menino que faz Criança Esperança que a mãe não tem, tipo assim, a mãe não tem muita coisa para dar, aí o menino fica com fome, aí ele tenta entrar no projeto para ver se ajuda, se ele come, aí tem alguns projetos que não dão comida.

Não posso afirmar se Lucas se encaixa dentro do exemplo que ele utilizou e fica com fome em alguns momentos, mas posso afirmar que ele gostaria que no ECE-BH houvesse lanche. De qualquer forma, destaca-se o fato de alguns jovens terem a expectativa de o projeto social oferecer lanche, independente da prática cultural ofertada pelo mesmo. Revela-se, assim, uma visão do projeto social como espaço de “cuidar” dos jovens, de “suprir” necessidades. A necessidade apontada por Lucas, nesse caso, é a alimentação.

Sobre as possíveis influências que o projeto teve na vida de Lucas, o jovem afirmou que ficou mais comunicativo, começou a se enturmar com as pessoas e tentou ser menos agressivo. Além disso, destacou que nunca se esquecerá da viagem que fez para a Suíça, em 2011, com a equipe de Ginástica do ECE-BH para o evento internacional de Ginástica Para Todos, denominado Gymnaestrada. Em 2011, Lucas tinha, aproximadamente, 09 (nove) anos de idade, no entanto, até hoje a viagem e o evento deixam marcas em sua vida. Tanto é que um dos seus sonhos é, depois de estudar, mudar para outro país, como a Suíça. Na roda de conversa, ele contou para os outros jovens da viagem e disse que *tudo na Suíça é diferente*.

Diferentemente de Gabriela, Lucas – que também faz aulas de Dança no ECE-BH – não destacou a Dança nem a Ginástica – que ele já fez, mas hoje não faz mais - como motivações para ir ao projeto. Não posso afirmar que estas práticas não têm significados para o mesmo, mas posso afirmar que os motivos para Lucas ir ao ECE-BH e ao Identidade⁷⁰ extrapolam o fato de ele gostar de dançar.

Por fim, ao pedir que Lucas recordasse um momento marcante que vivenciou no ECE-BH, ele lembrou:

Foi quando meu pai e minha mãe tinham separado uma vez e aí eu fiquei assim “ai, o que eu vou fazer, vou querer virar bandido, vou matar todo mundo”, aí eu entrei aqui, nisso que eu entrei aqui eu vi que era totalmente diferente, aí eu tentei, que aqui também tem psicólogo, aí eu fui, conversei, e aí ficou, tipo assim, para mim, eu cheguei em casa melhorei nos meus estudos, conversei com meus pais, aí isso para mim foi marcante porque o projeto me ajudou e aí eu consegui.

Esta lembrança de Lucas deve ser interpretada, como todos os discursos analisados, com criticidade. Aparentemente há uma simplificação de uma situação: os pais se separaram, ele entra no ECE-BH, recebe assistência psicológica e fica bem. É necessário questionar a escolha de Lucas por relatar este momento específico. Esta escolha pode ser fruto da

⁷⁰ O Projeto Identidade será apresentado mais à frente.

compreensão que ele teve da entrevista e da pesquisa. O fato de, na explicação, eu falar que quero conhecer o jovem e as opiniões que ele tem em relação aos projetos que participa e estarmos no espaço do projeto realizando a entrevista pode ter influenciado o mesmo a relatar um momento positivo de impacto e mudança de caminho.

No entanto, o fato de ele fazer esta escolha evidencia, mais uma vez, a sua expectativa em relação a um projeto social: a de que o projeto seja um apoio para o jovem; de que o projeto ajude com os problemas da vida; de que o projeto não seja apenas um momento para dançar e vivenciar alguma prática esportiva e cultural.

3.2 Projetos e Equipamentos públicos

Dentre os equipamentos públicos existentes, conheci alguns espaços e envolvi em minha pesquisa grupos específicos, como o *ProJovem*, o *Breaking da Quebrada* e o *Identidade*. O *ProJovem* é um projeto desenvolvido pelo CRAS Vila Fátima; o *Breaking da Quebrada* é uma oficina de dança realizada no Centro Cultural Vila Fátima, como parte do Programa Fica Vivo e o *Identidade* também é parte do Programa Fica Vivo, caracterizando-se como um grupo de dança de diferentes estilos; as aulas acontecem na Creche Quita Tolentino, na Vila Cafezal.

3.2.1 Coletivo *ProJovem Adolescente Vila Fátima* – CRAS Vila Fátima

O dia em que fui conhecer o CRAS Vila Fátima foi marcante, pois o mesmo localiza-se ao lado de um ponto de drogas da Serra. Para chegar ao mesmo, necessariamente é preciso passar por uma boca de fumo. Quando percebi a situação, decidi passar direto e não virar a rua que a placa “CRAS Vila Fátima” indicava. Sendo assim, segui o caminho pela Avenida do Cardoso e deparei-me com o Projeto Providência, o qual eu também queria conhecer.

Conheci o Projeto Providência, conversei com a diretora e descobri que, atualmente, as atividades e oficinas são direcionadas para crianças e adolescentes (de até 14 anos) e que eles estão planejando oferecer para o próximo ano, 2018, um projeto de inserção no mercado de trabalho para jovens. A diretora ressaltou que é difícil conseguir adesão dos jovens nas atividades e oficinas. Em seguida, indicou-me ir ao CRAS Vila Fátima para conhecer um projeto desenvolvido para os jovens e afirmou que eu poderia passar pela boca de fumo com tranquilidade.

Fui ao CRAS Vila Fátima e conversei com a assistente social que coordena o mesmo, explicando os objetivos da minha pesquisa. De imediato, ela me entregou um “Dicionário de gírias da Serra/BH”, produzido pelo “Coletivo Vila Fátima do ProJovem Adolescente”. A coordenadora, com notável empolgação, relatou que o ProJovem é um projeto que tem conseguido alcançar com profundidade alguns jovens da Serra e que tem como objetivo proporcionar oficinas culturais e educativas, assim como orientar os jovens em suas vidas, através de um acompanhamento com uma orientadora social. Sendo assim, o projeto acontece de Segunda a Sexta, na parte da tarde, de 14:00 às 16:00. Conheci a orientadora social e fui autorizada a acompanhar os momentos do projeto e realizar entrevistas com os jovens que se disponibilizassem.

Acompanhei dois dias de ProJovem. No primeiro dia, havia apenas 04 jovens e a orientadora social e eles estavam desenvolvendo uma oficina de plantação. No segundo dia, havia 08 jovens e era uma tarde de “atividade livre” e eles escolheram jogar vídeo game. Neste dia, um jovem foi entrevistado: Gustavo, de 17 anos de idade. Por questões limitadoras de tempo para as visitas de campo, não consegui retornar ao projeto para tentar entrevistar outro jovem participante.

FIGURA 17 - Dicionário de gírias da Serra/BH



Legenda: Material Produzido pelo Coletivo Projovem Vila Fátima
Fonte: Foto da autora

Quando conversei com Gustavo (17 anos), pedi que ele explicasse o projeto que ele participa e ele disse que o ProJovem “*mobiliza as pessoas para levar a gente no teatro, em outros lugares para conhecer, até para as outras cidades históricas*”. O jovem destacou o intuito do projeto em possibilitar passeios e viagens para os integrantes, possivelmente por ser uma prática que ele gosta de vivenciar. Mais à frente no diálogo, Gustavo destaca como algo marcante em sua participação a realização de um passeio a um museu. Sendo assim, é possível afirmar que uma das práticas proporcionadas pelo ProJovem é o passeio a espaços culturais.

A partir de dados consultados no site da PBH⁷¹, o ProJovem Adolescente foi reformulado em 2013 com a proposta de garantir que os jovens tivessem mais adesão ao programa. O mesmo é ofertado pelos Centros de Referência da Assistência Social (CRAS), por meio do Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos para Adolescentes com idade entre 15 e 17 anos. O projeto tem como objetivos reforçar laços de convivência familiar e comunitária e promover a permanência dos adolescentes na escola, além de desenvolver atividades que estimulam a participação cidadã e até uma formação geral para o mercado do trabalho. Em Belo Horizonte, existem 13 coletivos ProJovem e um destes coletivos é o coletivo Projovem Adolescentes Vila Fátima. Após buscas nas páginas da internet, identifiquei que o ProJovem produziu, no ano de 2014, uma revista, denominada “Revista PJ” e cada coletivo ficou responsável por uma publicação. O coletivo Vila Fátima publicou uma página com imagens do Aglomerado da Serra, Fotografadas pelos próprios jovens. Em conversa com a coordenadora do CRAS, ela havia comentado sobre esta produção. Segundo a coordenadora, este trabalho foi rico, pois os jovens foram estimulados a olhar para o Aglomerado da Serra, sua própria localidade, de uma forma diferente e a discutir sobre os olhares percebidos. Como frutos das Fotografias e das discussões coletivas, os jovens selecionaram imagens da Serra para serem expostas em uma exposição artística de Belo Horizonte.

⁷¹ Disponível em <http://portalpbh.pbh.gov.br/pbh/ecp/noticia.do?evento=portlet&pAc=not&idConteudo=158263&pIdPlc=&app=salanoticias> acesso em: 20 de Junho de 2017.

FIGURA 18 - Vista do Aglomerado - Fotografia produzida pelos jovens do ProJovem



Fonte: Foto retirada de um grupo do Facebook⁷²

FIGURA 19 - Vista panorâmica do Aglomerado - Fotografia produzida pelos jovens do ProJovem



Fonte: Foto retirada de um grupo do Facebook⁷³

No diálogo com a orientadora social, ela destacou que o objetivo do projeto não é um trabalho que valorize a quantidade de jovens participantes, mas sim a qualidade do trabalho realizado. Ela relatou que em alguns dias aparecem apenas 02 ou 03 jovens e o projeto não deixa de acontecer. Em 2016, ela afirmou que cerca de 10 jovens faziam parte do coletivo. Nas entrevistas com os demais jovens (que participam de outros projetos), eles desconheciam a existência do ProJovem Vila Fátima, apesar de conhecerem ou já terem ouvido falar do CRAS Vila Fátima.

Gustavo (17 anos) foi o primeiro jovem a ser entrevistado em minha pesquisa de campo e, por meio de falas curtas e objetivas, e de uma entrevista que durou apenas 17 minutos, estimulou-me a querer conversar mais com outros jovens.

3.2.1.1 Gustavo

⁷² Disponível em https://www.facebook.com/memoriasdocoletivovf/?hc_ref=SEARCH acessado em 20 de Junho de 2017. O nome do grupo do Facebook é “Memórias do Coletivo Vila Fátima ProJovem BH”.

⁷³ Disponível em https://www.facebook.com/memoriasdocoletivovf/?hc_ref=SEARCH. Acessado em 20 de Junho de 2017. O nome do grupo do Facebook é “Memórias do Coletivo Vila Fátima ProJovem BH”.

O jovem Gustavo tem 17 anos de idade e mora no Aglomerado da Serra desde o seu nascimento. Mora na Rua São João, segundo ele a rua *cheia de prédios*. Antes, já morou *mais para cima na Cardoso*⁷⁴. Mora com a mãe, irmão (13 anos) e irmã (5 anos) e os pais são separados. Estuda na Escola Municipal Senador Levindo Coelho, na Educação de Jovens e Adultos (EJA) e anteriormente estudou na Escola Estadual José Mendes Junior. Ambas as escolas localizam-se no Aglomerado. Quando questionado sobre o pai, Gustavo não soube ou não quis falar muito.

Tem vontade de fazer faculdade de Direito para um dia virar delegado. Este é o seu sonho. Já participou, na antiga escola, de um projeto que o ajudava nos estudos. Além disso, em 2013 e 2014 foi aluno do ECE-BH, realizando as oficinas de natação e futebol. Decidiu sair do mesmo porque era *muito longe*. Atualmente, faz parte do Coletivo ProJovem Vila Fátima.

Quando perguntei como começou a participar do ProJovem, Gustavo afirmou que foi *de intrometido. Eles chamaram meu irmão e eu acabei vindo no lugar dele*.

Ele disse que gosta de participar porque no ProJovem eles conhecem muitas coisas e tem algumas aulas que ele gosta, como as de Marcenaria e Águas Urbanas. Ele disse que também têm as oficinas de danças, mas que ele não gosta de dançar. Neste sentido, percebo que Gustavo diferencia os momentos que têm no ProJovem: às vezes é “aula” e às vezes é “oficina”. Já a orientadora social explica que são diferentes vivências, sobre assuntos diversificados, que visam contribuir com a formação dos jovens, dialogando com a sua vida.

Mas o que mais chamou minha atenção foi a sua resposta quando questionei qual era o principal motivo que ele tinha para participar do ProJovem: *Ah, ficar longe de casa mesmo*. Não foi difícil perceber, através do diálogo com Gustavo, as dificuldades que ele apresenta em comunicar-se e em encontrar as palavras para se expressar. As suas falas foram sempre curtas e, em diferentes momentos, modifiquei a forma de perguntar para que ele as compreendesse. Nesta resposta, percebi que ele foi sincero e que “ficar longe de casa” possibilita uma reflexão a mais em relação aos discursos de Gabriela e Lucas de que o projeto é uma possibilidade de “sair de casa”.

Desejar ficar *longe* de casa pressupõe que perto de casa ou dentro de casa nem sempre é bom. Esta conclusão também se baseia no fato de os jovens participantes do ProJovem

⁷⁴ Através de conversas com líderes da comunidade, parte da população que mora hoje nos “predinhos” construídos pela Urbel morava onde hoje localiza-se a Praça do Cardoso. Antes da praça, havia poucas casas e por isso optou-se por construir a praça no local. Possivelmente, era lá que Gustavo morava antes de mudar para a Rua São João.

serem, muitas vezes, jovens com históricos de desamparo social. Quando conversei com a coordenadora do CRAS, ela havia comentado sobre isso; que os jovens que integram o ProJovem são de famílias que dependem diretamente de políticas de assistência social. Neste sentido, um dos momentos vivenciados pelos jovens do ProJovem é o lanche, o qual possivelmente se configura como fundamental para os mesmos.

Ao perguntar Gustavo se ele acredita que projetos sociais são importantes para os jovens da Serra, ele afirmou que sim, pois os projetos *também tira eles de alguns lugares aqui que tem aquelas influências erradas, tira eles um pouco de casa para eles saberem andar na cidade como a gente*. Dentre as sugestões de Gustavo para projetos voltados aos jovens, destacaram-se os esportes: *Judô, Vôlei, Futsal, Atletismo, Basquete*.

Pode-se dizer, então, que ele reconhece, em sua comunidade, a existência de influências erradas, negativas, assim como Gabriela destacara quando aspirou projetos de reabilitação para os jovens da Serra. Estas influências erradas dialogam, possivelmente, com a utilização de drogas e o envolvimento de parte dos jovens no tráfico de drogas. Além disso, ele também evidencia que sabe andar na cidade – ou seja, andar fora do Aglomerado da Serra – e que isto é fruto de experiências do projeto.

Diferentemente de Gabriela e Lucas, quando questionei Gustavo sobre mudanças em sua vida desde que começou a participar do ProJovem, ele respondeu que não houve mudança:

Pesquisadora: *O que mudou em sua vida desde que você começou a participar desse projeto?*

Gustavo (17 anos): *Praticamente nada.*

Pesquisadora: *Nada?*

Gustavo (17 anos): *Não...*

Pesquisadora: *Nada, nada, nada?*

Gustavo (17 anos): *Nada, nada, nada.*

Lembro-me exatamente deste momento da entrevista, no qual, interiormente, fiquei inconformada por ele não comentar nenhuma mudança em sua vida relacionada ao projeto. Como já colocado, Gustavo foi o primeiro jovem a ser entrevistado e, de certa forma, criei expectativas em relação à primeira entrevista. Deparando-me novamente com este trecho de nosso diálogo, enxergo-o como importante para a atual pesquisa, pois ele sugere que mesmo sendo bom vivenciar as experiências que o ProJovem proporciona, não necessariamente haverá uma “mudança de vida” percebida pelo jovem.

Mesmo não havendo, pelo discurso do jovem, mudanças em sua vida a partir da participação no ProJovem, alguns momentos proporcionados pelo projeto são marcantes.

O que me marcou foi o Inhotim⁷⁵ e o que me marcou lá foi uma sala, que a gente ficava pulando nela o dia inteiro. Ah, um bucado de coisas, plantas lá que a gente viu também, os bichos, peixes, um “cado” de pessoas, uma sala lá cheia de obras de artes...

Como era esperado, ao questionar sobre as suas expectativas em relação aos projetos sociais voltados para os jovens, Gustavo afirmou que seria interessante se houvesse mais passeios e viagens para locais fora do Aglomerado da Serra e até mesmo para outras cidades. Dessa forma, pode-se dizer que Gustavo acredita que os projetos sociais configuram-se como oportunidades de se fazer e vivenciar coisas diferentes, que eles não teriam oportunidade se os projetos não existissem. A sua resposta era esperada pelo fato de ele ter citado, em diferentes momentos, a realização de passeios para fora da Serra.

3.2.2 Breaking da Quebrada – Centro Cultural Vila Fátima

A oficina *Breaking da Quebrada* foi descoberta a partir de minhas visitas ao Centro Cultural Vila Fátima (CCVF). Logo no primeiro dia em que visitei a Serra, o professor do ECE-BH que me acompanhou na visita apresentou-me ao CCVF. Neste mesmo dia, tirei uma fotografia das informações de um mural localizado na entrada do espaço, em um local visível para aqueles que caminham próximo.

FIGURA 20 - Painel de divulgação da oficina “Breaking da Quebrada”



Fonte: Acervo Pessoal. Foto da autora

⁷⁵ De acordo com informações disponíveis em www.inhotim.org.br, acesso em: 26 jun. 2017, o Instituto Inhotim (museu) “é a sede de um dos mais importantes acervos de arte contemporânea do Brasil e considerado o maior centro de arte ao ar livre da América Latina”. Localiza-se na cidade de Brumadinho-MG, a uma distância de 60 km de Belo Horizonte.

Os horários divulgados no mural eram noturnos (Segunda e Quinta a partir de 18:00). Sendo assim, optei por procurar outras oficinas e atividades em horários que não fossem noturnos, pelo receio que eu tinha, até aquele momento, de dirigir a noite na Serra. No entanto, após algumas visitas de campo e enxergando o horário noturno como um horário de maior participação juvenil – pelo fato de os jovens estudarem e/ou trabalharem, em geral, de manhã e de tarde – decidi conhecer a oficina *Breaking da Quebrada*.

No primeiro contato, conheci o professor e assisti uma parte da aula. Conversei com ele e expliquei a proposta da pesquisa. Ele se mostrou disposto a contribuir com o trabalho, solicitando que eu retornasse na aula seguinte. Havia cerca de (cinco) 05 jovens, estavam concentrados e já tinham iniciado o Breaking⁷⁶.

O CCVF recebe oficinas e atividades diversificadas. Algumas promovidas pelo próprio espaço e outras por instituições da localidade. É o caso do *Breaking da Quebrada*. Esta é uma das oficinas ofertadas pelo Programa Fica Vivo e o professor é um jovem que já participou das oficinas como aluno. Este jovem é conhecido como B.Boy e neste trabalho é apresentado como Mateus, pois foi um dos entrevistados.

Mateus relatou que faz apresentações de Breaking em BH e outras cidades de MG. Aprendeu o Breaking no Aglomerado da Serra, na rua, dançando com conhecidos e depois aperfeiçoou a técnica assistindo vídeos na internet. Segundo Mateus, a sua relação com o Hip Hop e com o Breaking foi construída nas ruas do Aglomerado e não dentro dos projetos que participou. No entanto, identifico que a sua participação anterior nos projetos pode ter influenciado de alguma forma a sua opção por continuar inserido no contexto do Hip Hop, pois um dos projetos que foi aluno hoje se configura como um trabalho.

Esta oficina é realizada em um equipamento público municipal (CCVF), ofertada por um programa estadual (Fica Vivo) e conduzida por um jovem morador da comunidade. Para os moradores e, especificamente, para os jovens que entrevistei (exceto o jovem oficinairo, que estou chamando de professor), é a “oficina do B.Boy Mateus”. Quando questionei os jovens sobre os projetos da Serra, alguns até comentaram que *o Fica Vivo acabou*. Foi perceptível a autonomia que o jovem oficinairo possui para conduzir a oficina, mas também foi possível identificar a insatisfação do mesmo em relação ao apoio técnico do Fica Vivo.

⁷⁶ De acordo com conversas com o professor e com jovens entrevistados, o Breaking é um estilo de dança, advindo da cultura Hip Hop. “O hip-hop, que significa saltar (hip) e balançar o quadril (hop), envolvia no seu início a dança break, o grafite e o rap, numa fusão desses elementos dentro da cena cultural. Atualmente, já existe um consenso entre as pessoas envolvidas com o hip-hop de não serem mais três, mas quatro os elementos deste movimento: o mestre de cerimônia (MC), cantor de rap; o disc-jóquei (DJ), discotecário que comanda o baile; a dança manifesta no break através dos dançarinos (b-boys); e a pintura, com o uso do grafite” (STOPPA e MARCELLINO, 2006, p.36).

Mateus (23 anos): *Não, tipo assim, ele falou que o Fica Viva acabou no sentido que a gente conversou, de ele não estar mais tão presente na nossa comunidade. Tipo assim, hoje em dia tem as oficinas, mas não tem mais eventos, não tem mais divulgação da equipe técnica. Então talvez ele tenha mencionado por causa disso entendeu. É assim, tipo assim, tem o Programa Fica Vivo, mas, o problema é dos oficinairos. O negócio é todo final do mês você estar com a lista de presença dos jovens e pronto. Então na parte teórica, existe. Na prática, os meninos questionam muito.*

Segundo documento do denominado Programa de Controle de Homicídios⁷⁷ Fica Vivo (2009), as ações do Fica Vivo são realizadas a partir de um equipamento de base local – o Núcleo de Prevenção à Criminalidade. Estas ações são realizadas por uma equipe composta, basicamente, por 02 técnicos, 02 estagiários e oficinairos. O Programa possui dois eixos de articulação – Proteção Social e Intervenção Estratégica – e tem como objetivo prevenir a ocorrência de homicídios dolosos em áreas que registram altos índices de criminalidade violenta em Minas Gerais. Dentre os objetivos específicos, tem-se o de atender jovens de 12 a 24 anos, nas regiões onde o Núcleo está implantado.

O projeto piloto do Programa Fica Vivo foi realizado em Belo Horizonte, no Aglomerado das Pedras, em 2002. Em sequência, foram implantados mais núcleos em BH e em outras cidades do estado. Um dos Núcleos de Belo Horizonte encontra-se no Aglomerado da Serra e mais especificamente no CRAS Vila Marçola, que fica ao lado do ECE-BH. Este CRAS foi o segundo espaço que conheci na Serra, no mesmo dia em que fui pela primeira vez ao ECE-BH.

Fui ao CRAS Vila Marçola duas vezes. Na primeira, conversei com uma funcionária que estava na portaria e perguntei sobre a existência de projetos para jovens. Ela me encaminhou para uma sala, que logo depois descobri ser o Núcleo de Prevenção à Criminalidade da Serra. Em conversa com a funcionária, soube que os técnicos do Fica Vivo eram novos, estavam chegando em 2016 e encontravam-se em fase de adaptação e diagnóstico dos espaços e equipamentos da localidade para organização das oficinas. Combinei de retornar para conversar com um dos técnicos.

Como combinado, retornei ao local e conversei com um dos técnicos do Fica Vivo. Ele me enviou por email um arquivo com informações sobre as oficinas ofertadas pelo Programa (nome, oficinairos, locais e horários) e disse que para ter acesso a outros dados eu precisaria preencher alguns formulários junto à Secretaria de Estado de Defesa Social. Optei por acessar somente as oficinas por meio de visitas e conversas com os próprios oficinairos.

⁷⁷ Criado por meio do Decreto 43334/033 do Governo do Estado de Minas Gerais.

QUADRO 2 - Oficinas Programa Fica Vivo

OFICINA		LOCAL	HORÁRIO
01	Artesanato em Bambu	Rua Bandonion próximo à praça do Cardoso	Quarta 16:30 as 19:00 Quinta 16:30 as 19:00
02	Breaking da Quebrada	Centro Cultural Vila Fátima Rua São Miguel Arcanjo, 215	Segunda 18:30 as 21:00 Quinta 18:30 as 21:00
03	Circo	Centro Cultural Marçola Rua Mangabeiras da Serra, 320	Segunda 13:30 às 16:00 Quarta: 13:30 às 16:00
04	Danças Urbanas e Hip Hop	Creche Quita Tolentino Rua Bela vista, 56 Cafezal	Sexta 19:00 às 21:30 Sábado 09:00 às 11:30
05	Esportes Futebol e Futsal	Campo do Najá Rua Castelo Novo, 2005 Novo São Lucas – Próx. ao Canão	Quinta 16:00 às 18:30 Sexta 16:00 às 18:30
06	Esportes de Rua	Rua Salutareas, 286 Pç Arauto Vila Nossa Sra Aparecida	Quarta 15:30 as 16:00 Quinta 15:30 as 16:00
07	Fotografia	E. E. Mendes Jr Rua Doutor Camilo, 178 Vila Conceição	Sexta 16:30 as 19:00 Sábado 09:00 as 11:30
08	Futebol	Campo Bola de Ouro Rua Coronel Jorge Dário (Em frente à Escola Padre Guilherme)	Terça 15:00 as 17:30 Quinta 15:00 as 17:30
09	Futsal	Quadra da Baixada Rua Herval Vila Conceição	Terça 15:00 as 17:30 Quinta 15:00 as 17:30
10	Futsal	Quadra Coqueiros Beco Dona Benta Vila Fátima (Prox. Ao Cras Vila Fátima)	Terça 13:00 as 15:30 Sexta 13:00 as 15:30
11	Futsal	Parque Marcos Pereira de Melo R. Dr. José Olímpio Borges	Terça 14:00 as 16:30 Quinta 14:00 as 16:30
12	Futsal	Pç do Cardoso Avenida Jefferson Coelho da Silva Vila Marçola	Terça 14:00 as 16:30 Quinta 14:00 as 16:30
13	Futsal	E.M. Senador Levindo Coelho Rua Caraça, 910	Segunda 17:30 às 20:00 Quinta 17:30 às 20:00
14	Jiu Jitsu	Rua Coronel Jorge Dário, 10, Vila Aparecida	Segunda 15:00 às 18:30 Quarta 15:00 às 18:30
15	Futebol	Quadra do Baleião R. Santa Rita - Fazendinha	Terça 18:00 às 20:30 Quinta 18:00 às 20:30
16	Percussão	Escola Municipal Vila Fazendinha Rua Paulo De Souza, 51 - Fazendinha	Segunda 17:00 às 19:00 Quarta 17:00 às 19:00 Sexta 17:00 às 19:00

17	Street Ball	Rua da Passagem, s/nº Vila Marçola	Quarta 15:30 às 18:00 Quinta 16:00 às 18:30
18	Violão	CRAS Marçola/ Fica Vivo! Rua Engenheiro Lucas Júlio de Proença, 73, Vila Marçola	Segunda 18:00 às 20:30 Quinta 14:30 às 17:00
19	Informática	Centro Cultural Vila Marçola Rua Mangabeiras da Serra, 320, Vila Marçola	Segunda de 18:00 às 20:30 Terça de 18:00 às 20:30

Legenda: Em negrito, as oficinas em que entrevistei jovens.

Fonte: Cedido pela Coordenação do Projeto

Após o acesso ao quadro com as oficinas, fui a alguns endereços nos horários apresentados com o intuito de conhecer algumas delas. Nas duas primeiras vezes, fui às oficinas de futebol, porém as mesmas não estavam acontecendo por motivos que desconheço. Na terceira tentativa, fui à oficina de circo. Conheci o oficinairo, conversei com o mesmo, participei e interagi na aula, mas apenas crianças participaram. Ele disse que a oficina ainda estava começando e por isso a procura ainda estava pequena e que, por mais que o foco sejam os jovens, ele não limita a participação de outros interessados.

A oficina de Circo acontece no Centro Cultural Vila Marçola (CCVM) e quando o espaço divulga as atividades e práticas culturais não costuma limitar a participação dos interessados. Em conversa com a coordenadora do CCVM, ficou evidente que o espaço é aberto ao público e que a intenção é aproximar a comunidade da construção e reconstrução das práticas culturais. Em minhas visitas, presenciei aulas de informática e leitura para a terceira idade; dança para as crianças do programa municipal Escola Integrada; capoeira e Taekwondo. Em todas as vezes que visitei o espaço, o mural estava atualizado com uma nova possibilidade de vivência cultural.

Neste dia, conversei com um jovem que trabalha no CCVM – uma conversa informal, através de um contato que o jovem fez comigo ao ver-me assistindo a aula de circo – e relatei esta conversa em meu caderno de campo:

Pensando em minha pesquisa, iniciei um diálogo com Caio⁷⁸. Ele me contou que quando era mais novo participou de projetos esportivos, mas depois parou de participar por preguiça. Como ele estava precisando ganhar um dinheiro, começou, este ano, a trabalhar no Centro Cultural. **Perguntei a ele se ele conhece jovens de sua idade que participam atualmente dos projetos de esporte e lazer e ele disse que não, que encontrarei jovens da idade dele nas ruas.** Ele comentou que sente muita diferença em sua capacidade física desde que parou de participar dos projetos e que está pensando em entrar no projeto de Taekwondo do Itamar, na Vila Cafetal. Perguntei para ele se ele sabe o que ele quer fazer em um futuro próximo, estudar,

⁷⁸ Nome fictício para preservar o anonimato do jovem.

trabalhar com algo específico. Ele disse que ainda não pensou sobre e que talvez gostaria de fazer algo voltado para culinária. Então ele perguntou o que eu faço e falei que fiz o curso de Educação Física e que sou professora. Ele perguntou se fiz por causa do dinheiro. Falei que não, que fiz porque gosto muito da área. Ele comentou que muitas pessoas fazem Educação Física por causa do dinheiro (06/09/2016, CCVM).

Alguns comentários de Caio chamaram a minha atenção. Lembro-me que ele relatou estudar no período noturno para conseguir trabalhar durante o dia e que ao responder a minha pergunta sobre o seu desejo acadêmico-profissional para um futuro próximo, comentou sobre a culinária de uma forma desinteressada, como se fosse algo que tivesse surgido naquele momento. O fato de Caio ainda não ter pensado sobre este assunto, permitiu-me refletir sobre a realidade de parte dos jovens que moram nas periferias urbanas. Esta conversa com Caio aconteceu antes de eu iniciar as entrevistas e foi fundamental para que eu me preparasse para o que estava por vir nos discursos dos jovens.

Outros três comentários de Caio foram importantes: quando ele falou que sente falta de participar de alguma oficina esportiva por questões de capacidades físicas, quando afirmou que encontrarei a maioria dos jovens de sua idade nas ruas e quando comentou que muitas pessoas fazem o curso de Educação Física por causa do dinheiro. Estes comentários configuraram-se como um “choque de realidade”, pois percebi que *minha* visão acerca dos projetos esportivos precisava ser desconstruída e *minha* visão sobre os jovens e suas expectativas para o futuro também necessitava de uma desconstrução.

Sposito (1996) evidencia que os estudos e reflexões sobre as juventudes carregam estereótipos de que os jovens, em geral, são consumistas e alienados e, em um recorte de classe social, os jovens pobres tendem a ser marginais e violentos. Sendo assim, para o autor, o estereótipo impede que interroguemos o sujeito jovem, ao qual “atribuímos determinadas características *a priori* e negamos o direito de fala, isto é, nos negamos a escutar o que ele teria a nos dizer sobre si mesmo” (p.99).

Quando o questioneei sobre os projetos esportivos, esperei que ele discursasse sobre a característica política dos mesmos, até porque ele trabalha em um equipamento público da Serra e está cercado por projetos sociais cotidianamente. Neste aspecto, Dayrell (1996, p.100) contribui com a seguinte reflexão:

O atributo “alienado” decorre de uma única concepção de prática política e coletiva em nossa sociedade, que se torna exclusiva e sequer permite uma interrogação extremamente simples, desde que os termos sejam invertidos: ao invés de perguntarmos por que a juventude não se interessa pela participação política, como se fosse um defeito *a priori*, deveríamos formular outro questionamento: o que acontece com a política que não interessa ao jovem?

De volta ao *Breaking da Quebrada*, pode-se concluir que esta é uma oficina do Programa Fica Vivo, realizada no Centro Cultural Vila Fátima (CCVF), ministrada por um jovem morador da Vila Fazendinha, o qual afirmou que o CCVF localiza-se na Vila Fazendinha e que desconhece o motivo do mesmo se intitular Vila Fátima. A partir de agora, os jovens entrevistados na oficina serão apresentados e suas opiniões acerca dos projetos sociais de lazer evidenciadas.

3.2.2.1 Mateus

O jovem Mateus tem 23 anos de idade, nasceu no Aglomerado da Serra, sempre morou na Vila Fazendinha com os pais. Tem dois irmãos já casados e uma irmã de 13 anos que mora com ele. Estudou até o 1º ano do Ensino Médio e trabalha com a oficina de Breaking no Fica Vivo da Serra e no Taquaril⁷⁹ como voluntário. Além disso, trabalha com serviços de pintura e com artesanato (fazendo colar). Tem vontade de realizar faculdade de Design Gráfico, apesar de antigamente já ter pensado em ser professor. Antigamente participou como aluno do projeto Corpo SIM (que, segundo ele, não existe mais), do Fica Vivo e do ECE-BH. Seus sonhos são: pisar na cidade onde o Hip Hop foi criado (nos EUA), continuar ensinando o Hip Hop e realizar a faculdade de Design Gráfico.

Mateus apresenta-se como peculiar na atual pesquisa, pois é o oficinairo do projeto observado. Decidi entrevistá-lo por ele ser jovem e por querer compreender se a sua atuação como oficinairo tem relação com a sua participação anterior em algum projeto. Além disso, ele poderia apresentar discursos sobre os projetos sociais baseados em sua inserção enquanto aluno e enquanto professor.

Primeiramente, destaco os discursos de Mateus que evidenciam a sua percepção de que existem diferenças entre os projetos de antigamente – em seu período enquanto aluno – e os projetos atuais.

É outra situação que tem também. Porque tipo assim, você viu os meninos falando que tem projeto que cobra, tem projeto que faz muita acepção de pessoas, com certeza os meninos devem ter falado...vamos supor, se eu não me engano, acho que era em 2006/2007 esses projetos todos eram muito presentes na comunidade: Fica Vivo, Criança Esperança, o CRAS, tinham os Centros Culturais que não eram de ação da prefeitura, era mais de ação comunitária mesmo...e nessa época tinham

⁷⁹ Taquaril é uma localidade da região Leste de BH e Mateus trabalha especificamente na Favela do Taquaril. A Favela localiza-se em proximidade com o Aglomerado da Serra.

muitas oficinas boas, mas hoje em dia está muito isolado, com o público muito fechado, entendeu.

Após esta fala, questionei se ele imaginava o porquê de estar acontecendo isto com os projetos, de eles estarem mais isolados e distantes da comunidade. E ele respondeu:

*Eu acho...ahn...talvez seja...como eu posso dizer...**empreendedorismo**. Sabe, porque tipo assim, igual eu comento muito com os meninos sabe, **muitos projetos que nascem na favela, quando eles são voluntários ou tem ajuda de baixa renda, funciona muito bem**. Tem alguns que quando recebe uma ajuda do governo, algo assim, é bom. Mas só que têm outros que pioram, que ao invés de melhorar pioram, começam a privatizar a própria comunidade.*

Em geral, Mateus destaca que os projetos sociais estão fazendo, cada vez mais, *acepção de pessoas*, e quanto mais comunitários e menos dependentes de órgãos públicos e/ou privados, mais envolvente é o projeto. O empreendedorismo, na visão de Mateus, impõe limites para o projeto. Como consequência, o projeto passa a selecionar/limitar a participação das pessoas.

Ah, outra coisa também...isso é óbvio né...se eu moro aqui eu vou atrair pessoas daqui. Se vem gente de fora eles ficam meio acanhado ou também, nem é acanhado...tipo assim, eu estou aqui dentro, eu conheço a história...as vezes tem um menino aqui que eu vi crescer ou cresci junto. Agora uma pessoa de fora, a primeira impressão que passa na cabeça deles é: a pessoa nem sabe como é aqui e já vai vim?

O discurso apresentado acima demonstra a percepção de Mateus em relação aos professores e líderes dos projetos. Como ele conhece a história dos jovens e, em alguns casos, acompanhou o crescimento do jovem ou até conviveu de forma mais próxima com o mesmo, é mais fácil estabelecer um diálogo. Pessoas de fora apresentam mais dificuldades, pois os jovens, de antemão, questionam o interesse das mesmas em suas vidas, pois são pessoas que não estão inseridas cotidianamente em seu contexto.

Quando questionei Mateus se os projetos que ele participou anteriormente o influenciaram a hoje ser oficineiro e trabalhar com o Hip Hop, ele afirmou: *Na verdade eu não aprendi, no geral, nos projetos, eu só fui porque tinham pessoas que dançavam mesmo*. A sua aproximação com o Hip Hop e, conseqüentemente, com o Breaking, foi atrelada às suas experiências pessoais com grupos e pessoas do Aglomerado da Serra:

Eu comecei a dançar, essa dança que eu faço ela chama Breaking né, B. Boy, então quando eu comecei a dançar eu comecei com Street Dance né, tinha um grupo aqui perto de casa e os meninos apresentavam muito, na época que o Hip Hop estava muito na moda né, em 2004, 2005. Aí teve um dia que eu fui à apresentação deles,

eu vi e comecei a gostar de dançar. Mas a dança que eu faço mesmo, eu vi o DVD mundial que teve, vi os caras dançando e embasei neles. Aí comecei a treinar sozinho. Aí através do professor de grafite que tinha aqui né, a gente era amigo, aí ele me emprestava o cartão de ônibus e eu saía daqui para ir para lá o projeto dançar, e daí fui.

Este discurso de Mateus levou-me a uma reflexão. Ao mesmo tempo em que ele explica que começou a se interessar e se envolver com o Hip Hop através de um grupo perto da casa dele e que, por motivação e interesse pessoais, aperfeiçoou o Breaking treinando sozinho, ele comenta sobre o “professor de grafite”, que o ajudou a ir ao “projeto dançar”. Ou seja, por mais que ele destaque o fato de se envolver com Hip Hop por iniciativa pessoal, é perceptível que nesta caminhada ele passou por projetos, grupos de dança e um professor, especialmente, foi motivador e fez diferença.

A cultura Hip Hop foi destacada como independente e por isso suas respostas voltavam-se para a particularidade desta.

*Na verdade a gente é outra história. Porque a gente na cultura do Hip Hop a gente tem mania de querer ser mais de um elemento né: Grafite, MC, DJ e Breaking. Aí esse **professor de Grafite**, antigamente ele era B.boy, ele dançava. Aí do nada ele foi, embasou no Grafite, cismou que era Grafite e ficou bom. Aí tinha um grupo de dança que ele trouxe para cá, se eu não me engano em 1992, aí tinha esse grupo dele e ele me indicou e eu comecei a fazer oficina lá. **Igual eu to falando com você, a potência que o Fica Vivo tinha antes, porque a oficina que tinha lá era do Fica Vivo, e tinha os elementos e os grupos reuniam aqui. Não tinha dessa assim: ah, o governo liberou verba e a gente vai fazer copa, a gente vai fazer campeonato de futebol. Não...se tinha um evento era dança, era o artesanato, era o esporte...entendeu.***

O professor de Grafite de Mateus era oficinairo do Fica Vivo e morador do Aglomerado da Serra. Recordando dos tempos em que participou da oficina, Mateus evidenciou que havia eventos de danças. Hoje, ele comenta que há uma preferência por eventos de Futebol, por Copas e pouco apoio para outras práticas culturais, como a dança e o artesanato.

*Agora fica fechado né. Eles fazem um negócio...até mesmo um passeio, as vezes o futebol...a gente não joga né...mas eu falo assim: pode levar os meninos para ver? Ah não, tem que ser os meninos do futebol. Então acaba que assim, **as oficinas de hoje em dia fica mais por conta do oficinairo do que da ajuda do governo. Igual eu falei com você, só quer a lista do relatório no final do mês (...)** Aí você fez essa correria toda, aí se eu em um mês a sua lista estiver vazia aí eles já reclamam. Só que tipo assim, o acompanhamento não está tão próximo.*

Além desta crítica, Mateus também discursou sobre o foco que o Fica Vivo tem para com os jovens que participam das oficinas:

Você chega lá...igual eles próprios falam: a gente não tem obrigação nenhuma de ajudar os meninos em termo de esporte ou de cultura e de lazer, o foco é só tirar o menino das idéias erradas e reabilitar ele na sociedade. Mas eu acredito que para reabilitar uma pessoa na sociedade ele tem que ver sentido...não adianta você chegar aqui, ficar rolando, rolando, rolando no chão, você saber que é parada de um projeto e o projeto não pode te ajudar com nada. Você vai ficar na mesma!

Mateus deixou claro que, enquanto oficinairo, ele deve buscar “tirar o menino das idéias erradas e reabilitar ele na sociedade”. Mas logo em seguida expõe que para conseguir fazer isto é necessário mais investimento do projeto.

Igual, vamos supor, do jeito que está, está ocupando o tempo, beleza. Mas, vamos colocar assim, na geração de dança, minha geração de dança, mantendo o aspecto do Fica Vivo e tudo mais, a oficina tinha 20, 30, 40 meninos. Então você vê que não é só ocupar o tempo sabe, precisa de um apoio a mais.

É como se Mateus estivesse fazendo uma comparação entre o seu tempo como aluno do Fica Vivo e o seu tempo enquanto professor. O que ele demonstrou em sua fala foi que naquele tempo não era apenas uma ocupação, era um grupo com muitos jovens que participavam de eventos e atribuíam mais sentido a estar ali e fazer parte. Hoje, ele não busca ocupar o tempo dos jovens em seu projeto, ele busca algo a mais. No entanto, reconhece que a falta de apoio dificulta e desmotiva o seu trabalho.

A motivação para ensinar o Breaking veio de sua aprendizagem nos grupos de dança que participou:

Em termo de dar aula, olha, não foi só pelo projeto, pelo programa Fica Vivo. Na verdade isso vem em mim desde quando eu comecei a melhorar, eu sempre gostei de ensinar, então antes de vir para o projeto, antes de conhecer o projeto como oficinairo, eu já tinha as minhas aulas mesmo.

Ao questioná-lo se ele gosta de ser oficinairo do projeto ele afirmou que sim e em seguida apresentou as suas expectativas sobre os projetos sociais.

Porque a maior a alegria que eu acho que tem é ver alguém que aprendeu em minha aula, sabe. E ocupando o seu tempo e ao mesmo tempo também aprendendo algo que mais para frente pode beneficiar eles, então isso para mim é o melhor prêmio né, que se pode dizer. Igual você vê dançarino...o Breaking mesmo se você pegar o início da cultura dele, o principal propósito não era ganhar dinheiro, não era ganhar fama, ganhar título, era você reabilitar a sociedade. Porque ele começou no Brooklyn, e no Brooklyn tinha muito criminalidade, tinha muito isolamento, e quando o Hip Hop começou foi para tirar isso, tirar aquela guerra de gangue, mostrando para as pessoas que tem outras coisas na vida, que tem o seu momento de lazer entendeu, e talvez, igual eu estou falando com você, que por amor...as demais coisas vai vindo. Mas...também possa ter a possibilidade de você ganhar a vida com isso que você faz. Então esse é o principal propósito que eu gosto, entendeu.

Evidentemente, Mateus enxerga a cultura Hip Hop como uma possibilidade de transformação de vidas. Ele contextualiza o surgimento do Breaking e demonstra acreditar que o mesmo pode “reabilitar” a sociedade. Além disso, há a possibilidade de trabalhar e “ganhar a vida” com o mesmo. Ou seja, Mateus, atualmente, trabalha com o Breaking, dando aulas no Fica Vivo e no projeto social do Taquaril e realizando apresentações em BH e outras cidades de MG. A sua inserção em grupos de dança e projetos no passado, contribuíram com o seu atual trabalho.

Ah, porque, hoje em dia a favela está assim: tem um grupo, vamos colocar aí, hoje em dia bandido não respeita muito né, então vamos supor, você tem 9 anos, 10...tem projetos que fazem essa acepção né, só jovens, mas as criancinhas estão se perdendo, então você tem 10 anos, se você não participa de um projeto na favela, a primeira coisa que puxa você vai ser fazer “corre” para bandido. Você está na favela e vai para a quadra, o intuito não é mais o mesmo de ir para a quadra para jogar bola, vai para fazer outras coisas, vai fumar maconha, ficar lá de malandragem. Então eu acho que um projeto social igual assim o que a gente faz tem muita importância. Mas, precisa de muito apoio.

Assim como Gabriela e Gustavo demonstraram, Mateus corrobora que os projetos sociais são importantes para impedir ou evitar que crianças, adolescentes e jovens sejam “puxados” a fazer “corre para bandido”. Neste sentido, ele enxerga o projeto como uma possibilidade de diminuir a criminalidade da Serra. Ao questionar o que ele espera do projeto de melhorias e avanços, destacou-se a divulgação e o financeiro.

Por exemplo, o Centro Cultural aqui, se não tiver um apoio de divulgação, não adianta nada. Porque toda vez o pessoal olha isso aqui como se fosse de enfeite, porque não vê ninguém divulgando a programação, não vê ninguém na rua, seria bem melhor alguma pessoa da comunidade estar atuando, seria mais fácil, além de ser mais fácil divulgar para o jovem, para o público, seria mais fácil o acesso pela comunidade. Porque na real, se vier uma pessoa de fora ela não vai ter a coragem igual eu tenho de sair andando em qualquer terreno, qualquer ruela, por aí.

E financeiramente porque, muitas das vezes a gente vai fazer uma apresentação e necessita de um ônibus, de um uniforme, às vezes se tiver 10 jovens querendo ir, se não tiver como ir, como vai os 10? Então financeiramente também, nem que seja no mínimo ajudar a gente.

Suas sugestões para possíveis projetos a serem implantados na Serra caminharam no sentido de contribuir com a vida do jovem:

[...] é em termo de palestras, incentivo, explicando mais as coisas da vida sabe, porque é difícil, às vezes o menino cresce e não sabe o que é um convívio social, não sabe o que é, coisas simples mesmo, às vezes um trabalho, coisas assim, ele

não sabe. Um projeto social desse assim seria bacana, mas não só de faixa né. Igual você chega lá e fala: ah, mas já tem os CRAS fala sobre essas coisas. Não se vê.

Mateus destaca as dificuldades enfrentadas por jovens da Serra, às quais possivelmente percebe como oficinairo e como morador da comunidade. Em todas as suas falas, ele foi insistente na necessidade de os projetos “abraçarem” mais a comunidade. Para ele, existe um foco muito grande “lá embaixo” e as pessoas de sua comunidade perdem oportunidades por ausência de investimento. Neste caso, ele também apresenta uma visão do projeto como formação de “artistas”, os quais podem viver de sua arte e utilizarem a mesma como trabalho.

*Acho que minhas sugestões seria divulgar né, aqui dentro primeiro e acho que abraçar mais a comunidade. Porque eu acredito assim, você pode até olhar lá embaixo, os melhores projetos que têm eles começaram lutando pela comunidade. E aqui tem muita gente que tem talento, só que às vezes por falta de abraçar a própria pessoa, por falta de abraçar a comunidade, perde muito isso, porque, **tipo assim, tem gente que começa a viver, pode-se dizer meio que vegetar, começa aquela vida meio que rotineira, e tem um menino ali que poderia ficar bom no Grafite, tem um menino ali que poderia ficar bom no Teatro mesmo, ou em um Instrumento, poderia ficar bom na Dança, no Esporte**, só que esse negócio aí de a pessoa achar que os projetos sociais está faltando muito lá embaixo, lá embaixo, lá embaixo...deixa muito aqui de lado. Lá embaixo tipo assim, no centro, teatro...lugares grandes. Na verdade, lugares que já tem público formado entendeu...já tem artistas...então se focasse mais aqui, seria bem melhor.*

Por fim, apresento o discurso de Mateus sobre um momento que vivenciou enquanto oficinairo e foi marcante para ele:

*Ah uma coisa que me marcou muito como professor, foi até um aluno que tenho atualmente, ele conversa comigo direto e fala: Noh Dani, comecei a dançar com você, antigamente eu desrespeitava demais meus pais, comecei a usar droga cedo, mas comecei a dançar com você e comecei a ficar mó alegrão, larguei as drogas, agora to de boa, gosto demais de dançar, parece que é minha vida sabe. **Isso é o que mais me alegra, momento marcante sabe, tipo assim, de uma forma simples, não foi tão difícil, não foi pela opressão mas sim pela vontade, conseguir mudar a vida daquela pessoa. Isso para mim que me beneficia, é o que eu mais gosto.***

3.2.2.2 José

O jovem José tem 27 anos de idade, nasceu no Aglomerado da Serra e mora desde sempre no mesmo lugar, na Vila Nossa Senhora de Fátima. Ele mora com a avó, a tia e a sobrinha, sendo que seu avô faleceu dias antes da entrevista. Tem três irmãos que moram com as esposas. Não é casado, mas tem uma filha que mora com a mãe perto de sua casa. Estudou até o 8º ano do Ensino Fundamental e, atualmente, não está trabalhando. Tem vontade de

voltar a estudar, mas prefere trabalhar porque acredita que para ele é o que *vale mais* na atualidade. Tem vontade de fazer um curso de dançarino. Já trabalhou como polidor de veículos, motorista particular (chofer) e lavador de carros.

Atualmente, trabalha no projeto Escola Aberta ministrando uma oficina de dança. Já participou do projeto Corpo SIM (o mesmo que Mateus) e do Projeto Providência. Atualmente, frequenta esporadicamente a oficina Breaking da Quebrada no CCFV. Tem como sonhos: crescer na dança, participar de vários programas de televisão e competir com *o tal do Dinho Alves, competir com ele e ganhar vários troféus na dança.*

Para mim, José não aparentava ter 27 anos de idade. Dentre os jovens entrevistados, tive a impressão que ele era o mais novo. No entanto, foi o contrário. Ele foi o jovem mais velho que entrevistei, inclusive ele é mais velho do que eu. Particularmente, gostei das falas de José e acredito que representam os sentimentos de parte significativa de jovens do Aglomerado. Suas experiências enquanto oficinairo de projetos de dança e também como aluno dos mesmos enriqueceram o diálogo.

José foi aluno do Projeto Providência e do Projeto SIM e, posteriormente, se tornou professor por um tempo. Segundo ele, as suas aulas eram voluntárias e ele tinha prazer em ensinar aquilo que aprendeu nas ruas. Mais uma vez, em diálogo com o discurso de Mateus, a aprendizagem do Hip Hop, primeiramente, é realizada nas ruas e não nos projetos e grupos de dança que ele teve contato.

*Eu prefiro não ganhar nada e ensinar o que eu aprendi, **porque ninguém me ensinou, eu aprendi nas ruas**, aí eu prefiro não ganhar nada e ensinar alguma coisa do que uma pessoa que recebe e não ensina nada direito para gente.*

Para complementar a sua relação com o Hip Hop, José contou um pouco de sua história e relatou que já foi preso por ter roubado.

*Eu fui roubar, fui descer para roubar, eu tinha 14 anos...Eu fui descer para roubar, roubei, e a polícia me pegou. Aí fui preso. Primeira vez que eu fui inventar de fazer isso, nunca mais fiz isso, graças a Deus. **Aí eu fui, a polícia me pegou, aí lá dentro da cadeia de menores tinha um menino que dançava Hip Hop, fazia um movimento muito legal, aí ele fazia lá no pátio, eu me interessei e pensei "nó que legal", acabei pegando...saí e procurei os projetos para eu aprender.***

Na verdade José apresentou três caminhos que o guiaram para o Hip Hop: as ruas, o menino que dançava na cadeia de menores e os projetos que ele procurou quando saiu da cadeia. Ao questionar sobre a importância da participação em projetos sociais pelos jovens da Serra, ele reconheceu que os mesmos são importantes.

Porque eles têm mais é que ocupar a mente né, uma coisa diferente para fazer. Porque ficar só em rua aqui, você ficar aqui, ficar nessa favela aqui só na rua, nada de bom você aprende, só aprende coisa errada. O que tem de gente para te levar pro mal caminho aqui não é brincadeira.

Ao longo de nossa conversa, José chegou a reproduzir uma fala conhecida: “Mente vazia, oficina do diabo”. Dessa maneira, pode-se dizer que o jovem enxerga os projetos como ocupação do tempo, como possibilidade de retirá-los das ruas, onde existem pessoas que querem levá-los ao mau caminho. No entanto, quando perguntei se são necessários mais projetos, ele foi enfático em responder:

Não...de projeto social acho que já tem muito. Só falta eles valorizarem o projeto que tem, em vez de fazer mais. Só isso que precisa ter. Projeto aqui é o que mais tem. E igualar todos. Não deixar um melhor que o outro.

Além disso, José afirmou que a sua participação nos projetos não mudou sua vida nem a vida de seus amigos. Ele disse que tem lembranças boas do tempo dos projetos e nos mesmos ele fez grandes amizades. Uma das lembranças destacadas por José e que ele acredita que foi uma oportunidade que ele desperdiçou foi sua viagem à Alemanha com o Projeto SIM – Corpo Cidadão – no qual ele teve condição de estudar e dançar na Alemanha, mas recusou porque estava em uma fase difícil de *mulherada e coisarada*.

Ah...não mudou muita coisa não. O que eu aprendi mesmo foi na rua, tudo foi na rua. O projeto...aquele projeto ali, nunca me ensinou nada não. Porque eles não sabem o que falar para gente. É só para gente ir lá, passa alguma coisa assim, mas não ensinou nada não. Aqui o jovem vai para o caminho errado porque quer. Eu to...já morei em frente de boca de fumo, meus irmãos tudo já virou traficante, um saiu o outro ta preso, eu não fui porque foi minha escolha entendeu. E quando a pessoa vê que aquilo não é pra você, você não vai, não adianta.

Eu acho que não, acho que não muda a vida de nenhum jovem. Todos que fizeram projeto comigo quando eu era criança lá no projetinho, hoje uns já morreu, outros eram traficantes, outros tão presos, uns virou patrão. Mudou a vida de ninguém. Outros virou crente, outros trabalha...entendeu.

Em meio a contradições, José demonstrou acreditar que o projeto pode ocupar um tempo e retirar o jovem de situações negativas, mas precisa melhorar na relação com o jovem para conseguir modificar alguma coisa em sua vida. Ele disse que para *ter atenção dos jovens* você tem que *brincar com eles, saber lidar com eles. Não é você ser rígido com eles. Às vezes uma palavra, você chinga ele por causa de qualquer coisinha à toa, aí ele não volta mais.*

3.2.2.3 Jonas

O jovem Jonas tem 19 anos de idade, nasceu no Aglomerado da Serra, mora com a família (pais e irmãos) na Vila Cafezal. Tem dois irmãos mais velhos. Tem o 2º grau completo e atualmente faz um curso de barbeiro no Instituto Embeleze e tem uma barbearia na vila Cafezal. Sua maior vontade é trabalhar com a barbearia e fazê-la crescer e se fosse realizar faculdade gostaria de fazer o curso de Design de Desenho, pois se aproxima mais das coisas que ele gosta, como o Grafite.

Já foi oficineiro no projeto Lá da Favelinha e na Escola Municipal Maria das Neves, no Programa Escola Aberta. Nunca participou como aluno de um projeto da comunidade, mas já freqüentou alguns por conhecer pessoas. Atualmente freqüenta, esporadicamente, a oficina de Breaking da Quebrada. Seu sonho é fazer uma parte da sua barbearia *como se fosse um centro cultural com o Breaking*.

Os discursos de Jonas dialogam com Mateus e José, pois também se relacionam com a cultura Hip Hop. Ele também afirma que aprendeu o Hip Hop nas ruas e que a característica desta manifestação é ser uma cultura independente. Além disso, ele diz:

Essa cultura, pelo que eu conheço, ela é para fazer o bem. Tipo...quando ela acolhe a pessoa, ela explica o que é errado, o que pode te ajudar na convivência com sua família, amigos, tanto faz, o que você decidir. Ela te da oportunidade de emprego, você pode ser o seu próprio empreendedor. Vamos supor assim, você sabe fazer Grafite, você pode fazer a sua marca em uma roupa, entendeu. Aí ela acolhe nessa questão. Eu acho que é bom para os jovens vir para eles poderem aprender um pouco disso. Não só essa cultura. Tem outras culturas que ensinam bastante coisa.

MV Bill, rapper brasileiro, foi um jovem criado na favela da Cidade de Deus e a sua ascensão social e crítica foi despertada através da cultura Hip Hop. Melo (2000) apresenta o lazer como cultura e a cultura como forma de mobilização, apresentando como possibilidades de “conscientização da necessidade de superação da ordem social” (p.150) as culturas produzidas pelos jovens das comunidades de baixa renda das cidades. Dessa maneira, como afirma Stoppa e Marcellino (2006), grupos de Hip Hop podem funcionar como “elemento aglutinador de pessoas com interesses comuns, produtoras de uma cultura viva e atuante” (p.35).

Jonas destacou em seu discurso a importância dos projetos sociais no encaminhamento do jovem ao trabalho. Ele também expressou a sua compreensão acerca dos objetivos, em

geral, dos projetos, que se relaciona com a ocupação do tempo que os jovens anteriores já destacaram:

Ou pode ter algum projeto, vamos supor, voltado ao trabalho, entendeu, que ensina tal criança a fazer um serviço, que tem haver com escritório ou alguma coisa assim. Eu acho que devia ter isso também.

Aí tanto que esses projetos vêm em uma previsão, tipo assim, para a criança já saber o que é certo e não ficar na rua, porque se for aprender na rua a gente tem medo de, tipo assim, acabar envolvendo com coisas ruins, tipo, drogas e essas coisas, entendeu.

Sobre suas expectativas em relação aos projetos sociais para os jovens, Jonas considera importante que tenham projetos de diferentes práticas culturais, pois *nem todo mundo gosta de dança, gosta de nadar, gosta de jogar futebol. Aí era importante ter cada instituição para cada coisa, porque se eles misturarem tudo vai acontecer igual ta acontecendo hoje. Eu acho que podia ter cada coisa para geral vir, entendeu.*

Por fim, apresento o discurso de Jonas sobre um momento marcante que vivenciou no Breaking da Quebrada.

Um dos momentos que eu recordei foi uma vez que eu estava dançando e eu cheguei a quebrar os meus dois braços. Aí eu queria desistir de dançar, que eu cheguei a quebrar, aí tanto que os meninos aqui também chegaram ver a situação minha e eles me ajudaram bastante (...) Aí nisso daí a cultura mostrou mais ainda que, mesmo sendo uma cultura independente, tem gente do meu lado quando eu menos esperava, ali lutando por mim também em questão de eu também estar lutando por eles.

3.2.2.4 Vivian

A jovem Vivian tem 19 anos de idade. Nasceu no Aglomerado da Serra, no Hospital Evangélico (localizado ao lado do ECE-BH) e cresceu no Aglomerado. Morou por 03 (três) anos em Sete Lagoas, mas atualmente mora na Serra com o seu filho, de 04 (quatro) anos e tem como vizinhos os seus pais.

Vai cursar o 1º ano do Ensino Médio na Escola Estadual Pedro Aleixo, no horário noturno do EJA (Educação de Jovens e Adultos). Anteriormente, estudou na Escola Municipal Levindo Coelho, localizada na Serra. Quando perguntei se tinha desejo de fazer faculdade, ela afirmou que não. Tem vontade de fazer um curso de cabeleireira e manicure. Trabalha como faxineira na Savassi, três vezes na semana.

Já participou do projeto Corpo Cidadão (o mesmo que Mateus e José – eles denominaram projeto Corpo SIM e ela Corpo Cidadão, mas é o mesmo). Participa da oficina de Futebol na escola Levindo Coelho aos sábados (Escola aberta), já fez aula de Zumba no

CCVF (mas não gostou) e participa, esporadicamente, da oficina de Breaking da Quebrada porque gosta muito de HipHop.

Ao final do diálogo questionei-a sobre os seus sonhos e ela disse que tem como sonhos terminar os seus estudos e fazer faculdade para ser delegada (apesar de acreditar que não chega lá). Quando ela afirmou não acreditar conseguir ser uma delegada, compreendi o porquê de quando questionei se ela tinha desejo de fazer faculdade ela responder que não. A faculdade para Vivian apresenta-se como um sonho distante e, aparentemente, um sonho que deve se eternizar enquanto sonho.

O diálogo com Vivian foi curto, ela não falou muito e foi objetiva em suas respostas. Quando questionei por que começou a frequentar o Breaking da Quebrada, ela disse que gosta de dançar Hip Hop e por isso decidiu fazer algumas aulas. Ela também disse que os exercícios são mais pesados e por isso prefere o Breaking à Zumba, por exemplo. Além disso, destacou que o tempo que participou do Projeto Corpo Cidadão foi muito bom:

Porque eu saía para apresentar em outros lugares, eu gostava demais. Noh, minha vida era só Hip Hop, Hip Hop.

Vivian acredita que os projetos sociais são importantes para os jovens, porque podem ajudá-los a não se envolver com *coisa errada*. Por fim, afirmou que acredita que devem ter mais opções de atividades no Centro Cultural e em outros espaços, como oficinas de pulseira, desenho, artes e esportes.

3.2.3. Identidade

O grupo de danças denominado “Identidade” é fruto da oficina de Danças Urbanas ofertada pelo Programa Fica Vivo e destacada na tabela de oficinas exposta anteriormente. O líder do grupo é oficinheiro do Programa Fica Vivo e também trabalha no CCVF. Foi neste espaço que o conheci. Quando conversamos, ele não me falou sobre o nome do grupo “Identidade”, apenas disse que era oficinheiro do Fica Vivo e sua oficina acontecia na Vila Cafezal, na Creche Quita Tolentino, sexta-feira à noite e sábado de manhã. Ele afirmou que os jovens participantes são engajados no projeto e que eu poderia entrevistá-los. Sendo assim, combinei com o professor de ir à sua aula de dança em um sábado pela manhã.

Fui à Vila Cafezal duas vezes à procura da oficina de Danças Urbanas e por um erro de compreensão, procurei no local errado. Sendo assim, fui acessar a oficina através da entrevista que fiz com Lucas, no ECE-BH, na qual ele me falou sobre sua participação no

projeto “Identidade” e me explicou como chegar à Creche Quita Tolentino. Após sua explicação, consegui identificar a Creche e descobri que a mesma era ao lado de um dos projetos que eu mais visitei durante a pesquisa de campo. Assim, organizei-me e fui ao grupo “Identidade” sábado pela manhã.

A visita ao projeto “Identidade” marcou-me significativamente. Primeiro, por saber que ele é fruto de uma oficina do Fica Vivo e que a contribuição que o oficinheiro recebe é direcionada ao grupo para a compra de materiais para as aulas e apresentações. Ou seja, como o jovem oficinheiro do Breaking da Quebrada alertara, o Fica Vivo proporciona a oficina por meio de um pagamento para o oficinheiro e o apoio financeiro à mesma, basicamente, é este. No caso do “Identidade”, este dinheiro é utilizado pelo grupo.

Segundo, porque o nome “Identidade” tem um sentido e um significado, construído pelos próprios jovens participantes. O professor relatou que, inicialmente, a sua oficina era de Hip Hop e ele atingia um público restrito. Com o intuito de ampliar a participação dos jovens, o professor optou pelo nome “Danças urbanas” que, a seu ver, chamaria a atenção de mais jovens. Com a ampliação da participação dos jovens, ele iniciou uma metodologia de diálogo com os mesmos. No início e no final da aula eles realizavam rodas de conversa sobre assuntos que surgiam e estas rodas de conversa os levaram a querer ampliar a participação dos jovens.

Para tal, eles decidiram que a oficina abrangeria “Danças” e não apenas “Danças Urbanas” e começaram a convidar jovens da localidade envolvidos com diferentes estilos de dança para conduzirem as aulas. Por isso o nome “Identidade”, com a proposta de convidar os jovens da Serra a fazerem parte de um grupo que valoriza as diferentes identidades de cada jovem, respeitando os diferentes estilos de dança e considerando-os protagonistas do grupo. O grupo é mais conhecido como “ID”.

Sendo assim, no sábado em que visitei o projeto, aconteceram duas aulas, conduzidas por dois jovens da Serra. A primeira aula foi de Ballet e a segunda de Passinho (Funk). Durante as aulas, o professor da oficina dançava com os jovens, tirava Fotos, realizava filmagens ou observava a aula. Estas Fotos e filmagens são divulgadas no Facebook do grupo⁸⁰.

O grupo conta com a participação de um grande número de jovens e a empolgação e envolvimento dos mesmos durante a aula é notável. O grupo “ID” realiza apresentações na Serra e em outros espaços culturais de BH e, segundo o professor e os jovens, é aberto ao público e não somente aos moradores da Serra.

⁸⁰ Disponível em <https://www.facebook.com/grupo.identidade.oficial.com.br/> acesso em: 22 de Junho de 2017.

FIGURA 21 - Aula de passinho

Fonte: Acervo Pessoal. Foto da autora

Por fim, no mesmo dia em que visitei o “ID”, realizei as entrevistas com dois jovens que estavam presentes. Os dois jovens foram indicados pelo professor por terem um histórico de ampla participação em projetos sociais da Serra.

3.2.3.1. *Guilherme*

O jovem Guilherme tem 24 anos de idade, mora no Aglomerado da Serra desde que nasceu. Já morou com os pais e irmãos e há 05 (cinco) anos mora com a esposa. Atualmente, mora na Rua Nossa Senhora de Fátima, na Vila Fátima. Tem 12 irmãs e 05 (cinco) irmãos que conhece, pois de acordo com o mesmo seu pai tem filhos *espalhados por aí*.

Estudou na Escola Estadual José Mendes Junior, na Escola Estadual Laura da Chagas Ferreira, na Escola Estadual Pedro II e depois na Escola Estadual Pedro Aleixo, onde formou no Ensino Médio. Atualmente trabalha dando aulas de danças urbanas e Hip Hop no projeto Ciranda do Colégio Pitágoras - Cidade Jardim. Tem vontade de fazer faculdade de Dança ou Educação Física.

Já participou do Projeto Miguel Martins de Karatê, do ECE-BH, do Fica Vivo, da Orquestra Melodia da Serra, de um Curso de Fotografia, de Muai Tai no Team Souto e, atualmente, participa do Projeto Educando pela Arte, do Projeto Identidade e do GEDU (Grupo Experimental de Danças Urbanas).

Quando questionado em relação aos seus sonhos respondeu que sonha em: dançar fora, viajar para fora do país, conhecer outros países, levar a mãe para as viagens e dar a ela o

que ela sempre quis lhe dar, trabalhar com dança e viver e ensinar as pessoas que a dança é muito mais do que dançar, é criar vínculos e vencer dificuldades.

Guilherme gosta muito de conversar, então a sua entrevista foi a mais duradoura. O envolvimento do mesmo com os projetos existentes na Serra e o prazer que ele tem em dançar e praticar artes marciais ficou evidente a partir de suas falas.

Quando perguntei quais projetos da Serra ele participou e participa, ele começou falando sobre o Projeto Miguel Martins, que representou uma experiência significativa em sua vida e ele não se esquece.

Na verdade eu já participei de vários (projetos). Deixa eu recordar aqui...é, eu participei em 2006 do projeto Miguel Martins, que era um projeto que foi desenvolvido pelo meu antigo Sensei de Karatê, o nome do projeto é devido ao amigo dele que morreu baleado em um assalto, aí ele era dono da academia, trouxe esse projeto para a Serra e a gente fazia de graça e ele cobria todas as despesas e ainda pagava a gente para poder ficar mantendo lá. Tipo, a gente recebia para estar lá e era bom porque me ajudou a evoluir. Esse era de Karatê, que ele também é da Federação Mineira de Karatê e do Brasileiro, ele disputou o Pan, ganhou 3º lugar, ele é da seleção brasileira de Karatê.

O destaque que Guilherme confere ao fato de o Sensei ter sido da Seleção Brasileira de Karatê revela o quanto, para ele, isto “valoriza” o projeto. O número de projetos sociais esportivos realizados por atletas e ex-atletas é considerável (MELO, 2005) e isto, algumas vezes, é inspirador para os jovens participantes.

No ECE-BH, Guilherme foi aluno de 12 a 18 anos de idade e, segundo ele, aproveitou tudo que podia: Hip Hop, Natação, Computação, Futsal e Basquete. Ele saiu por causa da idade. Além disso, o jovem também participou do Fica Vivo, realizando aulas de dança. O professor de Hip Hop que teve no ECE-BH, no Fica Vivo e tem atualmente no Identidade é o mesmo e, ao longo das falas, Guilherme o caracterizou como um pai.

Quando perguntei se ele gosta de participar dos projetos, ele respondeu: *eu gosto demais, eu amo participar, porque é contato com pessoas. Eu gosto de obter informações novas todos os dias, porque senão fica aquele negócio chato. Eu gosto de estar em movimento toda hora.*

Pelas suas falas, além da experiência como aluno, Guilherme teve experiências como professor. Aparentemente, nas oficinas que ele participava ele contribuía ensinando. Como colocou algumas vezes, o seu professor hoje é um amigo, um parceiro e, juntos, eles tentam ajudar os jovens da Serra.

Por exemplo, o Wilson⁸¹ que deu aula hoje no primeiro horário, eu dei aula para ele há um tempo atrás e ele só dançava Hip Hop. Hoje ele é professor, dá aula de Ballet, ele é um cara que eu falei assim: noh mano eu ajudei. O que deu aula de

⁸¹ Nome fictício.

passinho, o Vinicius⁸², também dei aula para ele de Hip Hop há muito tempo atrás, há 6 anos.

Ao solicitar que ele escolhesse um motivo que o faz ir ao Projeto Identidade, ele respondeu que é o *companheirismo*.

Galera é muito unida. Tipo, ah nosso amigo ta precisando de alguma coisa, o que nós podemos fazer para ajudar ele (...) Ah, eu sou de tal lugar. E daí? Daqui para dentro você é do grupo. Aqui para dentro você é igual a todo mundo.

Assim como o jovem Jonas havia destacado, Guilherme também considera que os jovens que integram o grupo são companheiros, amigos. Ele fez questão de frisar que todo mundo que entra no grupo é *igual* e bem recebido, independente de onde vem, de onde mora.

Sobre a participação em projetos sociais pelos jovens da Serra, Guilherme comentou que os jovens hoje querem *dinheiro fácil* e por isso, muitas vezes, não se interessam em participar dos projetos. Além disso, os pais têm preconceitos com determinados projetos. Segundo Guilherme, os pais normalmente querem que os filhos sejam o que eles não conseguiram ser e não querem vê-los dançando Funk ou Hip Hop. No entanto, ele acredita que é muito importante para um jovem integrar um projeto.

Porque você tem contato com outras pessoas, a sua mente consegue evoluir. Igual...o meu sobrinho ele tem 05 anos, ele começou a desenvolver a fala dele com 02 anos, 02 anos e meio. E a minha outra sobrinha, que foi colocada na creche (...) desenvolveu a fala com 01 ano e pouco. Porque vê outras pessoas e força a desenvolver. Então eles estando em projetos aqui eu acho...acho não...eu tenho certeza que faz muita diferença, porque eles vão ver informação, pessoas que passam pelos mesmos problemas, pessoas que precisam de dinheiro também (...) É uma coisa que eu sempre levei comigo: não sou pior do que ninguém. Se a pessoa consegue, eu também consigo, porque ela sangra e eu também sangro.

Ao se retratar aos jovens que participam hoje do Identidade, Guilherme disse:

E acho que os meninos mesmo aproveitam, gostam bastante, se empenham (...) Tipo assim, gostam de ser ouvidos. Eu acho que eles vêm para cá porque podem dar opinião, podem ser ouvidos e podem fazer aquilo que eles querem com liberdade e sem extrapolar, sem que a liberdade vire libertinagem.

Achei interessante esta fala, pois dialoga com os objetivos do ID. Em sua visão, os jovens sentem-se à vontade para expressar suas opiniões e para serem ouvidos. Quando perguntei se houve mudanças em sua vida a partir de sua trajetória nos projetos, ele afirmou que sim, que ele *mudou bastante*.

Mudou a mentalidade. Eu era um cara muito chorão. Eu era um cara que não tinha controle emocional nenhum (...) Eu era muito sentimental. E também questão de mentalidade, de conversar com as pessoas, de tratar pessoas, de ter respeito (...) Então eu aprendi a lutar contra a opinião dos outros e eu aprendi a lutar, ter a minha opinião formada e trabalhar em cima dela através dos projetos. Porque as pessoas falavam: “Você tem um sonho? Lute. Seu pai não vai entender o seu

⁸² Nome fictício.

motivo, sua mãe não vai entender, sua mãe quer o melhor para você no ponto de vista dela.”

Guilherme relatou que sua mãe sempre quis que ele estudasse muito e fizesse uma faculdade e seu pai queria que ele servisse ao Exército. Ele chegou a realizar o curso de eletricista e estava planejando fazer faculdade de Mecatrônica, no entanto refletiu e concluiu que ele não gostaria de ficar sentado atrás de uma mesa o dia inteiro. Além disso, sobre o Exército o jovem afirmou que conhece pessoas que serviram e quando voltaram tiveram dificuldades para conseguir emprego.

Ah, eu quero dançar. Porque dançar você tem contato com pessoas, energias diferentes, sentimentos, vidas diferentes, comidas diferentes, peças diferentes...

Eu já comi cada coisa, já fui em cada lugar que eu falei assim: “cara, mano”. Porque eu já fui em lugares melhores do que meu pai e minha mãe já foram, através da dança. Viajei sozinho para São Paulo com 17 anos, por causa de dança. Fui conhecer São Paulo, minha mãe nunca conheceu São Paulo (...) Já viajei para o Rio, para Mato Grosso, Joinville, tudo por causa da dança.

Para Guilherme, a dança é importante. Ele trabalha com a dança e sente prazer em seu trabalho. Por meio de suas experiências com a dança, pôde conhecer pessoas e lugares diferentes. Em diferentes momentos, Guilherme criticou a rotina do trabalhador brasileiro e afirmou não se sentir feliz tendo que se adequar à mesma.

A sua capacidade de refletir sobre estes temas está relacionada com um dos projetos que ele participa, o GEDU.

Eles vêm com uma metodologia não só com dança, eles tentam formar uma pessoa social. É um princípio, alguns princípios de como interagir, como trabalhar com diferentes tipos de pessoas (...) Tanto que eu trago para cá, porque quando você aprende aqui na Serra algum projeto, eles querem te ensinar, por exemplo, artes marciais, mas não ensina como ser uma pessoa na sociedade, como ser uma pessoa vencendo pontos negativos, trabalhando o emocional, trabalhando o marketing pessoal. Por exemplo, o bem-estar também! Lá trabalha tudo. A gente lê bastante. O GEDU é um grupo que eu entrei tem pouco tempo, agora em maio faz um ano que eu entrei.

Uma coisa que eu aprendi bastante e é uma coisa que eu sempre vi e quando eu cheguei lá minha perspectiva, meu jeito de olhar mudou. Tipo: “eu vou fazer um projeto para pessoas carentes”; esse é um dialeto errado, porque...quem não é carente? Todos nós somos carentes de algo, carentes de amor. Então é fazer um projeto com um nome diferente...para pessoas que necessitam, que estão em área de risco, para diminuir onde tem mais atrito e violência...para trabalhar com isso.

Dentre as suas sugestões para os projetos da Serra estão:

Trabalhar mais o jeito da pessoa. Por exemplo, pegar um jovem, trazer para o projeto e trabalhar com ele para que ele se torne um adulto melhor, mais consciente, mais ativo, que ele possa opinar, possa colocar pontos de vista dele.

Melhorar mais as iniciativas, patrocinadores, pessoas que ajudem as pessoas aqui, porque aqui em cima geralmente moram pessoas com poucos recursos. O que nós precisamos aqui é espaço. Um espaço estruturado para que nós possamos fazer.

Todo lugar que nós treinamos aqui não é um local apropriado para isso. Mas é um espaço e a gente usa. Por exemplo, Centro Cultural...é bom, mas é longe, muito longe. Tem um aqui e outro lá na China, na 2ª entrada do Parque Mangabeiras. Então fica ruim...e para quem mora aqui, nessa região?

Mais Centros Culturais, com espaços melhores, porque às vezes eles fazem um espaço no Centro Cultural e a sala tem esse tamanho aqui, do que a gente está aqui. Pensa tipo..."vou fazer um espaço para falar que tem um espaço". O que nós realmente precisamos é de espaço e de pessoas que apóiam, com verba, com ajuda.

Ao comparar o GEDU com os projetos da Serra, Guilherme destacou que no primeiro há uma equipe técnica voltada para os dançarinos, como fisioterapeuta, professor de Educação Física, massoterapeuta, dentre outros. Ele disse que tem dúvidas sobre o curso que quer fazer porque têm vontade de fazer todos os cursos que têm relação com a dança.

Para finalizar, ao pedir que ele recordasse algum momento marcante que vivenciou em algum dos projetos, Guilherme contou uma história vivenciada no Projeto Miguel Martins, de Karatê, à qual ele acredita que influenciou na formação de seu caráter:

*Na verdade todos me marcaram, mas é algo que eu levo para minha vida toda, foi nas artes marciais com o Gerson⁸³. Ele deu oportunidade, nós treinávamos terça e quinta de 14h as 15:30 e ele cedeu para a gente poder treinar com as pessoas que pagavam, com os mais graduados e eu falei: "Noh cara, que importante" (...) Ele pagava para gente ir e pagava para gente comer. Eu lembro que eu faltei duas semanas direto e não dei justificativa, foi aí que eu comecei a ter o meu caráter formado, ele falou comigo: "Guilherme". Faltavam dois meses para o torneio chegar, que era em Sete Lagoas, um torneio que eu fiquei chateado bastante por não ter participado. Ele falou assim: "Guilherme, você não vai lutar. Mas você quer ir ver?". Aí eu falei: "Quero ir ver". Eu fiquei triste, fiquei invocado. **E foi algo que eu levei para minha vida. Quando eu falo "não" eu preciso cumprir esse "não" e quando eu falo "sim" eu tenho que cumprir esse "sim".***

3.2.3.2. Mariana

A jovem Mariana tem 17 anos de idade, mora no Aglomerado da Serra desde que nasceu. Mora com seus pais e seus dois irmãos mais velhos. Atualmente, mora perto dos "predinhos". Segundo Lucas, Mariana mora na parte *rica da Serra*. Antigamente, ela morava no "pocinho".

Está cursando o 3º ano do Ensino Médio no Colégio Arnaldo, onde sempre estudou, e tem vontade de fazer faculdade, mas ainda não decidiu o que quer, tem dúvidas entre Dança, Educação Física e Arquitetura. Ao final da entrevista, me perguntou sobre o curso de Educação Física e sobre o porquê decidi realizar este curso.

⁸³ Nome fictício.

Seu pai e sua família têm um grupo, listado entre as Manifestações Culturais da Serra na Guia como “Movimento Soul”, do qual ela participa. Além disso, participa há 05 (cinco) anos do projeto Identidade e há 10 anos do ECE-BH.

Como sonhos, Mariana destacou: *ir para os EUA dançar lá, ver as pessoas dançarem e aprender lá, construir família, ter filho, ter uma casa boa, ter condições de trabalho e conseguir escolher uma faculdade que queira, pois está difícil decidir.*

No ECE-BH, Mariana iniciou quando era criança, com 07 anos de idade. Ela começou no Judô e depois foi para o Ballet, pois já fazia Ballet na sua antiga escolinha infantil. Com o tempo, ela foi participando de outras práticas dentro do projeto, como o Hip Hop. Foi a partir da oficina de Hip Hop do ECE-BH que Mariana conheceu o professor, que a convidou para participar do ID. No início, ela só ia aos sábados, mas atualmente ela vai sexta à noite e sábado, pois gosta muito de participar.

*O “Criança Esperança” é praticamente minha vida, porque desde pequena estou lá então, foi meio que uma formação do que eu sou hoje. **Eu digo: Tudo que eu aprendi, a metade foi lá. É, acho que o sonho de dançar começou lá, foi bem de lá, e aqui eu tenho, tipo, meus amigos, sei lá!... Eu me sinto bem aqui, eu me sinto eu... é uma coisa que vem assim, eu gosto. Não gosto de faltar, porque faltar é ruim, além de cê perder muita coisa quando cê falta, então, eu gosto bastante de dançar.***

A trajetória de Mariana no ECE-BH foi importante para que ela chegasse ao ID. Além disso, o seu sonho em dançar começou no ECE-BH e hoje é alimentado em ambos os projetos. No ID, Mariana afirmou ser diferente, pois ela tem amigos e se sente bem, se sente ela. Esta afirmação vai ao encontro do que Mateus expressou: a liberdade de expressão; de ser ouvido. Ainda, Mariana destaca sua paixão pela dança, assim como Gabriela e Guilherme.

Quanto à importância da participação dos jovens nos projetos existentes, Mariana acredita que é importante porque *desenvolve a criatividade, além de que, aqui no Aglomerado, a gente vê muita gente em lugares que não deveria estar, por não fazer nada. Acabam não fazendo nada e começam a envolver em coisas ruins.*

Assim como alguns jovens colocaram, Mariana também acredita que o projeto é um modo de tirar a pessoa desta vida e também incentivar ela a fazer outras coisas, dá um incentivo na pessoa.

*Eu acho que deveria ter mais projetos de tudo: dança, música, qualquer coisa assim que incentive o adolescente a fazer alguma coisa. É porque, como eu já disse, precisa de incentivar os adolescentes a quererem mais...quererem ir avante, fazer alguma coisa, **porque eu conheço muitos amigos meus que moram aqui, que eu pergunto: Você quer fazer faculdade? A pessoa fica: Não! Assim, não tem aquele incentivo, não tem. Eu quero fazer alguma coisa da vida sabe? Eu acho que o projeto pode contribuir.***

A família de Mariana sempre a apoiou em tudo. Ela destacou que seu pai trabalha muito e com pouco dinheiro nunca deixou que faltasse algo para ela e seus irmãos. Além disso, seus pais sempre a incentivaram a estudar. A escola que Mariana estudou/estuda é particular e, segundo a jovem, seus colegas da Serra, que estudam em escolas públicas da localidade e estão no mesmo ano, não estão aprendendo o que ela está aprendendo. Sendo assim, não é possível afirmar que a sua participação no projeto garantiu que ela tivesse mais interesse em estudar, fazer faculdade e *fazer alguma coisa da vida*.

Quando perguntei se algo mudou em sua vida com a participação nos projetos, ela destacou que sim, pois era muito tímida e começou a *perder a vergonha*.

Porque, tipo assim, eu tinha que dançar em muitos lugares, eu era, eu sempre fui vergonhosa, aí tipo, tinha que perder a vergonha! Eu tinha que dançar pra todo mundo, na hora tinha que dar entrevistas, muita gente chegava e me perguntava as coisas e eu tinha que acabar respondendo. Eu comecei a perder a vergonha por causa disto, destas coisas.

As suas sugestões para os projetos da Serra estão relacionadas com a divulgação:

*Eu acho que tem que fazer mais propaganda. Porque muita gente que eu conheço não sabe da existência dos projetos. Não sabem mesmo! Eu acho que fazer aulas abertas também. **Igual aqui, a porta fica aberta, quem quiser entrar entra**, já teve muita gente que entrou e fez a aula. Acho que é uma coisa que mais incentiva as pessoas participarem.*

E por fim, ao questionar algo marcante em sua trajetória nos projetos que já participou, Mariana lembrou a primeira vez que apresentou com o Criança Esperança.

*A gente tava, a gente tava visitando a PUC. Aí a gente foi inaugurar a pista de corrida que tinha lá. Aí a gente tava dançando, a música parou, simplesmente parou. E a gente tava numa energia tão boa naquele dia, todo mundo continuou dançando assim, como se a música tivesse lá. E todo mundo batendo palmas assim pra gente. A música tinha simplesmente parado assim, e a gente acabou a apresentação, foi assim tipo o momento que eu falei: *é isto que eu quero. É assim que eu vou conseguir, e tipo você via a energia de todo mundo junto, parecia que tava, tipo assim, era um corpo só. **Era tipo 15 pessoas dançando num corpo só, naquele momento...foi um momento que marcou minha vida.****

3.3 O voluntariado na Serra: *Projeto Itamar e Projeto Educando pela Arte*

Dentre os trabalhos voluntários de iniciativa pessoal realizados na Serra, tive contato com 02 (dois) projetos, ambos voltados para as lutas (Taekwondo e Wushu Sanda). Nestes, tive oportunidade de conversar com os líderes e entrevistá-los. Além disso, os mesmos representaram espaços em que consegui maior interação com as pessoas e tenho a impressão

que isso se deu pelo fato de os líderes demonstrarem interesse em conversar comigo. À medida que os líderes se aproximavam de mim, os jovens sentiam-se à vontade e, naturalmente, aproximavam-se também. Em ambos os projetos, participei e interagi durante as aulas. Mais especificamente, dois momentos (um em cada projeto) me marcaram de forma especial, os quais serão relatados mais à frente.

Primeiro, conheci o Projeto Itamar e, em seguida, por meio de uma visita de campo ao Itamar, tive conhecimento da existência do Projeto Educando pela Arte. São dois projetos vizinhos, localizados na Vila Cafezal, que elegem como prática esportiva as lutas. O Projeto Itamar é de Taekwondo e o Projeto Educando pela Arte é de Wushu Sanda. A partir de agora, contarei com mais detalhes minha inserção em cada um dos projetos.

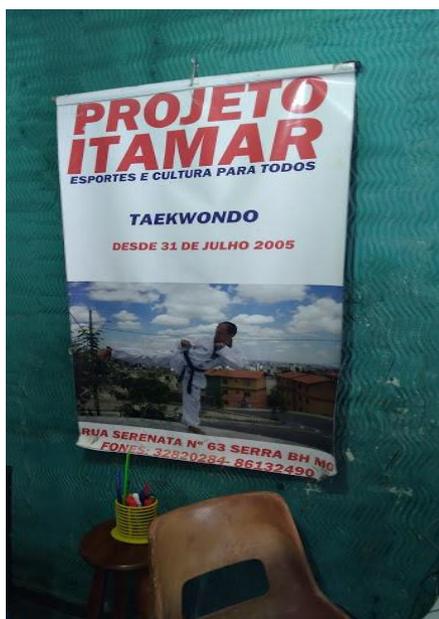
3.3.1 Projeto do Itamar

Na primeira vez que fui à Vila Cafezal procurar a oficina de Danças Urbanas do Programa Fica Vivo, encontrei no caminho alguns cartazes divulgando o Projeto Itamar.

FIGURA 22 - Cartaz pregado ao lado do Centro de Saúde Cafezal



Fonte: Acervo Pessoal. Foto da autora

FIGURA 23 - Projeto Itamar

Fonte: Acervo Pessoal. Foto da Autora

Ao perguntar alguns moradores sobre o projeto, fui encaminhada à Biblioteca do Itamar. No espaço da Biblioteca, Itamar mantém uma divulgação de seu projeto, com imagens e reportagens relacionadas ao mesmo e ao Aglomerado da Serra. Na imagem apresentada, evidencia-se que o Projeto existe desde 31 de Julho de 2005.

FIGURA 24 - Biblioteca Comunitária do Projeto Itamar

Fonte: Acervo Pessoal. Foto da autora

Chamou-me atenção o fato de Itamar candidatar-se a vereador de Belo Horizonte e quando questionei o motivo da candidatura, ele afirmou que tem o sonho de melhorar a vida

das pessoas que moram nas periferias urbanas, principalmente o acesso ao esporte, à cultura e ao lazer. Segundo ele, se tivesse ganhado a eleição, construiria no Aglomerado da Serra um centro de treinamento para diferentes modalidades esportivas.

FIGURA 25 - Reportagem sobre o Projeto Itamar



Fonte: Acervo Pessoal. **Fonte:** Acervo Pessoal. Foto da autora

A imagem da reportagem acima representa um pouco da história do Projeto Itamar. Quando cheguei à Biblioteca, fui recebida pela sua filha de 15 anos. Em seguida, Itamar chegou e começou a contar sobre o projeto. À medida que eu olhava as imagens e textos, ele destacava alguns episódios históricos. A reportagem em questão é guardada e divulgada por retratar um acontecimento positivo-negativo para o Cafezal, pois ao mesmo tempo em que divulga a conquista da Associação de Moradores do Cafezal⁸⁴ no Orçamento Participativo (OP) de 2001/2002 (a construção da Praça de Esportes do Cafezal) e o início das aulas de ginástica e Taekwondo na Praça (conduzidas por Itamar), registra que a obra estava embargada há 03 (três) anos por conta de uma ação judicial que ainda não fora resolvida.

Segundo Itamar, até hoje a Praça de Esportes, construída pela PBH por meio do OP, não é reconhecida, formalmente, como um equipamento público. Ele disse que guarda a reportagem para que fique registrado o descaso do poder público e, ao mesmo tempo, o início

⁸⁴ Atualmente a Associação de Moradores do Cafezal não está em atividade. Segundo Itamar, ele não pode ser o presidente por ser funcionário público. Itamar é Guarda Municipal de Belo Horizonte. Itamar configura-se, hoje, como um líder comunitário do Cafezal e utiliza o antigo espaço da Associação para a realização das aulas de Taekwondo e outras atividades, como aulas de Informática para a terceira idade, oficina de costura e artesanato, dentre outras.

de seu projeto. Para ele, a Praça de Esportes foi uma grande conquista da Vila Cafezal, no entanto, o fato de a mesma não ser considerada, oficialmente, um equipamento público, limita a sua utilização. A Praça de Esportes representou o primeiro espaço utilizado pelo líder Itamar para suas aulas de Ginástica e Taekwondo.

Itamar contou que tudo começou quando ele viu o Vitor (líder do projeto Educando pela Arte) dando aulas de boxe chinês para *as senhorinhas da terceira idade* na praça. Conversou com Vitor e os dois começaram a dar estas aulas, que chamavam de “Ginástica”, utilizando os conhecimentos que eles tinham a partir das lutas que eram graduados. Itamar, especialmente, começou a chamar as aulas de “Ginástica Taekwondo” e, utilizando a vestimenta própria da luta, atraiu pessoas de outras faixas etárias, como os jovens. Ele relatou que se lembra perfeitamente do primeiro dia em que um jovem o procurou para aprender o Taekwondo. Este mesmo jovem participa do projeto até hoje e, algumas vezes, lidera as aulas para Itamar (quando por algum motivo ele não pode ir)⁸⁵.

O que motivou Itamar a ensinar o Taekwondo foi o desejo de oportunizar o acesso a esta prática pela população do Aglomerado da Serra. A todo o momento, ele expressou a sua paixão pelo esporte e o prazer que tem de ensinar o mesmo. Para ele, *o Taekwondo é uma filosofia de vida*. Itamar destacou que nas academias de ginástica espalhadas pela cidade, as mensalidades giram em torno de 80, 90 reais e estes valores são inacessíveis para a ampla maioria da população de sua localidade. Dessa forma, seu projeto nasceu desta vontade de tornar acessível o Taekwondo para as crianças e adolescentes de sua comunidade. Segundo Itamar, o Taekwondo, *além de ser um esporte olímpico é educativo e para as crianças e adolescentes é fundamental*.

O nome do projeto é fruto da forma como as pessoas se referiam às suas aulas. As pessoas já usavam o termo “Projeto Itamar” para se referir às mesmas e quando ele decidiu criar o projeto manteve o nome que já estava *na boca do povo*. O projeto começou na *pracinha de esportes* e, após aproximadamente 06 (seis) meses, a antiga Associação de Moradores da Vila Cafezal cedeu seu espaço para realização das aulas.

Dessa forma, as aulas de Itamar acontecem no espaço da Associação de Moradores da Vila Cafezal. No entanto, a Associação se encontra, legalmente, desativada. Ele explicou que a última ata da Associação data do ano de 2010 e que desde então, a mesma não recebe verbas oriundas da PBH. Quando questionei os motivos, ele disse que algumas pessoas que eram *mais antigas* morreram e que existe um processo tramitando no Ministério Público, mas em

⁸⁵ Eu queria entrevistar este jovem, mas não foi possível, pois no período da pesquisa o mesmo encontrava-se ausente por questões pessoais.

breve haverá novas eleições e a Associação se restabelecerá. Enquanto isso, desde 2010 ele vem pagando as contas de luz e água para manter o espaço. Foi possível notar que Itamar vem buscando o restabelecimento da Associação e que, atualmente, configura-se como um dos responsáveis pelo espaço.

Além das aulas de Taekwondo, acontecem no espaço da Associação aulas de costura e de informática e o espaço é utilizado por pessoas que trabalham na Vila Cafezal, como *o pessoal da KTM, empresa de limpeza urbana que vem almoçar aqui*. Os computadores para as aulas de informática foram conseguidos por Itamar em 2016 por meio de contato que ele fez com a PRODABEL (Empresa de Informática e de Informação de Belo Horizonte), que além de disponibilizar os computadores, responsabiliza-se pelo pagamento da internet. Segundo Itamar, os computadores ficam disponíveis para utilização da comunidade em horários delimitados e existe um curso específico destinado para a terceira idade.

A história de vida de Itamar relaciona-se com as histórias de formação das favelas brasileiras, pois ele representa parte da população interiorana que buscou na cidade melhores condições de vida. Nascido em Inhapim, cidade pequena e interiorana de Minas Gerais, mudou-se para Belo Horizonte com 20 anos de idade. Mora na mesma casa de sempre, na Vila Cafezal do Aglomerado da Serra. Como agora ele tem 45 anos de idade, é morador da Serra há 25 anos.

Itamar conta que morava na roça de Inhapim, seu pai era agricultor e ele e os irmãos também começaram a trabalhar como agricultores na região, com plantação de café. No entanto, naquele período os fazendeiros exploravam muito os agricultores e houve um *período complicado de mudança da moeda* e eles precisavam melhorar a situação financeira. Por isso decidiram vir para Belo Horizonte em busca de emprego. Atualmente, Itamar é funcionário público e trabalha como Guarda Municipal. É o único, dentre os irmãos, que continua morando na Serra. Segundo ele, seus irmãos retornaram para Inhapim e ele decidiu ficar porque gosta onde mora.

Na conversa que tivemos, perguntei a ele sobre a história do Aglomerado da Serra. Ele disse que quando se mudou o chão era de terra e a área da favela era menor. Contou-nos sobre algumas histórias que os idosos da Serra contam de que antigamente a Serra era uma fazenda, tinha pasto e pés de café. Além disso, lembrou que não havia água encanada e quando a água acabava eles buscavam no *caninho da Igreja* e em uma *bica*.

Itamar disse que gosta de ler sobre as favelas brasileiras e que as histórias das favelas não são muito diferentes, pois elas começam com invasões. As pessoas não têm condição de pagar os lugares para ter uma moradia e constroem suas casas em áreas afastadas. Por isso *da*

*Contorno*⁸⁶ para dentro não tem favela porque Belo Horizonte é uma cidade planejada e as favelas começaram com os trabalhadores que vieram de Ouro Preto para cá.

Quando perguntei o que ele acha sobre a urbanização da Serra, ele ressaltou que houve algumas melhorias de infraestruturas em alguns espaços, mas que existem muitos locais que precisam de reformas, principalmente no Cafezal. Destacou também que as ruas muito estreitas limitam a circulação de veículos automotores e que existem muitos casos, principalmente na Rua Serenata do Cafezal, de mortes por acidente. Segundo ele, em 2015 uma criança foi atropelada pelo ônibus amarelinho e morreu.

Itamar disse que é complicado urbanizar uma favela, porque as favelas crescem aleatoriamente, não param de crescer. As pessoas precisam de lugar para morar e invadem as áreas. Com isso, acontece um jogo político. Ele falou sobre o “Pomar do Cafezal”, que é uma área que está sendo invadida desde 2003 e que faz parte de um loteamento e foi avaliada como uma área de risco. Já aconteceu vários episódios de dias de chuvas seguidos em que houve problemas com as casas.

Tem a Urbel que é uma briga, a Urbel e a comunidade têm uma briga. A Urbel fala que vai desabar e as pessoas que estão invadindo conseguem pessoas que falam que não vai desabar. Aí fica uma briga política pela invasão. Entra os dois na justiça. Enquanto estão brigando na justiça, a invasão continua e no fim vai ter que indenizar todo mundo. Na minha opinião, as pessoas que estão aqui 70%, 80% realmente precisam...30% 40% constroem lá, moram lá e alugam as casas que já tem. Tem uns que vão para os prédios mas querem voltar para cá por causa de família essas coisas e fazem isso.

O que consegui perceber através das falas de Itamar, é que ele gosta muito do Aglomerado da Serra e, principalmente, da Vila Cafezal, que é o local que ele mora há 25 anos. Por isso seu projeto começou em sua comunidade. No entanto, hoje o Projeto Itamar atende outros espaços dentro e fora da Serra.

O Projeto Itamar de Taekwondo atende, atualmente, cerca de 100 crianças, adolescentes e jovens. As aulas acontecem na Associação da Vila Cafezal, no período noturno; nos Centros Culturais da Serra (CCVF e CCVM), aos sábados (manhã e tarde) e em dois espaços fora do Aglomerado da Serra, na favela do Alto Vera Cruz e na Granja de Freitas. Ele disse que existe um Centro Cultural, de Venda Nova, que tem entrado em contato para que ele também dê aulas, mas fica longe para ele.

Ao questionar Itamar sobre a importância de seu projeto, ele afirmou que o mesmo é importante por reeducar crianças e adolescentes, ensinar sobre regras e limites que são

⁸⁶ A Avenida do Contorno foi planejada como a Avenida que contornaria a cidade de Belo Horizonte. No entanto, a cidade se expandiu para além da mesma.

necessários e incentivá-los a respeitar as pessoas, os colegas. Ele disse que quanto mais eles aprendem a respeitar os colegas, mais felizes eles ficam. Um dos casos que ele contou foi de um professor de uma escola da Serra que o procurou no projeto para perguntar como ele conseguiu mudar o comportamento de um aluno problemático, pois *o aluno mudou da água para o vinho*.

Neste sentido, perguntei se o projeto pode mudar a vida de um jovem e ele disse que sim, que tem histórias. Ele disse que o projeto cria vínculos de amizade e que eles formam uma espécie de família. Contou alguns casos de jovens que hoje tem 22, 23 e até 30 anos, já são casados e tem filhos e de vez em quando vão visitar o projeto e lembrar os velhos tempos. Deu também alguns exemplos de crianças e adolescentes que mudam as atitudes e comportamentos dentro de casa, na escola, nas ruas e começam a *olhar para as coisas de outro jeito*.

Um problema identificado por Itamar e que ele acredita que o projeto tem atenuado é a separação entre crianças e jovens de diferentes vilas. Ele afirmou que em favelas isso é muito comum. *Se você é de uma vila não pode andar em outra*. Ele exemplificou com casos de jovens da Vila Fátima que não circulam pelo Cafezal ou jovens da Marçola que não vão à Fátima. No projeto, ele frequentemente promove encontros entre os alunos de todos os espaços e *isso é muito bom para os meninos*.

Um dos momentos mais marcantes que vivenciei no Projeto Itamar foi justamente um encontro que ele promoveu, dia 02 de novembro, conhecido como Dia de Finados, e coincidentemente dia do seu aniversário, na Associação da Vila Cafezal. Em um sábado anterior, acompanhei suas aulas nos Centros Culturais Vila Fátima e Vila Marçola e antes que eu fosse embora ele me fez o convite para uma confraternização que faria entre os alunos. Ele disse que seria bom para minha pesquisa, pois os jovens do projeto estariam reunidos e eu poderia conhecê-los melhor.

Fui ao encontro e foi um momento rico de minha pesquisa, no qual pude observar e perceber o vínculo afetivo existente entre os integrantes e ex-integrantes do projeto. As portas ficaram abertas para a comunidade e quem quisesse, fazendo parte ou não do projeto, poderia participar. Inicialmente, teve um café da manhã preparado pela namorada de Itamar, que é mãe de um de seus alunos, e posteriormente teve campeonato de peteca, vôlei, sessão pipoca (cinema) e os computadores ficaram à disposição para quem quisesse usar.

Este momento me marcou porque eu consegui interagir com as pessoas, conversar e brincar. Ajudei no campeonato de vôlei e joguei o campeonato de peteca. Conheci um casal que se conheceu através das aulas de Taekwondo do Itamar e hoje tem um filho que é aluno

do projeto. Ao conversar com o casal, eles lembraram os velhos tempos com saudades e disseram que fizeram bons amigos no Taekwondo, que hoje são praticamente sua família.

Outro exemplo que Itamar utilizou para falar sobre as possibilidades de mudança na vida dos jovens que participam do projeto, relacionou-se com as possibilidades que o esporte proporciona: participações em campeonatos, eventos e viagens. Ele relatou o caso de um jovem que treinava com ele, gostava muito de treinar e conseguiu patrocínio para ir à Copa América, em São Paulo. Ele o levou e apesar de hoje o jovem não ser lutador aquela viagem representou muito na vida do mesmo, pois foi um contato com outras pessoas, com novas aprendizagens. Sabendo disso, Itamar criou um desafio no ano de 2017 e o “atleta do ano” ganhará a viagem para a “Copa América” com tudo pago por ele. Uma dos jovens que entrevistei, segundo Itamar, está focada para vencer.

Muitas vezes projeto aqui na Serra não vai para frente...não é falando que meu projeto é melhor nem nada não...mas ele continua até hoje porque é voluntário...eu faço e não dependo da prefeitura nem de outra instituição...porque se eu tenho 1 aluno eu vou dar aula...mas a prefeitura tem um negócio...se tem 25 alunos e vem 10 alunos acaba, o professor é mandado embora...é assim que funciona...até onde eu conheço é assim...o que eu faço é um trabalho voluntário que deu certo...os centros culturais tem maior respeito com a gente...

A gente não tem ajuda do poder público e privado...seria bom que tivesse por causa dos Kimonos...o pai e mãe não tem condição de comprar...criança gosta de Kimono...veste Kimono fica todo todo...as faixas, eles ficam empolgados...eles ficam todo todo...a minha dificuldade é só financeiro...ano passado ficamos em 2º lugar no Open Minas e 3º no Mineiro...dois atletas destaque...fui o melhor técnico ano passado...trabalho que faz e da certo...as crianças e adolescentes gostam...da as férias e ficam loucos para voltar...

Segundo o líder do projeto, os jovens gostam de desafios, campeonatos. Quando o projeto é patrocinado, se a verba acaba, acaba o projeto. Isto desanima os jovens. Ele acredita que na Serra não tem projetos suficientes para atender a demanda das crianças, adolescentes e jovens da comunidade. Além disso, dentre os projetos existentes, poucos realmente *dão certo*.

Dentre os jovens do Projeto Itamar, entrevistei Ana e Renato. Ambos são assíduos nas aulas, foram indicados por Itamar e se voluntariaram quando perguntei quem poderia contribuir com a pesquisa.

3.3.1.1 Ana

A jovem Ana tem 14 anos de idade, nasceu no Aglomerado da Serra, mora na região Del Rey, já morou com o pai, mãe e irmã, mas atualmente mora com a tia e com a irmã (mais

nova), pois os pais têm problemas com drogas. Está cursando o 8º ano na Escola Municipal Guilherme Peters e tem vontade de fazer faculdade para ser dentista.

Participa do Projeto Itamar de Taekwondo e do Programa Escola Integrada, com oficina de dança. Estava trabalhando e agora perdeu o emprego e está procurando outro emprego. Quando questionada em relação a seus sonhos, respondeu que sonha ajudar sua mãe a comprar uma casa e morar junto com ela e ir para as Olimpíadas de 2020 como atleta de Taekwondo.

Ana começou a participar das aulas de Taekwondo do Itamar por influência de sua colega. Ela começou a assistir a sua colega fazendo as aulas e se interessou. Para ela, é bom participar dos projetos (Taekwondo e Dança).

Porque é uma forma de expressar nossos sentimentos. Aqui, quando a gente faz o Taekwondo, a gente pode. Às vezes a gente tá estressado, aí você pode vim aqui, você chega aqui você desestressa. Tem pessoas que dá carinho pra gente. Todo mundo, a gente conversa, e lá na dança também.

Os projetos para Ana são espaços de expressar sentimentos por meio das práticas vivenciadas. Além disso, nos mesmos ela recebe carinho e conversa com as pessoas. A trajetória de Ana é marcada pelo distanciamento que teve, quando já tinha aproximadamente 12 anos, de sua mãe. Ela e a irmã moram com a tia e vêem a mãe esporadicamente.

É minha mãe, que toda vez que eu penso nela e na minha irmã, eu penso nela e venho pra cá, porque aqui eu sei que um dia posso vencer na vida através do Taekwondo; e meu sonho também é vim aqui e crescer aqui onde que eu tô e quando eu sair daqui, é...eu quero mostrar pra todas as meninas que pensa que não pode fazer isto porque é só coisa de homem...não é! Eu gosto de vim aqui por causa disso.

Para Ana, o Taekwondo representa uma possibilidade de *vencer na vida*. Nas aulas observadas, foi perceptível a sua entrega aos exercícios. Segundo Itamar, ela é uma das alunas que mais leva a sério as aulas e já conseguiu algumas medalhas nos campeonatos que participou.

Ao questionar a importância dos projetos sociais para jovens da Serra, Ana destacou que os mesmos são possibilidades de crescimento e de aprendizagem.

Porque ele pode vencer muito na vida através do Taekwondo, qualquer arte marcial que ele fizer, qualquer coisa que ele fizer ele pode vencer, se ele fizer com vontade.

Para ela, muitos jovens estão no tráfico e ela sugeriu que houvesse um espaço para os jovens repensarem suas vidas:

Como tem muitas pessoas no tráfico, muitos jovens, que quando cê desce assim, qualquer lugar que cê vê, vê pessoas fumando droga, vendendo droga, eu acho que deveria ter um espaço bem grande assim para os jovens, para os adolescentes repensarem na vida dele, vê se é isto que eles querem na vida deles. Vim umas pessoas mais velhas e conversarem com ele, falar com ele se é certo ou errado aquilo que eles tão fazendo. Conversar com ele, porque muitas das vezes, os jovens não têm opção, mas pra mim não é isto não!

Ela afirmou que a participação no projeto influenciou em mudanças em sua vida:

Quando, antes de eu começar, eu fazia bagunça. Desobedecia, eu era muito levada. Eu tinha 11 anos quando eu comecei. Hoje em dia, se cê for olhar, minhas notas são boas; eu tenho muita disciplina em campeonatos. O Itamar ensina a gente disciplina, educação, coisa que muitas das vezes, minha mãe não ensinou, eu aprendi aqui...a dar carinho, a incentivar...

A experiência marcante que vivenciou no projeto foi quando passou de faixa.

Porque nos meus dois exames de faixa eu ganhei os dois, é, as duas medalhas de destaque e pra mim aquilo foi muito importante, porque aquilo ali que eu me esforcei para ganhar, que eu praticamente trabalhei para estar aqui. Não foi à toa, eu pude ganhar as minhas coisas através do meu suor, eu pude falar: Eu conquistei!...Eu consegui!

3.3.1.2 Renato

O jovem Renato tem 17 anos de idade, mora no Aglomerado da Serra desde o seu nascimento, na Vila Novo São Lucas. Sempre morou com a mãe e com o irmão e atualmente mora com a mãe, irmão e namorado da mãe (que é o Itamar do Projeto Itamar). Segundo Renato, quando ele começou a fazer aula de Taekwondo convidou a mãe para participar e fazer aula junto com ele; um tempo depois ela e Itamar começaram a namorar.

Está cursando o 3º ano do Ensino Médio na Escola Estadual Henrique Diniz. Já estudou em uma escola na Vila Fazendinha e depois fez o Ensino Fundamental na Escola Municipal Santos Dumont. Tem vontade de fazer faculdade de Direito e ir para a área de advocacia ou policial. Já participou do projeto Corpo Cidadão e do atual Grupo Experimental de Danças Urbanas (GEDU)⁸⁷ e fez algumas aulas no projeto Educando pela arte. Atualmente participa apenas do Projeto Itamar de Taekwondo.

⁸⁷ O projeto Corpo Cidadão é o mesmo que os jovens Mateus e José no Breaking da Quebrada já participaram e, segundo eles, não funciona mais. O GEDU é um projeto vinculado à ONG Corpo Cidadão, que foi fundada em 1998 pelo Grupo Corpo Companhia de Dança. O Grupo Corpo é conhecido mundialmente e foi criado em 1975 em Belo Horizonte. A sede do Grupo Corpo e do GEDU localiza-se no bairro Mangabeiras, na Avenida Bandeirantes, em proximidade com o Aglomerado da Serra.

Quando questionado em relação a seus sonhos, respondeu que pretende *formar na escola, formar na faculdade, fazer o ENEM para conseguir estabilidade de vida melhor e uma profissão bacana*. Finalizou dizendo que seu grande sonho é ser policial.

Renato começou a participar do Projeto do Itamar no fim de 2014, a convite de um colega.

Aí eu vim, gostei e fiquei. A coisa que eu mais venero na vida é o Taekwondo. A única coisa que eu faço é casa, escola, Taekwondo. Casa, escola, Taekwondo. Taekwondo, escola, casa. É só isto que eu faço.

O que mais o motiva a participar do projeto são as amizades, ele afirmou que a sua vida mudou de seu envolvimento com o projeto: *A minha vida mudou! Conheci muita gente, aí ficou bom.*

Quando questionei Renato sobre a importância de os jovens da Serra participar de projetos como os que ele participa, ele apresentou um argumento que até então nenhum jovem havia apresentado. Ele disse que é importante, porque *é um meio de atividade física né! É sempre bom fazer atividade física, por causa do sedentarismo. Sedentarismo, a pessoa vive sedentário, faz mal a saúde e o Taekwondo faz muito bem a saúde.*

Este não foi seu único argumento. Ele acredita que devem existir mais projetos, de todos os tipos, pois os mesmos se configuram como oportunidades para os jovens. Renato afirmou que se houvessem mais projetos, *daria mais oportunidade pros jovens, eles não tão tendo muita oportunidade. Então financiando eles, daria mais oportunidade de crescer na vida.*

Financiar os jovens, a partir da fala de Renato, aproxima-se de oportunizar o acesso. A sua visão de que os projetos “financiam” os jovens é limitadora, pois na verdade os projetos buscam suprir necessidades básicas que se encontram negligenciadas de alguma forma na vida dos jovens. O seu discurso não é muito diferente dos discursos do senso comum sobre os projetos sociais, como se fossem “doações”, “presentes”, “caridades”.

Para Renato, o projeto pode ampliar as possibilidades de alguns jovens se tornarem atletas.

Igual em campeonato, quando a gente vai em campeonato mesmo. A gente já levou o atleta pra campeonato fora daqui de Minas, é uma oportunidade né? De campeonato em campeonato, vai ainda de cidade em cidade, chega até em campeonato mundial, fora do País.

Além disso, ele falou que muitos jovens param de participar dos projetos por causa do tráfico. Segundo Renato, alguns jovens que participaram do Projeto Itamar se envolveram com o tráfico de drogas. Ele afirmou que conseguiu tirar dois jovens do tráfico.

Suas sugestões para os projetos sociais voltados para os jovens dialogaram com as sugestões de Ana sobre espaços de diálogo sobre a vida e com Jonas sobre projetos que contribuam com a inserção no mercado de trabalho:

Poderia tentar trazer mais jovens né! Tentar tirar os jovens do tráfico, isto ia mudar a vida deles né? Conversando com os pais, até mesmo em casa conversando com os pais, conversando com os jovens mesmo... falando... Ah! SAI DESTA VIDA!... VEM PRÁ CÁ! Quanto mais aumentar, mais possibilidade de tirar o jovem de lá.

Se tivesse mais (...) Igual tem o projeto da Providência aqui em baixo, lá tem corte e costura, eletricidade, marcenaria, culinária, ali você aprende muita coisa, muda de vida, sai até mesmo com uma profissão de lá.

Por fim, Renato recordou um momento marcante que vivenciou no Projeto Itamar:

Eu me lembro um dia em que eu perdi minha primeira luta, que eu tomei um chute na cabeça. Marcou. Não esqueço nunca mais. Foi campeonato, eu quase desmaiei. Ali minha força de vontade aumentou. Determinação aumentou. Marcou bastante.

3.3.2 Educando pela arte – Vitor Team

O Projeto Educando pela Arte, mais conhecido como Vitor Team, foi criado pelo Sihing⁸⁸ Vitor. Tive conhecimento sobre o projeto do Vitor em um sábado de manhã que fui à Associação da Vila Cafezal acompanhar uma aula de Taekwondo e durante a aula um jovem passou para cumprimentar o Itamar. Quando ele estava indo embora, fui até ele e perguntei se ele é aluno do Itamar. Ele me contou que já foi aluno do Itamar e que saiu do Taekwondo e entrou no Boxe Chinês, em um projeto do Vitor. Este foi o dia em que fiquei sabendo da existência do Projeto Educando pela Arte.

⁸⁸ Sihing, na arte marcial chinesa *Kung Fu*, significa “irmão mais velho”; assim são chamados os graduados na arte marcial.

FIGURA 26 - Adesivo e cartão de divulgação do Projeto Educando pela Arte



Fonte: Foto da autora

Boxe Chinês, *Kung Fu Wushu*...diferentes nomes são usados pelas pessoas para falar sobre a arte marcial que Vitor ensina. Ao conversar com ele, ficou evidente que se trata da arte marcial chinesa conhecida como *Kung Fu*, mas especificamente de um estilo do *Kung Fu*, o *Wushu* (moderno). Vitor é filiado à escola Sanda Brasil – local onde ele se graduou – e após graduar-se na arte marcial teve o sonho de ser professor e ensinar esta arte para mais pessoas, gratuitamente.

Vitor deu início ao projeto em 2005 e confirmou a história contada por Itamar, de que os dois começaram a dar aulas de ginástica na praça de esportes do Cafezal para a terceira idade. O início da atuação de Vitor na Serra se deu na Escola Estadual Mendes Júnior, localizada ao lado de sua casa, onde aos sábados, de 14:00 às 19:00 ele ensinava a arte marcial chinesa.

O projeto nasceu de um sonho em ensinar a arte marcial que amo, ensinar de graça. Eu vivia todo dia uma emoção diferente. Queria ser igual aquele professor de filme. Não cobrava nada, dava aula porque eu gostava mesmo.

Após esta experiência, começaram a aparecer como oportunidades os projetos da PBH, como Escola Aberta e Escola Integrada, e Vitor ficou por um período de tempo ensinando a arte marcial nos horários destinados aos projetos em diferentes escolas da Serra. Estas experiências nas escolas concederam visibilidade ao trabalho de Vitor e alguns alunos começaram a participar de competições.

Na época eles tinham muito preconceito né...eu acho que foi uma coisa que eu não deixei me abalar muito por causa disso...eles ficavam perguntando: “Por que você ta dando aula de graça, esses meninos de favela...você não vai longe..?!”. O que eu busco é outra coisa...o meu próprio professor sempre me criticou com isso. Depois com amadurecimento eu fui encontrando caminhos para ter resposta para esse povo todo que ficava falando comigo...e hoje em dia todos eles respeitam muito o trabalho que eu faço...admiram...não sei se é porque eles vêem hoje tudo que eles podiam ter feito e não fizeram...eu sempre fiz com o que eu tenho entendeu.

Antigamente a gente lutava, a gente tinha chinelo, todo mundo levava o chinelinho, lutava com chinelo mesmo entendeu, ninguém tinha luva, eu tinha umas luvinhas...e foi indo...

Ao longo de nossa conversa, Vitor destacou o fato de não ter sido fácil para ele chegar aonde chegou. A sua inspiração para lutar veio de uma motivação própria. Ele sempre gostou de assistir filmes e vídeos de arte marcial chinesa e teve interesse pela mesma. Começou aprendendo o Kickboxing e posteriormente aprendeu o Kung Fu. Para aprender o Kung Fu, precisou procurar academias específicas em BH e nesta fase passou por momentos de *dificuldade e humilhação*. Ele disse que existem alguns conflitos entre diferentes estilos da luta e como ele não compreendia isto, ele passou por algumas situações desconfortáveis. Além disso, Vitor destacou que a cor da sua pele – preta – também foi um dos motivos por ele sofrer preconceitos no universo da arte marcial chinesa.

A escola que recebeu Vitor e hoje representa o seu local de treino é a Sanda Brasil. Foi lá que ele se tornou Sihing e aprendeu mais sobre o Kung Fu Wushu Sanda. Há mais de 07 (sete) anos, Vitor é atleta de *Kung Fu Wushu* da Seleção Brasileira e viaja, frequentemente, para torneios e campeonatos internacionais. As suas experiências enquanto atleta são significativas em sua vida e ele tem o desejo de ver outros jovens da Serra tendo oportunidade como as que ele já teve. Outro ponto que Vitor destacou durante a nossa conversa relaciona-se com o fato de ele nunca ter conseguido uma bolsa-atleta.

Já tem mais de 7 anos que eu to na seleção...tem algumas exigências...como manter um nível de alto rendimento...a seleção já teve apoio do Ministério do Esporte, mas hoje acho que não tem mais...eu, por exemplo, tenho direito à bolsa-atleta mas nunca consegui, não só eu como vários atletas da Seleção Brasileira, campeões mundiais e não tem...é uma briga de peixe grande.

Após os projetos nas escolas acabarem, Vitor já deu aulas utilizando o espaço do ECE-BH. Segundo ele, nesta época eles só utilizavam o espaço, mas não havia outra contribuição com o projeto. Posteriormente, eles passaram a utilizar a Escola Municipal Senador Levindo Coelho, onde ele ressaltou que fez um *trabalho muito forte e a professora até queria implantar a arte marcial na escola*. Em seguida, o projeto passou a acontecer na Escola Estadual Pedro Aleixo, onde ele também destacou que o *trabalho foi muito legal*. Assim, em alguns momentos nas escolas ele teve o auxílio dos projetos da prefeitura e em outros ele realizava o trabalho voluntariamente em horários delimitados com a coordenação da instituição.

A última experiência que Vitor teve em articular as suas aulas com algum projeto da Serra foi com o Fica Vivo.

Aí depois veio o Fica Vivo...eu tinha um valor que eu recebia e depois com esse valor a gente tinha que dar o lanche para os jovens...dar o lanche mas eles esqueciam que tinha o espaço e os equipamentos necessários também...aí o Fica Vivo foi onde eu falei que já não dava muito mais...tinha um limite de idade..eu atendo crianças de 4 anos...e não podia atender acima de 30 nem abaixo de 12...podia, mas era assim né...tinha um outro horário que era só para isso para depois atender os do projeto...e qual é a visão que eu tenho hoje desses projetos...Criança Esperança...que tem aqui na Serra né...se você fala demais você é mandado embora, ou você faz do jeito deles ou então...é a maior verdade...não é que o projeto é ruim, o projeto é bom...a culpa não é do projeto é de quem coordena...o Fica Vivo é bom...as coisas ruins vem de quem manda, quem vem de cima...e era uma coisa que podia ser...salvar vidas para muita gente...

Com isso, após as experiências anteriores, Vitor decidiu criar uma *logomarca própria para o projeto que é Educando pela Arte*. A escola que os alunos representam é a Santa Brasil, mas também o Projeto Educando pela Arte. Vitor afirmou que faz questão de destacar que os alunos são do Educando pela Arte quando eles participam de eventos e campeonatos. O objetivo do seu projeto é formar atletas de alto rendimento.

Graças a Deus a gente tem o Jhonatan que está na Seleção Brasileira. Muitos aí não alcançaram a seleção ainda por causa de questões financeiras mesmo. Mas o projeto é um sonho realizado. Eu me sinto muito feliz com o trabalho que a gente vem fazendo...é um projeto que a gente mantém, é mais os graduados que já trabalham que ajudam com um valor todo mês, na verdade foi idéia dos próprios alunos de todo mês cada um dar um valor x para ajudar no projeto, para comprar os equipamentos. Na época era 5 reais, depois passou para 10, 12...depois ficou 15...hoje o valor é 20 reais por mês, os graduados que já estão trabalhando que mantém.

O atual espaço utilizado pelo projeto é cedido pela Igreja Católica da Vila Cafezal. É uma sala pequena, na qual eles montam o tatame. As aulas acontecem no período noturno, de 18:00 às 22:00, toda Segunda, Quarta e Sexta. Em algumas aulas, Vitor divide a turma e metade treina com ele na sala, enquanto a outra vai para uma área aberta que tem em frente à garagem da Igreja. O seu projeto não limita idade nem quantidade de integrantes, como ele mesmo disse é *para quem quiser*. Na última conversa que tivemos, em Fevereiro de 2017, o projeto estava com 87 alunos, sendo que no ano de 2017 ingressaram 28 mulheres e uma delas estava grávida. Vitor destacou este fato como uma conquista, pois revela que o projeto tem atraído as pessoas.

Neste sentido, questionei Vitor em relação ao seu objetivo de alto rendimento e ele me explicou que

É para além do alto rendimento...o alto rendimento quando a gente fala é visando tudo...aqueles que treinam por bem-estar, pela idade...mas depois eles vão vendo que é muito mais que isso sabe...não é só competição. A competição é para você matar um ego né...”pô, eu vou ser competidor”...as vezes você tem um sonho e não tem oportunidade...porque tem muita escola aí que cobra para você ser um

competidor da escola dele...ele te cobra ao ponto de muitos não entrarem porque eles exigem que o competidor tenha isso isso e isso...luva, equipamentos...não exige você ter um carro, mas é como se fosse...se você vai treinar no Ponteio...você tem que ter 3 Kimonos só para treinar lá porque um dia o treino é só Kimono branco, outro só azul e outro só preto...eu tenho só 1 Kimono.

Dessa forma, foi possível perceber que o objetivo de Vitor é proporcionar à comunidade da Serra o acesso à arte marcial chinesa, gratuitamente, pois ele sabe que a maioria das pessoas que moram na Serra não tem condições de pagar para treinar em alguma escola ou academia de BH. Assim, ele divide a turma entre os menos experientes e os mais experientes, com o intuito de possibilitar alguns jovens a competirem e tornarem-se graduados e atletas. O mais importante para ele é a filosofia da arte marcial. Sendo assim, em suas aulas ele preserva algumas tradições da cultura chinesa e realiza, por exemplo, uma vez ao mês, uma confraternização ao final da aula com frutas.

No primeiro dia que visitei o projeto assisti à aula e percebi o quanto os alunos respeitam o *Sihing* e fazem os exercícios com disciplina e foco. Os graduados ajudam o *Sihing* durante as aulas, instruindo os alunos. Quando o *Sihing* atrasa (porque ele trabalha fora da Serra e às vezes chega atrasado), os graduados tomam à frente e iniciam a aula. Fiquei surpresa com a quantidade de pessoas dentro de uma sala pequena. Mesmo com o calor, com o cheiro de suor de muitas pessoas reunidas e com o espaço “apertado”, todos se mostravam dispostos a aprender e participar.

FIGURA 27 - Aulas do Projeto



Fonte: Foto da autora

FIGURA 28 - Grande grupo de alunos dedica-se à arte marcial chinesa



Fonte: Foto da autora

Uma visita marcante ao projeto foi no dia em que houve a confraternização mensal. Eu não sabia que iria acontecer e Vitor nos convidou para ficar até o final (pois normalmente eu ia embora um pouco antes de terminar a aula). Percebi a movimentação das pessoas pegando as suas frutas e de repente havia, ao centro do espaço, muitas frutas e as pessoas começaram a se sentar em volta.

FIGURA 29 - Confraternização mensal do Projeto Educando pela Arte



Fonte: Foto da autora

Para explicar este momento utilizo-me de anotações realizadas no caderno de campo:

Nesta confraternização, eles levaram apenas frutas e elas foram colocadas no meio de todos. Neste dia, havia muitos alunos e, segundo Vitor, mais alunos do que na

última vez. Vitor iniciou conversando com todos e todas sobre alguns assuntos. Primeiro, ele explicou o objetivo dele com o projeto e disse que sempre fazem esta confraternização na primeira segunda-feira do mês e que este é um momento fundamental para o grupo, onde eles conversam e brincam. Vitor explicou para os novatos e novatas um pouco sobre o projeto “Educando pela arte” e sobre a sua postura enquanto mestre/treinador. Ele explicou que é ser humano como todos e todas e que também erra, no entanto, enquanto treinador ele sabe exatamente o que faz e o que espera dos seus alunos e alunas, assim como um pai e uma mãe. Então ele será sim bravo e chato quando for necessário e que nem sempre as pessoas irão entender. Ele falou que quando a gente erra, a gente aprende mais e deu como exemplo a gravidez não planejada: após ter um filho, percebe-se o quanto é desafiador e pensa-se mais vezes antes de agir por impulso. Ele utilizou como exemplo a sua filha, que é atleta e faz as aulas e o ajuda no projeto. Depois que a teve, viu o quanto é difícil e como ele, atualmente, não tem condições de ter mais um filho ou filha, por suas atuais condições financeiras, que não permitem que ele ofereça para outro (a) filho (a) as mesmas condições que oferece para a sua filha (06/02/2017, Caderno de campo).

Além disso, Vitor pediu que os graduados se apresentassem, contou sobre a participação de alguns deles em campeonatos municipais, estaduais e brasileiros e solicitou que todos contribuíssem com a divulgação do trabalho e, principalmente, com a motivação para que o projeto não acabe. Eles estavam se preparando para um campeonato importante e Vitor pediu que eles se organizassem para pensar uma forma de arrecadar dinheiro. Uma das alunas sugeriu a venda de rifas e cupcake. Ao final, eles fizeram a brincadeira do “desfile”. Vitor colocou uma música e um de cada vez tinha que desfilar. Não consegui fugir da brincadeira e também tive que desfilar. Com muitos aplausos, senti-me incluída pelo grupo e feliz em participar daquele momento.

Entrevistei três jovens participantes do projeto. Uma jovem, Camila, abordei no primeiro dia de visita ao projeto por perceber a sua disposição e alegria em realizar a aula. Ela se mostrou interessada e foi a primeira a ser entrevistada. O jovem Miguel se voluntariou, pois Vitor havia me cedido um espaço em uma aula para explicar a minha pesquisa e eu falei que quem tivesse interesse poderia me procurar. Miguel me procurou e falou que tinha interesse em contribuir. E a jovem Catarina eu também convidei para participar, porque na entrevista com Camila ela foi citada e ao longo das aulas percebi o seu envolvimento e disposição.

3.3.2.1. Miguel

O Jovem Miguel tem 17 anos de idade, mora no Aglomerado da Serra desde o seu nascimento, na Rua Sacramento. Atualmente mora com o pai, mãe e a irmã de 22 anos. Têm mais duas irmãs que não moram com ele, uma é casada e a outra separada.

Está cursando o 3º ano do Ensino Médio na Escola Estadual Central. Realizou o Ensino Fundamental na Escola Estadual Mendes Júnior. Tem vontade de fazer faculdade de Engenharia Civil em uma universidade pública.

Participou do ECE-BH durante toda a sua infância e adolescência, saiu porque os horários estavam coincidindo com as aulas da escola. Atualmente participa do projeto Educando pela Arte, no Cafezal.

Quando questionado em relação aos seus sonhos, disse que quer ser bem sucedido em qualquer área que ele vier investir, mas sem passar em cima de ninguém; crescer no esporte se ele for realmente se consolidar, tornar-se um futuro no esporte e na faculdade que for fazer.

Miguel começou a frequentar o Educando pela Arte por influência de um amigo que atualmente não treina mais.

Ele estava sempre pegando o ônibus para trabalhar e eu estava indo para a escola, ele sempre falava para vir para cá aí eu vim passei mal no primeiro dia, passei mal mesmo no meio da aula, eu falei, eu nunca mais vou voltar, aí no outro dia acabei vindo mesmo, queria desistir. Mas não desisti não.

Ele afirmou que gosta *demais* de participar, porque *é um convívio com as pessoas, faz bem para meu corpo, pra mim é essencial no meu dia a dia o que faço*. Assim como Renato, Miguel reconhece que a prática da luta – do exercício físico – faz bem para o seu corpo, para a sua saúde. Além disso, destaca como vários jovens já destacaram a convivência com outras pessoas. Para ele, a sua maior motivação para ir aos treinos de Wushu Sanda:

É a união que a gente tem, a gente tem, é um laço muito forte que nós temos, é como se fosse uma família, é um para o outro.

No ECE-BH, Miguel participou sua infância quase inteira e teve que sair para estudar. Lá ele fazia aulas de Natação, Jud o, Hip Hop e outras oficinas, pois ele ficava *o dia todo fazendo coisas l *.

O jovem afirmou que a participa o em projetos sociais é importante para a vida dos jovens da Serra, pois * s vezes   um refúgio para muitos, são refúgios, né...porque a gente não sabe o que passa em casa. Fazendo esporte, algo assim é importante para ele*.

Mais uma vez o projeto foi interpretado como ocupa o de um tempo com algo positivo, com algo que faz bem ao jovem, tirando-o um pouco de um espaço problemático, como a sua casa.

Miguel acredita que os projetos estão ligados à questão de patrocínio e apoio e que *não adianta apenas ter projeto e não ter estrutura adequada para o educando que está*

recebendo a aula. Por isso, ele acha importante criarem mais projetos, contanto que tenham apoio e estrutura adequados.

Além disso, ele destaca que os projetos devem eleger diversas práticas culturais, pois o acesso à cultura, *qualquer cultura, é essencial a todos.* No entanto, ele pontua que a maioria dos jovens que ele conhece no Aglomerado da Serra hoje trabalha e estuda e, por isso, muitos não participam dos projetos existentes. A sua vida é diferente pelo apoio que tem e sempre teve da família em relação aos estudos. É válido lembrar que Miguel estuda na Escola Estadual, à qual se apresenta como um rico espaço de diálogo e reflexões críticas acerca da sociedade.

Dentre as mudanças em sua vida identificadas por Miguel desde que entrou no Educando pela Arte, ele destacou o fato de ter feito muitos amigos, *amigos que vão durar para sempre* e de ter perdido peso e isso ter sido bom para a sua saúde, que vem *em primeiro lugar.*

Especificamente a sua experiência no ECE-BH, segundo o jovem, contribuiu para que ele aprendesse a conviver com as pessoas, como ele disse: *talvez se eu não tivesse ficado lá eu ficaria só em casa, seria um menino mais fechado e não teria tantos amigos. Estas coisas assim.*

Quando questionei Miguel sobre as suas sugestões para os projetos sociais existentes na Serra, voltados para os jovens, ele respondeu:

É, se eu fosse opinar não opinaria só pelos jovens, que eu acho às vezes não é só eles que precisam de lazer. Se eu fosse pensar, se eu pudesse patrocinar faria uma grande estrutura, um grande centro de treinamento, de todas as artes macias, se tiver um clube de luta, sei lá. Pra mim seria o principal a fazer.

Como experiência marcante vivenciada no projeto, Miguel relatou a seguinte:

A graduação que teve aqui em cima, eu vi a força que nós temos a força, a união. Isso que me marcou muito, isso que me fez ficar mais tempo, foi a minha primeira graduação.

3.3.2.2 Camila

A jovem Camila tem 18 anos de idade, nasceu em Nova Lima, morou em Ribeirão das Neves por 10 anos, morou em Itambacuri durante 08 (oito) meses quando tinha 06 (seis) anos de idade (cidade do seu pai), morou em Sete Lagoas, morou em Contagem e mora no Aglomerado da Serra há 4 anos.

Mora com sua mãe e seu irmão de 07 (sete) anos. Seu pai mora em Sete Lagoas. Tem dois irmãos por parte de pai, Sofia de 03 (três) anos e Felipe de 09 (nove). Mora na Vila Novo São Lucas, perto da Vila Cafezal.

Está cursando o 3º ano do Ensino Médio na Escola Estadual Central Governador Milton Campos (é da mesma sala que Miguel) e trabalha como jovem aprendiz no Hospital Life Center desde o fim de novembro de 2016, 4 horas por dia, na parte da tarde. Tem vontade de fazer faculdade de publicidade, jornalismo e/ou cinema na UFMG.

Já participou de atividades em sua igreja e atualmente, desde maio de 2016, participa do projeto Educando pela arte. Quando questionada em relação aos seus sonhos, respondeu que pretende ajudar a sua mãe, construir uma casa para ela e chegar a um nível que a mãe só trabalharia se precisasse; viajar o mundo todo, conhecer todas as cidades do mundo.

Camila começou a participar do Educando pela Arte através de um amigo que a convidou. Ela afirmou gostar muito de participar, porque o Educando pela Arte *não é só um projeto, é família.*

Qualquer um que chegar é muito bem recebido. Tanto que lotou assim de uma vez. A gente sempre teve fases, que enchia, esvaziava, enchia, esvaziava, mas tanto que lotou de uma vez, principalmente meninas, não tinham muitas meninas. Tem a Ivone⁸⁹ que ela é campeã de MMA que treina aqui com a gente, o Sihing que é campeão brasileiro, então ele realmente mostra categoria, mostra classe no que ele faz, sabe.

Mais uma vez, como Guilherme destacara em relação ao Sensei de Karatê, o fato de o professor ser atleta impulsiona, de alguma maneira, os jovens participantes. O respeito ao Sihing e a inspiração em saber que ele é do mesmo lugar e conseguiu se tornar atleta da modalidade esportiva que gosta.

O motivo que mais influencia Camila a frequentar o projeto é a filosofia do Kung Fu.

O Sihing sempre fala que, de todo o treino, o principal, que ele mais gosta, é quando a gente termina tudo e no final todo mundo senta, faz a rodinha e fica conversando...e aí ele conta um pouco sobre, todo mundo conta um pouco sobre sua vida, prega, fala o que tiver que falar, coisas boas que podem acrescentar.

Em relação à importância da participação dos jovens nos projetos, Camila destaca que é muito importante e que *muita gente já mexeu com traficante, já usou droga, já se prostituiu, muita gente que está aqui e muita gente que não está aqui. E muita gente que viveu isso pode até ter saído lá fora e voltado, sabe, mas o tempo que estava aqui foi uma ocupação.*

A ocupação do tempo mais uma vez foi evidenciada, só que acompanhada de outra reflexão:

⁸⁹ Nome fictício.

*Não é só uma questão de ocupar a mente. Eu acho que você não tem que ocupar a mente para você não fazer algo de errado, **mas você tem que ocupar a mente para você aprender algo, sabe.** Você ver que você não precisa roubar, matar, independentemente de você ser pobre. Porque a favela incita que você tem que ser assim, mas você não tem que ser assim. E é por isso que eu gosto dos projetos.*

Camila demonstra enxergar os projetos como possibilidades de os jovens aprenderem e refletirem sobre suas vidas, tendo em vista que, para ela, a favela, em geral, devido ao tráfico de drogas e à criminalidade, influencia negativamente os jovens.

Quando questionada sobre quais projetos seriam interessantes para os jovens, ela disse:

*Eu acho que deveria além de esporte (...) Deveria ter de libras porque eu, particularmente acho libras muito importante (...) É...esses tipos de projetos assim, linguagens, interação social de pessoas deficientes, eu acho que seria muito importante ter esse tipo de projetos na Serra, por exemplo, tem o Adilson⁹⁰ aqui, ele tem paralisia cerebral. Ele é muito inteligente, ele além daqui ele faz JiuJitsu, inclusive ele ganhou um campeonato que ele foi. **Então assim, muito projeto para isso sabe, para gente interagir, para gente poder interagir, para gente entrar no mundo deles, eles entrarem no nosso mundo e a gente vê que o mundo é um mundo só. Nós somos iguais, porém eles merecem ser diferentes. Na verdade a gente é igual, mas eles merecem justiça. Não é justo eu ter a mesma coisa que eles, eu não acho que a gente seja justo. Eles merecem coisas diferentes sim, porque eles têm deficiências que necessitam.***

A extensa reflexão de Camila é rica, pois dialoga com a busca pela igualdade social. Ela apresenta como possibilidades projetos de libras, para pessoas com paralisia cerebral e reconhece que as deficiências demandam especificidades. Quando ela afirma que os projetos são importantes *para gente entrar no mundo deles, eles entrarem no nosso mundo e a gente ver que o mundo é um mundo só*, ela está apresentando uma visão crítica acerca da sociedade.

Assim como Miguel, Camila estuda na Escola Estadual Central. Em nossas conversas ficou claro que, cotidianamente, a jovem se envolve em discussões sobre a sociedade. Ela relatou que em sua escola, semanalmente, participa de palestras e debates sobre diferentes temas e tem se interessado, de forma especial, pelos movimentos de lutas das mulheres. Para Camila, o machismo em nossa sociedade acontece com frequência, em diferentes contextos.

Camila também destacou que é necessário que se tenham projetos para todas as idades e exemplificou com a experiência de sua mãe:

Por exemplo, o CRAS ele é muito bom, ele ajuda bastante gente, minha mãe trabalhou no CRAS, ela trabalhava pela prefeitura no CRAS e ela fazia parte dos projetos com os idosos e tal, e nesse meio tempo ela me levava para ver esses

⁹⁰ Nome fictício.

idosos, eles vivem em uma pobreza enorme. São idosos completamente largados assim, então precisa sim de projetos não só para os jovens, mas para todas as idades.

Desde que Camila começou a participar do Educando pela Arte, sua rotina mudou e ela tem ficado cansada.

*Mas assim, vale a pena, vale a pena. Mudou minha rotina também porque...pessoas novas. Você sempre...que as vezes você entra num ciclo, por exemplo, são as mesmas pessoas. **É muito importante você estar conhecendo projetos novos, pessoas novas. Entender pensamentos diferentes, pensamentos novos, como agir...então isso é muito importante.***

A oportunidade de estar em contato com pessoas novas mais uma vez se apresenta como algo positivo na vida dos jovens participantes. Ainda sobre as expectativas para projetos sociais para jovens, Camila destaca que a questão financeira é importante e apresenta uma idéia parecida com a de Miguel e com a de Jonas, mas com alguns “temperos” pessoais:

Então se a gente conseguisse, desse um jeito de arrumar investidores né, patrocinadores, no geral. Por exemplo, se a gente fizesse um só, abrisse um projeto para geral de uma só interligada com todo mundo sabe. Seria muito bacana. Não sei como eu posso explicar isso...Seria um projeto de todo mundo interligado com todo mundo entendeu. Porque se eu vou ali no Itamar, automaticamente eu sei que tem o Sanda, anuncio não só o Itamar, eu anuncio o Sanda também. Eu anuncio a Favelinha também, eu anuncio o Criança Esperança também. Então vários desses projetos que a gente não conhece, a gente mesmo que está aqui na Serra e não conhece, se a gente...se existisse, por exemplo, uma ONG: Ah, tem um projeto novo, vamos entrar. Não é questão de dinheiro não, é da gente ir se propagando sabe, por aí, ir aumentando, talvez abrir sedes novas por aí. E a gente vai dando um jeito, a gente sempre da um jeito. Então é isso. Eu acho que se todo mundo juntasse. Não necessariamente uma coisa só, a gente pode estar separado, mas todo mundo unido, interligado.

Em seu discurso, fica evidente o desejo de transformação e de ampliação de acesso que permeia o imaginário de Camila. Um projeto interligado, onde todos estivessem unidos, mas separados, cada qual vivenciando algo que é do seu interesse. Esta é basicamente a proposta de Camila, à qual foi compartilhada na Roda de Conversa e recebeu o apoio de todos os outros jovens.

Por fim, solicitei que Camila recordasse um momento que foi marcante no projeto e ela relatou, em detalhes, um dia em que não estava conseguindo treinar bem e o Sihing a colocou para lutar com a melhor lutadora do projeto, que é lutadora de MMA e participa de campeonatos. Ela começou a chorar e esta lutadora conversou com ela.

Eu chorei de raiva porque eu estava muito estressada, e aí ela foi falar a história dela, de tudo que ela passou, que ela estava noiva e o cara largou ela com todas as coisas que ela tinha comprado, altas coisas, e do preconceito que ela sofre por querer ser lutadora na idade que ela está, porque ela tem 30 anos, e por ser mulher. E aí ela falou que...na verdade eu não tenho sonho assim, ah vou ser lutadora, eu acho que isso está criando em mim assim agora sabe, mas me emocionou muito quando ela começou a falar, a força que ela passou sabe, porque eu tava com muita vontade de desistir. Por mais que os meninos aqui não sejam nenhum um pouco preconceituosos, os meninos aqui eles apóiam a gente demais, lá fora quando a gente vai treinar na matriz eu já sinto uma diferença, sabe, uma diferença com as meninas e mulheres. Então eu sinto isso...por exemplo, eu vou te falar aqui, espero que não saia daqui, é sobre o meu professor...o professor dele não gosta de subir aqui, nunca subiu aqui, nunca apoiou o projeto (...) Então assim, tem esse preconceito de ser favela, de estar dando aula para gente pobre e ainda tem o preconceito de a gente ser mulher, entendeu. Então é isso.

O discurso de Camila possibilita diferentes reflexões, pois ela comenta sobre a história de uma lutadora do projeto e destaca que o sonho em ser lutadora está começando a crescer nela agora e depois demonstra sua insatisfação em relação ao preconceito com as mulheres e com o projeto, por ser dentro da favela. O Educando pela Arte possui muitos participantes que almejam serem lutadores e participar de campeonatos; este sonho é influenciado pelo próprio Sihing, que é da Seleção Brasileira. Muitos projetos sociais que elegem o esporte como prática cultural são liderados por atletas ou ex-atletas e acabam por alimentar este sonho nos jovens participantes (ZALUAR, 1994; MELO, 2005; VARGAS, 2007; CASTRO e SOUZA, 2011).

3.3.2.3 Catarina

A jovem Catarina tem 23 anos de idade, mora no Aglomerado da Serra desde o nascimento, na Rua da Água, no Beco Bambuí 19. Sua família é toda do Aglomerado da Serra. Mora com os pais e tem uma irmã que não mora com eles (mora em outra casa com os filhos, na Serra também).

Tem o 2º grau completo e na atualidade está desempregada, mas trabalhava como empregada doméstica. Tem vontade de fazer faculdade de Direito.

Participa do projeto Educando pela arte desde 7 de maio de 2016 e quando questionada em relação aos seus sonhos, respondeu que sonha em ser lutadora profissional.

Catarina começou a participar do projeto através de seu primo e de um amigo que treinam no espaço, ela experimentou e gostou e hoje considera o projeto uma família.

Gosto muito exatamente por isso, aqui todo mundo é família, todo mundo abraça o outro não importa o que acontece todo mundo é muito família por isso que gosto daqui.

As amizades que ela vem construindo através do projeto são o principal motivo para ela não faltar. E para os jovens da Serra, ela considera que os projetos sociais são importantes por ser uma oportunidade para eles não ficarem no mundo do crime.

É uma coisa que distrai a cabeça deles, acho muito interessante se eles praticassem, se mais jovens pudesse vir participar. Acho muito interessante.

A jovem sugeriu que houvesse mais projetos de Futebol e Basquetebol e que não fossem apenas para jovens, mas para as crianças também. E, além disso, os professores deveriam ser bons, como o Sihing.

Desde que Catarina entrou no projeto, *mudou muita coisa* em sua vida.

Porque antes eu ficava olhando assim, eu sempre gostei muito de artes marciais e essas coisas, mas nunca tive oportunidade de fazer, então conhecendo aqui mudou totalmente, tem as condições de fazer, se eu falto aqui todo mundo pega no meu pé.

Esta fala de Catarina me chamou atenção pelo fato de ela evidenciar que o projeto é uma oportunidade e oferece as condições necessárias para a prática. Mesmo o espaço sendo pequeno, há satisfação durante as aulas. Em comparação com as academias privadas de BH, o espaço é pequeno e com condições limitadas, mas para os jovens que participam, o espaço é excelente e tem as condições necessárias para a realização dos treinos.

Por fim, apresento o relato do momento que marcou Catarina ao longo de sua participação no projeto:

Vou falar de sexta feira agora, treinando aqui com as meninas e acabou que tudo que eu fazia nada saía, por fim eu fiquei nervosa, comecei a chorar e parei de treinar e nisso todo mundo veio e me acolheu, então, assim, eles falaram assim: “não, você vai continuar a gente vai te ajudar e você vai treinar com a gente e tal”. Então isso marcou muito pra mim, isso realmente marcou.

3.4 Para além de uma ocupação: projetos como possibilidades

De acordo com os discursos dos jovens, diferentes foram os significados atribuídos aos projetos sociais de lazer. As compreensões do projeto, por todos os jovens entrevistados, enquanto uma ocupação do tempo livre e um tempo fora de casa e das ruas (ZALUAR, 1994; MELO, 2005; CORREIA, 2008; THOMASSIM e STIGGER, 2009; CASTRO e SOUZA, 2011; HIRAMA e MONTAGNER, 2012) adquiriram novos

significados à medida que eles discursaram sobre as suas experiências enquanto participantes. Alguns jovens, inclusive, reconheceram que o objetivo, em geral, é ocupar o tempo dos jovens, mas destacaram que isto não é suficiente.

Ou seja, a maioria deles afirmou que os projetos são importantes porque ocupam a mente, distraem, tiram das ruas onde tem criminalidade, tiram de casa onde também acontecem situações ruins e podem tirar os jovens do tráfico, mas quando questionados sobre as possíveis transformações que os projetos proporcionaram em suas vidas e podem proporcionar à vida de outros jovens, os discursos caminharam no sentido de reconhecê-los como possibilidades. Dessa forma, os significados são diversos e podem diferir de jovem para jovem, dependendo, assim, da relação singular estabelecida.

A partir dos diversos discursos evidenciados e das reflexões travadas em diálogo com os mesmos, pode-se dizer que os projetos sociais de lazer foram interpretados como possibilidades *de aprendizagem, de diversão, de proteção, de acesso a bens culturais, de construção de novos laços de amizade, de realizar exercícios físicos e de inserção profissional*. Estas interpretações nem sempre se relacionaram com as experiências dos próprios entrevistados, pois algumas vezes eles se referiam a outros projetos ou outras pessoas. Além disso, a leitura de alguns trabalhos voltados para projetos sociais contribuiu com a interpretação destes significados.

A possibilidade de aprendizagem foi identificada à medida que os jovens afirmaram aprender a dançar ou lutar; a discursar em público e a agir em determinadas situações. Além disso, os professores/líderes dos projetos foram reconhecidos, por uma parte dos jovens, como “pais”, “educadores”, “parceiros”, “companheiros”.

A possibilidade de diversão relaciona-se com as situações que os jovens relatam de no projeto se sentirem felizes e poderem brincar. Alguns jovens criticaram metodologias adotadas em determinados projetos que repelem a participação dos mesmos, pois os inibem com excessivas advertências.

A possibilidade de proteção relevou-se quando alguns jovens afirmaram se sentir seguros nos projetos e perceberem que muitos jovens não participam por não terem condição de participar. E mais do que uma proteção à violência doméstica e/ou urbana, a proteção aos direitos sociais básicos também foi percebida nos discursos dos jovens, seja com alimentação, apoio psicológico, dentre outros.

A possibilidade de acesso a bens culturais diz respeito ao reconhecimento das práticas e ações culturais como motivações e expectativas em relação à participação nos projetos. Muitos dos jovens se relacionaram com os projetos por causa da prática cultural

abordada (esporte, dança, etc) e/ou depois de iniciarem sua trajetória no projeto se identificaram com a prática cultural, como é o caso de parte dos jovens entrevistados que “amam” dançar e lutar. Além disso, dentre os momentos marcantes vivenciados pelos jovens nos projetos, destacaram-se passeios e viagens a lugares diferentes; apresentações artísticas; participação em campeonatos. Ou seja, o acesso a diferentes experiências culturais.

A possibilidade de construção de novos laços de amizade foi evidente em todos os discursos, nos quais os jovens ressaltaram o companheirismo, a união, a comunicação com pessoas diferentes, a possibilidade de expressar sentimentos e de “ser você mesmo”, a característica “família” do projeto, entre outros. É válido lembrar que muitos jovens começaram a participar do projeto à convite de amigos e colegas e alguns relataram que até hoje têm amizades de projetos que já participou.

A possibilidade de realizar exercícios físicos ficou evidente quando alguns jovens comentaram sobre o projeto proporcionar emagrecimento, fortalecimento muscular, melhor condicionamento físico e permitir que os jovens “saiam do sedentarismo”.

Por fim, a possibilidade de inserção profissional foi percebida tanto nos discursos sobre os projetos sociais de lazer que adotam o esporte como prática (ZALUAR, 1994; MELO, 2005; CASTRO e SOUZA, 2011) quanto nos projetos que adotam manifestações artísticas, como o Hip Hop e outras danças, (MELO, 2000; ALMEIDA, 2006; STOPPA e MARCELLINO, 2006) e oficinas de trabalhos técnicos e manuais voltados para o mercado de trabalho.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para finalmente apresentar as possíveis conclusões e reflexões que esta pesquisa proporcionou, é válido rememorar quais foram seus objetivos e caminhos metodológicos. Sendo assim, o objetivo geral da pesquisa foi identificar sentidos e significados que jovens moradores do Aglomerado da Serra atribuem aos projetos sociais de lazer que participam. Para tal, objetivou-se especificamente conhecer o campo de pesquisa (Aglomerado da Serra), identificar os projetos sociais de lazer existentes na localidade, conhecer as histórias e rotinas de jovens participantes dos projetos e identificar as expectativas que os jovens têm em relação aos últimos.

Para alcançar os objetivos previstos, inseri-me no campo de pesquisa e entrevistei individualmente e coletivamente jovens participantes de projetos sociais de lazer visitados. Por meio da análise dos discursos, que priorizou os encaminhamentos percebidos a partir das narrativas orais juvenis, três grandes temas de reflexão foram estabelecidos: Desigualdade social e lazer; Aglomerado da Serra: vantagens e desvantagens e Projetos Sociais, trajetórias e expectativas. Dessa maneira, houve a tentativa de dialogar, em cada capítulo, com os discursos presentes em cada tema e com autores e autoras que já vem contribuindo com discussões sobre as temáticas supracitadas.

De antemão, reconheço que a maioria das reflexões teóricas do presente estudo representa indicações e tentativas motivacionais para a continuidade de pesquisas no âmbito das políticas sociais e juventudes brasileiras. Dessa forma, as conclusões não se entendem por totalizantes, muito menos generalizantes de distintos contextos. Os protagonistas deste estudo são singulares, mesmo que dialoguem com as pluralidades manifestadas Brasil a fora e, especificamente, favelas a fora.

O primeiro capítulo evidenciou que o Brasil é um país desigual, que avança, mas ainda é insuficiente em políticas sociais efetivas de garantia dos direitos sociais aos cidadãos. O lazer foi debatido enquanto um direito social fundamental, percebido de diferentes maneiras pelos jovens entrevistados, o qual demanda propostas críticas de decisão-ação-intervenção. Os projetos sociais de lazer foram focalizados enquanto propostas públicas e privadas que acontecem e que precisam acontecer, mas também e principalmente enquanto políticas inseridas em um contexto mais amplo de Estado.

Além disso, a vivência da cidadania social foi destacada como um desafio, pois a construção de um “mundo comum” (ARENDT, 2000) é possível dentro de um sistema democrático que prioriza o “coletivo” em detrimento do “individual”. No Estado capitalista

brasileiro, que tende, cada vez mais, ao neoliberalismo (MELO, 2005), prevalece a lógica do capital e a heteronomia (determinação de fora para dentro), pois o cidadão é, em geral, coagido, dirigido e manipulado por interesses exteriores e privados (PADILHA, 2004, p.73).

Neste sentido, os jovens foram interpretados como atores sociais de direitos, respaldados por documentos legais e por sua capacidade crítica em contribuir com a sociedade em que estão inseridos.

Um governo que pretenda desenvolver política pública de lazer respeitando o verdadeiro significado da expressão política pública e entendendo lazer num contexto maior de cultura (compreendida no sentido amplo e não no seu sentido reificado), deveria entender que o público não é mero espectador, que ele deve ser visto como parte do processo, como coadjuvante das ações políticas (PADILHA, 2004, p.77).

Assim, no segundo capítulo, os jovens entrevistados na pesquisa demonstraram, através dos seus discursos, reconhecer as injustiças sociais, preconceitos e discriminações que perpassam seu cotidiano por serem pobres, moradores(as) de favelas e negros(as). Além disso, também corroboraram gostar de morar no Aglomerado da Serra e sentirem-se pertencentes à localidade. A liberdade de expressão e as relações de vizinhança foram consideradas peculiaridades positivas da Serra.

O tráfico de drogas foi um dos destaques da atual pesquisa, por ter sido percebido nas visitas de campo e nos discursos dos jovens como parte do cotidiano da favela. Pelos diálogos estabelecidos, foi possível identificar que o tráfico sempre existiu, mas passa por diferentes momentos. Atualmente, as ruas estão sendo ocupadas pelas bocas de fumo e por isso vêm sendo consideradas locais de “perdição” e “perigo”. No entanto, os jovens evidenciaram que as abordagens policiais e as divulgações midiáticas sobre a Serra não correspondem a uma interpretação justa e respeitosa da localidade.

A favela foi considerada espaço sociocultural construído no Brasil há mais de um século e reconstruído e ressignificado pelos cidadãos (não-moradores e moradores), pelas políticas públicas sociais, pela mídia e pelas produções acadêmicas permanentemente. No entanto, destacaram-se as visões estigmatizadas da favela enquanto espaço do vazio, da carência, da violência e da criminalidade e dos favelados enquanto desprovidos de possibilidades, marginais, violentos, dentre outros adjetivos. Ficou evidente a existência da dualidade espacial favela-asfalto, em cima-em baixo, aqui dentro – lá fora no imaginário dos próprios jovens e na percepção dos mesmos em relação ao imaginário da sociedade.

Ainda, o Aglomerado da Serra foi identificado como palco de estudos e ações políticas; como espaço-alvo de notícias veiculadas pela mídia, comumente relacionadas ao tráfico de drogas; como a maior favela de Belo Horizonte e de Minas Gerais; como espaço

que recebe e também cria ações artístico-culturais e como localidade que interessa o poder público e as empresas privadas no que se refere às políticas habitacionais, já que faz divisa com bairros nobres de Belo Horizonte e localiza-se em terrenos de valorização imobiliária.

No terceiro e último capítulo, os seis projetos sociais de lazer visitados durante a pesquisa de campo e os 14 jovens entrevistados foram apresentados e discutidos. A partir disso, foi possível identificar sentidos e significados dos projetos na vida dos jovens, como também suas expectativas em relação aos mesmos.

Primeiramente, foi possível concluir que os jovens significam a sua participação nos projetos e apresentam expectativas. Ou seja, são atores sociais que têm capacidade em contribuir ativamente com a construção e reconstrução de políticas e projetos sociais. Dentre os jovens entrevistados, alguns se destacaram por apresentar visões críticas e considerarem o projeto um espaço de autonomia, liberdade de expressão e contato entre diferentes pensamentos.

Destes jovens, três têm acesso a uma educação mais qualitativa, contam com apoio da família em seus estudos e pretendem ingressar na Faculdade, enxergando esta pretensão como uma meta real, sem à qual eles não querem viver. Estes três jovens ainda estão com 17/18 anos de idade. Já um dos jovens, por estar com seus 24 anos e não ter prosseguido com os estudos, formando-se apenas no Ensino Médio, atribuiu sua visão crítica à inserção em diferentes projetos e ao seu histórico de vida.

A sua inserção em um projeto específico, que é o GEDU, vem possibilitando que ele reflita sobre a sua vida, a sua comunidade e sobre a importância de políticas sociais. Ele anseia realizar uma Faculdade, mas ao mesmo tempo reconhece que precisa trabalhar. Desta forma, conclui-se que os jovens que têm acesso à educação de qualidade e estão inseridos em espaços que promovem discussões críticas sobre a realidade em que vivem, apresentam interpretações mais críticas sobre a sociedade e, por consequência, sobre os projetos sociais.

Este fato corrobora com o que fora apontado em estudo de Mariz, Fernandes e Batista (2006), onde os autores entrevistaram jovens cariocas moradores de favelas que estão inseridos na Universidade ou já possuem curso superior. Dentre as motivações para estudar, os jovens destacaram: a luta pela ascensão individual com o objetivo de transformar a sua comunidade; a busca por uma condição financeira melhor; o apoio dos familiares para os estudos; e a influência de amigos que têm os mesmos anseios. O estudo também identificou que o trabalho é um dos principais motivos que os jovens encontram para abandonar os estudos.

Dessa forma, reconheço que esta pesquisa não discute com profundidade a relação entre trajetórias escolares dos jovens e sonhos e perspectivas para o futuro, mas contribui com a reflexão acerca da temática. Deixo então uma motivação para estudos que possam focalizar os jovens que vêm alcançando espaços, muitas vezes, distantes de sua realidade.

Tanto já foi repetido que pobreza gera pobreza e por vezes desvio, que se tornou muito difícil, e mais complicado, explicar como alguns rompem esse círculo vicioso. De fato, considerando todas as condições sociais que incentivam os jovens a abandonar a escola, como explicar a motivação dos que se esforçam e chegam a entrar na universidade, conseguindo romper tal círculo e por vezes até alcançar melhor situação social? (MARIZ; FERNADES; BATISTA, 2006, p.324).

O Aglomerado da Serra foi identificado como um espaço que recebe considerável número de projetos sociais de lazer, sendo que destes a maioria configura-se como políticas de investimento privado ou de iniciativa pessoal. Apesar deste fato, a localidade possui dois CRAS, dois Centros Culturais e o Núcleo de Prevenção à Criminalidade do Programa Fica Vivo, o que evidencia a sua focalização pelas políticas públicas estaduais e municipais.

O ECE-BH foi criticado por alguns jovens, evidenciando que projetos que aparentemente possuem apoio técnico e financeiro são vistos, pelos moradores da localidade, como potenciais possibilidades de acesso a direitos. No entanto, suas expectativas são frustradas pelo fato de o projeto não conseguir alcançar todos os moradores, levando-os a afirmar que alguns projetos fazem “acepção de público”.

Além disso, os jovens reconheceram a importância dos CRAS e Centros Culturais, mas fizeram algumas ressalvas em relação aos mesmos: deveriam existir mais unidades, pois a Serra é muito grande; a localização não é acessível para grande parte da população; a divulgação de projetos, oficinas e atividades culturais precisa melhorar. Como sugestões, um dos jovens apontou que não basta colocar no mural ou na internet, é necessário andar pela comunidade, conversar com as pessoas nas ruas, ou seja, é preciso “abraçar” mais a comunidade.

A infraestrutura dos espaços existentes foi destacada por alguns jovens como um problema que merece atenção. Para eles, não faz sentido aumentar o número de projetos, se não houver apoio técnico e financeiro para a realização dos mesmos. Muitos destes discursos estavam atrelados aos fatos de, nos projetos em que participam, alguns materiais e equipamentos serem escassos. Como exemplos têm-se o Projeto Itamar, que deixa de participar de eventos e de realizar exames de faixa pela falta de recurso; o Projeto Educando pela Arte, que reveza os equipamentos de luta entre os alunos e as oficinas Identidade e Breaking da Quebrada, que são do Programa Fica Vivo, mas não recebem ou recebem pouco

apoio para além do salário do oficineiro. Sendo assim, nos projetos voluntários e do Programa Fica Vivo, os jovens evidenciaram esta demanda, enquanto no ECE-BH e no ProJovem isto não foi pontuado.

A fim de delimitar os significados que os jovens atribuíram aos projetos sociais de lazer do Aglomerado da Serra, a partir de suas trajetórias nos mesmos, foram realizadas reflexões em diálogo com os discursos dos jovens. Estas reflexões respaldaram-se em estudos já realizados (ZALUAR, 1994; DAYRELL, 2003; MELO, 2005; CORREIA, 2008; THOMASSIM e STIGGER, 2009; CASTRO e SOUZA, 2011; HIRAMA e MONTAGNER, 2012;) e apontam para novos estudos para com as juventudes, às quais são potenciais construtoras e reconstrutoras da sociedade.

Nesta pesquisa, os significados expressados pelos jovens desdobraram-se em possibilidades *de aprendizagem, de diversão, de proteção, de acesso a bens culturais, de construção de novos laços de amizade, de realizar exercícios físicos e de inserção profissional*. Mais importante do que delimitar os significados expressados, o presente trabalho reconhece que os jovens, de diferentes espaços socioculturais e, mais especificamente, das favelas brasileiras, têm o que dizer em relação aos projetos sociais. Para tal, fazem-se necessários mais canais de comunicação e projetos comprometidos com a construção de um “espaço público” (ARENDDT, 2000) e de “reciprocidades” (TELLES, 2006).

Para finalizar, gostaria de, mais uma vez, destacar o protagonismo dos jovens neste estudo. Como bem exclamou Acioli (2005, p.95):

Ora, se considerarmos que crianças e adolescentes são sujeitos de direitos e que são constituídos por sentimentos, desejos, culturas e saberes; isto é, que são humanos e humanas, inéditos, únicos e singulares, não podemos concordar com a idéia de que sejam afastados dos processos de constituição da sociedade. Ao contrário, defendemos que podem e que contribuem para o mundo pelo simples fato de existirem. Cada existência, na sua singularidade, soma perspectivas ao conjunto da humanidade.

Sendo assim, finalizo este trabalho apresentando parte de um diálogo da roda de conversa, quando pedi que os jovens apresentassem idéias para a construção de um projeto social em sua localidade:

Guilherme (24 anos): *Acho que eu faria um projeto ensinando a produzir coisas que geram renda. Acabar com esse negócio de que precisa ter carteira assinada para trabalhar. Tipo, eu tenho 16 anos, 14 anos nas costas...mas você pode produzir um chinelo, uma chícara, uma camisa, uma comida, uma coisa assim mais gerada para ajudar na renda.*

Miguel (17 anos): *Eu já faria um projeto virado para a Educação mesmo. Se eu tivesse verba, dinheiro, tudo mesmo para fazer, eu daria tipo educação para o máximo de pessoas que eu conseguisse. Informação...informação certa. Porque às vezes a gente recebe uma informação, só que não é a informação que a gente precisa. Igual tem...todo mundo daqui, vamos pôr assim, assiste televisão, aí vai lá e*

fica na Rede Globo só vendo aquele tanto de merda todo tempo, toda hora na TV, aquele tanto de bosta, e você vai absorvendo aquilo e eles falam toda hora a mesma coisa, tipo...

Camila (18 anos): *Dilma...PT...*

Miguel (17 anos): *A gente sofreu um golpe militar e todo mundo falou que...de tanto ouvir essa informação...eu vi muitas pessoas, até meu pai e minha mãe mesmo falando que isso era certo, que tinha que acontecer, entendeu, por falta de informação. Está aí hoje mesmo essa coisa sobre a aposentadoria, eles estão mexendo com a previdência social, aí eles já botaram uma coisa para tampar, que foi essa questão da carne. Todo mundo lembra disso e não lembra mais o que está acontecendo lá, pela votação que está acontecendo, pelas greves que estão acontecendo, então eu acho que falta informação e a educação está ligada a isso, você tem informação para ligar os pontos e só assim você constrói o conhecimento, senão você não vai ter conhecimento nenhum.*

Pesquisadora: *Então teríamos um projeto para educação, um projeto para gerar renda...alguém teria mais alguma idéia?*

Camila (17 anos): *Ah, eu tenho. Eu penso numa coisa bem grande assim. Se eu fosse criar um projeto cara...eu sei que é difícil, mas vamos ir direto assim...um projeto que abrange todos os tipos de cultura, todos os tipos de formação, abrange uma forma de desenvolvimento do Ensino Fundamental para o Ensino Médio, isso envolvendo trabalho de forma que você poderia ter acesso a escolher, e passar por todos e escolher o que você quer, sabe, uma forma...é difícil falar...mas acho que vocês estão entendendo. Desse mesmo projeto, pessoas que passariam a trabalhar dentro desse mesmo projeto, dando aula e expandindo assim sabe...o projeto iria crescendo, onde as pessoas mesmo ali arrumam oportunidade de trabalho, dão aula, incentivam outras pessoas. **Todos os tipos de culturas possíveis, inclusive fazer intercâmbio para fora, eu imagino uma coisa bem grande assim...o que o Governo deveria fazer, resumindo, o que não tem.***

REFERÊNCIAS

- ABAD, Miguel. Crítica política das políticas de juventude. In: FREITAS, Maria Virgínia de; PAPA, Fernanda de Carvalho (Org.). **Políticas públicas: Juventude em pauta**. São Paulo: Cortez Editora, 2003.
- ABRAMO, Helena Wendel. Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil. **Revista Brasileira de Educação**, n.5, agosto, 1997.
- ACIOLI, Márcia Hora. Por que calar se eu nasci gritando? A participação de adolescentes e jovens nos fóruns políticos: uma perspectiva para o fortalecimento da sociedade democrática. In: CASTRO, Lucia Rabello de; CORREA, Jane (Orgs.). **Juventude contemporânea: perspectivas nacionais e internacionais**. Rio de Janeiro: NAU Editora; FAPERJ, 2005.
- ALMEIDA, Miguel Renato de. **Favela, arte e juventude: pensando a relação entre ações artístico-culturais e identidade no Aglomerado da Serra em Belo Horizonte – Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006.**
- ALMEIDA, Ana Luisa de Castro; COELHO, Leonardo Leopoldo Costa. **Imagem em Projetos de Investimento Social Privado: percepções sobre o Espaço Criança Esperança de Belo Horizonte – Proposta de submissão: GT ABRAPCORP 5, 2007.**
- ALMOND, Gabriel; VERBA, Sidney. **The civic culture: politics attitudes and democracy in five nations**. Boston and Toronto: Little Brown and Co, 1965.
- ALVITO, Marcos. Um bicho de sete cabeças. In: ZALUAR, Alba; ALVITO, Marcos (Org.). **Um século de favela**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.
- ARENDT, Hannah. **As origens do totalitarismo II: imperialismo, a expansão do poder**. Tradução. Rio de Janeiro: Editora Documentário, 1973.
- ARENDT, Hannah. **A condição humana**. Rio de Janeiro: Editora Forense-Universitária, 1983.
- ARENDT, Hannah. **Entre o passado e o futuro**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2000.
- BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 12. Ed. Hucitec, 2006.
- BENEVIDES, Maria Victoria de Mesquita. Cidadania e Democracia. **Revista Lua Nova**, n.33, 1994.
- BOBBIO, Norberto. **A era dos direitos**. Tradução de Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.
- BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. **Revista Brasileira de Educação**, n.19, 2002.
- BOURGOIS Philippe. **In search of respect – seeling crack in El Barrio**, 1996

BRASIL. Estatuto da Criança e do Adolescente. **Lei federal**, v. 8, 1990. Lei 8069 de 13.7.1999. Disponível em: <[www.http://planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L8069htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L8069.htm)> . Acesso em: 26 abr. 2016.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil, 05/10/1988**. São Paulo: Saraiva, 1998.

BRASIL. **Lei nº 10.671 de 15 de maio de 2003**, Dispõe sobre o Estatuto de Defesa do Torcedor e dá outras providências. Brasília, DF, 15 maio 2003. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9615consol.htm . Acesso em: 27 abr. 2016.

CAMPOS, André; POCHMANN, Márcio; AMORIN, Ricardo; SILVA, Ronnie. **Atlas da exclusão social no Brasil: dinâmica e manifestação territorial** - Editora São Paulo, v.2, n. 2. Cortez, 2004.

CARVALHO, José Murilo de. Cidadania: Tipos e Percursos. **Revista Estudos Históricos**, n.18, 1996.

CASTRO, Lucia Rabello de; CORREA, Jane; *et al.* **Mostrando a real: Um retrato da juventude pobre do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: NAU Editora, FAPERJ, 2005.

CASTRO, Mary Garcia; RIBEIRO, Ingrid Radel. Adolescentes, jovens, direito e família: Questionando saberes sobre proteção a direitos sexuais e reprodutivos. In: DAYRELL, Juarez; MOREIRA, Maria Ignez Costa; STENGEL, Márcia (Orgs.). **Juventudes Contemporâneas: um mosaico de possibilidades**. Belo Horizonte: Editora PUC Minas, p. 251-272, 2011.

CHIZZOTTI, Antonio. A pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais: evolução e desafios – **Revista Portuguesa de Educação**, n.16, v.2, p. 221-236, Universidade de Minho, 2003.

COSTA, Thiago de Araújo Costa. **Deambulações pelo Aglomerado da Serra: lentidão, corporeidade(s) e obliteração em Favelas** – Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Faculdade de Arquitetura da UFBA, Salvador, 2011.

CORREIA, Marcos Miranda. Projetos sociais em educação física, esporte e lazer: reflexões preliminares para uma gestão social - **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v.29, n.3, p 91-105, maio 2008.

COUTO, Maurício de Azevedo. **Estratégias e organização em projetos complementares à escola: os casos do Projeto Guanabara e do Projeto Espaço Criança Esperança** – Dissertação (Mestrado em Administração Pública) – Gestão de Políticas Sociais. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, 2005

DA JUVENTUDE, P. E. C. Disponível em: <[www.http://juventude.gov.br](http://juventude.gov.br)>. Acesso em: 26 abr. 2016.

DAYRELL, Juarez. O jovem como sujeito social – **Revista Brasileira de Educação**, n.24, 2003.

DAYRELL, Juarez; CARRANO, Paulo César. Jovens no Brasil: difíceis travessias de fim de século e promessas de um outro mundo. **Revista Jóvenes del Centro de Investigaciones y Estudios sobre Juventud**. México: CIEJUVIMJ, 2003.

DEBORTOLLI, José Alfredo Oliveira. Adolescência(s): identidade e formação humana. In: CARVALHO, Alysson; SALLES, Fátima; GUIMARÃES, Marília (Org.). **Adolescência**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

_____. Linguagem: marca da presença humana no mundo. In: CARVALHO, Alysson; SALLES, Fátima; GUIMARÃES, Marília (Orgs). **Desenvolvimento e Aprendizagem**. Belo Horizonte: Editora UFMG, Proex UFMG, 2006.

DE SORDI, Denise N; MORAIS, Sérgio Paulo. “Os estudantes ainda estão famintos!”: ousadia, ocupação e resistência dos estudantes secundaristas no Brasil. **Religacion**. Revista de Ciencias Sociales y Humanidades, v.1, n. 2, p.25-43, Quito, abr/jun2016.

DUARTE, Rosália. Pesquisa Qualitativa: Reflexões sobre o Trabalho de Campo - **Cadernos de Pesquisa**, n. 115, p. 139-154, março, 2002.

DUMAZEDIER, Joffre. **Sociologia empírica do lazer**. São Paulo Editora Perspectiva, 1973.

FERNANDES, Edésio; PEREIRA, Helena Dolabela. **Legalização das favelas: qual é o problema de Belo Horizonte?** - Planejamento e políticas públicas (ppp), n. 34, p. 171-199, jan./jun.2010.

FERNANDES, Rubem César. O que é o terceiro setor? **Revista do legislativo**, Belo Horizonte, n. 18, p. 26-30, abr/jun, 1997.

FLAUSINO, Michelle da Silva; MASCARENHAS, Fernando. O direito ao esporte e lazer: apontamentos críticos à sua mistificação – **Licere**, Belo Horizonte, v.15, n.2, junho 2012.

GEHL, Jan. **Cidades para pessoas**. 3. Ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 2015.

GOMES, Christianne Luce. **Significados de recreação e lazer no Brasil**: reflexões a partir da análise de experiências institucionais (1926-1964) – Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Conhecimento e Inclusão Social em Educação, Faculdade de Educação da UFMG. Belo Horizonte, 322f, 2003.

_____. Lazer: necessidade humana e dimensão da cultura – **Revista Brasileira de Estudos do Lazer**, Belo Horizonte, v.1, n.1, p 3-20, jan./abr. 2014.

_____; AMARAL, Maria Teresa Marques. **Metodologia da pesquisa aplicada ao lazer**. Brasília: SESI/DN, 2005.

GOMES, Gláucia Carvalho. O projeto de “urbanização” Vila Viva e a valorização do valor na reprodução social do espaço de Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil - Resumo expandido de congresso. ENCUESTRO DE GEÓGRAFOS DA AMÉRICA LATINA. 12, Uruguai. **Anais...Urguais**, 2009.

GOMES, Christianne Luce; PINHEIRO, Marcos; LACERDA, Leonardo. **Lazer, turismo e inclusão social: intervenção com idosos** - Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

_____; PINTO, Leila. O lazer no Brasil: analisando práticas culturais cotidianas, acadêmicas e políticas. In: GOMES, Christianne; OSORIO, Esperanza. **Lazer na América Latina/Tiempo libre, ocio y recreación em Latinoamérica**. Belo Horizonte: Editora UFMG, p. 68-122, 2009.

GUALBERTO, Claudio; SILVA, Leonardo Toledo. Por uma intervenção crítica-educadora do animador cultural no Espaço Criança Esperança – **Animador Sociocultural**: revista iberoamericana, v.2, n.1, 2008

GUIMARÃES, Berenice Martins. As favelas da Região Metropolitana de Belo Horizonte: desafios e perspectivas – **Cadernos Metr pole**, n.5, p. 47-61, 2000.

GUIZZO, Bianca Salazar; KRZIMINSKI, Clarissa de Oliveira; OLIVEIRA, Dora L cia Leidens Correa de. O software QSR NVIVO 2.0 na análise qualitativa de dados: ferramenta para a pesquisa em ciências humanas e da saúde. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, Porto Alegre, 2003.

HIRAMA, Leopoldo Katsuki; MONTAGNER, Paulo César. Algo para além de tirar da rua: o ensino do esporte em projeto socioeducativo - **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Florianópolis, v.34, n.1, p 149-164, março 2012.

HOLFING, Eloisa de Mattos. Estado e políticas (públicas) sociais. **Caderno Cedex**, v. 21, n.55, novembro, 2001.

IBGE. **Censo** Disponível em:<[www.http://censo2010.ibge.gov.br/](http://censo2010.ibge.gov.br/)> v. 23, 2010. Acesso em: abr. 2017

LEEDS, Elizabeth. Cocaína e poderes paralelos na periferia urbana brasileira: ameaças   democratiza o em nível local. 5. ed.In: ZALUAR, Alba; ALVITO, Marcos (Org.). **Um século de favela**. Editora FGV, Rio de Janeiro, 2006.

LINHALES, Meily Assb ; LOPES, Tarcila Bretas; COSTA, Luciana Cirino Lages Rodrigues; LIMA, Cássia Danielle Monteiro Dias; PEREIRA, Thiago Marques. Esporte e lazer na Grande-BH: por onde caminham as gestões públicas? In: LINHALES, Meily Assb ; ISAYAMA, Hélder Ferreira (Org.). **Avalia o de políticas e políticas de avalia o** – Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008. P. 13.59.

LISBOA, Aleluia Heringer; GOUVEA, Maria Cristina Soares de. Colégio Estadual Central: autogoverno e produ o social da excelência no ensino secundário (Belo Horizonte, 1956-1964) – **Educa o em revista**, v.32, n.1, p.261-286, jan/março, Belo Horizonte, 2016.

MAGNANI, Guilherme Cantor. O direito social ao lazer na cidade do nosso tempo. In: GOMES, Christianne Luce; ISAYAMA, Hélder Ferreira (Orgs.). **O direito social ao Lazer no Brasil** – Campinas: Autores associados, 2015.

MARCELLINO, Nelson Carvalho. Subsídios para uma política de lazer: o papel da administração municipal. In: MARCELLINO, Nelson Carvalho (Org.). **Políticas públicas de lazer** - Campinas: Editora Alínea, 2008.

_____. Contribuições de autores clássicos modernos e contemporâneos para os estudos do lazer. **Revista Licere**, v.13, n.4, dezembro, 2010.

MARINHO, Aleyane; PIMENTEL, Giuliano Gomes de Assis. Dos clássicos aos contemporâneos: revendo e conhecendo importantes categorias referentes às teorias do lazer. In: PIMENTEL, Giuliano Gomes de Assis (Org). **Teorias do Lazer** –Maringá: Eduem, 2010.

MARIZ, Cecília; FERNANDES, Silvia Regina Alves; BATISTA, Roberto. Os universitários da favela. In: ZALUAR, Alba; ALVITO, Marcos (Orgs.). **Um século de favela**. 5. ed. Editora FGV, 2006.

MASCARENHAS, Fernando. “Lazerania” também é conquista: tendências e desafios na era do mercado. **Revista Movimento**, v.10, n.2, p.73-90, Porto Alegre, Maio/Agosto, 2004.

MATIAS, Wagner Barbosa; ATHAYDE, Pedro Fernando; HÚNGARO, Edson Marcelo; MASCARENHAS, Fernando. A Lei de Incentivo Fiscal e o (Não) Direito ao Esporte no Brasil – **Revista Movimento**, Porto Alegre, v. 21, n. 1, p. 95-110, jan./mar. de 2015.

MELO, Izabel Dias de Oliveira. **O espaço da política e as políticas do espaço**: Tensões entre o programa de urbanização de favelas “Vila Viva” e as práticas cotidianas no Aglomerado da Serra em Belo Horizonte – Dissertação (Mestrado em Geografia), Programa de Pós Graduação do Departamento de Geografia da UFMG, Belo Horizonte, 2009.

MELO, Marcelo Paula de. **Esporte e Juventude Pobre**: políticas públicas de lazer na Vila Olímpica da Maré – Campinas: Autores Associados, 2005.

_____. Lazer, Esporte e Cidadania: debatendo a nova moda do momento. **Revista Movimento**, Porto Alegre, v. 10, n. 2, p.105-122, maio/agosto de 2004.

MELO, Victor Andrade. Lazer e juventude: o lazer como cultura e a cultura como forma de mobilização – **Revista Licere**, v.3, n.1, 2003.

_____. **Lazer como ferramenta de ação social**: ponderações – Rio de Janeiro: Instituto Usina Social, 2009.

MENICUCCI, Telma. Políticas Públicas de Lazer: Questões Analíticas e Desafios Políticos. In: ISAYAMA, Hélder; LINHALES, Meily Assbú (Orgs). **Sobre Lazer e Política**: Maneiras de ver, maneiras de fazer – Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

NAIFF, Luciene Alves Miguez; NAIFF, Denis Giovanni Monteiro. A favela e seus moradores: culpados ou vítimas? Representações sociais em tempos de violência - **Estudos e pesquisas em psicologia**, UERJ, ano 5, n.2, 2º semestre de 2006

NOVAES, Regina. Juventude, exclusão e inclusão social: aspectos e controvérsias de um debate em curso. In: FREITAS, Maria Virgínia de; PAPA, Fernanda de Carvalho (Orgs). **Políticas públicas: Juventude em pauta** –São Paulo: Cortez Editora, 2003.

PADILHA, Valquíria. Apontamentos Para um Estudo Crítico Sobre Políticas Públicas de Lazer – **Revista Licere**, v.7, n.1, 2004.

PAIS, José Machado. Jovens e cidadania. **Sociologia, Problemas e Práticas**, n.49, p.53-70, 2005.

PERALVA, Angelina. O jovem como modelo cultural. **Revista Brasileira de Educação**, n.5, Agosto, 1997.

PEREIRA, Claudius Vinicius Leite; AFONSO, Andrea Scaloni; MAGALHÃES, Maria Cristina Fonseca de. Programa Vila Vila: intervenção em assentamentos precários. ENCONTRO NACIONAL DA ANAMMA, 17, Recife. **Anais...** Recife, 2007.

PIMENTEL, Giuliano Gomes de Assis. Leituras pós-modernistas nos estudos do lazer. In: PIMENTEL, Giuliano Gomes de Assis (Org). **Teorias do Lazer** –Maringá Eduem, 2010.

PINTO, Leila Mirtes Santos de Magalhães. **Sentidos e Significados de tempo de lazer na atualidade:** estudo com jovens belo-horizontinos. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação da UFMG, Belo Horizonte, 2004.

SANTOS, Benedito Rodrigues. Vinte anos do Estatuto da Criança e do Adolescente e as políticas para infância e juventude. In: DAYRELL, Juarez; MOREIRA, Maria Ignez Costa; STENGEL, Márcia (Orgs.). **Juventudes Contemporâneas:** um mosaico de possibilidades – Editora PUC Minas, Belo Horizonte, p. 399-426, 2011.

SANTOS, Wanderley Guilherme dos. **Cidadania e justiça:** a política social na ordem brasileira. 2. ed. Rio de Janeiro: Campus, 1987.

SANTOS, Flávia da Cruz. Procurando o lazer na constituinte: sua inclusão como direito social na constituição de 1988 – **Revista Movimento**, v.20, n.4, UFRGS, 2014.

SILVA, Leonardo Toledo. **As crianças e o brincar em suas práticas sociais:** o Aglomerado da Serra/BH como contexto de aprendizagem – Dissertação (Mestrado em Estudos Interdisciplinares do Lazer) – Programa de Pós-Graduação em Estudos Interdisciplinares do Lazer, Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da UFMG, Belo Horizonte, 2012.

SOUZA, Doralice Lange de; CASTRO, Suélen Barboza Eiras de; VIALICH, Andrea Leal. Barreiras e facilitadores para a participação de crianças e adolescentes em um projeto socioesportivo – **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Florianópolis, v.34, n.3, p. 761-774, jul/set 2012.

SOUZA, Elizeu Clementino de. (Auto) biografia, histórias de vida e práticas de formação – Memória e Formação de Professores, ENCONTRO NORTE-NORDESTE DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 2 e ENCONTRO MARENHENSE DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 1, Maranhão. **Anais...**2007.

SPOSITO, Marília Pontes. Juventude: crise, identidade e escola. In: DAYRELL, Juarez (Org.). **Múltiplos olhares sobre educação e cultura** – Belo Horizonte: Editora UFMG, 1996.

STIGGER, Marco Paulo; THOMASSIM, Luis Eduardo. Entre o “serve” e o “significa”: uma análise sobre expectativas atribuídas ao esporte em projetos sociais – **Licere**, Belo Horizonte, v.16, n.2, jun 2013.

STOPPA, Edmur Antonio; MARCELLINO, Néelson Carvalho. Hip-Hop, Lazer e Participação Sociocultural – **Revista Licere**, v.9, n.2, 2006.

TELLES, Vera da Silva. **A cidadania inexistente: incivilidade e pobreza**. Tese de doutorado, USP, 1992.

TELLES, Vera da Silva. **Direitos sociais: afinal do que se trata?** –Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

VARGAS, Leando Silva. **Esporte, interação e inclusão social: um estudo etnográfico do “Projeto Esporte Clube Cidadão”**. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Departamento de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2007.

VAZ, Alexandre Fernandes. Lazer, Indústria cultural, biopolítica. In: ISAYAMA, Hélder; LINHALES, Meily Assbú (Org.). **Sobre Lazer e Política: maneiras de ver, maneiras de fazer** –Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

ZALUAR, Alba. **Cidadãos não vão ao paraíso** – São Paulo: Editora Escuta; Campinas Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1994.

_____. **A Máquina e a Revolta: as organizações populares e o significado da pobreza** –São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.

_____. Crime, medo e política. In: ZALUAR, Alba; ALVITO, Marcos (Org.). **Um século de favela**. 5. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

_____; ALVITO, Marcos. **Um século de favela**. Rio de Janeiro: FGV. 2006.

ZINGONI, Patrícia; ALVES, Vânia de Fátima Noronha. R\$10,00 Para Um Dia de lazer: Uma Experiência no Projeto Criança Esperança de Belo Horizonte – **Revista Licere**, v.7, n.2, 2004.

APÊNDICE 1

ENTREVISTA INDIVIDUAL SEMIESTRUTURADA

1. Qual é a sua idade? Onde você nasceu? Onde você mora?
2. Você mora neste local desde quando? Já morou em outro lugar?
3. Com quem você mora?
4. Você sempre morou com estas pessoas?
5. Como é viver nesta região? Quais as principais vantagens e desvantagens?
6. Você está cursando qual ano escolar e qual é a escola onde você estuda? Em qual turno você tem aula? Você participa de outra atividade na escola a não ser as aulas em horário normal?
7. Você tem vontade de ingressar em algum curso na Universidade ou em outro local? Lá pensou em algum curso ou alguma profissão?
8. Por que você acha que tem vontade de fazer este curso ou ser este profissional? Você acha que alguém ou alguma coisa te influenciou ou influencia? Como?
9. Qual é a sua rotina? O que você faz no seu dia-a-dia e nos finais de semana?
10. De tudo o que falou, tem algo que você goste mais de fazer? Por que você acha que gosta mais?
11. Em seu tempo de lazer, o que você costuma fazer?
12. Você acha importante ter um tempo para o lazer? Por quê?
13. Você acha que em sua comunidade tem opções de lazer? Quais?
14. Quais espaços de lazer existem no bairro? Você frequenta estes locais?
15. Você acha que todas as pessoas têm direito ao lazer? Por quê?
16. Você acha que em sua comunidade poderiam ter mais opções de lazer? O que você acha que poderia ter ou melhorar para o lazer dos jovens?
17. Você acha que todas as pessoas têm direito ao lazer? Por quê?
18. Você acha que os jovens da sua cidade (que moram em diferentes locais) têm as mesmas oportunidades de lazer? Por quê?
19. Atualmente, você participa de um ou mais projetos sociais em sua comunidade? Qual ou quais?
20. Quando você começou a participar?
21. Por que você decidiu participar? Foi você que se inscreveu? Alguém te convidou?
22. Você gosta de participar? Por quê?

23. Se você pudesse escolher apenas um motivo que te faz participar do projeto, qual seria?
24. Você já participou de outros projetos sociais em sua comunidade? Quais? Por que você saiu? Eles ainda existem?
25. Você acha importante para os jovens participar de projetos sociais? Por quê?
26. Você conhece os projetos sociais do Aglomerado da Serra? Qual você conhece ou já ouviu falar?
27. Você já teve vontade de participar de alguns desses projetos e desistiu por algum motivo?
28. Você acha que deveriam ter mais projetos sociais em sua comunidade? De quais tipos? Por quê?
29. Você acha que os jovens da sua comunidade, em geral, são participativos nos projetos sociais?
30. Alguns projetos sociais têm como oficinas e atividades a prática do esporte. Você acha que o esporte é importante na vida de um jovem? Por quê?
31. Você acha que participar de um projeto social pode mudar a vida de um jovem? Como?
32. O esporte é importante na sua vida? Por quê?
33. O que mudou em sua vida desde que você começou a participar desse projeto social?
34. Se você pudesse escolher e opinar sobre os projetos sociais da sua comunidade, quais seriam as suas sugestões?
35. O que você acha que deve melhorar em sua comunidade para a vida dos jovens?
36. Gostaria que você tentasse recordar um momento que você teve no projeto social que participa que te marcou e que você acredita que foi importante para você. Relate o que aconteceu e por que foi marcante.
37. Quais seus sonhos e expectativas para a sua vida? Você tem sonhos?

APÊNDICE 2

ROTEIRO RODA DE CONVERSA

Temas que surgiram a partir das entrevistas individuais:

1. Vantagens e desvantagens de morar no Aglomerado da Serra

Vantagens apontadas pelos jovens:

- Tranquilidade, liberdade de expressão, de convívio com o outro, sem preconceito.
- Ter comércio perto.
- Amizades.
- Um lugar que você pode ser feliz.
- Os projetos que existem.
- A segurança: não tem roubo, não tem estupro, não tem covardia.
- A maioria das pessoas se conhece muito.
- Se você precisa de ajuda todo mundo ajuda, independente de quem é a pessoa.
- É uma favela e tem muita união, se precisar de um açúcar você consegue.
- Os Centros Culturais, as aulas e atividades que existem.
- Lugar movimentado, com muita gente. Sempre tem alguma coisa para ver, lugar cheio de energia.
- As pessoas são unidas, colocam você para cima, te ajudam.

Desvantagens apontadas pelos jovens:

- Preconceito que sempre rola, as vezes com o olhar, com indiretas.
- Baile Funk, pois quem paga o preço se tiver guerra e a polícia vier são os moradores.
- Guerras e conflitos.
- A imagem que é passada na televisão que não significa exatamente o que o Aglomerado da Serra é.
- Não tem cultura que atende a todos os jovens.
- Conflitos do Funk com HipHop dentro do Aglomerado da Serra.
- Muita boca de fumo, pessoas fumando drogas na frente dos outros sem respeitar.
- Crianças na rua que não recebem amor dos pais.

- Troca de tiro.
- A visão que o mundo lá fora tem da Serra, como se quem mora na Serra fosse agressivo e favelado.
- Uns querem ser mais do que os outros.
- É uma jaula em alguns momentos: tem que pedir permissão para fazer as coisas.
- Insegurança com a polícia, ser tratado como lixo pela polícia.
- Não ter voz ativa.
- Época de guerra.
- Falta de apoio do governo.
- Falta de infraestrutura.
- Coisas ruins, como perder pessoas especiais que foram espancadas.
- Posto de saúde que são ruins.
- Por morar no Aglomerado da Serra é difícil conseguir emprego lá fora.
- Muita criminalidade.
- Traficantes e polícia podem bater em você.

Apresentar aos jovens o que foi falado nas entrevistas individuais e perguntar se eles concordam com tudo que foi falado, se discordam de algo.

Realizar três perguntas:

- **O Aglomerado da Serra é uma favela? Vocês conhecem a história daqui, como começou, desde quando existe...já teve outro nome?**
- **A violência e o tráfico de drogas no Aglomerado da Serra têm solução?**
- **Vocês sofrem preconceito por morarem no Aglomerado da Serra?**

2. Sobre a desigualdade social e sobre o direito social ao lazer

Todos os jovens entrevistados afirmaram que todas as pessoas têm direito ao lazer, pois são seres humanos iguais e merecem todos os mesmos direitos. E quase 100% afirmou que os jovens, que moram em diferentes locais de BH, não tem as mesmas oportunidades de lazer. Eles acreditam que os jovens não têm as mesmas oportunidades de lazer pelos seguintes motivos:

- Questão financeira
- Falta de oportunidade
- Falta de força de vontade

Perguntas a serem feitas para os jovens:

- A maioria de vocês, quando entrevistados, afirmou que o lazer é um direito de todos e que é importante para a vida de todas as pessoas. O lazer é realmente um direito social, garantido na Constituição Federal de 1988. Vocês estão todos certos. Então agora convido vocês a pensarem nos jovens que moram aqui no Aglomerado da Serra, colegas seus, vocês mesmos, outros jovens que não conhecem...convido vocês a pensarem na vida deles...quais oportunidades de lazer eles tem tido?
- Quando perguntei para vocês sobre os espaços de lazer do Aglomerado da Serra, foram falados os seguintes:
 - Campo de futebol
 - Criança Esperança
 - Praça de esportes (mas está fechada)
 - Escolas
 - Praças
 - Creche Quita Tolentino
 - Praça do Cardoso
 - CRAS
 - Centros Culturais
 - Quadras
 - Parque Municipal
 - Academia ao céu aberto
 - Pista de skate
 - Pracinha do cafezal
 - As ruas
 - Parque das Mangabeiras
- Quando perguntei o que poderia ter, foram falados:
 - Mais projetos
 - A praça de esportes deve abrir
 - Restauração dos montes existentes (projeto de plantação, adubagem, educação ambiental)
 - Mais materiais para o futebol

- Melhorar as praças, pois estão acabadas
 - Construir mais CRAS
 - Espaço de dança
 - Espaço de skate
 - Oficinas de dança, percussão, violino, esportes
 - O Criança Esperança poderia abrir as portas
 - Mais espaços para outras práticas (como a dança), diferente de quadras que fazem para o futebol
 - Ruas de lazer
 - Projetos em diferentes horários
 - Um projeto para cada tipo de esporte
 - Atividades diversificadas nas praças
 - Mais divulgação dos espaços e projetos
 - Mais espaços não, investimentos nos espaços que tem, preferencialmente envolvendo quem mora no Aglomerado da Serra.
 - Projetos em horários diversificados
 - Mais patrocinadores e investidores em projetos e ações
- Quando perguntei o que precisa melhorar para a vida dos jovens, vocês falaram:
 - Informação
 - Educação
 - Escolaridade
 - Os projetos tentarem alcançar mais os jovens
 - Os jovens serem mais unidos
 - Ter menos violência
 - Mais valorização aos jovens que moram no Aglomerado da Serra
 - Mais postos de saúde
 - Mais entretenimento: shows culturais, cinema, teatro
 - Mais iluminação na praça de esporte
 - Diminuir a violência nas ruas
 - Uma força-tarefa para mudar o pensamento de todo mundo
 - Banir as drogas
 - Ter mais trabalhos para os jovens

- Mais cursos para trabalhos

Perguntas:

Alguns de vocês afirmaram que devido à desigualdade social, alguns jovens têm mais oportunidades do que os outros. Vocês concordam com isso?

Se vocês pudessem realizar transformações na Serra...o que fariam?

3. Projetos Sociais

Todos vocês que estão aqui participam de alguma atividade social aqui na Serra...que estamos chamando de projeto social. Seja uma aula de dança, de lutas, de outros esportes, outras artes...

Esses projetos tem objetivos...as pessoas que criam...que pensam eles...tem objetivos com ele. Se eu conversar com o Vitor, Itamar, André, Daniel sobre os projetos eles irão explicar o porquê realizam os mesmos.

Mas o que eu estou querendo saber é o que vocês pensam sobre esses projetos que vocês participam...o que eles realmente significam para vocês. Por isso aquelas várias perguntas.

E as respostas que vocês me deram foram muito parecidas...falaram muito do companheirismo e amizade que estabelecem nesses espaços.

Perguntas:

Vamos conversar mais sobre eles? O que vocês acham dos projetos que existem aqui na Serra? Vocês conhecem os objetivos dos projetos que participam? Vocês acham que os projetos cumprem com os objetivos? Se vocês pudessem criar um projeto, como ele seria?

APÊNDICE 3

TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCRALECIDO

Você é convidado (a) a participar voluntariamente da pesquisa:

“Sentidos e Significados da participação em projetos sociais de esporte e lazer para a juventude do Aglomerado da Serra: trajetórias e expectativas”.

O objetivo da pesquisa é identificar qual é a visão dos jovens que moram no Aglomerado da Serra sobre os projetos sociais de esporte e lazer existentes, quais são as suas expectativas e trajetórias nesses projetos e qual é a relação desses projetos com a vida dos jovens.

Ao participar da pesquisa, você poderá refletir sobre a comunidade em que vive, sobre os projetos sociais existentes na mesma, sobre os direitos sociais esporte e lazer, sobre a sua trajetória de vida e sobre as suas expectativas para a vida dos jovens do Aglomerado da Serra.

Você será convidado (a) a se encontrar com a pesquisadora conforme sua disponibilidade e agendamento prévio para que possa responder às entrevistas individual e coletiva, por meio de grupo focal, que será gravada em formato de áudio (mp3, através de equipamento de gravação digital). As entrevistas serão realizadas nos locais onde acontecem os projetos sociais.

Serão entrevistados cerca de 15 jovens do Aglomerado da Serra, que participam de diferentes projetos sociais de esporte e lazer. As entrevistas individuais serão realizadas no local onde cada jovem participa do projeto social e as entrevistas coletivas serão realizadas em um dos projetos sociais e haverá aviso prévio. A pesquisadora se responsabiliza a ajudar no transporte do jovem para o local de entrevista, caso haja necessidade.

Nas entrevistas, serão realizadas perguntas relacionadas à vida dos jovens e às suas expectativas, sonhos e opiniões sobre a comunidade em que vivem, sobre os direitos sociais esporte e lazer e também sobre as suas trajetórias nos projetos que participam e já participaram. Nas entrevistas coletivas, os jovens realizarão uma discussão coletiva e tentarão encontrar respostas para as perguntas. O objetivo será que os jovens confrontem suas opiniões, expectativas e trajetórias e ampliem mais a reflexão acerca do tema do estudo.

Cada jovem participará de, aproximadamente, 04 (quatro) entrevistas. O número de entrevistas poderá ser menor e maior, dependendo do andamento da pesquisa. A qualquer momento, havendo qualquer dúvida, o jovem poderá entrar em contato com a pesquisadora.

As entrevistas serão arquivadas por 6 (seis) anos, no Grupo de Estudos em Políticas Públicas de Esporte e Lazer (POLIS/UFMG), sob responsabilidade da pesquisadora, podendo ser acessada a qualquer momento pela mesma, a fim de obter dados posteriores.

A partir da leitura deste termo, da sua compreensão e do esclarecimento de todos os procedimentos que envolvem esta pesquisa, pontua-se que embora possa ocorrer desconforto e constrangimento durante as entrevistas, serão tomadas as medidas possíveis para preservar a sua integridade física, moral e intelectual. Assim, você poderá recusar-se a participar da pesquisa ou poderá abandoná-la a qualquer momento, sem precisar se justificar e sem qualquer constrangimento.

Quanto à sua participação, será garantido o anonimato, e os dados obtidos serão utilizados exclusivamente para fins de pesquisa pelos pesquisadores. Por meio deste, também é consentido que, ao final do estudo, os resultados sejam publicados em forma de uma dissertação e também artigos acadêmicos, sem que os/as jovens entrevistados (as) sejam identificados (as).

Não está prevista qualquer forma de remuneração e todas as despesas relacionadas com o estudo são de responsabilidade da pesquisadora. Todas as dúvidas serão previamente esclarecidas, mas, se durante o andamento da pesquisa, novas dúvidas surgirem, você terá total liberdade para esclarecê-las com a equipe responsável.

O Comitê de Ética na Pesquisa se coloca à disposição para esclarecimentos acerca das questões éticas que envolvem esta pesquisa. Este documento será assinado em duas vias iguais, sendo uma para a pesquisadora e uma para você, participante.

Declaro que concordo em participar desse estudo. Recebi uma cópia deste termo de assentimento livre e esclarecido e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

Assinatura do (a) Voluntário (a):

Assinatura da Pesquisadora:

Belo Horizonte, _____ de _____ de 201_

Telefone da pesquisadora: (31) 99537-1991.

E-mail da pesquisadora: carolinadrumond91@gmail.com (Carolina Caldas)

Comitê de Ética em Pesquisa (UFMG). Av. Antônio Carlos, nº 6.627, campus Pampulha, Belo Horizonte/MG, CEP 31.270-901. Unidade Administrativa II, 2º andar, sala 2.005. Telefone: 3409-4592 E-mail: coep@prpq.ufmg.br

APÊNDICE 4

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCRALECIDO

Você é convidado (a) a participar voluntariamente da pesquisa:

“Sentidos e Significados da participação em projetos sociais de esporte e lazer para a juventude do Aglomerado da Serra: trajetórias e expectativas”.

O objetivo da pesquisa é identificar qual é a visão dos jovens que moram no Aglomerado da Serra sobre os projetos sociais de esporte e lazer existentes, quais são as suas expectativas e trajetórias nesses projetos e qual é a relação desses projetos com a vida dos jovens.

Ao participar da pesquisa, você poderá refletir sobre a comunidade em que vive, sobre os projetos sociais existentes na mesma, sobre os direitos sociais esporte e lazer, sobre a sua trajetória de vida e sobre as suas expectativas para a vida dos jovens do Aglomerado da Serra.

Você será convidado (a) a se encontrar com a pesquisadora conforme sua disponibilidade e agendamento prévio para que possa responder às entrevistas individual e coletiva, por meio de grupo focal, que será gravada em formato de áudio (mp3, através de equipamento de gravação digital). As entrevistas serão realizadas nos locais onde acontecem os projetos sociais.

Serão entrevistados cerca de 15 jovens do Aglomerado da Serra, que participam de diferentes projetos sociais de esporte e lazer. As entrevistas individuais serão realizadas no local onde cada jovem participa do projeto social e as entrevistas coletivas serão realizadas em um dos projetos sociais e haverá aviso prévio. A pesquisadora se responsabiliza a ajudar no transporte do jovem para o local de entrevista, caso haja necessidade.

Nas entrevistas, serão realizadas perguntas relacionadas à vida dos jovens e às suas expectativas, sonhos e opiniões sobre a comunidade em que vivem, sobre os direitos sociais esporte e lazer e também sobre as suas trajetórias nos projetos que participam e já participaram. Nas entrevistas coletivas, os jovens realizarão uma discussão coletiva e tentarão encontrar respostas para as perguntas. O objetivo será que os jovens confrontem suas opiniões, expectativas e trajetórias e ampliem mais a reflexão acerca do tema do estudo.

Cada jovem participará de, aproximadamente, 04 (quatro) entrevistas. O número de entrevistas poderá ser menor e maior, dependendo do andamento da pesquisa. A qualquer momento, havendo qualquer dúvida, o jovem poderá entrar em contato com a pesquisadora.

As entrevistas serão arquivadas por 6 (seis) anos, no Grupo de Estudos em Políticas Públicas de Esporte e Lazer (POLIS/UFMG), sob responsabilidade da pesquisadora, podendo ser acessada a qualquer momento pela mesma, a fim de obter dados posteriores.

A partir da leitura deste termo, da sua compreensão e do esclarecimento de todos os procedimentos que envolvem esta pesquisa, pontua-se que embora possa ocorrer desconforto e constrangimento durante as entrevistas, serão tomadas as medidas possíveis para preservar a sua integridade física, moral e intelectual. Assim, você poderá recusar-se a participar da pesquisa ou poderá abandoná-la a qualquer momento, sem precisar se justificar e sem qualquer constrangimento.

Quanto à sua participação, será garantido o anonimato, e os dados obtidos serão utilizados exclusivamente para fins de pesquisa pelos pesquisadores. Por meio deste, também é consentido que, ao final do estudo, os resultados sejam publicados em forma de uma dissertação e também artigos acadêmicos, sem que os/as jovens entrevistados (as) sejam identificados (as).

Não está prevista qualquer forma de remuneração e todas as despesas relacionadas com o estudo são de responsabilidade da pesquisadora. Todas as dúvidas serão previamente esclarecidas, mas, se durante o andamento da pesquisa, novas dúvidas surgirem, você terá total liberdade para esclarecê-las com a equipe responsável.

O Comitê de Ética na Pesquisa se coloca à disposição para esclarecimentos acerca das questões éticas que envolvem esta pesquisa. Este documento será assinado em duas vias iguais, sendo uma para a pesquisadora e uma para você, participante.

Declaro que concordo em participar desse estudo. Recebi uma cópia deste termo de consentimento livre e esclarecido e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

Assinatura do (a) Voluntário (a):

Assinatura da Pesquisadora:

Belo Horizonte, _____ de _____ de 201_

Telefone da pesquisadora: (31) 99537-1991.

E-mail da pesquisadora: carolinadrumond91@gmail.com (Carolina Caldas)

Comitê de Ética em Pesquisa (UFMG). Av. Antônio Carlos, nº 6.627, campus Pampulha, Belo Horizonte/MG, CEP 31.270-901. Unidade Administrativa II, 2º andar, sala 2.005. Telefone: 3409-4592 E-mail: coep@prpq.ufmg.br

APÊNDICE 5

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCRALECIDO

O seu (sua) filho (a) é convidado (a) a participar voluntariamente da pesquisa:

“Sentidos e Significados da participação em projetos sociais de esporte e lazer para a juventude do Aglomerado da Serra: trajetórias e expectativas”.

O objetivo da pesquisa é identificar qual é a visão dos jovens que moram no Aglomerado da Serra sobre os projetos sociais de esporte e lazer existentes, quais são as suas expectativas e trajetórias nesses projetos e qual é a relação desses projetos com a vida dos jovens.

Ao participar da pesquisa, os jovens poderão refletir sobre a comunidade em que vivem, sobre os projetos sociais existentes na mesma, sobre os direitos sociais esporte e lazer, sobre as suas trajetórias de vida e sobre as suas expectativas para a vida dos jovens do Aglomerado da Serra.

Os jovens serão convidados (as) a se encontrarem com a pesquisadora conforme sua disponibilidade e agendamento prévio para que possam responder às entrevistas individual e coletiva, por meio de grupo focal, que será gravada em formato de áudio (mp3, através de equipamento de gravação digital). As entrevistas serão realizadas nos locais onde acontecem os projetos sociais.

Serão entrevistados cerca de 15 jovens do Aglomerado da Serra, que participam de diferentes projetos sociais de esporte e lazer. As entrevistas individuais serão realizadas no local onde cada jovem participa do projeto social e as entrevistas coletivas serão realizadas em um dos projetos sociais e haverá aviso prévio. A pesquisadora se responsabiliza a ajudar no transporte do jovem para o local de entrevista, caso haja necessidade.

Nas entrevistas, serão realizadas perguntas relacionadas à vida dos jovens e às suas expectativas, sonhos e opiniões sobre a comunidade em que vivem, sobre os direitos sociais esporte e lazer e também sobre as suas trajetórias nos projetos que participam e já participaram. Nas entrevistas coletivas, os jovens realizarão uma discussão coletiva e tentarão encontrar respostas para as perguntas. O objetivo será que os jovens confrontem suas opiniões, expectativas e trajetórias e ampliem mais a reflexão acerca do tema do estudo.

Cada jovem participará de, aproximadamente, 04 (quatro) entrevistas. O número de entrevistas poderá ser menor e maior, dependendo do andamento da pesquisa. A qualquer momento, havendo qualquer dúvida, o jovem poderá entrar em contato com a pesquisadora.

As entrevistas serão arquivadas por 6 (seis) anos, no Grupo de Estudos em Políticas Públicas de Esporte e Lazer (POLIS/UFMG), sob responsabilidade da pesquisadora, podendo ser acessada a qualquer momento pela mesma, a fim de obter dados posteriores.

A partir da leitura deste termo, da sua compreensão e do esclarecimento de todos os procedimentos que envolvem esta pesquisa, pontua-se que embora possa ocorrer desconforto e constrangimento durante as entrevistas, serão tomadas as medidas possíveis para preservar a integridade física, moral e intelectual do seu (sua) filho (a). Assim, ele (a) poderá recusar-se a participar da pesquisa ou poderá abandoná-la a qualquer momento, sem precisar se justificar e sem qualquer constrangimento.

Quanto à participação do seu (sua) filho (a), será garantido o anonimato, e os dados obtidos serão utilizados exclusivamente para fins de pesquisa pelos pesquisadores. Por meio deste, também é consentido que, ao final do estudo, os resultados sejam publicados em forma de uma dissertação e também artigos acadêmicos, sem que os/as jovens entrevistados (as) sejam identificados (as).

Não está prevista qualquer forma de remuneração e todas as despesas relacionadas com o estudo são de responsabilidade da pesquisadora. Todas as dúvidas serão previamente esclarecidas, mas, se durante o andamento da pesquisa, novas dúvidas surgirem, você terá total liberdade para esclarecê-las com a equipe responsável.

O Comitê de Ética na Pesquisa se coloca à disposição para esclarecimentos acerca das questões éticas que envolvem esta pesquisa. Este documento será assinado em duas vias iguais, sendo uma para a pesquisadora e uma para você, responsável pelo (a) participante.

Declaro que concordo que meu (minha) filho (a) participe desse estudo. Recebi uma cópia deste termo de consentimento livre e esclarecido e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

Assinatura do Responsável pelo (a) Voluntário (a):

Assinatura do (a) Voluntário (a):

Assinatura da Pesquisadora:

Belo Horizonte, _____ de _____ de 201_

Telefone da pesquisadora: (31) 99537-1991.

E-mail da pesquisadora: carolinadrmond91@gmail.com (Carolina Caldas)

Comitê de Ética em Pesquisa (UFMG). Av. Antônio Carlos, nº 6.627, campus Pampulha, Belo Horizonte/MG, CEP 31.270-901. Unidade Administrativa II, 2º andar, sala 2.005.

Telefone: 3409-4592 E-mail: coep@prpq.ufmg.br